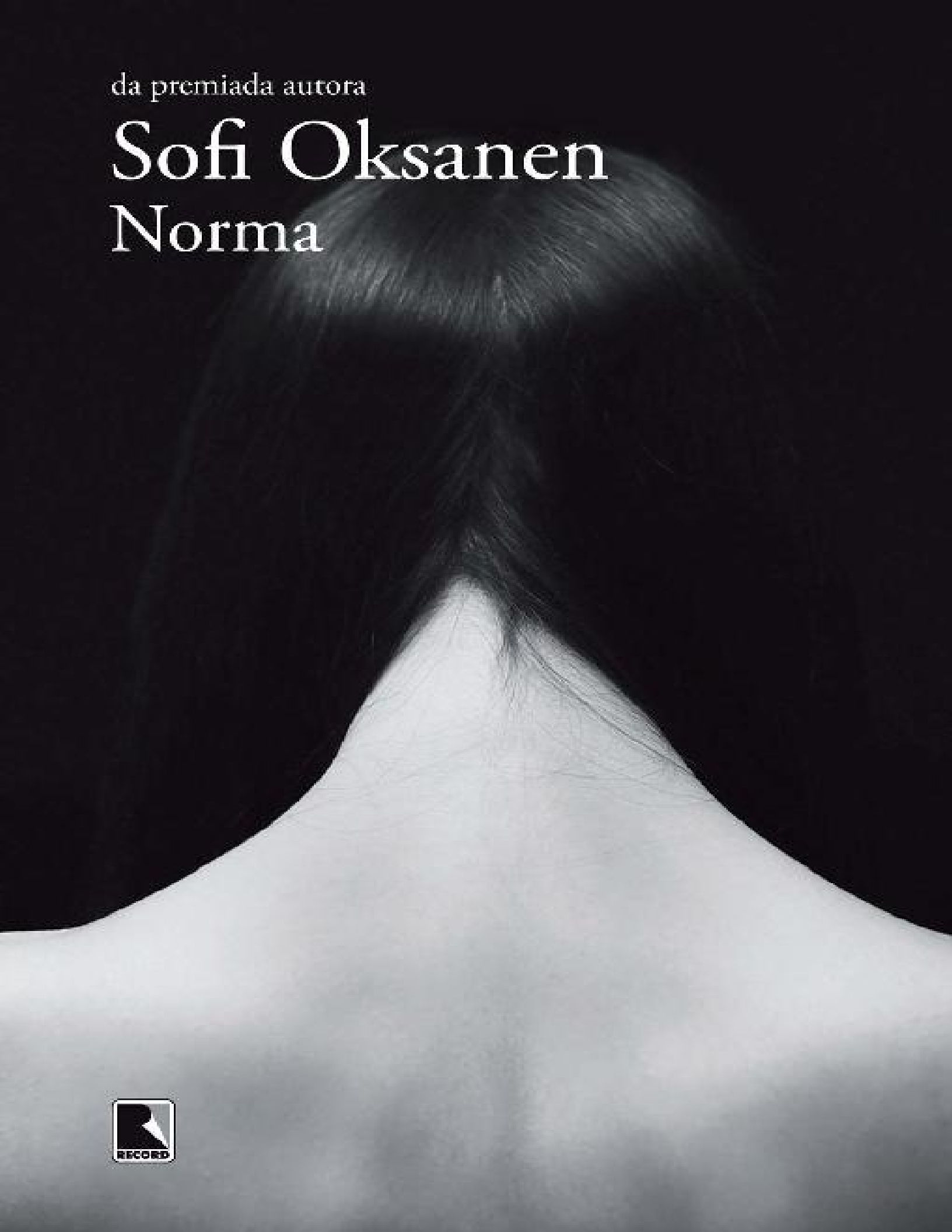
da premiada autora

Sofi Oksanen

Norma



Este livro foi disponibilizado pela equipe do e-Livros

e-Livros.xyz

Sofi Oksanen

Norma

Tradução de
PASI LOMAN E LILIA LOMAN

1ª edição



2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Oksanen, Sofi, 1977-
O36n

Norma [recurso eletrônico] / Sofi Oksanen; tradução Pasi Loman , Lilian Loman. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2017.
recurso digital

Tradução de: Norma
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-01-11175-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção finlandesa. 2. Livros eletrônicos. I. Loman, Pasi. II. Loman, Lilian. III. Título.
17-43182

CDD: 894.543
CDU: 821.511.111-3

TÍTULO ORIGINAL:
NORMA

Copyright © Sofi Oksanen, 2015

Publicado mediante acordo com Salomonsson Agency.

Este livro foi publicado com o apoio de FILI – Finnish Literature Exchange.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-85-01-11175-3

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Sumário

Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Epílogo

UM

Se tudo correr bem, em agosto vamos poder nos concentrar em boa comida, sono tranquilo, tratamentos terapêuticos e descanso. Vamos fazer um brinde ao seu futuro, um futuro no qual você vai ter tudo aquilo com que jamais ousou sonhar. Depois disso, meu trabalho estará feito, e o preço que paguei por sua nova vida não vai me causar nenhum arrependimento.

Nada voltou ao normal depois do funeral, embora Norma ainda achasse que isso seria possível quando deixou os convidados passarem à sua frente e se esgueirou pelo caminho que levava ao portão do cemitério. O fato de já ter chamado um táxi não incomodaria sua mãe, e Norma estava pouco se lixando para os outros: os parentes que ela mal conhecia, as maquinações dos herdeiros sobre o destino da casa de Naakka, um assunto que mais cedo ou mais tarde seria discutido entre tortas da Carélia e tortas salgadas e os comentários da avó, baseados em sua memória fraca. Deixaria aquela farsa para trás, tentaria retomar a rotina normal e encararia de cabeça erguida tudo relacionado à morte da mãe, sem evitar os lugares que a faziam se lembrar dela. Não se atrasaria mais para o trabalho, não pegaria táxi em vez do metrô, nem cairia aos prantos enquanto penteava o cabelo com um pente de metal pela manhã. Não se esqueceria de comer ou beber o suficiente nem permitiria que a vida que havia lutado para construir junto com a mãe se despedaçasse. Iria se preparar para o trabalho no dia seguinte exatamente como antes: tiraria as bolinhas do suéter de lã e colocaria na bolsa óleo de bebê para manter o cabelo cacheado no lugar, diazepam e anti-histamínicos para acalmar o corpo e a mente, e não se esqueceria de colocar uma grande lata de spray de cabelo Elnett no fundo dela. Ele tem cheiro de um dia normal de trabalho, de mulheres que têm a vida sob controle — o tipo de mulher que Norma queria ser. Já preparada para o dia, iria para a estação de metrô Sörnäinen, se misturaria à multidão em movimento e deixaria que as escadas rolantes a levassem para a plataforma, onde se posicionaria para entrar num vagão, como em outro dia qualquer. A corrente de ar agitaria sua saia, as pessoas estariam olhando seus celulares e os jornais grátis, e todas teriam esquecido a tragédia que havia acontecido naquela mesma plataforma; só Norma pensaria nisso enquanto se preparava para enfrentar o clima tenso no trabalho que já durava meses por causa das negociações para uma reestruturação, e entenderia que a única coisa que havia mudado em sua vida era o fato de não ter mais mãe.

Não havia sinal do táxi. Norma se apoiou no portão do cemitério e permitiu que o alívio causado pelos benzodiazepínicos e pela escopolamina a fizesse flutuar. Tinha sobrevivido ao funeral. Havia ignorado a falsidade nas condolências dos convidados e a hipocrisia em suas palavras, que deviam ser simpáticas. Não tinha desmaiado, vomitado ou entrado em pânico, embora algumas pessoas tivessem se aproximado e a abraçado. Comportara-se como uma filha exemplar e finalmente estava pronta para tirar os óculos escuros, que haviam começado a escorregar do nariz, por causa do suor causado pelo calor. No exato momento em que os guardava na bolsa, um homem desconhecido se aproximou para lhe dar os pêsames.

Norma recolocou os óculos. Não queria companhia.

— Acho que os outros já foram para lá.

Ela apontou para o restaurante onde o serviço fúnebre ocorria e baixou ainda mais seu chapéu. Porém, o homem, em vez de se afastar, estendeu a mão para cumprimentá-la. Norma se virou e não retribuiu o cumprimento, não estava com humor para socializar com estranhos.

Ele, entretanto, não desistiu e agarrou a mão dela.

— Diretor Lambert — apresentou-se. — Max Lambert. Um velho amigo da sua mãe.

— Eu não me lembro de ela falar do senhor.

— Você falava com a sua mãe de todos os seus amigos? — O homem riu. — Faz bastante tempo. Quando a gente era jovem, eu e Anita vivemos muitas aventuras juntos.

Norma soltou a mão. O toque do homem em seus dedos era como um carimbo impresso na pele contra sua vontade, e ele falava de sua mãe no passado. Isso soava ofensivo. Norma ainda não estava nesse estágio, e o homem não parecia ser amigo da mãe dela. Norma e Anita Ross viveram muito isoladas, a convivência social restrita a eventos de trabalho obrigatórios. Elas conheciam os pequenos círculos de amizade uma da outra. E esse sujeito não pertencia a esses grupos.

O cabelo dele estava penteado para trás e, surpreendentemente, com poucas entradas para um homem de sua idade, embora sua pele a evidenciasse. As rugas pareciam profundas sob a luz do sol, as bolsas debaixo dos olhos eram pesadas por causa do consumo exagerado de álcool, e nem mesmo o bronzeado ocultava suas veias dilatadas. A testa suada exalava o cheiro de cerveja da noite anterior. Além disso, seu terno era velho, as calças estavam alargadas dos joelhos para baixo, todo o conjunto parecia surrado, destoando da paz dos pinheiros ao redor, embora suas palavras fossem educadas, seu terno fosse preto, como devia ser, e o tecido parecesse caro. Sua loção pós-barba era da Kouros, comprada recentemente, sem que tivesse passado anos numa prateleira, seu xampu era de qualidade, como o de um salão de cabeleireiro. Mas Norma era incapaz de fazer uma avaliação mais profunda dele. Seu nariz estava entupido pelos remédios e pela dor, o adesivo para náusea atrás da sua orelha gradualmente alimentava suas veias com escopolamina, e ela não conseguia mais interpretar as intenções daquele homem. Quando notou que uma mecha do seu cabelo se soltara do rabo de cavalo, toda enrolada, ela começou a entrar em pânico e olhou para o celular; o táxi já devia ter chegado. O homem tirou do bolso seus óculos escuros com lentes espelhadas e os colocou.

— Posso oferecer uma carona para você?

— Não, obrigada, o táxi já está a caminho.

A risada do homem era a de um playboy, e ele se aproximou lentamente de Norma, quase tocando nela. Algo na voz dele lembrava o falatório de um grupo de turistas, as piadas bobas que sempre eram proferidas por algum engraçadinho cuja voz era mais alta que a de todos os outros e das quais as pessoas riam mesmo quando não tinham graça.

— Você devia entrar em contato comigo o quanto antes. A gente precisa tratar de alguns assuntos desagradáveis antes de você seguir com a sua vida.

O homem tirou seu cartão de visita de um porta-cartões, que parecia ser de prata, a julgar pelas manchas escuras, e o colocou na mão de Norma. No braço dele, uma pulseira de ouro brilhava ao sol. O porta-cartões provavelmente fora roubado ou o homem simplesmente o ganhara num jogo de cartas — alternativas cinematográficas começaram a passar pela mente de Norma: aquele sujeito não podia ser seu verdadeiro pai, no lugar de Reijo Ross, e sua mãe não era o tipo de pessoa que esconderia o fato de ter meios-irmãos desconhecidos. Ele devia estar no funeral errado.

Margit ligou quando o táxi já se aproximava do bairro de Kallio. Norma atendeu depois do

sexto toque. O cartão de visita de Lambert ainda estava no seu colo, e ela brincava com as bordas enquanto a tia tentava persuadi-la a voltar. O cartão era feito de um papel duro e caro, bege e com letras douradas em alto-relevo. Não dizia o cargo nem o endereço. Num impulso, Norma perguntou à tia se Max Lambert tinha ido ao serviço fúnebre.

O nome não significava nada para Margit. Ou seja, o que Norma havia imaginado, que o sujeito estava no funeral errado, estava correto, e ela já estava abrindo a janela para jogar o cartão fora quando a tia falou.

— Espera aí, você está falando do ex-marido de Helena? — perguntou Margit.

Norma se sobressaltou. O funeral a deixara entorpecida demais, por isso não tinha sido capaz de ligar uma coisa à outra: o sobrenome da melhor amiga da mãe era o mesmo do homem que ela acabara de conhecer.

— Por que diabos Max Lambert estaria no funeral de Anita Ross? — perguntou Margit. — Isso não é possível.

— Acho que eu acabei de vê-lo. Ele não está aí agora?

— Não.

— Ele estaria lá no lugar de Helena?

— Você não se lembra das circunstâncias do divórcio de Helena e Lambert? Sua mãe jamais iria querer esse homem aqui.

Ao fundo, Norma conseguia ouvir a fala calma do padre e o tilintar dos pratos. Quando Margit escutou o nome de Lambert, sua voz ficou amargurada, e o amargor agora dava lugar ao desconforto. A tia falava de Helena com respeito, como se Anita pudesse ouvi-las conversando, e por um instante ela estava viva naquela conversa, que estava de acordo com os seus desejos. Ninguém mais falava de Helena como Anita.

— Aqueles anos só trouxeram alguns filhos bons. Fora isso, foi só sofrimento. É só pensar no que aconteceu com Helena.

Margit tomou um gole de alguma coisa, um copo tilintou.

— Esquece essa história.

O marido de Helena Maluca. Sua mãe não suportava que as pessoas se referissem a Helena assim nem falava sobre as visitas que fazia à amiga. Porém, nos últimos anos, ela passou a ir cada vez mais a Kuopio, e Norma concluiu que isso significava que Helena ou havia piorado ou melhorado. Nunca fez perguntas sobre o assunto. Hospitais psiquiátricos sempre faziam com que ela pensasse no destino de pessoas anormais, e já estava cansada de ouvir a mãe falando disso. Era perturbador. E ela nem mesmo conhecia Helena, mal se lembrava de tê-la visto um dia. Só agora percebia que não tinha pensado em perguntar a Margit se Helena fora avisada da morte de sua mãe ou se estaria lúcida o bastante para entender o que tinha acontecido.

— Esses amigos só trouxeram problemas.

— Amigos? Que amigos?

Margit estava ficando nervosa outra vez, apesar dos comprimidos de diazepam, que a faziam falar mais devagar e pareciam encher sua boca de algodão. Norma se perguntou se Margit seria capaz de reconhecer Lambert. Havia décadas que ele tinha partido para a Suécia com Reijo Ross, e a dupla não era vista no vilarejo de Naakka desde então. Eles não tinham voltado nem mesmo para o enterro dos pais.

— Você está falando de Reijo? Tem alguém da família de Reijo Ross aí? Talvez Lambert tenha ido com algum deles.

— A família Ross? Você está brincando? É melhor deixar o passado para trás, não vale a pena desenterrar isso.

A tia provavelmente estava certa e sua mãe teria concordado com isso. Ela iria querer manter aqueles amigos onde estavam, no passado. Mas, se ninguém havia entrado em contato com Reijo, o velho amigo de Lambert, nem com Helena, então como Lambert tinha ficado sabendo do acidente? Norma não conseguia se lembrar do que o obituário dizia, se mencionava o funeral. Margit havia cuidado disso também. Os jornais escreveram sobre o incidente sem mencionar o nome da sua mãe: “Mulher morre após ser atropelada por metrô em Sörnäinen. Segundo a polícia, não há indícios de crime”.

Norma tirou outra pílula da cartela e guardou o cartão de visita na bolsa. O serviço de informações lhe dissera que o número era privado ou de uma linha pré-paga, e não havia um endereço associado. Sua mãe saberia o que fazer, sempre tinha uma solução para todos os problemas, tendo ela conhecido aquele homem ou não. Embora a animação do rádio não combinasse com o humor do dia, Norma pediu ao taxista que aumentasse o volume. Isso abafava seus soluços, seu desespero. Já estava com mais de 30 anos, porém ainda estava acostumada a deixar que a mãe resolvesse a maioria dos seus problemas.

Sua mãe não teria deixado um homem qualquer perturbá-la, ainda mais um que causava tamanho efeito no seu cabelo.

Marion olhou para Alvar, que balançou a cabeça discretamente para ela. Não havia sinal da garota no serviço fúnebre. Nem de Lambert. Marion xingou em pensamento; queria ter sido a primeira a falar com Norma.

— Mais café?

A mulher que havia feito a pergunta tinha 50 e poucos anos e parecia estar constantemente fora de órbita. Havia um sorriso sutil congelado em seu rosto que lá permanecia mesmo depois de ela entrar no banheiro masculino por acidente.

— Uma bela cerimônia. Exatamente como Anita teria desejado.

O tom de intimidade de Alvar tornou desnecessário que se apresentassem. Ele agia como se fosse um velho amigo de Anita, acreditando que a mulher ficaria com vergonha de fazer mais perguntas, silenciosamente responsabilizando sua falta de memória.

— Na verdade, a gente não sabia o que fazer — explicou a mulher. — A funerária nos falou que, em situações como essa, é comum que o corpo seja cremado. Mas a gente decidiu organizar as coisas assim por causa do estado da minha mãe. Ela ficaria confusa demais se não tivéssemos seguido a tradição.

Irmã. Então aquela era a irmã de Anita, Margit. Tinha ficado ao lado da mãe dela, perto do túmulo. Elli Naakka parecia frágil e bastante ausente, tão perplexa quanto Anita a descrevera. Quando a mulher que se balançava nervosamente ao seu lado caiu em prantos no momento em que jogaram terra sobre o caixão, a velha tomou um susto e ofereceu a mão para confortá-la, como se fosse uma mera conhecida. Ela não reconheceu Margit nem percebeu que estava enterrando a própria filha. Isso deixou Marion mais calma, embora fosse melhor ver as lágrimas da velha, entendendo do que se tratava aquela cerimônia.

Alvar colocou a mão no ombro de Margit e tirou o bule de café dela.

— Eu posso ajudar a servir. Foi um funeral muito discreto.

— É claro que a gente não contou à mamãe o que aconteceu. Se vocês conversarem, não se surpreenda se ela mencionar um derrame — disse Margit. — Vocês devem ser dos correios, colegas de trabalho de Anita?

Marion estendeu a xícara de café para o irmão, a fim de ganhar tempo para pensar, mas Alvar foi em frente e respondeu que sim. Anita parecia não ter falado da demissão nem do novo emprego no salão de cabeleireiros Tukkataika. Não é raro que as pessoas fiquem com vergonha de perder o emprego, mesmo numa época tão difícil quanto aquela pela qual passavam, e Anita certamente não quisera explicar sua nova situação àquelas pessoas. Durante a refeição as pessoas conversavam sobre os verões na casa de Naakka e abordaram outros assuntos triviais, bobagens. As palavras tinham pouquíssimo a ver com a vida real de Anita. Marion notou que a raiva que ardia em seu peito voltava a fervilhar. As pessoas que não a conheciam não deviam estar ali, no funeral dela. Anita odiaria aquela cerimônia. Ela iria querer que os convidados tomassem vinho e dançassem ao som de ABBA, com a presença de Helena, e não de Lambert. Durante a eulogia do padre, Lambert havia sussurrado a Marion que

os filhos tinham ficado preocupados sem motivo, já que tudo corria bem. Ninguém havia mencionado o destino de Helena, ninguém parecia se lembrar de Lambert, Marion ou de Alvar. O tempo havia feito seu serviço.

— Ninguém imaginava que Anita pudesse planejar algo assim — continuou Margit.

— A depressão pode ser traiçoeira — concordou Alvar.

— Vocês também não notaram nada?

— Talvez Anita estivesse mais quieta nos últimos dias — comentou Alvar, e se virou para Marion em busca de apoio.

Ela precisava dizer alguma coisa, mas não conseguia. Procurou um lenço de papel no bolso, mas não encontrou nenhum limpo. Alvar lhe passou um guardanapo e Marion secou os olhos.

— Anita nunca foi muito sociável — disse Margit. — Mas, mesmo assim, eu devia ter ligado mais para ela, perguntado como as coisas estavam, forçado uma conversa.

— Como Norma está lidando com tudo isso? — perguntou Alvar. — Imagino que deva ser muito difícil para ela.

— Norma puxou à mãe, ela é fechada.

— Se a gente puder ajudar...

— Obrigada, vou me lembrar disso. Seria bom conversar com os colegas de trabalho de Anita, mas eu não conheço ninguém — comentou Margit, e mencionou que tinha ligado para os correios e pedido que divulgassem a notícia do funeral da irmã, mas a mulher que havia atendido a ligação não sabia quem era Anita.

— Os correios estão sempre trocando os funcionários — lamentou-se Alvar.

A conversa seguia para um caminho incômodo, e o irmão teria de continuar inventando histórias. Marion se afastou deles, e Alvar assentiu com a cabeça discretamente para ela, continuando a servir café. Quando um dos convidados veio pegar sua segunda xícara, Margit parecia já ter se esquecido de entrar em contato com os colegas de Anita. Pegar o bule havia sido uma boa ideia, e, com ele, Alvar poderia passar por todos os convidados, agindo de forma totalmente natural.

Os homens da família permaneciam de pé, na mesma posição em que estavam no cemitério, desacostumados a usar ternos, todos rígidos, as mãos cruzadas atrás das costas. Lambert havia feito o mesmo. Esse era um jeito masculino de demonstrar respeito. Não era natural para Lambert, mesmo ainda no funeral de Anita. Parecia falso. Ao passar pelos convidados, Marion ouviu palavras que expressavam choque e confusão, lamentos sobre ninguém ter suspeitado de nada — como se isso fosse uma possibilidade quando na verdade quase nenhum deles nem ao menos viu Anita depois de sua mudança para Helsinque. Marion sequer entendia por que essas pessoas tinham vindo. Talvez para aliviar a consciência pesada, por terem perdido contato ou para poder fofocar com os vizinhos do vilarejo sobre a tragédia que havia ocorrido na família Naakka. As pessoas sempre reagiam a mortes violentas da mesma forma, com hipocrisia e curiosidade. Os boatos sobre o acontecimento correriam por décadas, especialmente se a motivação não pudesse ser explicada pela lógica, e sim pela ausência dela. Marion ainda tentaria entrar em contato com a garota antes de dar um basta naquela farsa e ir embora.

Norma saiu do carro, arrancou os adesivos de escopolamina de trás das orelhas e dos braços, e acendeu um cigarro. Logo, ela jogaria as roupas com cheiro de cemitério na caçamba de lixo dos fundos, esqueceria o sofrimento daquele dia e abriria uma garrafa de vinho tinto que havia guardado no armário da cozinha para ajudá-la a se preparar para a manhã seguinte. Ela só precisava abrir o portão e entrar no pátio. Nas últimas semanas, esse se tornara o passo mais difícil de todos.

Doze anos antes havia sido diferente. O mesmo portão tinha dado as boas-vindas a ela e à mãe, abrindo-se como que por vontade própria, fazendo a mudança para a cidade parecer a melhor decisão já tomada. Elas deram esse passo crucial depois de Norma terminar a escola, deixando para trás a casa de Naakka, com sua vizinhança deprimente. Quando encontraram dois apartamentos perfeitos no mesmo prédio, as duas consideraram isso um sinal de sorte, comemorando a conquista com viagens de metrô pela cidade.

Doze anos depois, esse símbolo da vida urbana atropelou sua mãe, um dia depois de ela voltar das férias na Tailândia. Norma não conseguia deixar de se perguntar se a morte podia ter sido evitada. Teria sido capaz de captar os sinais do estado mental da mãe se tivesse ligado para ela naquela mesma noite? Se tivesse subido os degraus que as separavam?

Norma não tinha ido lá nem para tomar café, pois havia passado a noite com um desconhecido. Durante essas horas, sua mãe tinha lhe enviado uma última mensagem: “Jantar amanhã? Você vai ganhar alguns presentes da Tailândia”. Norma só a leu de manhã. Mesmo que sua mãe tivesse ligado, ela não teria atendido. Estava precisando de um tempo para esquecer o clima no trabalho. Tinha passado a semana observando os rostos dos superiores passando pelas escadas. E o faxineiro, que sempre parecia saber o que estava acontecendo, começara a evitar a área de fumantes, o que era um sinal de que as negociações não estavam indo bem. Ela ficava angustiada só de pensar na ideia de conversar sobre os eventos estressantes do trabalho com a mãe. Então tinha se concentrado na sua bebida, num homem sem importância, num momento vazio em sua cabeça. Ela veria a mãe no dia seguinte.

No trabalho, quando chamaram Norma para conversar no meio do dia, ela pensou que iam falar algo sobre as negociações para a reestruturação, então entrou na sala sorrindo, pronta para mostrar o melhor de si, mas foi recebida por dois policiais. O cabelo liso da policial tinha cheiro de xampu de bétula, um ar saudável e elevadas concentrações de vitamina C. O cabelo de Norma, por outro lado, se enrolava enquanto ela pensava que ao menos tinha escapado da demissão. Mais tarde, sentiu vergonha desse pensamento. Devia ter passado pela cabeça dela qualquer coisa, exceto o fato de que não se podia demitir alguém que havia acabado de perder a mãe de forma trágica.

As notícias se espalharam rapidamente pelo prédio, e cartões com telefones de centrais de apoio psicológico foram colocados em sua bolsa. Sua colega mais próxima lhe cochichou algo sobre um artigo que havia lido numa revista. Segundo a matéria, apenas candidatos capazes de

lidar com o trauma de ver alguém pulando na frente de um trem são selecionados para trabalhar como condutores, já que, mais cedo ou mais tarde, a pessoa vai passar por essa situação no emprego. A referência ao condutor fez Norma refletir que ele havia sido a última pessoa a ver sua mãe viva, seu último segundo, seu último passo, sua última respiração. Tudo havia ocorrido tão rápido que o homem talvez nem tenha tido tempo de processar o que estava acontecendo. No entanto, era Norma quem devia estar lá, e não o condutor ou desconhecidos na plataforma do metrô.

Quando o olhar pensativo da velha parou em Marion, ela percebeu que havia cometido um erro. Sua confusão desapareceu como sujeira debaixo do tapete, então a velha se levantou com uma agilidade surpreendente e tentou cuspir nela. O padre sentado ao seu lado se assustou, e algumas cabeças se viraram para Elli Naakka. Depois de um silêncio momentâneo, todos começaram a desviar o foco do incidente desagradável, misturando seus cafés ou colocando mais comida nos pratos.

— Talvez ela tenha pensado que você fosse Helena — sugeriu Alvar.

Seu irmão surgiu ao seu lado do nada e começou a conduzir Marion, que estava paralisada, até a saída do restaurante. A boca de Marion estava seca, suas mãos tremiam. Era exatamente por isso que ela não queria encontrar ninguém que se lembrasse de Helena.

— Eu não pareço muito com ela — sussurrou Marion.

— É claro que não, ninguém mais associaria você a Helena.

Alvar bagunçou de leve seu cabelo.

— Esquece isso. A mãe de Anita está esclerosada.

O olhar de Elli Naakka fora firme e acusador. No fim das contas, ela compreendia que estava no funeral da filha e culpava Helena por isso, como se acreditasse que, sem a miolo-mole da Helena, nada disso teria acontecido com Anita. Mas Marion sabia que isso era coisa da sua cabeça. Ela imaginava coisas demais, e Elli Naakka não entendia o que havia acontecido. Marion só se aproximara da velha para poder dizer a Lambert que ao menos havia tentado. Tinha certeza de que não conseguiria nada de Elli Naakka e de que nem sequer seria reconhecida.

— Tenta se acalmar. Não esquece o motivo da nossa vinda. Você reconhece alguém que já tenha visto com Anita? — perguntou Alvar.

Marion fez que não com a cabeça. Os dois estavam xeretando o funeral de Anita, e isso era doentio. Ela olhou para as pupilas do irmão. Estavam normais. Apenas as rugas levemente contraídas em torno dos olhos sinalizavam que ele havia reconhecido alguém com quem havia brigado quando criança ou que gozara de Helena Maluca. Entretanto, Alvar era capaz de estar lá sóbrio, conversando educadamente com aquelas pessoas. Quando o táxi chegasse e Marion partisse, Alvar se reuniria ao grupo de fumantes do lado de fora, em frente à porta, ofereceria uma bebida do frasco que carregava no bolso e provavelmente descobriria tudo o que fosse necessário. Lambert ficaria satisfeito e daria outro bônus ao filho. Marion não receberia nenhuma recompensa, a menos que considerasse seu salão de cabeleireiros como tal.

Alvar notou que a irmã rasgava um guardanapo de papel e tirou os pedaços da mão dela. O chão parecia estar coberto de penas de galinha.

— Você precisa de alguma coisa?

— Não, eu estou bem.

— Faz um discurso para Anita mais tarde, quando chegar em casa. Eu vou dizer para Lambert que você deu o seu melhor.

A janela estava aberta: a poeira das ruas havia se acumulado no parapeito e chegado até as roupas jogadas no sofá. As camisas de Margit cobriam a pilha de vestidos da mãe. Os pratos em cima da pia eram da tia, não de Anita. O som abrigava o CD de Suvi Teräsniska, que era de Margit. O aroma de Shalimar tinha sido substituído pelo perfume barato da tia. O apartamento não parecia mais o lar da mãe, e Norma começou a ter a sensação de que havia cometido um erro ao permitir que a tia ficasse ali e cuidasse dos preparativos para o funeral. Tinha aceitado a ajuda porque, depois de uma tentativa frustrada, não fora capaz de entrar no apartamento. Não conseguira suportar a cena com que havia se deparado à porta do apartamento da mãe: parecia que Anita tinha ido rapidamente a algum lugar e voltaria logo. Então ela havia deixado a tia procurar os vestidos favoritos da mãe, tirar o ingresso do show do ABBA preso no espelho e pegar o Shalimar da penteadeira, juntar todas as coisas que Anita iria querer no caixão. Norma permitira que a tia fizesse todas as tarefas que deviam ter sido dela, embora Margit não soubesse nada da irmã. Só Norma sabia por que o Shalimar devia ir com a mãe. Só ela sabia que a mãe havia acordado no hospital depois de dar à luz, sentindo cheiro de tangerina e limão e, de repente, tivera a certeza absoluta de que tudo daria certo, de que elas ficariam bem no fim das contas, de que conseguiriam se virar sozinhas, só as duas, e não precisariam de Reijo nem de mais ninguém. Mais tarde, a mãe havia reconhecido aquele aroma na drogaria do vilarejo e, apesar do preço, comprara o perfume. Aquele cheiro tinha sido o marco mais importante na sua vida. Norma acendeu um cigarro. Ela mesma havia deixado a tia bagunçar a cena do crime; porém, no instante em que pensou no apartamento da mãe como uma cena de crime, Norma se sobressaltou e imediatamente jogou o cabelo para trás, como se o simples gesto afastasse a ideia. Havia tentado muito encontrar uma explicação racional para o que a mãe tinha feito, querendo ver um mistério onde provavelmente não havia nada. Devia existir uma explicação absolutamente normal para ter sido abordada por Max Lambert.

Norma abriu o laptop da mãe, mas logo o fechou. O computador não teria nada da juventude de Anita, e sua investigação tinha de começar por essa época. A mãe deixava o álbum de fotos de sua juventude no guarda-roupa, mas a prateleira estava vazia. No fim, Norma o encontrou sobre a mesa de cabeceira, com espaços vazios em páginas que antes estavam cheias de fotos. Margit também tivera tempo de mexer no álbum. Segundo a tia, Anita não tinha lhe deixado nenhuma carta, e Norma havia acreditado nisso, mas não entendia por que ela fizera aquilo. Anita não havia falado para a irmã nem que tinha sido despedida, muito menos do novo emprego. Margit não conhecia Anita, não como Norma conhecia, portanto não teria sido capaz de procurar nos lugares certos, mas ela começou a desconfiar de que, graças à sua incompetência, a tia havia destruído evidências sobre Lambert. Norma estava prestes a ligar para Margit, a pressioná-la sobre as fotos desaparecidas. Pegou o celular, mas então o jogou de volta na bolsa. A tia tinha o direito de levar algumas fotos, essa irritação era exagerada. Margit se esforçara tanto, tinha cuidado do funeral e pagado o aluguel de junho e julho para que não houvesse pressa de limpá-lo e ela tivesse um lugar para ficar, caso Norma quisesse que alguém

estivesse lá para lhe dar apoio por mais tempo.

Norma enfiou o laptop na bolsa, assim como as senhas de banco que encontrou na mesa de cabeceira, acendeu outro cigarro e começou a vasculhar o álbum. Margit tinha pegado as fotos com a irmã e a mãe, e havia deixado as de Helena e Anita jovens e as de Helena com os filhos, segurando algodão-doce em frente a um parque de diversões. Norma reconheceu a filha de Helena, Marion, na imagem; quando adolescente, ela se parecia com a jovem Helena. A insanidade só a dominara mais tarde. A Helena no álbum olhava para a frente e tinha um sorriso gracioso. Norma virou a última página e estava prestes a se levantar quando notou uma foto de dois casais se divertindo num dia de verão: a mãe e Reijo Ross olhavam para a câmera, apoiados um no outro. Ao seu lado, o homem que ela havia encontrado hoje, só que muito mais novo, abraçava Helena. Debaixo do retrato, havia uma polaroide. Nela, uma versão mais velha do homem sorria com Marion e segurava um bebê no colo. Tinha algo escrito no verso com uma letra tremida. Estava assinado por Alvar. Ele mesmo havia tirado a foto e pedia à mãe que o visitasse logo.

Um alerta de mensagem soou no celular de Marion, mas era uma cliente, e não a garota, como ela esperava. As mensagens de texto, de voz e os e-mails que havia enviado tiveram o mesmo resultado: a garota continuava calada.

— Tenho uma reunião daqui a duas horas — avisou Alla.

Marion pegou um removedor de cola de cabelo e tirou os olhos do celular. Alla não havia feito perguntas sobre o funeral; muito pelo contrário, agia como se não se importasse com isso. Estava se comportando desse jeito desde que tinha entrado no salão, como se já soubesse que Marion não havia descoberto nada. Aquele era o seu jeito de colocar o dedo na ferida, de se mostrar superior.

— Eu ainda não testei esse cabelo num tempo tão quente. Você acha que o clima vai fazer diferença?

— Ele aguenta tudo, cloro, mergulhos, o Vietnã — respondeu Marion. — Nunca recebi reclamações de clientes que tenham viajado para lugares de clima tropical. Algumas nadadoras até deixaram de usar toucas.

Ainda faltava bastante tempo até a viagem para Hanói, e o cabelo de Alla estava em boas condições. Entretanto, ela insistia em refazer seus apliques hoje, no dia do funeral de Anita. Isso era uma completa tortura, e a conversa sobre penteados e o estado dos fios só tornava tudo pior. Ela com certeza já havia conversado sobre o funeral com seu amado marido, mas, se Lambert tivesse conseguido tirar algo de Norma, Alla não estaria tão calma. Ou, quem sabe, Lambert tinha enviado Alla para observar o comportamento de Marion, para verificar se ela estava tranquila, capaz de trabalhar. Talvez fosse só isso, talvez ela não estivesse ali para provocá-la, talvez fosse só impressão sua.

— Me deixa ver os seus horários — pediu Alla.

Marion passou a agenda para Alla, que emitiu um murmúrio de aprovação. O cabelo ucraniano havia enlouquecido a mulherada e também tinha feito com que as amigas de Alla se tornassem clientes do Tukkataika. Marion não se atrevia a mexer nos horários delas, e isso havia dificultado a organização da agenda. Também não queria mudar os das noivas; seu salão era responsável pelo sucesso das festas de casamento, e isso era algo que não podia ser ignorado. Para outras clientes, ela encontrava encaixes, alguns dali a meses. Mesmo assim, era difícil. Hoje, a última estava marcada para as nove da noite, e a primeira do dia seguinte, para as seis da manhã. Sem ajuda, não daria conta da temporada de casamentos.

Alla continuou analisando a agenda como se fosse a Bíblia. Para os Lamberts, o faturamento do salão era uma miséria e os lucros só eram verificados para intimidá-la. Apenas Marion se importava com a satisfação das clientes, e ela nunca poderia contratar outra iniciante tão boa quanto Anita, muito menos uma profissional. Ninguém sabia acalmar uma senhora com uma crise histérica por causa do cabelo tão bem quanto Anita. Ela havia nascido para ser cabeleireira e tinha uma intuição sobre quais assuntos não deviam ser abordados. Ao contrário do que Marion temia, nos primeiros dias no trabalho, Anita não havia mencionado Helena,

nem os anos que passaram nem tinha feito drama sobre como o destino as unira depois de quase trinta anos. Ao atravessar a porta do salão Tukkataika pela primeira vez, ela não falou aos berros que Marion se parecia com a mãe, nem a enchera de culpa por não a visitar no hospital. A saudade era uma dor aguda no peito de Marion. Apenas Anita a havia compreendido.

Alla bateu as unhas na agenda e a depositou sobre o colo.

— Quanto cabelo ucraniano temos em estoque?

— O suficiente para uma semana. Duas, se eu misturar com o russo.

Alla suspirou e olhou para o celular, que havia acendido de novo no modo silencioso, levando tempo suficiente para que Marion visse quem estava tentando falar com ela. Era a japonesa outra vez. Alla derrubou o aparelho sobre a capa que cobria seu colo. Talvez quisesse enfatizar que não falava com clientes importantes na frente de Marion. Ou talvez quisesse demonstrar seu poder: ela só atendia o telefone quando tinha vontade de atender, mesmo se tratando da japonesa.

— O que você vai oferecer às clientes depois disso? Eu conversei sobre isso com Max. Você tem uma semana. Uma semana para colocar a casa em ordem.

Marion quis enfiar a tesoura na garganta de Alla. A vontade era tanta que ela teve de se segurar por um instante no carrinho de utensílios, apertando-o com força. Alla dava a palavra final sobre os assuntos da família, o que incluía o destino de Marion.

— Max foi muito mais eficiente que você no funeral. Eu nem vou me dar ao trabalho de perguntar o que você já fez para resolver a situação, mas o tempo está passando, tique-taque.

Alla bateu os dedos em seu Rolex — havia aprendido esse gesto com Lambert. Marion sentiu os olhos arderem. Devia ser por causa do pólen. Ou dos sonhos perdidos com a morte de Anita. Um dia antes de voltarem à Finlândia, elas estavam sentadas a uma mesa do lado de fora de um bar em Bangcoc tomando drinques chamados Sweet Dreams. Com eles, brindaram ao futuro; tudo estava certo. Marion até mesmo havia pensado que poderia visitar Helena com Anita um dia desses.

Através da vitrine do salão, Marion olhou para a rua. Esse dia nunca chegaria. O estacionamento estava vazio. Havia sido lá que a vira pela última vez. Anita se sentara no carro com as costas retas, olhando para a frente, o queixo erguido. Quando Marion por fim tinha tomado coragem para sair à rua, Anita já havia partido.

Às dez para as oito da manhã, sua mãe já tinha ido para a estação de metrô, embora devesse estar a caminho do salão ali perto. Segundo testemunhas, ela estava praticamente correndo, mas, como muita gente anda com pressa de manhã, ninguém tinha prestado muita atenção a isso. Norma inspirou os aromas da fábrica de café, os mesmos que sua mãe havia sentido em sua última manhã, e atravessou a praça de Vaasa, como a mãe tinha feito. Passou rapidamente por uma fila de pessoas esperando o mercadinho abrir para comprar cerveja. Tentou encontrar algo que poderia ter influenciado a decisão da mãe, algo que tornasse compreensível o que ela fez. Norma usava sapatilhas confortáveis, calça capri e blusa de algodão com gola, sua roupa de trabalho, parecida com a que a mãe havia usado naquela manhã, e desceu correndo as escadas rolantes até a plataforma, exatamente como a mãe tinha feito, pedindo desculpa repetidas vezes enquanto passava por pessoas de fora da cidade que bloqueavam a passagem por não entenderem que deviam se manter à direita, exatamente como ela e a mãe faziam quando se mudaram para Helsinque. Na plataforma, Norma se sentou num banco no qual a mãe não havia se sentado. O metrô havia chegado à estação ao mesmo tempo que ela. A mãe tinha jogado os sapatos e a bolsa debaixo do banco e então se fora.

Norma colocou a bolsa no mesmo lugar em que a mãe havia colocado a dela e deixou as sapatilhas caírem no chão de concreto cinza. Os sapatos e a bolsa da mãe lhe foram entregues sem nenhum bilhete. Ela havia tirado o forro da bolsa para o caso de algo ter entrado debaixo dele — não havia nada, só recibos velhos, band-aids antigos, bobagens encontradas na bolsa de qualquer mulher. Cheiros do salão, restos de cabelo. A bolsa que a mão usava para o trabalho. Não uma bolsa de férias. A bolsa do trabalho. Uma mancha de tintura vermelha. Alguns fios de cabelo presos no zíper, provavelmente de uma cliente. O celular, a mãe tinha esquecido em casa. Quando a tia o havia entregado, Norma estava certa de que encontraria nele alguma mensagem para ela. A decepção foi tamanha que a fez jogar o aparelho na parede. As últimas ligações eram da semana anterior à viagem à Tailândia, e as mensagens eram sobre agendamentos, mudanças de horário e penteados de formatura. Tudo se relacionava ao Tukkataika. A mãe era a administradora da página do salão no Facebook, e as postagens mais recentes haviam sido escritas algumas horas antes da viagem: “Quando voltar das férias, Anita estará pronta para criar penteados inesquecíveis para sua festa! Não perca: apliques de cabelo humano com a técnica da fita adesiva!”

Um trem depois do outro passava zunindo por Norma, que sentia a corrente de ar nos calcanhares. Os seguranças do metrô iam de um lado para o outro com cassetetes, coletes à prova de balas e coturnos; abre e fecha, entra e sai, alertas avisando que as portas estão se fechando, publicidade de salsicha, trens cor de tangerina, sorrisos familiares de chefs de TV, bancos de madeira na plataforma, saias grossas de veludo das ciganas, latas de cerveja nas mãos, dentes de metadona, pessoas indo e vindo de férias, malas com rodinhas, trouxas dos sem-teto e sacolas de supermercado surradas, pastas executivas de pessoas correndo para o

trabalho, passos rápidos, saias com cheiro bom de sabão em pó, casacos, meias-calças que acabaram de sair da embalagem, saltos novos, apliques de cabelo russo e indiano, alguns malaios, cola de cabelo, pílulas de melatonina, tratamentos hormonais, filés e os mais caros produtos de cabelo. A última cena que sua mãe viu.

O meio-dia veio e se foi. Sua mãe não tinha visto os passos mais lentos dos passageiros da tarde na plataforma, as pessoas que pareciam menos arrumadas, nem havia notado o cheiro dos perfumes mais baratos, dos desodorantes esquecidos, os cabelos sem corte, os cheiros da comida da véspera e da cerveja que emergia com o suor, das bebidas de cola e da mostarda, dos soníferos e dos antidepressivos, não tinha reparado nas garotas da Somália e no brilho dos alfinetes em seus lenços dobrados com primor, nos apliques de cabelo baratos das imigrantes, nos pais com seus carrinhos de bebê, nos tênis novinhos dos homens barbudos, nas pernas de calça dobrada e nos bonés da moda. Não havia sentido o cheiro das pessoas a caminho de Goa para passar o inverno, o cheiro do incenso, da pimenta-malagueta, o aroma doce das flores. Norma continuava sentada no banco.

Os olhos bastante inchados haviam sido esfriados pela manhã com colheres deixadas no congelador, mas o efeito já havia passado. As colheres faziam parte dos truques de beleza da mãe. Quando jovens, ela e Helena as usavam também para curvar os cílios. Norma pressionou os olhos com os dedos. Todas aquelas pessoas, todo aquele barulho. Todos os passageiros do metrô naquela manhã souberam o que tinha acontecido antes dela. Eles foram para a plataforma e então voltaram para cima, para a superfície, procurando um bonde ou um ônibus. Todos souberam do incidente enquanto ela ainda passava laquê no cabelo e torcia para que as negociações para a reestruturação terminassem logo. Centenas de pessoas xingaram por terem de mudar o trajeto, por estarem atrasadas para o trabalho ou para reuniões, e todas souberam disso antes dela.

Alguns anos antes, ela e a mãe haviam passado por essa mesma experiência juntas. As duas estavam num trem em direção a Helsinque quando, de repente, o cabelo de Norma começou a ficar enrolado. Os assentos reservados para pessoas alérgicas estavam todos ocupados, não havia nenhum estímulo extra e Norma se assustou. Sua mãe tinha sugerido um conhaque, e, nesse exato instante, o trem parou. O motivo não foi anunciado, mas todos entenderam que, logo, logo, os pedaços do corpo seriam recolhidos dos trilhos. Todos os passageiros ficaram sabendo o que aconteceu antes da família da pessoa que havia pulado na frente do trem. Sua mãe tinha visto sua reação e, mesmo assim, havia escolhido esse método brutal — e, de todas as estações de metrô, tinha optado pela que Norma usava para ir ao trabalho. Se ela não tivesse dormido com aquele homem, poderia estar na estação justamente quando tudo aconteceu.

A vibração do celular tirou Norma do transe. Um segurança estava ao seu lado e parecia observá-la. Ela se aproximou das outras pessoas na plataforma. Era uma ligação do Tukkataika de novo, de Marion. Mais uma vez, Norma não atendeu o telefone. Ela não conseguiria agir naturalmente e não queria conversar com Marion, muito menos se encontrar com ela, nem mesmo se tivesse algo a lhe dizer sobre o estado de espírito da sua mãe nos últimos dias de trabalho e ter uma explicação para o comportamento estranho do pai. Norma havia se encontrado com Marion uma ou duas vezes, quando a mãe havia saído do trabalho no mesmo horário que ela. O cheiro do salão pairava ao redor de Marion, e Norma tinha se sentido nauseada e evitado olhá-la nos olhos. Por isso havia ficado longe dela no funeral, se

escondendo atrás de outras pessoas. O que Helena tinha feito havia marcado seus parentes para sempre. As pessoas se dirigiam à família com uma falsa empatia ou com uma curiosidade desconfortável. Nunca agiam como se fossem pessoas normais. Sua mãe odiava isso, mas Norma havia se comportado exatamente assim.

Alvar girou a chave na fechadura e entrou. Marion deixou as sandálias na entrada, mas o irmão continuou de sapato, ignorando o cesto de vime no qual ela pegou um dos chinelos que Anita deixava para visitas. A poeira que se acumulara no parapeito da sala foi soprada pela corrente de ar. Marion limpou o rosto, e, enquanto tentava não espirrar, Alvar já abria as gavetas da penteadeira, vasculhando o conteúdo como um contador, com a mesma precisão, com a mesma atenção, pronto para detectar qualquer pista. Ele confiava mais nos próprios olhos que nos dos capangas de Lambert, que haviam estado no apartamento imediatamente depois do acidente e copiado todo o conteúdo do laptop de Anita. Não encontraram nada importante no computador, e Alvar havia esperado por esse momento: o apartamento vazio. Um dos homens que ficaram vigiando o apartamento tinha ligado para Alvar assim que o caminho ficou livre.

— Procure alguma agenda de telefones, cartões-postais, anotações, contas de cartão de crédito, passagens de avião, recibos de hotéis, carros alugados — disse Alvar. — Outros celulares, cartões de memória.

Marion viu nos olhos de Alvar o que ele estava pensando. Que ele mesmo devia ter cuidado desse assunto. Assim, nenhum daqueles erros teria sido cometido. Eles já teriam descoberto quem havia fornecido o cabelo ucraniano para Anita, Marion não teria de se preocupar em como repô-los, Alvar ganharia outro bônus, o episódio que tinha chocado a família ficaria para trás e todos estariam em segurança.

— Margit ficou mais de uma semana no apartamento e, com certeza, muita gente passou por aqui — observou Marion, embora soubesse que a vigilância havia começado imediatamente após a morte de Anita.

Os homens de confiança da família já conheciam todos os moradores, os amigos, os animais de estimação e os rituais diários. Qualquer pessoa estranha chamaria a atenção de imediato, e Lambert provavelmente tinha enviado ao enterro um dos homens que tinha ficado de tocaia no prédio. Caso contrário, Alvar não teria tanta certeza de que Margit havia sido a única dentre os convidados do funeral a ter ficado no apartamento. A rede de capangas de Lambert não cometia erros. Nunca.

— Me conta mais uma vez o que você viu no funeral.

— Quantas vezes eu vou precisar repetir isso? Pergunta aos seus homens por que eles não encontraram nada aqui — retrucou Marion, olhando para o relógio.

Norma estava no trabalho, Margit tinha saído e Alvar teria o dia inteiro livre. Marion não precisava estar no apartamento, e ela não queria nem devia estar ali. Sentia vontade de chorar, e, mais uma vez, limpou o rosto, resmungando algo sobre o pólen. A família só queria torturá-la. Por isso precisava estar ali. Alvar continuou a vasculhar a penteadeira, levantando potes e jarros, abrindo caixas. Ele encontrou uma foto de Anita e Helena com longos vestidos floridos, tirada havia muito tempo, numa das caixas. Marion virou o rosto.

— Faz um esforço para lembrar — exigiu Alvar, guardando a foto no bolso. — Talvez você tenha esquecido alguma coisa.

— Margit pode ter levado qualquer coisa daqui.

— Não, aparentemente ela não levou muita coisa. No carro dela só tinha uma mala de rodinhas pequena, um porta-terno, alguns sacos, umas plantas e um rádio antigo. Norma ajudou a carregar as coisas, as duas se despediram com um abraço e Margit apertou Norma, que parecia estar de saco cheio — relatou Alvar. — Você era mais próxima de Anita. É a melhor pessoa para encontrar uma pista.

Marion olhou para a estante: livros de arte, livros sobre cabelos, manuais de medicina, de genética. Três biografias de Elizabeth Siddal em inglês, duas das irmãs Sutherland, uma de Martha Harper, três livros sobre apliques rápidos de cabelo. Não era uma surpresa que Anita fosse tão boa no trabalho — ela havia lido tudo que era possível sobre o ramo de cabeleireiros.

Alvar pegou um livro chamado *A era de ouro das coquetes*, folheou-o do começo ao fim e o devolveu à estante.

— O último lote foi vendido a cinco mil dólares por quilo.

— Eu sei!

— Lambert pode mandar alguém para revistar o apartamento de Margit. A gente devia ter vindo para cá logo depois do acidente.

A reclamação de Alvar era inútil. O que Anita havia feito deixara todos pisando em ovos, e eles precisavam, antes de qualquer coisa, se certificar de que ninguém mais estava vigiando o apartamento. Outra surpresa não seria bem-vinda, e os chefes da família tinham de se manter a uma distância segura. Quando o prédio foi considerado seguro, Margit já havia se enfiado lá. As luzes ficaram todas as noites acesas e, aparentemente, era possível ouvir o choro dos corredores do prédio. Segundo os capangas de Lambert, a mulher só havia saído para ir à funerária em Linjat, no bairro de Kallio, em Helsinque, e, mesmo assim, tinha passado pouquíssimo tempo por lá. Norma tinha ficado em casa, sem receber visitas.

Alvar parou diante de uma câmera fotográfica na estante. Era nova e cara. Estava sem cartão de memória. Ele devolveu a câmera à estante e voltou para a penteadeira de Anita. Nas laterais do espelho, haviam sido colados diversos cartões-postais e fotos de Tenerife, Rodes, Estocolmo, Talim, Atenas, Roma e Antália. Ilhas Canárias. A Costa do Sol, na Espanha.

— Se Anita ia regularmente a Kiev e tinha parentes distantes na Ucrânia, por que não tem nenhum cartão-postal de lá? E se o cabelo, na verdade, vier de outro lugar? — supôs Alvar. — Ninguém no funeral tinha sequer ouvido falar de parentes ucranianos nem de alguém com namoradas ou esposas ucranianas.

— De onde mais ele poderia vir?

— Anita deve ter recebido o cabelo de um intermediário. A gente tem que encontrar essa pessoa.

Marion olhou para o relógio. Ela precisava voltar para o salão, pois a próxima cliente chegaria em meia hora. Pegou do irmão as cópias das chaves de Anita, apenas por precaução, caso a garota viesse pegar as coisas da mãe. As chaves do sótão e do porão estavam penduradas no vestíbulo. Alvar podia cuidar disso.

DOIS

Em agosto, vamos poder rir do passado e daquele testamento que fizemos para você. Você não vai mais precisar ter medo de acidentes, nem eu vou precisar perder o sono pensando que você foi atropelada no exato instante em que eu não podia atender o telefone ou quando estava longe demais para ir imediatamente ao hospital, ou, pior, ao necrotério. Esqueça a cremação.

O suor das últimas pessoas que foram demitidas ainda estava impregnado nas cadeiras claras, as impressões digitais e a oleosidade das mãos que apertavam os braços do móvel eram visíveis. Norma apertou as mãos no colo. Palavras sobre tempos difíceis e movimentos de reestruturação necessários passaram voando. A decisão a respeito de Norma Ross aparentemente tinha sido tomada havia muito tempo. As mesmas palavras foram repetidas muitas vezes, como se enfatizassem que a tragédia nada tinha a ver com sua demissão, e um cartão com o número de uma central de apoio psicológico foi novamente colocado na frente de Norma. A ideia de um terapeuta lidando com seus problemas quase a fez rir, mas Norma suprimiu as risadas. Precisava se comportar normalmente.

Seu emprego era excepcional porque grande parte da clientela era deficiente visual, então ela não precisava se preocupar com seus olhares. Os cães-guias eram bem treinados, não lhe davam nenhuma atenção, ao contrário dos outros cães, de um modo geral. O sistema de ventilação do prédio era bom, recentemente renovado. Ela havia acreditado que poderia manter o emprego de secretária, pois, com a experiência das demissões anteriores, aprendera a evitar as piores armadilhas: romances no escritório, excesso de sociabilidade, envolvimento nas disputas de poder internas e críticas aos chefes. Agora era capaz de fazer amizades superficiais e tinha ido ao teatro e a outros eventos sociais da empresa para parecer normal. Eu poderia manter esse emprego, tinha dito à mãe. Seu currículo cada vez mais se enchia de empregos perdidos, o que não era nenhuma vantagem em tempos de crise, e realmente havia sido um golpe de sorte ter conseguido um emprego na central sindical de deficientes visuais.

O superior dela começou explicando que havia excesso de pessoal. Ele aumentou o tom de voz ao perceber os olhos secos de Norma. A demissão era culpa dela, um reflexo de sua teimosia e morbidez, que enfraqueciam o espírito trabalhador, do incentivo à revolta num momento em que era necessário ter uma postura diferente. Norma Ross se atrasava constantemente e, apesar das advertências, seu comportamento hostil havia aumentado recentemente. Nem passou pela cabeça de Norma negar isso. Em segredo, ela colocava a culpa nos seus cabelos, que haviam absorvido as angústias dos colegas de trabalho e que, naqueles dias das negociações a respeito da reestruturação, haviam ficado cada vez mais encrespados. De vez em quando, pareciam arame farpado; outras vezes, pareciam uma corda de cânhamo. De manhã, seus cabelos a faziam se atrasar para o trabalho, obrigando-a a estender o horário de almoço e seu peso aumentava de tal forma que parecia que ela estava se preparando para se defender numa guerra. Tinha começado a sentir dores no pulso e se lembrava de ter começado a reclamar de tendinite. Então sua mãe havia morrido.

O encarregado claramente esperava um ataque de fúria, um comportamento desequilibrado, algo que reforçasse o motivo da demissão e aliviasse sua consciência. Norma sentiu seus folículos capilares se abrindo como se estivesse no banho, mas se recusou a realizar o desejo do homem. As têmporas e a testa dele estavam tão úmidas que dava para grudar uma colher nelas — as glândulas sebáceas haviam trabalhado muito o dia inteiro e o ventilador acima da

mesa parecia não fazer efeito. Norma se levantou para ir embora, pegou uma caneta na mesa do chefe e escreveu Ducray Sabal num bloco de notas da empresa.

— Esse produto é bom para problemas no couro cabeludo. Imagino que a direção deva achar que descuidos com a higiene pessoal dos seus empregados não contribua para a imagem do sindicato.

Norma só parou quando chegou à porta do shopping Itäkeskus e percebeu que tremia. Sua mãe ficaria mais triste com a demissão do que ela própria; Anita havia testemunhado as infindáveis tentativas frustradas da filha em conseguir um emprego fixo. Sempre que Norma era dispensada, as duas brincavam sobre as furadas em que ela se metia por causa do cabelo: as vezes em que alguém simplesmente havia achado que seu cabelo tinha um tamanho absurdo, as vezes em que um colega fazia com que os fios se enrolassem, as vezes em que as condições tornavam um corte impossível. Agora, não haveria piadas.

Norma ouviu seu nome sendo chamado no exato instante em que saía de uma loja para ir para casa. Parou instintivamente, mas se arrependeu de imediato. Os dentes de Max Lambert reluziam sob a marquise do bar Kultapalmun, e o bronzeado dele fazia com que parecessem ter sido branqueados ao estilo americano. Norma não tinha nenhuma razão para parar nem para ser educada. Ela não o conhecia e tentou seguir seu caminho, só que Lambert não parecia pensar assim e, num pulo, estava ao seu lado, ajustando o ritmo dos seus passos aos dela.

— Ora, que coincidência — comentou Lambert. — Estive esperando pela sua ligação.

Embora o pacote de toalhas de papel que Norma carregava indicasse que ela estava a caminho de casa, parecia impossível abrir a porta alguns metros adiante ao lado daquele homem. Norma passou direto pela sua casa e continuou em frente. Estavam se aproximando da frente do bar Heinähattu. Lambert acelerou o passo e a ultrapassou.

— Posso pagar uma cerveja para você ou alguma outra bebida gelada?

— Não, obrigada. Não estou com humor para socializar.

— Às vezes é bom conversar. Você tem alguém com quem desabafar?

O passo cada vez mais apressado de Norma parecia não incomodá-lo. Eles passaram tão rápido por uma sequência de bares que fizeram outras pessoas abrirem caminho, cachorros latirem e mulheres protegerem as bolsas que carregavam. A cena seria adequada numa comédia pastelão, exceto pelo comportamento desagradável de Lambert, que agora começava a parecer uma perseguição. Norma não conseguia imaginar o que ele queria. Lambert não podia ter nada para dizer a ela, já que nenhuma pista tinha sido encontrada no apartamento de sua mãe para explicar seu interesse por ela. Porém, seu cabelo a aconselhava a sair correndo, ela queria ir embora dali. A estátua da mãe proletária estava se aproximando, na rua Sturen. Norma tentou ouvir se havia algum bonde se aproximando para pegá-lo. Ou talvez tivesse algo a ver com seu pai. Mas, se Reijo Ross tinha ficado sabendo da morte de Anita, por que teria escolhido como mensageiro alguém que Norma não conhecia, o ex-marido de Helena? De qualquer forma, por que ele iria querer entrar em contato com Norma?

O calor dificultava a respiração, e Norma não conseguia mais correr. Ela parou para se apoiar no ponto do bonde e baixar as sacolas. Estava abafado, e seu cabelo se enrolava nas têmporas. Ela enfiou o rabo de cavalo duplo dentro do vestido.

— Eu achava que você morava na rua Vaasa, no apartamento em cima do da sua mãe. Ou no de baixo? O apartamento de Anita era uma graça — comentou Lambert.

A camisa de Lambert ficou colada no peito por causa do calor. A falta de ar, as roupas pingando suor e a corrida no mesmo ritmo até o ponto do bonde fizeram com que eles parecessem pai e filha atrasados para alguma reunião de família, encarregados de levar as bebidas. Um casal jovem que esperava o bonde parecia não ver nada de estranho naquela situação, e um casal praticando caminhada nórdica passou pelo ponto sem nem mesmo olhar para eles. Quando sua respiração se acalmou um pouco, Norma se deu conta do que Lambert tinha dito: ele havia estado no apartamento de sua mãe.

— Eu pensava que vocês só tivessem tido contato quando eram jovens.

— Sim, isso também.

Lambert pegou um pacote de cigarrilhas e ofereceu uma a ela. Norma recusou com a cabeça e olhou para a tabela de horários. Oito minutos até o próximo bonde. Um táxi viria mais rápido, então ela procurou o número da empresa no celular. Porém, não ligou e devolveu o celular à bolsa.

— O que ele quer? O meu pai? Porque tudo isso é por causa dele, certo?

Lambert franziu a testa.

— Eu quero que ele me deixe em paz. Você pode dar esse recado a ele — pediu Norma.

Sua mãe teria dito exatamente isso. Nada pessoal. O mais simples possível, o mais educado possível. As palavras de Anita vieram naturalmente, e era claro que Norma tinha conseguido distrair Lambert, pelo menos um pouco. Ela se empertigou, satisfeita. Será que ele esperava lágrimas, a voz tremendo de emoção, um brinde com uma garrafa de vinho escondida na bolsa?

— Reijo ficou bastante triste por vocês terem perdido contato. Ele realmente sentia saudade de você.

Norma mordeu os lábios e engoliu uma pergunta que não devia nem mesmo ter sido pensada. Ela simplesmente surgiu em sua cabeça. Como era o seu pai? Aquele homem sabia; ela, não. Sua mãe não estava mais ali para esclarecer suas dúvidas, responder às perguntas que ela sempre deixava para depois, que ignorava. A única coisa que Norma havia herdado de Reijo Ross tinha sido o sobrenome.

— Como eu já disse, a gente podia conversar sobre essas coisas e algumas outras num lugar mais aprazível — sugeriu Lambert.

O tom de voz dele era tentador, e esse efeito surpreendeu Norma. Embora a coceira em seu couro cabeludo a lembrasse de que aquele homem era uma ameaça, ela queria ouvir o que Lambert tinha a dizer a respeito de Reijo Ross, queria aceitar sua oferta. Sem dúvida, uma bebida não faria mal a ninguém. Mas, assim que essa ideia lhe ocorreu, Norma sentiu as raízes do cabelo se esticarem, como se alguém o tivesse puxado, o que a trouxe de volta à realidade.

— Eu não quero saber nada do meu pai.

— Isso é uma pena, mas o que eu tenho a dizer não tem nada a ver com o seu pai. Eu não vejo Reijo há anos. Faz uma década desde a última vez que a gente se encontrou.

Norma enrubesceu. Ficou envergonhada com sua fantasia estúpida de que o pai estaria interessado nela. Se isso não acontecia havia três décadas, que diferença a morte da mãe faria?

De repente, Lambert bateu a palma da mão na testa, um gesto adequado a um filme mudo.

— Ah, não! Sua mãe não contou para você? Não passou pela minha cabeça que eu devia me apresentar melhor. Anita era minha funcionária. Eu sou o proprietário do salão de Marion.

Norma se sentou no banco aquecido pelo sol, Lambert se acomodou ao seu lado. Sua mãe não tinha falado sobre isso. Talvez ela não soubesse quem era o proprietário do salão. Não havia outra explicação. Anita não seria capaz de fazer isso, não com Helena. O plástico quente debaixo da meia-calça fazia o suor parecer ainda mais desagradável, e o volume do rabo de cavalo enrolado nas pontas aumentou ainda mais debaixo do vestido, como um tumor, e Norma sentiu a saliva inundando a boca. Estava nauseada.

— Não é estranho a gente não ter se encontrado antes. Eu tenho viajado muito. Mas às vezes

dou uma passada no salão — continuou Lambert. — Segundo Marion, Anita andava um pouco distraída, até mesmo melancólica, nos últimos dias.

— Como assim, melancólica?

— Marion interpretou o comportamento dela como algum tipo de despedida.

— De que forma?

— Eram pequenos gestos. E palavras. Anita pediu a Marion que ela cuidasse de você se acontecesse alguma coisa.

A temperatura de Lambert aumentou nas têmporas e na linha do cabelo. A mentira era óbvia.

— Tem algumas coisas de Anita no salão. Talvez você queira pegá-las.

O barulho do bonde se aproximava, e Norma se levantou do banco. Estaria imaginando coisas ou o tom dele havia mudado? Norma não encontrou a palavra certa de imediato, mas depois percebeu que tinha se tornado mais paternal. Lambert pegou suas compras antes que ela conseguisse impedir.

— Esse não é o melhor momento — prosseguiu Lambert. — Mas eu tenho que contar, já que aparentemente você não sabe...

O bonde parou. As portas se abriram.

— E não tem outra forma de dizer isso além de ser direto. Reijo morreu num acidente de barco na Tailândia. Já faz um tempo. Seu pai era como um irmão para mim, e eu tenho muitas histórias para contar sobre ele. Nossa família está disposta a ajudar você com qualquer coisa. A gente sempre cuida dos nossos.

Norma ficou sentada no bonde até ele dar a volta e retornar para o bairro de Kallio. Lambert não havia mentido sobre o pai. A notícia não tinha provocado nenhuma emoção nela, e o sentimentalismo que a assolara no ponto do bonde não voltou. Sua pele fervia, não por causa de Reijo, mas do abraço forçado que Lambert tinha lhe dado antes de colocar suas compras dentro do bonde. Só agora Norma se lembrava de que Lambert ainda não havia mencionado os assuntos desagradáveis aos quais aludira nos portões do cemitério, e, ao mesmo tempo, percebeu que estivera procurando pistas sobre o relacionamento da mãe com Lambert nas décadas erradas.

O laptop. Talvez houvesse algo lá. Ela não sabia que Lambert fazia parte da vida da mãe nos últimos tempos.

Os olhos de Lambert estavam grudados na tela. Mais uma vez, ele assistia à gravação da câmera de segurança da clínica de Bangcoc, aquela que tinha feito Anita ser pega, aquela em que uma mulher que podia ser reconhecida como Anita fazia perguntas a uma garota algemada à cama. A gravação era de uma ala fechada da clínica, e era possível ver claramente que Anita tinha uma câmera diante de si, que filmava a conversa.

— Desliga isso — pediu Alla. — Não tem nada novo aí.

— Onde diabos está aquela câmera? — Lambert tamborilou sobre a tela. — O chefe de Anita sabe que ela foi pega e morreu. Por que ninguém tomou uma atitude?

Alla olhava para os filhos brincando no jardim com Ljuba enquanto passava mais camadas de gloss nos lábios. As camadas se acumulariam como ondas que logo fluiriam para as rugas em torno dos lábios. Dois dos capangas de Lambert estavam de prontidão nos limites do jardim, atentos a qualquer movimento ou barulho — o de um garoto correndo para entregar panfletos, de cortadores de grama estalando ou de garrafas de cerveja tinindo do outro lado da cerca. Alla havia exigido segurança constante para os filhos assim que as suspeitas sobre os negócios de Anita haviam surgido, e ela também não ia mais a lugar nenhum sozinha. Trocaram o carro por um modelo blindado e o sistema de segurança residencial havia sido reinstalado. Essas mudanças acalmaram Alla, mas não totalmente.

— Se os russos estiverem envolvidos...

Lambert interrompeu Alla, levantando a mão no ar como uma bandeira de paz.

— A forma como Anita agiu não é compatível com o modo como os russos sempre lidam com disputas territoriais. Eles teriam se apresentado depois da sua morte.

— Mas, se eles estiverem envolvidos, a gente vai ter que pôr um fim nisso — continuou Alla. — Não vamos começar uma guerra. Nem pensar.

Alla pressionava o gloss contra o lábio inferior com força, esfregando-o na boca como se estivesse coçando uma alergia. Havia esquecido que só precisava dar umas batidinhas. Os fornecedores de Alla continuavam sem saber de nada fora do normal. Os negócios na Ucrânia corriam sem nenhum problema, os vendedores não eram ameaçados, os depósitos não eram roubados nem incendiados e as janelas das propriedades permaneciam intactas. Com exceção da morte de Anita, nada apontava para o começo de uma batalha territorial, ao contrário de quando Alla havia estabelecido a cadeia logística do cabelo russo. Lambert ainda se lembrava de como Alla se livrara dos americanos que haviam tentado entrar no mercado ucraniano.

Alla largou o gloss e pegou uma lixa de unhas. Pensar em guerra fazia seu orgulho se despedaçar como merengue num prato e, por um instante, a pessoa encostada na janela era a menina que tinha namorado um magnata do negócio do cabelo dos Urais e que havia precisado fugir. A luta pelo poder sobre os territórios tinha se intensificado tanto que seu namorado recebeu uma bala na cabeça, o homem que a perseguia também acabou morrendo e o braço direito dele fugiu para o Congo. Agora, Alla controlava sua parte da Finlândia com a ajuda de vários pequenos assistentes, mas seu punho de ferro claramente havia amolecido. Ela olhou

para as crianças brincando na grama, bastante preocupada, a mão apertando a lixa como se fosse uma arma.

— Talvez o cabelo ucraniano fosse só uma isca, uma forma de atrair Anita — comentou Alvar. — Ninguém consegue resistir ao cabelo ucraniano.

Lambert rangeu os dentes. As buscas nos apartamentos de Margit, Norma e Anita não deram em nada e a família ainda não tinha descoberto a origem do cabelo. A voz de Lambert soava acusatória ao xingar sua cegueira. A família havia cometido um erro, ele não tinha sido cuidadoso. Deviam ter percebido imediatamente que havia algo estranho naquilo, e claro que havia, se nem mesmo os fornecedores de Alla da Ucrânia sabiam de onde o cabelo tinha vindo, a que território pertencia, de quem Anita o havia conseguido. Eles ficaram tão empolgados com as possibilidades oferecidas pelo cabelo ucraniano que deixaram alguém se infiltrar nos seus negócios.

— Seja lá quem estiver distribuindo o cabelo, essa pessoa vai ter que cooperar com a gente. É um negócio lucrativo demais para ser deixado para os outros — disse Lambert.

— Isso parece uma guerra — comentou Alvar.

— Nós só vamos pegar o que nos pertence. A gente vai seguir as pistas até descobrir de quem veio o cabelo. Então, também vamos descobrir quem é o chefe de Anita e deixaremos as regras claras para ele — concluiu Lambert.

— Isso é uma guerra.

— Que seja!

Lambert bateu com o punho na mesa. Seu adversário era esperto, mais esperto que qualquer um dos seus inimigos. Ele havia encontrado alguém do passado de Lambert para se infiltrar nos seus negócios, uma mulher em quem seus filhos confiavam.

O salão de Folake estava fechado, mas, da porta, era possível ouvir as máquinas de costura. As garotas no quartinho dos fundos ainda estavam trabalhando, e Marion logo receberia o cabelo pronto. Havia tudo de que precisava: entrelaçado, selado, preso com fita adesiva, com excelente qualidade, como sempre. Ninguém perceberia que havia fios russos misturados, Folake tinha certeza.

— Mesmo assim, é melhor que não seja aplicado em clientes muito sensíveis — enfatizou Marion.

Folake fez um gesto afirmativo. O cabelo russo puro tinha de ser tratado com química comum; para o ucraniano, bastava lavar e tingir com uma tintura antialérgica. Eles viraram moda na Nigéria porque também eram adequados a mulheres alérgicas a cabelo natural. Antes, as que eram sensíveis demais tinham de apelar para fibras sintéticas, mas, agora, podiam ter o verdadeiro.

— *When will you get more?*

— *Soon, it's just a delay.*

Marion abriu seu sorriso mais convincente e aceitou o copo de suco que Folake lhe oferecia. A interrupção logística seria remediada antes que Folake começasse a suspeitar que era Anita quem estava por trás de tudo. Marion olhou para o celular de novo. Continuaria ligando para a garota. Norma devia conhecer os amigos da mãe. Ela precisava resolver esse problema, embora ninguém da família parecesse acreditar que fosse capaz disso. Nas reuniões, era excluída, como se sua contagem regressiva já tivesse começado. Para a família, ela não era nada. Simplesmente nada.

As fitas adesivas de cabelo ainda levariam algum tempo para ficar prontas. Marion se sentou para esperar e olhou para fora. Sabia que o copo de suco de manga na mão seria uma prova de que ninguém suspeitava dela. Se não fosse o caso, ela não estaria sentada no salão de Folake e, sim, teria sofrido o mesmo destino de Anita, sequestrada no aeroporto de Helsinque-Vantaa. Sua sorte era que as duas sempre pegaram voos diferentes, por precaução. Seu avião chegou algumas horas mais cedo, e ela ficou no aeroporto para esperar. Estava comprando um café no Starbucks quando notou os homens de Lambert. No começo, Marion ficou paralisada, depois tentou ligar para Anita, mas não teve resposta. Quando as portas se abriram na saída da coleta de bagagem, Anita caiu nas mãos de Lambert, os dedos dele envolvendo o pulso dela como algemas. Mais tarde, Marion fingiu surpresa — ela não fazia ideia de que Anita a havia seguido até Bangcoc, tinha pensado que Anita estivesse de férias com amigos em algum outro lugar. A família acreditou nisso, porque achavam que Marion era idiota o bastante para pensar assim.

O zumbido parou. Marion recebeu as fitas adesivas de cabelo e os apliques prontos e embalados.

As outras lojas da rua já estavam fechadas, e, de longe, era possível ouvir a animação de uma noite de verão na praça. Não havia sinal de gangues de garotos imigrantes nem dos

capangas de Lambert. Contrariando os conselhos de Alla, Marion havia recusado a oferta de mais segurança. Porém, ela sentia os olhos de Lambert em suas costas. Desde que ele tinha chegado à conclusão de que Anita estivera juntando evidências sobre os negócios da família para chantageá-la, para passar a perna nela e roubar seu território, aqueles olhos eram os de uma fera de dentes afiados.

O canto superior da tela piscava com as notificações de e-mails não lidos enviados por clientes nas últimas semanas. Ela sentia uma dor no peito ao ver os emojis bobos na barra de assunto. Norma tinha evitado tocar no laptop da mãe, pois sabia que, assim que o abrisse, seria assolada por uma avalanche de besteiras de cabeleireiro. Mas ficou contente ao ver que a tela estava como a mãe a havia deixado, ninguém mais tinha tocado na máquina. A tia, diferente dela, não sabia a senha do computador, Elizabeth Siddal.

Norma usou o sobrenome da mãe e os números da senha para entrar em sua conta bancária. A última transação tinha sido feita para comprar comida, um dia antes da ida à Tailândia. O aluguel de maio havia sido pago antes da viagem, duzentos e cinquenta euros foram deixados na conta. Não parecia haver nada de estranho no extrato, até ela perceber que, apesar das viagens da mãe durante a primavera, havia meses que não era feito nenhum pagamento do cartão de crédito e nenhum saque expressivo tinha sido realizado antes das viagens. Norma tentou calcular. As viagens da mãe custavam mais que seu salário. Ela teria pedido um empréstimo sem lhe contar? Nada no extrato indicava isso.

O histórico do navegador tinha sido apagado. Na pasta de enviados, ela encontrou e-mails para Marion, mas eram sobre horários e turnos de trabalho. Norma passou a estudar a página do Facebook do salão, que a mãe administrava sob o nome de Anita Elizabeth. Ela havia criado a conta na primavera e a usara apenas para assuntos profissionais. Todos os seus amigos do Facebook eram clientes, à exceção de Marion. Norma acendeu um cigarro e pensou. Apenas algumas horas antes de pegar o voo para a Tailândia, sua mãe estava marcando clientes na agenda. Por que ela faria isso se estava planejando acabar com a vida?

O som de mensagens não lidas não deixava Norma pensar. Ela desconectou o computador da internet, assim como havia feito com o celular. A mãe nunca mais estaria on-line e suas plantas nunca mais precisariam ser regadas, ao contrário do que dizia a mensagem que aparecera na tela.

Norma colocou a barba-de-moisés sobre a bancada e disse que não gostava de plantas. Aos seus cuidados, elas simplesmente morreriam.

— Eram de Anita.

A florista não sabia o que tinha acontecido com sua cliente assídua. Ela sabia que, enquanto estava de férias no exterior, alguém havia pulado na frente do metrô, mas como iria imaginar que pudesse ser Anita? A mulher se sentou e suspirou. Norma esperou algum tempo para a mulher lhe dar condolências antes de mostrar a muda que trouxera da varanda da mãe.

— Minha mãe queria plantar essa amendoeira no quintal.

— Ela ainda pode ser plantada.

— Você pode plantá-la em algum lugar.

A mulher examinou a planta, que era rara tão ao norte. Conforme ia ficando mais velha, sua mãe tinha passado a se interessar por cuidar do jardim do prédio e o deixara bastante agradável. A amendoeira fora presente de uma cliente agradecida pouco antes da viagem para a Tailândia. Norma já estava saindo quando a dona da loja começou a procurar algo debaixo da mesa.

— Anita deixou uma cópia da chave aqui.

A mulher entregou um envelope a Norma. Ele estava fechado, sem nada escrito.

— Minha mãe sempre fazia isso?

— Sempre que viajava.

Norma não entendeu. Era ela quem tinha a cópia da chave da mãe, e Anita deixava a outra no trabalho. Rasgou o envelope. Não havia nenhuma chave dentro. Havia um pen drive e um bilhete.

Uma mala aberta com roupas jogadas apareceu na tela. Sua mãe segurava a câmera e não conseguia ficar parada. Ela andava em círculos e, às vezes, verificava o fogão. Norma notou uma embalagem de bife de cordeiro. *Garam masala*, amêndoas. A última refeição juntas, o vídeo do pen drive tinha sido filmado na véspera da viagem da mãe. A imagem na tela começou a tremer, e sua luz ficou tão intensa que incomodava seus olhos. Norma virou a cabeça e engoliu com vinho o nó que havia se formado em sua garganta. Ela procurara por uma mensagem da mãe nos lugares errados, imaginando que Anita lhe escreveria algo, embora não fosse de escrever. Ela lidava com as coisas pelo telefone e pessoalmente, conversando. Norma devia ter imaginado.

> Quando comecei isso no ano passado, era impossível imaginar aonde eu chegaria. Quando segurei a câmera pela primeira vez, pensei que iria apenas documentar para você as recordações da sua avó. Mas não foi isso que aconteceu. Eu acabei numa expedição que sofreu reviravoltas surpreendentes. Espero que eu consiga ser corajosa o bastante para tentar dar algum sentido a essas coisas sozinha. Caso contrário, eu vou dar a você esses vídeos de Bangcoc. Não posso negar, estou preocupada. Me sinto tão perto que tenho a sensação de ser véspera de Natal.

O entusiasmo da mãe era visível. Não estava se despedindo, aquela não era a sua última mensagem e, naquele momento, ela não havia imaginado que Norma assistiria aos vídeos. Ela deu uma pausa. Norma ajustou um pouco mais o brilho da tela, que ainda incomodava os olhos. O gosto de amêndoas subira à sua boca, o cheiro de cordeiro sendo assado ao nariz. Uma sensação sufocante havia retornado à sua garganta, e beber vinho não a removia, mexer no cabelo não fazia com que se sentisse melhor. Por um momento, Norma encarou o ícone da lixeira. Os vídeos podiam revelar algo que ela não queria saber, mas afastou essa ideia da cabeça, brincou com o pen drive encontrado no envelope, aquele no qual a mãe havia salvado cópias de segurança dos vídeos, e, então, passou para o primeiro arquivo, gravado em maio de 2012. Só agora ela percebia o quanto a mãe tinha envelhecido em um ano. Novas rugas haviam surgido, os olhos estavam mais fundos, e nem os cílios postiços, as unhas de gel ou o novo corte de cabelo da moda feito por Marion feito ajudavam. Ela olhou de novo para a lista de vídeos. Todos os arquivos tinham um nome: Para Norma. Levaria dezenas de horas para vê-los.

TRÊS

Quando me encontrei com Lambert pela primeira vez após muitos anos, todas as lembranças voltaram. Eu vi em seu olhar que o mesmo havia acontecido com ele. Entretanto, agimos como se não houvesse nenhuma lembrança, nenhum passado em comum, nenhuma injustiça sofrida por Helena, como se Marion não tivesse sofrido uma perda. Era mais fácil assim, para nós dois e para Marion, que estivera preocupada com o encontro. Eva me aconselhou a manter a calma, independentemente do que acontecesse. Ninguém poderia suspeitar de nada.

09.05.2012

O estado da vovó não está melhorando e não há perspectiva de mudança. A cabeça dela ainda funciona em alguns momentos de lucidez, e é por isso que eu tenho que falar com ela sobre Eva. O assunto não pode mais ser adiado. Minha primeira tentativa causou um ataque de raiva; a segunda, um choro birrento. Vovó alegou que não conhece nenhuma Eva ou a confundiu propositalmente com a vizinha Eeva. Depois começou a me criticar, reclamando das minhas sobrancelhas ou do meu penteado. A enfermeira já me alertou que minhas visitas a deixam agitada. Mesmo assim, não vou desistir.

Hoje eu tentei ver se uma foto ajudaria. Fui até a mesa de cabeceira da vovó e peguei a Bíblia da família. Tirei a foto que estava dentro do livro, a coloquei diante do rosto da vovó e disse que eu estava me referindo àquela mulher. A vovó se assustou e tentou tirar a foto de mim. Eu não deixei. Depois disso, ela começou a apertar as têmporas, se esqueceu de onde a gente estava, voltou a ser criança e me pediu para trançar melhor o cabelo dela, para que a mãe não ficasse brava.

A foto sempre esteve dentro da Bíblia. Quando era pequena, eu a olhava escondida. Uma vez, fui pega, levei uma surra e tive que passar a noite no barracão anexo. Naquela época, eu não sabia quem era aquela mulher. Entretanto, tanto o fato de a fotografia estar dentro da Bíblia como a reação da minha mãe significavam que ela era alguém importante. Eu nunca mais falei da mulher da casa de Naakka e também não ousei perguntar sobre ela para outras pessoas. Eu partilhei o segredo apenas com Helena, e sempre buscava aquela imagem em preto e branco do começo do século, em forma de cartão-postal, quando ninguém mais estava por perto. O cabelo extremamente longo da mulher fazia com que ela parecesse mais uma personagem de um conto de fadas do que um ser humano de verdade. Eu só entendi o texto no cartão e o nome que estava escrito nele depois que aprendi a ler, e soube, assim, que a mulher era nossa parente. Eu nunca tinha ouvido ninguém lamentar sobre uma mulher chamada Eva Naakka.

Depois que você nasceu, refleti sobre todos os remédios que tomei e sobre a minha dieta durante a gravidez. Pensei que eu talvez tivesse ido parar em algum lugar onde mulheres grávidas não devem ir, quem sabe um local infectado por toxinas ambientais, ou comido cogumelos radioativos acidentalmente ou visitado fazendas que usavam DDT. Era completamente absurdo ter uma filha cujo cabelo cresce quase um metro por dia. Também não fazia o menor sentido pensar que se tratasse de um aspecto hereditário oculto ou de uma predisposição para crescimento de cabelo excepcional, mas a foto de Eva Naakka sugeria algo assim. Se o excesso de cabelo na foto era real, ela apresentava a mesma anomalia que você, e, nesse caso, pelo menos eu não teria feito nada que tivesse causado o seu problema.

Comecei a procurar por pessoas como você em livros e fotos, mas sempre voltava ao cartão de Eva. Caso a imagem não fosse falsa, ela poderia estar ligada à obsessão da minha mãe por cabelos. Quando criança, ela fazia tranças no meu cabelo com tanta força que meus olhos ficavam repuxados. Eu tinha que soltá-las quando estava na escola, e Helena as apertava de novo antes de voltarmos para casa. Vovó não tolerava cabelos longos e soltos livremente, pois considerava uma marca de vagabundas. Isso tinha que vir de algum lugar. A anomalia de Eva podia ter sido razão suficiente, se a vovó estivesse ciente dela. Mas eu suspeitava que havia mais por trás disso.

10.05.2012

De acordo com o carimbo dos correios, o cartão tinha sido enviado de Nova York, mas a data estava borrada. Um homem chamado Antero dizia ter encontrado uma mulher que lhe parecia familiar na vitrine de uma loja de perucas no Harlem: “Aquela na foto é Eva Naakka, não é? Eu não teria percebido se não tivesse parado para engraxar os meus sapatos em frente à loja”, escreveu ele.

A gente não conhecia Antero. Alguns anos mais tarde, recebemos uma pista sobre ele por acaso. Sua mãe, Helmi, viveu até os 90 anos, e, durante o enterro dela, enquanto bebíamos café, nos perguntávamos se Antero ainda estaria vivo e se continuava nos Estados Unidos, já que não tinha comparecido ao funeral. As tias de Helena começaram a se lembrar do incidente da Guarda Branca e de como seu supremo comandante, o recém-nomeado Karl Emil Berg, havia se matado com um tiro por estar sob muita pressão. Os comunistas esperaram a situação sair do controle e tiraram vantagem disso. Helmi tinha deixado de dormir nessa época, pois o filho tinha o hábito de se envolver em coisas desse tipo.

Quando Antero enviou um cartão-postal após o suicídio de Berg, Helmi pôde respirar aliviada. O cartão provava que o garoto ainda estava nos Estados Unidos, sem se envolver nos problemas da Finlândia. Quando as tias de Helena mencionaram o postal, elas se inclinaram sobre suas xícaras de chá e perguntaram baixinho se era sobre ele que estávamos comentando.

Foi fácil descobrir o ano. Karl Emil Berg tinha se matado em 1921. Helmi havia recebido o cartão de Antero no mesmo ano. Nesse ano, ou antes disso, Eva devia estar em Paris, onde a foto foi tirada. Mas eu só descobri isso depois de conversar com Johansson, o antiquário.

Certo dia, enquanto eu limpava a casa, uma foto dos meus avós caiu no chão e me mandaram levar a moldura para ser consertada no antiquário de Johansson, que era uma mistura de loja de molduras e de antiguidades. Enquanto ele fazia o reparo, me passou uma caixa de fotos antigas para eu passar o tempo. Quando me deparei com a foto de Eva, fiquei intrigada com as letras impressas na imagem, PC Paris, e notei que elas apareciam em muitas outras fotos na caixa. Johansson me explicou que elas se referiam à conceituada editora de cartões-postais de mesmo nome. As séries da PC Paris eram mundialmente famosas, e não era qualquer uma que conseguia ser modelo das imagens, contou ele. Então começou a me mostrar sua coleção, que consistia em fotos de paisagens e mulheres. Logo percebi que Eva ganharia de dez a zero qualquer concurso de beleza entre elas. Havia também alguns postais coloridos, como era o caso do de Eva. Johansson disse que, naquela época, a colorização de fotos só era feita em Paris e na Bélgica. Ninguém sabia como fazer cartões parecidos nos Estados Unidos, nem para as suas próprias estrelas do cinema, então tudo era feito no Velho Mundo. O trabalho era completamente artesanal. A colorização era feita por mulheres e muitas acabaram envenenadas ao molhar os pincéis nas bocas, sussurrou Johansson.

03.06.2012

Eu e Helena inventamos todo tipo de aventura para Eva. Tínhamos certeza de que ela havia participado de concursos de beleza e nos perguntávamos se sua má reputação na casa de Naakka era por causa disso. A única certeza era que ela havia saído do país e virado estrela. Eva era a única pessoa do nosso vilarejo que tinha se tornado alguém. Nossa Eva. Num estúdio parisiense. Isso fez com que eu e Helena decidíssemos: nós iríamos também. Não tínhamos a beleza de Eva, mas encontraríamos alguma coisa. Helena sonhava com uma carreira como cantora, enquanto eu só queria ver o mundo. A gente não tinha dinheiro para uma viagem para os Estados Unidos ou para Paris, mas podia pegar uma carona até a Suécia.

Quando fugimos para Gotemburgo e começamos a trabalhar na fábrica da Volvo, continuamos tentando resolver o mistério de Eva, acrescentando alguma emoção a nossas linhas de produção. Folheávamos livros de arte e de fotos na biblioteca e chegamos a fazer uma viagem de Gotemburgo a Estocolmo para ver o que os antiquários de lá vendiam. Num deles, nos deparamos com um achado. Era fácil reconhecer Eva. Um dos postais tinha sido enviado de Opatija para Dinard; o outro, de Brighton para Boston. O carimbo num deles era de 1922 e, no outro, de 1924. As fotos eram muito bem produzidas, embora não tivessem nenhuma marca de estúdio nem de fotógrafo. Numa delas, os cachos de Eva estavam espalhados sobre os degraus que levavam a uma fonte, e, *apesar* de ser loira, ela representava uma cigana com um mandolim no colo. Na outra foto, ela posava com um cachorrinho, segurando um pente na mão esquerda, como se estivesse prestes a passá-lo no cabelo. Um espelho oval tinha sido posicionado de modo a permitir um vislumbre da parte de trás dos cabelos dela.

Perguntei ao vendedor sobre os números de série — eu tinha notado que havia um na maioria dos cartões das editoras francesas famosas. Mas não havia nenhum nem na foto da PC Paris nem nas imagens que tínhamos acabado de encontrar. O vendedor riu. Números de série não eram obrigatórios, mas a assinatura de uma editora famosa aumentava o preço, apesar de nem sempre ser autêntica. A explicação me deixou desapontada. Talvez Eva nunca tivesse ido a Paris. Mas Helena não se sentiu desencorajada com o revés; pelo contrário, ela queria saber se o vendedor teria outros cartões com modelos de cabelos excepcionalmente longos. Então ele deu uma piscadela e nos ofereceu uma caixa cheia de cartões-postais franceses. Seu favorito era um com a foto de uma *adelita*, coberta apenas por bandoleiras e cabelo. Tudo isso era novidade para nós, tanto os cartões franceses como as *adelitas*, as *soldaderas* da revolução mexicana, símbolos da revolução. Aquele cartão era excepcional, porque a modelo era loira e seu rosto tinha sido arranhado de tal forma que não podia ser visto. O vendedor supôs que a mulher quisesse esconder a identidade, porque a foto era bastante sensual. Mas não havia dúvidas quanto ao cabelo e à pose. Era Eva, e a posição e o formato das mãos eram iguais aos da garota com o mandolim. E iguais aos da foto encontrada na casa de Naakka.

Muito tempo depois, eu continuei procurando fotos de Eva na internet. Encontrei mais uma ou duas francesas e só. Por outro lado, achei muitas cópias daquelas que eu já havia encontrado. Ao longo das décadas, elas foram colecionadas, usadas em caixas de chocolate, vidros de perfume, capas de livro e propagandas. O nome Eva Naakka não havia sido mencionado em nenhuma das imagens, apesar de a loira exótica ter o necessário para ser uma estrela eterna da PC Paris, como Miss Fernande. Mas isso não tinha acontecido. Alguém ou alguma coisa havia impedido que isso se passasse.

Enquanto estava na Suécia, tomei coragem para fazer uma ligação de longa distância para nossa paróquia e perguntei se havia alguma menção a Eva nos registros paroquiais. Minha mãe ficou sabendo da minha ligação e ruminou isso por anos. Depois que você nasceu e eu voltei para a casa de Naakka, eu enfrentei sua fúria. Aparentemente, eu havia tentado envergonhá-la de propósito. Mais uma vez essa palavra: vergonha. Descobri então de onde isso vinha e quem era Eva: a primeira esposa do meu avô Juhani, que abandonou os filhos, o marido e a casa de Naakka. Eva era a verdadeira mãe da sua avó.

De acordo com os registros paroquiais, Eva Kuppari e Juhani Naakka se casaram em 1917. Eles tiveram dois filhos: minha mãe, Elli Naakka, e meu tio Erik, que morreu na Guerra de Inverno. No fim dos anos vinte, o casamento foi anulado porque Eva Naakka não vivia com o marido havia anos e ninguém sabia onde ela morava. Na margem, a lápis, estava escrito “Estados Unidos” com um ponto de interrogação.

Juhani Naakka se casou novamente, dessa vez com Anna Heikkinen, com quem teve uma prole imensa. Eu cresci

acreditando que Anna fosse minha avó, e era ela quem estava ao lado de Juhani no retrato de família que levei para ser consertado no antiquário de Johansson. Liguei para algumas das minhas tias vivas, mas nenhuma delas tinha ouvido falar de Eva nem do casamento anterior do pai, ou pelo menos foi o que me disseram. Isso era compreensível, já que a família havia começado a empobrecer por causa do alcoolismo de Juhani, o que vim a descobrir que tinha se agravado no início do segundo casamento.

Foi então que entendi por que a foto de Eva havia sido escondida dentro da Bíblia da família. Como ela foi parar lá, isso eu não sei. Mas suspeito que a vovó a tenha roubado de Helmi. Ou talvez Helmi a tivesse dado, julgando que a filha de Eva era mais merecedora da foto que ela.

16.06.2012

Ao longo dos anos, minhas suposições sobre o destino de Eva variaram. Muitas das pessoas que foram para os Estados Unidos eram pobres, assalariadas, caçulas das famílias de donos de fazendas, aquelas cujas oportunidades aqui teriam sido limitadas. Eva tinha sido a chefe da casa de Naakka, que, na época, ainda era grande e próspera. Na juventude, concluí que ela havia encontrado o amor da sua vida fora do casamento e tinha deixado a família. Isso explicaria a reação da minha mãe: Eva era uma pecadora.

Depois que você nasceu, entendi ainda menos a decisão de Eva. Ela havia tido a sorte de dar à luz duas crianças saudáveis, e os rastros do escândalo que a cercavam pareciam estar conectados a um ato imoral, e não a cachos de cabelo que cresciam descontroladamente. Se seu segredo não tinha sido revelado, por que ela havia abandonado aquela boa vida?

Eu também me perguntava por que ela havia concordado em trabalhar como modelo fotográfica. Antes, pessoas como você podiam ganhar a vida sem preocupação como musas de artistas, pois gravuras e pinturas não tornavam as modelos reconhecíveis. Os cartões com foto mudaram totalmente a situação. Colecioná-los se tornou um hobby que entrou na moda entre todas as classes sociais, até mesmo entre os pobres, porque os avanços técnicos baixaram o preço dos postais. De repente, as modelos se tornaram objeto do olhar do povo, e seus gestos e expressões eram imitados. Numa entrevista, uma modelo havia reclamado que estranhos tocavam seu cabelo na rua. Eva tinha sido sábia ao manter seu rosto longe das fotos eróticas, mas eu a reconheci mesmo assim, e a pessoa que havia tirado a foto sem dúvida a conhecia. O que ela havia ganhado em troca, o que tinha desejado tanto a ponto de correr esse risco?

Depois que você nasceu, passei a odiar Eva. Na minha infância, ela era minha heroína, a mulher mais bonita e mais corajosa do vilarejo, que na verdade era algo completamente diferente. Eu sentia como se ela tivesse me traído. E também entendia a raiva que minha mãe sentia de Eva. Vovó era filha de uma mãe ligada a um escândalo, abandonada sem ninguém lhe contar o porquê. O motivo do meu ódio era diferente: eu dei à luz você sem saber os riscos, e isso era culpa de Eva. Foi por pura sorte que vovó conseguiu ter dois filhos saudáveis. Comecei a pensar se o fato de a nossa família ter tão poucos filhos estava relacionado a isso. Eu sabia que minha mãe sofrido alguns abortos naturais, assim como Margit. Quando o primeiro aconteceu, eu chorei junto com a minha irmã. Quando ela engravidou pela segunda vez, você já havia nascido, e desejei que Margit perdesse a criança. E foi isso que aconteceu. À medida que envelhecia, ela chorava pelas oportunidades perdidas, mas a única coisa que eu sentia era alívio. Mesmo assim, eu estava sempre com medo de que acontecesse com ela o mesmo que aconteceu comigo.

QUATRO

Por um tempo, eu não quis pensar em Eva. Então percebi que contar a história dela era o único jeito de lhe deixar alguma espécie de herança. Você tem o direito de saber como foi a vida de uma pessoa na mesma situação que a sua e todos os perigos que essa vida pode implicar. No seu lugar, eu não repetiria os erros de Eva.

As pinturas favoritas da mãe, Ofélia e Regina Cordium, estavam penduradas na parede do vestíbulo. Norma tirou os quadros e checou a parte de trás deles. Nenhuma foto, nenhuma Eva. Ela removeu o vidro das molduras. Nada. É claro que não, a mãe não imaginaria que Norma se esqueceria de colocar suas pinturas favoritas no caixão. Com certeza ela iria querer aqueles quadros se tivesse acabado com sua vida propositalmente, embora isso começasse a parecer cada vez mais improvável.

Sua mãe sempre procurava imagens de mulheres parecidas com Norma, e as paredes de sua casa eram cobertas de reproduções de rapunzéis, as estantes repletas de livros sobre elas. Anita queria convencer Norma, que, com frequência, ficava chateada por causa do cabelo, de que a beleza de tais mulheres havia sido admirada e imortalizada. O apartamento era um mausoléu para Cachinhos Dourados do passado e era prova de que manter a existência de Eva em segredo não fazia sentido. Anita havia continuado a busca mesmo depois de Norma ter se conformado com o cabelo e deixado de se sentar no colo da mãe para brincarem juntas de cabeleireiro. Anita, por outro lado, queria uma solução, uma resposta, algo que a ajudasse a entender os motivos de tudo aquilo. Por isso havia sido incapaz de interromper a procura, e suas descobertas sempre eram partilhadas com a filha, quer Norma quisesse, quer não. Por que sua mãe não havia falado de Eva pessoalmente, fazendo-o por intermédio de um vídeo? Por que não tinha pendurado fotos de Eva nas paredes? A ideia de que tinha havido alguém como Norma na família era chocante.

Norma derrubou as pinturas no chão e pisou nelas. O vidro trincou, seu pescoço estalou e sua consciência pesada por ter se esquecido de colocar as imagens no caixão se transferiu para o cabelo. Ela pegou uma tesoura da prateleira e, depois de ter cortado os fios e retirado a culpa que havia passado para eles, começou a folhear as biografias de Elizabeth Siddal e de outras musas de Rossetti. Cortar o cabelo ajudaria por um tempo; Norma já se sentia mais calma, equilibrada. Ela não conseguia imaginar um esconderijo melhor que aqueles livros e pinturas. A modelo, Elizabeth Siddal, que havia sido pintada como Ofélia e Regina Cordium, era a musa favorita da mãe, um anjo pré-rafaelita, cujos rosto e cabelo volumoso eram conhecidos mundialmente através de postais, pôsteres e livros, mas, ainda assim, ela havia conseguido manter seu segredo. Elizabeth Siddal era como Norma.

O marido de Elizabeth, o artista Dante Gabriel Rossetti, abriu o túmulo da esposa seis anos após sua morte por uma overdose de láudano. Rossetti queria de volta sua coleção de poemas, que havia enterrado com a esposa enquanto fingia ser um viúvo romântico de luto. A carreira do artista estava, na época, em decadência, e enterrar seus versos era exatamente o que ele precisava fazer para elevar seu prestígio novamente. Norma encontrou a passagem referente a isso na biografia de Siddal com facilidade, numa página marcada com uma pequena orelha. Não havia nenhuma mensagem, imagem ou texto sublinhado. O mesmo ocorria em outras biografias de Siddal. Uma orelha numa página ou um marcador, nada mais.

A história de Elizabeth Siddal havia acabado com qualquer tendência ao suicídio que Norma

pudesse ter. A história tinha feito com que ela entendesse que acidentes e suicídios não eram algo para pessoas como ela, nem mesmo nos momentos do mais profundo desespero, pois, quando Rossetti abriu o caixão, foi inundado pelos cachos acobreados de Elizabeth. Ao contrário da coleção de poemas, as mechas resistiram ao tempo intactas e preencheram o caixão. Se Norma morresse em condições em que seu corpo fosse encontrado por um estranho, o mesmo aconteceria. Isso geraria grandes manchetes, *paparazzi* subindo pelas janelas e médicos embasbacados, apesar de já terem concluído que o mistério das mulheres barbadas era causado por hipertricose e uma falha genética. Ela não queria isso. Não queria acabar sendo retalhada em laboratórios. Por isso sempre andava com um cartão solicitando que Anita Ross fosse contatada imediatamente se algo lhe acontecesse. Por isso mantinha seu apartamento arrumado, pronto para qualquer visita surpresa do zelador ou da polícia. As janelas do prédio estavam sendo reformadas, mas isso não preocupava Norma. Sua casa não tinha nenhum indício da mulher estranha que vivia lá, nem mesmo um fio de cabelo.

As estantes de sua mãe não revelaram nada. Norma começou a ficar entediada e decidiu continuar mais tarde. As pontas dos seus cabelos se enrolavam por causa da descoberta da nova parente ou dos pedreiros que iam e vinham o tempo todo. Ela observou o apartamento, onde tudo parecia normal, e foi catar do chão do banheiro o cabelo que havia cortado. Enquanto colocava de novo suas sapatilhas, seus olhos foram de encontro a uma pilha de jornais. Levou um tempo até perceber que ninguém havia tocado neles. Sua mãe não tinha cancelado a entrega no período da viagem à Tailândia, como normalmente fazia. Na cesta de jornais já lidos, havia apenas as edições lidas por Margit, da semana seguinte ao funeral. Anita era uma pessoa organizada; na prateleira, nas mesas e nos armários eram dispostos os objetos de acordo com a altura ou em formações simétricas, e ela nunca deixava de ler o jornal diário. Mais uma vez, Norma estivera procurando no lugar errado. Ela devia buscar pelos erros, e não por uma mensagem. Erros como a pilha de jornais não lidos.

A correspondência da mãe consistia basicamente em contas e panfletos. Não encontraria nada ali. Por isso, Norma decidiu recomeçar do início. Ela vasculharia a bolsa da mãe outra vez, sem o turbilhão emocional, com um olhar frio. Quando retornou ao seu apartamento, ela espalhou o conteúdo da bolsa no chão e passou os olhos por panfletos, recibos e cartões de visita. Nada chamou a atenção até ela pegar as chaves da mãe. Havia dois chaveiros. Um com a chave da casa; o outro, com uma foto de Elizabeth Siddal como Ofélia e a palavra “sótão” escrita no verso. O apartamento da mãe era o número vinte, e o número do depósito no sótão era o mesmo, mas atrás de Ofélia estava escrito o número doze. Fazia anos que Norma não ia ao depósito do prédio, pois não guardava suas coisas lá, e também não se lembrava de a mãe ter feito isso. No vestíbulo, penduradas num gancho, havia uma série de chaves usadas com menor frequência, dentre as quais ela encontrou a chave do depósito número vinte.

A porta corta-fogo do sótão era difícil de abrir. O sol havia esquentado o andar, e os pilares de madeira estavam ardendo. No começo, Norma achou que estava se sentindo tonta por causa da temperatura ou do ar cheio de veneno de rato e poeira, mas então percebeu que estava errada. Um cheiro que ela reconhecia atravessava os depósitos separados por grades, e a tontura aumentou à medida que ela se aproximava do compartimento número doze.

Atrás de um monte de tralha, havia uma caixa, e o cheiro que vinha dela não deixava

margem para dúvidas. Porém, Norma torceu para estar errada, torceu tanto que se esqueceu até de respirar.

Pegou a caixa e a levou para o meio do corredor.

Ela estava cheia do seu cabelo, arrumado em mechas.

A reunião de família seria infernal. Marion rezou para que seu nome não constasse da lista. Nas últimas semanas, Lambert havia feito uma lista de seus inimigos — possíveis, imaginados ou reais. Era uma lista longa, dobrada e escondida no bolso interno do casaco, e crescia constantemente.

— E se a gente estiver encarando a situação do jeito errado? — questionou Lambert. — E se Anita quisesse se vingar de mim? Será que foi coincidência ela ter encontrado você em Kuopio, Alvar?

Uma ruga de raiva se aprofundou na testa de Lambert. Ele pegou um morango de uma tigela, e o apertou com tanta força que a fruta ficou esmagada. Na programação de hoje, além do levantamento dos territórios obtidos, precisavam tratar da fábrica de garrafas nigeriana e dos preparativos para a viagem para o Vietnã, mas Lambert só falava de Anita. Alvar serviu café e tentou retomar a conversa. Era necessário ter uma visão geral da situação e não deixar Lambert ser dominado pela paranoia. Anita era apenas um peão.

— Anita não seria capaz de esconder seus vestígios como uma profissional. Não sozinha — apontou Alla.

— E ela também não alimentaria uma vingança por trinta anos, nem mesmo por causa de Helena — acrescentou Alvar.

— Não? Tem certeza de que Anita não queria terminar o que Helena não conseguiu? Aquela mulher se infiltrou entre nós mal-intencionada — disse Lambert. — O que ela poderia querer além de vingança?

— Pai — disse Alvar. — Alguém convenceu Anita a se infiltrar. Temos que descobrir quem é essa pessoa.

Lambert pegou a lista mais uma vez. Era óbvio que ele tinha pensado num novo nome, em alguma pessoa que pudesse ser rancorosa, alguém pronto para se aliar a Anita ou contratá-la para fazer o trabalho sujo, para expor os segredos da família.

— Pai, a gente está em guerra, lembra?

Alvar colocou sua própria lista, que continha o nome de todos os empregados da empresa, sobre a mesa. Ele mesmo verificaria um por um. Havia um traidor em algum lugar. Alguém havia contado a Anita que valia a pena visitar a parte privada da clínica de Bangcoc.

— Mas para quem Anita teve tempo de entregar a câmera? — perguntou Alvar.

Marion enfiou a mão mais uma vez no bolso direito, onde guardava o celular pré-pago que usava para se comunicar com Anita, aquele que elas haviam batizado de celular do projeto, mas o bolso estava vazio. Ela havia se livrado do aparelho imediatamente após a morte de Anita. Agora não tinha ninguém com quem conversar, ninguém a quem pedir conselhos.

Marion se concentrou em massagear o couro cabeludo de Ljuba, olhando fixamente para as paredes de madeira do vestiário da sauna. Lambert havia reclamado porque ela não tinha apresentado nenhum resultado até Alvar pedir ao pai que se concentrasse no que era

importante. *Pai* — Alvar usava a palavra com habilidade, em momentos cuidadosamente pensados. Era por isso que ele recebia seus bônus, como a casa de campo. E com certeza tinha ganhado um pela contratação de Anita, talvez até mesmo uma compensação pelo caso de Albiino. Ninguém criticava Alvar por nada, embora tivesse sido ele quem trouxera Anita para a casa. Nem Alla, apesar de a Ucrânia ser responsabilidade sua. Marion era a única culpada pelas cagadas, sempre ela. E agora ela era expulsa da mesa toda vez que a discussão passava para estratégias futuras. Ela só servia para cuidar do cabelo de Ljuba, nada mais.

No andar de cima, era possível ouvir o punho de Lambert socando a mesa de novo. Ljuba se assustou e colocou uma das mãos na barriga. Ninguém na vizinhança fazia perguntas sobre a babá que só falava russo. No entanto, logo, a gravidez ficaria aparente, e Ljuba teria de partir. Os documentos do divórcio dos pais do bebê estavam sendo processados, e nenhum deles queria mais a criança. Ela provavelmente seria deixada num orfanato em São Petersburgo, ou talvez Alla encontrasse um comprador. Marion e Ljuba eram igualmente fáceis de descartar quando se tornassem um problema.

— Está tudo bem — disse Marion. — Menos para nós duas, provavelmente.

Ljuba sorriu, sem entender uma única palavra. Se as duas tivessem um idioma comum, Marion poderia pedir a ela que lhe contasse sobre o que Alla e Lambert conversavam — mas, do jeito que as coisas eram, tudo o que podia fazer era espalhar tintura no cabelo de Ljuba, passar uma máscara relaxante em seu rosto e apontar no relógio quanto tempo o tratamento iria levar.

Marion escolheu um Highland Park de trinta anos do armário, a garrafa mais cara de Lambert, que havia sido um presente de um dos clientes agradecidos da agência, e encheu um copo para si e outro para Ljuba. O mapa ainda estava pendurado em cima do armário, e sua superfície era preenchida por alfinetes que marcavam como andava a conquista mundial de Lambert e Alla. Alfinetes prateados indicavam a venda de cabelo por atacado, e alfinetes coloridos se referiam à agência, cada ano com uma cor diferente. Dez cores. Só havia um alfinete vermelho. Tailândia. Tudo havia começado lá, com a descoberta de Lambert de que o país era cheio de imigrantes vietnamitas ilegais. Pobres, fáceis e baratos. No ano seguinte, os negócios se expandiram para o Vietnã, que logo se tornou o país favorito de Lambert, e um alfinete azul havia sido fincado lá. A família tinha boas relações com as fábricas locais de produção de cabelo; de uma única empresa, enviavam de cinquenta a sessenta toneladas de cabelo para a China. Os magnatas do cabelo se tornaram milionários, e oitenta por cento da população dos vilarejos ganhava a vida com a venda de cabelo. O único problema estava no fato de que o crescimento dos fios era mais lento que a demanda, a cabeça das mulheres nos vilarejos vizinhos já havia sido raspada, e os garotos tinham de ir de moto cada vez mais longe. A Rússia e a Ucrânia — as áreas de Alla — estavam marcadas com alfinetes verdes. Depois eles expandiram para a Geórgia, onde o volume de negócios aumentou consideravelmente, e então, através do México, conseguiram clientes americanos. As pessoas saíam dos Estados Unidos para ir até Cancún por causa da legislação cheia de entraves ou em busca de preços mais baixos. Havia um fluxo intenso de clientes dos países nórdicos, da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos, da Austrália e agora também do Japão.

O alfinete sobre a Nigéria talvez fosse tirado quando a reunião terminasse. Eles já haviam

decidido se retirar de lá, mas então Anita e suas mechas de cabelo mágicas apareceram para confundir as coisas, e Lambert havia decidido dar mais uma chance ao país, onde o comércio capilar estava em plena ascensão. Marion podia adivinhar as falas de Lambert no andar de cima. Ele compararia a Nigéria à Tailândia, e a Geórgia e a Ucrânia à Rússia. Todos os territórios tinham suas dificuldades, e obstáculos existiam para serem vencidos. Covardes aceitam a derrota sem lutar; o diretor Lambert, jamais.

Marion não devia ter fotografado o mapa e mostrado a Anita. O tamanho da operação tinha sido uma surpresa para Anita e, após se recuperar da surpresa, ela havia ficado audaciosa. Restavam apenas dois dias para o fim do prazo de uma semana que haviam concedido a Marion, e a garota ainda não havia respondido às mensagens nem às ligações. Em dois dias, a família assumiria a situação.

Eva fitava Norma com seus olhos azuis, que pareciam segui-la, enquanto os emplastros de escopolamina aliviavam sua náusea e permitiam que ela voltasse a ficar de pé. O conteúdo das caixas de cabelo ainda cobria o chão da sala, mas as mechas não se enrolavam mais como um covil de cobras. O ar fresco vindo da janela aberta tinha aliviado o cheiro intenso. No meio dos chumaços, havia uma foto de Eva. Sua postura era majestosa, e ela encarava Norma como se lhe desse uma bronca, como uma mãe chamando a atenção de uma criança levada, a boca fechada como um botão de rosa. Norma apertou o peito com a mão. Era como um tambor inquieto repetindo a batida: alguém que não sou eu, mas é igual a mim. Eva parecia balançar a cabeça. O mais importante agora era descobrir no que a mãe a tinha envolvido. Eva podia esperar.

Ela encontrou duas caixas no sótão. Uma estava transbordando de cabelo, a outra continha vários papéis, com as fotos de Eva por cima. Uma delas era a que Antero tinha enviado dos Estados Unidos. Lá também estava a imagem de Eva como *adelita*, que sua mãe encontrara em Estocolmo. Não havia rosto. A foto tinha sido usada na capa do livro *Confissões de Rapunzel*, que Anita havia imprimido.

Norma juntou a pilha de papéis no colo, fechou a porta da sala para manter o fedor de cabelo num único cômodo e espalhou a papelada no tapete do vestíbulo. Havia recortes de jornais antigos, anotações feitas numa caligrafia desconhecida, fotos em preto e branco nas quais mulheres de cabelo comprido posavam, propagandas do elixir capilar das irmãs Sutherland, alguns artigos sobre "fazendas de bebês" na Nigéria, folhetos de hotéis em Tbilisi e Cancún e uma matéria bastante recente no jornal *Helsingin Sanomat* sobre um casal que tinha pagado por uma barriga de aluguel em São Petersburgo. Um artigo sobre uma ama de leite vitoriana desmascarada como uma das maiores assassinas em série da história fora lido com cuidado. Havia anotações feitas com duas canetas diferentes, pontos de exclamação, palavras circuladas e sublinhadas com veemência. Algumas delas foram feitas numa caligrafia que não era de sua mãe. Um dos artigos sobre as "fazendas de bebês" do Dr. Conde tinha sido rasgado ao meio e depois colado com fita adesiva. Uma socialite de Nova York revelara, numa entrevista em 1921, que todas as suas três filhas eram adotadas. O marido não sabia. A senhora queria trazer a público que a adoção tornava possível a felicidade da maternidade. Ao contrário da caixa de cabelo, aquela coleção não fazia sentido.

Norma se lembrava bem da noite anterior à viagem da mãe. Ela já havia feito as malas e tinha vindo mexer nos cabelos da filha antes de ir dormir, arrancando os fios brancos. Não havia nenhum indício de nada fora do normal no comportamento dela, nem parecia estar excepcionalmente preocupada com alguma coisa. Anita estava de bom humor e ansiosa pelas férias. Havia reposto os suplementos vitamínicos de Norma e a advertira para que não se esquecesse de tomá-los diariamente. Risco de osteoporose, problemas vasculares, as duas revisaram tudo mais uma vez. Ela só queria o melhor para a filha, e as palavras da mãe a

fizeram se sentir culpada.

Surgiram suplementos vitamínicos e diferentes amostras de minerais depois que sua mãe tinha passado a trabalhar no Tukkataika. Segundo ela, um pouco mais de crescimento capilar era um pequeno preço a pagar pelo seu bem-estar. Norma se sentiria com mais energia, os cabelos brancos desapareceriam por completo e suas unhas cresceriam normalmente. Para acalmar a mãe, Norma havia começado a tomar as pílulas. A prateleira de temperos ficara lotada conforme era preenchida por frascos de ácido silícico, licopeno, proteínas marinhas e ômega 3. Certa manhã, ela havia encontrado o porta-comprimido cheio de manganês, cobre, cálcio, zinco e ácido fólico. Seus cabelos continuavam ficando brancos, e suas cutículas haviam desaparecido.

Trabalhar num salão de cabeleireiros podia explicar o maior acesso aos suplementos capilares, mas não como passaram a comer bife no meio da semana. Embora elas estivessem acostumadas a comer filé nos feriados, na primavera passaram a consumir carne também às quartas e nos fins de semana. Norma se lembrava de ter encontrado numa sacola de supermercado um recibo, que acabou pegando para anotar sua própria lista de compras até observar o custo total das compras. De início, achara que o papel pertencia à outra pessoa. Porém, os itens no recibo coincidiam com o conteúdo da geladeira da mãe e com o que haviam jantado durante a semana. Norma havia perguntado à mãe se ela ganhara algum prêmio numa raspadinha e não lhe contara. Sua mãe havia respondido que não, que seu salário agora era melhor que nos correios, o que era justo, considerando que trabalhava mais no salão. No entanto, a renda não poderia ser tão alta a ponto de explicar as férias da mãe na Tailândia e a viagem para a África no inverno. Antes da Páscoa, ela fora à Geórgia. Com que dinheiro? Na época, Norma não tinha pensado nisso. Ela passava as noites tagarelando sobre seus próprios problemas, chorando por causa dos cabelos brancos que haviam surgido quando as negociações para a reestruturação da empresa começaram, engolindo o bife sem pensar no preço da qualidade da carne que ingeria.

Quando Norma olhou para as caixas que havia arrastado até o chão da sala e para seu conteúdo, ficou claro que a mãe estivera revirando seu lixo. A lavagem não havia eliminado o cheiro de grãos de café, sementes de abacate em decomposição e cascas de banana que vinha das mechas. O frescor artificial de xampu só tornava o cheiro ainda pior; levaria pelo menos um dia para o apartamento ficar arejado. As mechas foram embrulhadas em celofane, presas por elásticos dourados, lembrando presentes de aniversário.

A separação cuidadosa do cabelo solto revelava muita coisa: primeiro, a mãe os havia juntado aleatoriamente, mas então percebera o valor da qualidade Remy. Era a melhor, a mais cara, e requeria que toda mecha fosse cortada no sentido do crescimento. As primeiras mechas não eram assim, porém as mais recentes, sim. Norma se lembrava do momento em que a mãe tinha começado a cortar seu cabelo de um jeito novo, prendendo-o num rabo de cavalo antes. Segundo ela, era mais fácil fazer a limpeza.

Quando os sinos de vento soaram, Marion quase deixou cair o frasco que segurava. Contou até dez, esperou se acalmar e sugeriu uma pausa à cliente. Assim que a mulher caminhou para a área de fumantes, no quintal, ainda vestindo a capa, Marion foi até a garota e estendeu a mão para cumprimentá-la.

— A gente não teve tempo de conversar no funeral — comentou ela.

A garota estava parada à porta e, nervosa, mudava o pé de apoio o tempo todo. A pele de sua mão era grossa e estava suada, tinha os ossos salientes e seu aperto de mão era fraco. Óculos escuros escondiam seu olhar, seu nariz ficava se movendo, contraindo-se como o focinho de um animal. Talvez ela estivesse com vontade de chorar.

— Sua mãe foi a melhor cabeleireira que eu já tive.

A garota não respondeu. Marion teria de assumir as rédeas da situação e encontrar um jeito de conversarem. Na igreja, a garota tinha ficado concentrada em puxar os fios soltos do rabo de cavalo, um após o outro, fora de sincronia com as canções de louvor, e Marion havia se perguntado como ela poderia ter um cabelo tão volumoso se ficava puxando os fios daquele jeito. Os capangas de Lambert a seguiam o tempo todo, e ela não havia se encontrado com ninguém. Nenhum homem, nenhum amigo. Nem Margit aparecera. Nenhuma garota daquela idade podia ser tão antissocial. De fato, ela levava garrafas para reciclar aos montes, mas nunca se via ninguém bebendo com ela. Alvar suspeitava de que o intermediário tinha se escondido e Norma estava sendo discreta. Entretanto, não havia provas de que a garota soubesse qualquer coisa sobre os negócios da mãe.

Marion abriu o armário de Anita e se afastou. A garota não se mexeu para pegar nada. De costas, ela também parecia frágil. Havia enrolado um turbante de um jeito complicado na cabeça. Seu cabelo não era tingido, então provavelmente não ficaria empolgada com uma tintura de graça. Marion não podia oferecer nem isso. Não conseguia pensar no que fazer. A garota claramente não tinha vindo fazer negócios nem perguntar sobre o destino de Anita, ou falar sobre encomendas de cabelo. Talvez ela acreditasse na história do suicídio. Mas por que não havia perguntado nada sobre o humor da mãe antes do acidente? Marion teria feito isso.

Num impulso, ela tomou uma decisão e deu um abraço forte na garota. Algumas clientes vinham ao salão simplesmente porque queriam que alguém as tocasse, que massageasse seu couro cabeludo. Algumas crianças demonstravam no olhar sentir essa necessidade de carinho, e era exatamente essa a expressão que a garota exibia nesse momento.

— Vou fazer chocolate quente e colocar alguma coisa um pouco mais forte nele — avisou Marion.

A garota se apoiou no ombro dela com o corpo relaxado. Os óculos escuros caíram no chão. A cliente espiou pela porta entreaberta e voltou para fora após ver a situação, levando algumas revistas femininas debaixo do braço. Marion fez Norma se sentar no sofá.

— Como vai o emprego? Anita me falou que você estava tendo problemas.

— Tantos problemas que eu perdi o emprego.

Ela falou. Já era um progresso. Marion ligou a chaleira e gesticulou para uma cadeira de cabeleireiro vazia.

— O que você acha de vir me ajudar de vez em quando? Até encontrar outra coisa. A temporada de casamentos está no auge. Para falar a verdade, eu nem tenho tempo de atender o telefone.

Como se para reforçar as palavras dela, o aparelho começou a tocar.

— Eu não sou cabelereira.

— Qualquer um pode responder a perguntas e marcar horários. Você devia ter visto Anita em ação, ela adorava o trabalho — continuou Marion, e pegou um aplicador de queratina. — Com essa varinha de condão, você faz sonhos virarem realidade. Somos padres, parteiras, terapeutas, médicas, mestres de ritos de passagem. Cobrimos mulheres com papel-alumínio, toalhas, capas, lavamos as vidas antigas delas e as enviamos para uma nova. O sucesso das mudanças na vida delas depende da gente. Mas é claro que o melhor é quando elas se dispõem a pagar o que for por um cabelo bonito, depois que se acostumam com ele.

Os olhos dispersos da garota pararam por um tempo, por tempo suficiente.

— A indústria capilar ficou completamente louca nos últimos anos. Anita não contou? As coisas aqui ainda não estão tão acirradas quanto na América do Sul. Na Colômbia, ladrões de cabelo estão começando a sequestrar pessoas e, na Venezuela, as mulheres de Maracaibo só saem de casa com o cabelo coberto. Senão, aparece alguma piranha e rouba o cabelo delas.

Marion enfatizou suas palavras gesticulando com uma tesoura. A garota se sobressaltou, mas não respondeu ao olhar inquisitivo de Marion.

— Você pode perguntar a qualquer cabeleireiro: é uma mina de ouro. A onda de roubos nas Américas esquentou o mercado. Em Atlanta, uma conhecida minha perdeu todo o estoque. Os ladrões deixaram televisões de tela plana novinhas e dinheiro, eles só queriam o cabelo Remy virgem.

A garota ainda parecia desconfiada.

— O segredo é só lidar com pessoas confiáveis. Para não correr nenhum risco. Pensa nisso com carinho. As perspectivas de carreira são excelentes.

Quando Marion voltou para a cliente, Norma colocou mais rum em seu chocolate quente e tomou alguns comprimidos para enjoo que estavam no bolso. O spray de cabelo já a havia atacado na entrada, e havia sinais dos seus cachos por todo lado: nas frestas no chão, nas rodas dos carrinhos de produtos, numa caixa cheia de grampos. Ela podia reconhecer os últimos seis meses da sua vida pelos cheiros: noites de sexo casual, a ressaca do primeiro de maio, as mudanças na textura dos fios por causa dos suplementos alimentares. O clima no seu trabalho havia tornado a qualidade do cabelo irregular, mas, depois de março, era quase impossível notar. Sua mãe tinha sido habilidosa. Norma se tornara uma híbrida de galinha legorne bem-criada, e as mudanças na alimentação levaram a uma produção de cabelos primorosa.

De pé sobre o piso de azulejos, ela esperou até que os comprimidos fizessem efeito e colocou mais rum no chocolate. Havia rastros do cheiro de Lambert por todo o salão. Marion não o havia mencionado, mas, de qualquer forma, Norma não tinha notado nela uma tentativa consciente de evitar o assunto, que cheiraria a alguma mentira. O abraço que ela lhe dera tinha

um tom de pesar e de saudade, e seu cabelo revelava insônia, vinho e má alimentação. A confusão de cheiros do cabelo dela grudado à pele e à roupa de Marion era tão nojenta quanto Norma havia imaginado. O elevado nível de estresse podia ser causado por qualquer coisa. Não se tratava de loucura. Não havia nada que sugerisse um desequilíbrio igual ao de Helena.

O armário da mãe estava cheio de coisas inúteis: chaves sobressalentes do apartamento dela e do de Norma, uma escova de cabelo, batom, um monte de cartões de visita, alfinetes, spray de pimenta, dois pares de sapato para o trabalho, um cachecol e um casaco. A escova de cabelo trouxe lágrimas aos olhos de Norma: o último jantar com cordeiro e *garam masala*, amêndoas, damascos. Sua mãe estivera no salão depois disso. Norma tentou se livrar da saudade. Os suplementos alimentares que encontrou no fundo do armário iriam para o lixo — seus dias de engorda para a mãe haviam chegado ao fim.

Ela enrolou para abrir as gavetas perto do armário. O conteúdo delas já estava claro antes de puxar a primeira. Com extensões feitas com aquele cabelo, as mulheres se casariam e viajariam com os namorados, os noivos, os amantes, os maridos e os pais de seus filhos para ir a festas e festivais, correriam por meio de bétulas em direção a lagos, aumentariam o volume de seus penteados e, durante brigas no fim da noite perto de fogueiras, pensariam que pelo menos seus cabelos estavam bonitos. Seus fios estariam presentes em muitas festas em homenagem a são João, quando novos amores surgiriam e bebês nasceriam, eles nadariam no lago sob o sol da meia-noite, se abrindo como leques, e rodopiariam nos campos nas noites de comemoração. Com seu cabelo, aquelas mulheres conseguiriam tudo que ela jamais teria. Norma poderia ter passado por qualquer uma delas, até mesmo perto de sua própria casa. Talvez até tivesse acontecido isso, mas a uma distância grande o suficiente para não sentir o aroma dos próprios cachos na cabeça de uma estranha. Por que a mãe havia corrido esse risco?

Subitamente, compreendeu o entusiasmo repentino da mãe por se mudar. Norma estivera surpresa com a avidez com que Anita havia analisado anúncios e visitado casas desde fevereiro. Ela não tinha se animado com a ideia e, depois de dizer isso à mãe, as duas tiveram uma leve discussão. Ela gostava de Kallio, que aceitava todo tipo de gente e permitia o anonimato; era uma dessas áreas em que as pessoas não ficam se encarando. Talvez fosse exatamente por isso que o salão de Marion ficava ali. De repente, Norma percebeu que a mãe não tinha recibos para os produtos que vendia, a não ser que ela mesma os estivesse fabricando.

No salão, a cliente observava seu novo cabelo com um ar profissional. Pacotes vazios de Great Lengths estavam sobre a bandeja de apetrechos. A dieta rigorosa da mulher e a mania por produtos proteicos apontavam para uma rotina *fitness*.

— Da próxima vez, guarde um pouco daquele cabelo ucraniano para mim!

— Você é a primeira da lista — garantiu Marion.

— Eu preciso dele para o concurso. Parece que os fios não embaraçam.

Enquanto seguia para a sala dos fundos para pegar produtos de tratamento, Marion apontou para as gavetas abertas diante de Norma.

— Esse cabelo ucraniano deixou as clientes loucas. O que diabos essa gente come por lá? As mulheres em países mais ricos estragam seus cabelos com comidas processadas e gastam uma fortuna com todo tipo de tratamento. Na Romênia, por outro lado, as mulheres do campo

lavam o cabelo com sabonete, no máximo, talvez até usem algumas ervas, e comem tomates do próprio jardim. Não é de surpreender que o cabelo romeno esteja fazendo sucesso. Mas esse aí é um material de outra categoria.

Alvar ofereceu a Marion um novo celular pré-pago e uma lista de novos clientes em potencial antes de se concentrar na tela do computador da agência. Pelo visto, o irmão não tinha intenção de partir. A falta de confiança nela se refletia em tudo: na dupla verificação da contabilidade do salão, nas reclamações constantes de Alla e na forma como Alvar checava sua agenda o tempo todo. Provavelmente nem a deixariam fazer ligações para os clientes da agência sozinha. A única razão para não ter câmeras devia ser o fato de que Marion as encontraria e as desligaria, como havia feito na outra vez que surgiram problemas. Tinha sido por causa de Albiino, que era a especialista em alongamento de cílios do salão, não Marion. Entretanto, ela e seu salão ficaram sob vigilância.

— Toma — falou Alvar por trás do laptop.

Marion pegou a lista e fingiu lê-la.

— É a lista de Lasse — explicou ele.

Marion assentiu com a cabeça. Havia um monte de enfermeiros, e a lista dos pacientes de Kristian era uma completa bagunça, mas Lasse era um ativista da campanha Tahdon2013 em prol do casamento gay. Ele agia em prol da própria carreira e os ajudava fazendo uma pré-seleção. Os folhetos da agência haviam sido enviados a quinze pessoas, sete das quais pediram para ser contatadas. Marion se concentrou nos finlandeses; os estrangeiros podiam ser deixados para outra hora. Se ela conseguisse três novos clientes, Lambert ficaria satisfeito.

— Como foi com a mulher do bebê com síndrome de Down? — perguntou Alvar.

Marion tinha se esquecido completamente dela.

— Você anda distraída demais. Liga para ela agora.

— Por que Alla não pode cuidar disso? Ela também esteve em Lviv — respondeu Marion.

Ela e Alla tinham ido para Lviv com a mulher do bebê com síndrome de Down, a fim de checar potenciais barrigas de aluguel. A mulher havia escolhido algumas candidatas do folheto antecipadamente, que foram bem-vestidas e levadas a um cabeleireiro para ganhar um brilho saudável e uma aparência confiável para um cliente ocidental. Uma manicure tinha removido as unhas postiças cor-de-rosa. Tudo isso já havia sido feito antes, para as candidatas gravarem o vídeo de apresentação, mas as mulheres de Donetsk as recolocaram rapidamente.

A visita tinha corrido bem, embora fosse perceptível, pela cara da mulher do bebê com síndrome de Down, que ela havia percebido que a clínica, por dentro e por fora, não era igual à imagem dos folhetos e do site. Marion, entretanto, já havia notado o fraco da mulher por doces. Por isso, agendara a viagem para a época do festival de chocolate de Lviv, e, no fim do dia, ela já tinha se rendido à cidade e à expectativa de uma nova vida.

Marion não podia aceitar o celular que Alvar oferecia. Havia um número pré-selecionado na tela, e ela estava aterrorizada. Com o nascimento do bebê, fora revelado que ele tinha síndrome de Down e por isso a mulher havia se recusado a ficar com a criança. Ela começara a encher a agência de reclamações, palavrões, ameaças de falência e denúncia às autoridades. Por fim, Lambert havia sentido pena, prometendo dar a ela um bebê com desconto. Mesmo assim, a

piranha continuava dificultando as coisas. Era possível que fizesse novas exigências. Marion não tinha condições de transmiti-las a Lambert, não naquela situação.

Alvar colocou o celular na mesa e pôs a lista de Lasse na mão de Marion novamente.

— Está bem, eu vou cuidar da mulher do bebê com síndrome de Down, você cuida da lista — disse ele.

Marion tomou um gole de água e digitou o primeiro número. Lasse tinha escrito um curto resumo debaixo de cada nome: "Mulher solteira, 35 anos, de Lahti, está procurando barriga de aluguel em sites internacionais há um ano. Ela é gerente de vendas de uma empresa de exportações, fez vários tratamentos de fertilidade sem sucesso, seu perfil de crédito está em ordem e tem casa própria. A opção de adotar uma criança parece ser embarreirada por uma sentença de prisão suspensa por agressão e difamação."

Quando a mulher atendeu, Marion não conseguiu abrir a boca. Ao terceiro "alô", Alvar pegou o celular de sua mão e começou a falar com um tom de voz de vendedor que inspira confiança:

— Aqui é Alvar Lambert, da Agência Lähde, boa noite. Gostaria de saber se a senhora já leu o nosso folheto.

Marion olhou pela janela, observando as manicures levando o lixo para fora, sem fazer a separação para reciclagem, como sempre. Anita havia colocado instruções em inglês no local de coleta de lixo, além de ter instalado lixeiras para coleta seletiva no salão. Lambert achara graça disso, mas a risada parara quando Anita mencionou que não era bom chamar atenção por negligência.

Alvar terminou a ligação com um caloroso boa-noite, assegurando à mulher que logo a criança estaria em sua roupa de batismo e dizendo que estava ansioso para conversarem novamente. O celular foi colocado na mesa. O rosto do irmão se aproximou do dela.

— Mas o que deu em você?

— Não conta ao Lambert — pediu Marion.

— Você está colocando tudo em risco.

— Eu estou tentando!

— Isso não é suficiente.

Alvar ainda teria alguma paciência porque eles eram irmãos, mas Lambert não seria tão flexível. Marion devia agradecer por ainda não ter sido mandada para o Vietnã, para a Tailândia ou para a Nigéria, onde sofreria um acidente de viagem conveniente. Ou para a Colômbia.

— Você precisa de férias?

Marion fez que não com a cabeça.

— Você conseguiu convencer a filha da Anita a trabalhar aqui. Isso foi um bom começo, mas só.

— Eu preciso de mais tempo.

— O prazo está acabando.

Marion se concentrou em olhar para a vitrine, o nome Tukkataika brilhando no vidro. Esse era o primeiro salão a permitirem que ela gerenciasse. Haveria outros, muitos outros, ela só precisava se esforçar e encontrar uma solução. Nos primeiros dias depois da morte de Anita,

havia esperado que o sino de vento soasse como sempre, que Anita entrasse com o aroma de limão de seu perfume, dando sugestões sobre o que deveriam fazer. Ela não esperava mais por isso, embora às vezes achasse que tinha visto uma mulher parecida do outro lado da vitrine do salão. Erga a cabeça, bola pra frente. Era isso que Anita diria. Bola pra frente. Estabeleça prioridades. Era preciso continuar, não podia desanimar. Um pai de bicicleta com gêmeos na garupa passou diante do salão, um aposentado que morava do outro lado da rua estava sentado com seu andador bebendo cerveja, um casal passou correndo, cheio de energia, um grupo bebia na esquina, clientes entravam e saíam da esmalteria que ainda estava aberta. Marion pegou o celular e digitou o próximo número. Em questões assim, confia-se mais nas mulheres. É por isso que Marion fazia a maior parte das ligações para clientes nacionais. Seu finlandês era perfeito, e ela estava acostumada a acalmar mulheres. As clientes confiavam nela, tanto as da agência como as do salão.

Após uma ligação de cinco minutos, o casal de Vantaa estava pronto para pôr o futuro da família em suas mãos, e, por um momento, Marion se sentiu feliz. Ao menos nisso ela era boa. Mais dois e Lambert ficaria feliz, e ela criaria coragem para visitar Lasse. Depois da morte de Anita, Marion havia se tornado cuidadosa com os lugares aonde ia e com que frequência. Precisava tomar mais cuidado que antes. Só lhe restava um dia, e ela achava que isso não seria o suficiente.

Norma saiu do salão e foi para o bar Hilpeä Hauki. Ela se sentou a uma das mesas externas e pediu uma taça de vinho. A conversa de Marion sobre o mercado de cabelo parecia surreal. Ela já havia notado o crescimento do setor e como isso era aparente nas ruas. Tinha sido aberto na vizinhança um salão Angel Hair, especializado em apliques afro, ao lado de uma loja de produtos importados. Ela sempre virava a cara quando passava por ali, mas, mesmo assim, sabia o que estava escrito na vitrine: *Virgin hair donors! Our agents find the best virgin hair donors of the world. Also Caucasian donors! Be like Beyoncé.*

Quando a mãe havia lhe falado do novo emprego, Norma saíra batendo a porta, viera até esse mesmo bar e pedira o mesmo vinho da casa. Seu dia a dia era tão cheio de problemas com cabelo que ela estava de saco cheio disso, e a notícia da mãe a deixara revoltada. “Você já não tem o bastante desse inferno?”, tinha dito Norma. “Quer ocupar o dia inteiro com isso? Eu não quero ouvir mais nada.” Ela havia se sentado ao lado da janela, olhado fixamente para a escuridão do inverno e, com o álcool, tentado diluir a imagem mental da mãe voltando todos os dias para casa, cercada por uma nuvem de poluição de produtos para cabelo. Sua cabeça latejava com imagens aterradoras: mulheres com medo de ficarem carecas, com caspa por toda a Helsinque, fungos, micose, a mortalidade da carne humana camuflada por tinturas, cola de queratina, alongamento com *micro rings* e produtos de tratamento, além dos cheiros que acompanhavam essa vida artificial. Quando se embebedara o suficiente, enviara uma mensagem à mãe pedindo a ela que tomasse um banho antes de ir visitá-la depois do serviço. Agora, podia admitir que sua reação também tinha um pouco de ciúmes. As mãos de sua mãe sempre haviam pertencido apenas aos seus cabelos, sempre foram apenas suas.

Aceitar a oferta de Marion era o único jeito de descobrir o que havia acontecido. Norma reconstruiria os últimos meses da mãe, da mesma forma que tinha tentado reconstruir o último momento dela na plataforma do metrô. Isso a faria descobrir algo. Se não encontrasse uma razão para aquele ato da mãe, pelo menos poderia entender melhor sua traição.

Norma olhou para a bolsa. Eva assentiu com a cabeça para ela.

CINCO

Na última primavera, eu tive provas diárias do que essas pessoas seriam capazes se colocassem as mãos em alguém como você. O mundo está cheio de gente assim. Sem Eva, eu não conseguiria suportar as coisas que vi. Só posso falar disso com ela. Não tenho mais ninguém.

Norma saiu para trabalhar no mesmo horário que a mãe teria saído e caminhou no mesmo lado da rua em que ela andava, passou pelo mesmo salão Angel Hair, pelas mesmas barracas de comida de rua, pelas mesmas casas de massagem e pelos mesmos bares. Ela viu os mesmos andaimes, o mesmo grupo de bêbados, o mesmo estúdio de tatuagem e a mesma sex shop, o mesmo centro de apoio para ex-presidiários. O letreiro com fontes antiquadas colado na vitrine do salão Tukkataika saltou aos seus olhos enquanto passava pelo mesmo restaurante chinês pelo qual a mãe passaria. A vitrine parecia desajeitada, embora combinasse com os arredores: o pisca-pisca aceso o ano inteiro nas casas de massagem e os pôsteres da esmalteria prometendo estrelato. A Rapunzel colada no alto, do lado direito, lembrava um frasco de xampu dos anos oitenta. Não era o tipo de salão que a mãe teria escolhido para si mesma, e, mesmo assim, ela seguia avidamente para lá toda manhã, sempre pontual. Norma tentou replicar o ardor da mãe ao passar pela porta do Tukkataika. Lá dentro, apesar do cansaço que pesava em seus olhos, Marion a cumprimentou alegremente e pediu que levasse para fora as cadeiras de plástico. Ela teria uma reunião, mas voltaria à tarde.

Depois que Marion saiu, Norma se sentou ao sol para tomar fôlego e respirar fundo. Ela não havia colocado os emplastros de escopolamina, que mitigavam seus sentidos. Se começasse a se sentir desconfortável demais, tomaria uns comprimidos. Era o depósito de cabelos naturais o que mais a deixava ansiosa, embora a química já tivesse destruído quase tudo que seu cérebro poderia captar deles. Julho estava chegando, e isso a assustava. O verão ficava cada vez mais abafado, e, quanto mais quente o clima, mais ela sentia as deficiências vitamínicas e o desequilíbrio hormonal das pessoas, sem contar as nuvens negras. Ela havia perdido o primeiro emprego nessa época. Trabalhava como assistente numa loja de roupas no shopping Itäkeskus quando sentira que a cliente que estava experimentando vestidos morreria dentro de seis meses. Nada podia ser feito, seria inútil ir ao médico. Norma tinha conseguido colocar a cabeça dentro das cortinas de um provador pouco antes de vomitar. A mulher era uma nuvem completamente negra. Norma não sabia como iria sobreviver se clientes assim aparecessem no salão.

O toque do telefone forçou Norma a entrar. A mulher ao telefone queria resolver seu problema antes de ir para seu chalé de verão, porque, se o cabelo voltasse a ficar tão embaraçado a ponto de ela sequer conseguir dormir, seria difícil sair de lá.

— Anita disse que eu deveria experimentar o cabelo ucraniano. O que você acha? Eu deveria mudar?

Ela era uma cliente de sua mãe. Marion não tinha dado instruções sobre como responder a perguntas desse tipo. Norma procurou instintivamente pelo número do celular particular da nova chefe em seu próprio aparelho. Era para emergências e só ela poderia ligar. Jamais devia dá-lo a clientes, sob circunstância alguma. Havia mulheres com problemas de cabelo que

ligavam a qualquer hora e não desistiam até serem atendidas. Essa mulher parecia pertencer a essa categoria. Norma teria de resolver o problema sozinha, mostrar a Marion que era capaz.

— Alô? A ligação caiu?

— Eu concordo — respondeu Norma. — Eu acho que o cabelo ucraniano seria uma boa solução para o seu caso. Remy virgem, da melhor qualidade.

Após a ligação, ela ficou parada no lugar. As palavras haviam escapado de seus lábios sem esforço. O turbante em sua cabeça, que tinha sido amarrado no estilo relaxado de Kallio, não parecia apertado, e o cacho que havia sido deixado solto junto à orelha não reagira de forma alguma, apesar de normalmente se enrolar. Ela conseguiria lidar com a próxima cliente da mãe com a mesma facilidade? E se alguém começasse a fazer perguntas sobre Anita? Dentre as clientes, com certeza devia haver aquelas que adoravam tragédias. Do tipo que não para de falar sobre desgraças, remoendo todo o sangue e os horrores até não poder mais, ruminando os antecedentes com a mesma devoção de pessoas que estão de dieta e tentam perder peso mastigando por muito tempo. Mas o salão era um oásis de sonhos, e não de angústia. Norma decidiu que, se perguntassem, diria que Anita havia pedido demissão e se mudado para o exterior.

A flor tinha cheiro de tulipa, embora não fosse uma, e as roupas tinham cheiro de porão. Marion abriu os olhos. A fronha estava molhada de suor e tinha o mesmo odor da mala usada em Cartagena, como uma toalha esquecida num canto. Mesmo assim, havia adormecido e, em seu sonho, estava novamente na piscina, ao lado de Albiino. A outra mulher havia tirado um graveto de seringueira do cabelo de Marion e tinha lhe dito para relaxar, pedir uma margarita. Elas comemorariam à noite — e, assim como Albiino não soubera que aquele seria seu último dia de vida, Marion também não sabia se o mesmo lhe aconteceria agora. Uma semana já havia se passado.

Ao se levantar da cama, Marion repetiu para si mesma que eles não fariam o mesmo com ela, que isso seria demais até para Lambert, embora, enquanto observava o café ser coado, tivesse plena consciência de que, se havia alguém capaz de tudo, esse alguém era Lambert. Ela esfregou as orelhas, nas quais o som do coaxar dos sapos de Cartagena nunca cessava. O som que nunca desaparecia, que sempre retornava.

Marion não era melhor que Albiino. Pelo contrário. Era até mais velha. Albiino era jovem. Diferente da outra mulher, Marion não teria valor nenhum. Ela não seria levada da Colômbia para Maracaibo, onde ladrões de cabelo ofereciam diversos serviços, nem para Cancún, no México, onde um grupo de médicos interessados a aguardaria. Provavelmente seria jogada no mar.

Quando ela e Alla voltaram ao hotel, havia empregados vestidos todos de branco, como anjos andando pelos corredores, tão imaculados quanto antes. Mas ao lado da porta de Albiino havia um carrinho de limpeza. Marion passou por ele como se estivesse tudo bem, nem sequer diminuiu o passo a caminho do próprio quarto frio como um túmulo. A quitinete de Albiino em Helsinque tinha sido esvaziada imediatamente, e dentro de um mês um novo inquilino havia se mudado para lá. Aconteceria o mesmo com sua casa? Quem a limparia, quem encaixotaria suas coisas? Ligariam para as clientes para cancelar os horários ou encontrariam outra pessoa para continuar tocando o salão? Não sabia quem tinha ido à casa de Anita pegar o uniforme dela para não levantar suspeitas na pessoa que eles queriam encontrar assim que Anita apareceu na frente do salão. Quando foi levada, Anita só estava com vestidos adequados ao clima da Tailândia. Talvez essa mesma pessoa, um dos capangas de Lambert, tivesse ido à casa de Anita para deixar a mala dela por lá, além de ter deixado o celular inútil, como se ela própria o tivesse esquecido em casa. Não podia ter sido Alvar. Ainda que ele tivesse usado o aparelho para enviar uma mensagem à garota, para que ela não questionasse o desaparecimento da mãe imediatamente após a viagem, ganhando mais tempo para a família, era difícil imaginar que Alvar se arriscaria a ser visto no bairro de Anita naquele momento. Mais tarde, o irmão se arrependera de ter enviado a mensagem, que não parecia vir de uma mulher pensando em se suicidar. Enquanto a escrevia, a família ainda esperava que Anita recobrasse a razão e voltasse a cooperar. A situação havia se desenrolado bem rápido no caminho exatamente oposto e não

houve tempo de enviar uma mensagem suicida. Com Marion, eles não cometeriam o mesmo erro, até porque, no caso dela, seria mais fácil inventar algo assim. Só precisavam fazer referência a Helena. Ninguém suspeitaria de nada.

Enquanto passava rímel e se vestia, Marion ficou de olho no celular e, de tempos em tempos, olhava para fora, como havia feito naquela noite em Cartagena, enquanto desejava que Alvar ligasse. Ela queria ter ouvido uma voz familiar quando voltou ao hotel sem Albiino, uma voz que lhe dissesse que ficaria tudo bem. O irmão não havia atendido suas ligações. Marion tinha passado a noite ouvindo sapos coaxando e água pingando do ar-condicionado do hotel, assombrada por quedas constantes de energia e pelo som de palmeiras balançando ao vento como folhas mortas. Ao voltar para a Finlândia, Alvar havia se limitado a perguntar se tiveram tempo de ir a Cancún.

Indo para o corredor do apartamento, Marion parou para escutar com atenção se havia algum som diferente e, enquanto descia as escadas, estava certa de que, ao chegar à rua, um dos capangas de Lambert pularia bem na sua frente. Anita havia sido surpreendida na área de desembarque, e Marion podia ser levada da mesma forma, à luz do dia, quando menos esperava, enquanto acompanhava uma noiva alegre após um teste de penteado. Ou não, os Lamberts eram pontuais. Quando o relógio sinalizasse que havia passado uma semana, ela teria férias forçadas. Eles passaram um mês observando Albiino antes de tomar a decisão. Exatamente um mês. Ela havia recebido uma semana.

Não havia ninguém à porta. Não se via nenhum capanga na rua, não havia nenhum carro suspeito estacionado por perto. No caminho para o salão, a calçada balançava sob os pés de Marion como o convés de um navio, e suas pernas estavam rígidas, mas nada suspeito aconteceu. Uma hora depois, Alvar veio buscá-la para uma reunião com os clientes e seguiu pelo caminho normal.

— Tem algo de errado? — perguntou o irmão ao se aproximarem do Hotel Palace.

— Não, nada — respondeu Marion, e sorriu.

No elevador, ela se acalmou. Ninguém a forçaria a entrar de férias no meio de uma reunião com clientes. Talvez o castigo de Lambert fosse deixar Marion imaginando o que poderia acontecer com ela.

Os cabelos começaram a lhe causar comichão já no elevador, e, quando arrancou o turbante, Norma viu que os fios tinham se transformado em tentáculos retorcidos. Ela gritou que sim, que já havia entendido, que tinha notado o cabelo no capacho da porta. Os fios pertenciam a um homem que tinha passado pelo corredor e não havia nada de estranho nisso. Ele estava trabalhando na reforma das janelas. Ela precisava de ajuda com seus problemas reais, não com os imaginários, e jogou o lenço no cesto de roupa suja com tanta força que o derrubou. Ao ouvir seu próprio grito, Norma tapou a boca com a mão. Ela não se comportava assim. Não conversava com seus cabelos. Estava perdendo a razão.

Os cachos ficaram lisos enquanto ela bebia uma taça de vinho. Norma encheu outra taça e esperou que eles se acalmassem o suficiente para cortá-los. Sua cabeça estava pesada. Curiosamente, muitos cabelos brancos apareceram durante o dia, o que devia ter acontecido por causa do salão.

Sua mãe tinha ficado arrasada ao descobrir o primeiro cabelo branco da filha. Norma havia pensado que era por causa da idade. Os fios brancos como algodão chamariam a atenção na cabeça de uma jovem, e tingi-los não faria nenhuma diferença, uma vez que as raízes logo ficariam visíveis. A anomalia não podia mais ser escondida. Ela confortara a mãe dizendo que a situação voltaria ao normal assim que se livrasse da reestruturação da empresa e da ansiedade que isso causava, mas a própria Norma considerava os fios brancos um sinal de envelhecimento precoce. Isso era um problema para muitas aberrações da natureza. Era por isso que sua casa estava pronta para receber a polícia e os paramédicos — quase não havia evidências de qualquer coisa estranha no apartamento. Só por garantia, os vídeos da mãe e a caixa de cabelo foram guardados no sótão, no compartimento número doze.

Enquanto olhava para a bola que havia feito com o cabelo caído, Norma subitamente pensou numa coincidência: os fios brancos surgiram quando a mãe começara a trabalhar no Tukkataika. E se a razão por trás disso não fossem as negociações para a reestruturação nem seu estilo de vida pouco saudável, mas a traição da mãe? E se seu cabelo estivesse tentando lhe mostrar isso? E se ele simplesmente não quisesse decorar as cabeças de estranhas?

Norma correu para o computador. Graças à mãe, ela já sabia tudo sobre como tingir fios brancos. Mesmo assim, quis rever as informações, as instruções conhecidas sobre chá verde e alho para a prevenção, sobre o gengibre que os indianos esfregavam no couro cabeludo e a importância de manganês, cálcio, ácido fólico e cobre para uma alimentação saudável.

Norma leu as instruções como se fossem um mantra que, repetido diversas vezes, tornaria possível acalmar a mente, colocando seus problemas em perspectiva. Ou, talvez, ela esperasse encontrar uma pista perdida, um truque mágico nas entrelinhas. Mas não encontrou nenhuma mágica. E o mantra não ajudou. Seu tempo no salão seria limitado.

Talvez sua mãe houvesse tido o mesmo pensamento. Ela vira nos fios brancos de Norma a diminuição do fluxo de caixa, por isso tinha ficado chateada.

O casal de Espoo segurava suas xícaras de café com ambas as mãos, como se estivessem tentando se aquecer, embora fizesse calor lá fora. O gabinete no Hotel Palace era um lugar planejado para reuniões com clientes que poderiam ser facilmente influenciados pela atmosfera nacionalista, a vista para o mar e a decoração moderna. No entanto, o casal não admirava a vista, limitando-se a olhar fixamente para a parede branca. As mãos se mantinham erguidas, os cotovelos grudados nas barrigas, as xícaras abrigadas nas mãos. Os dois chegaram bem cedo, como sempre faziam pessoas naquela situação.

— Alvar já está chegando — avisou Marion, mantendo a voz baixa e calma e percebendo que ela, assim como o casal, porém por motivos diferentes, apertava tanto as mãos que os nós dos dedos estavam brancos, por isso as escondeu no colo. Os clientes com frequência davam importância demais aos detalhes, e a visão de um mero lenço de papel podia fazê-los cair em prantos. Foi então que ela lembrou que havia deixado sua bolsa aberta, com uma grande caixa de lenços de papel à mostra. Ela empurrou disfarçadamente a caixa para baixo da mesa. Dessa vez, não havia motivo para chorar, seria a reunião mais fácil da semana. Tudo havia corrido bem, a primeira fertilização *in vitro* funcionara de primeira, e o casal tinha brincado dizendo que estava preparado para pagar por dez sessões de fertilização até obter sucesso, considerando os rumores que corriam por aí sobre agências fraudulentas. A rapidez os havia surpreendido, assim como o preço vantajoso. Trinta mil dólares era um valor baixo para pagar pela realização de um sonho de toda uma vida. O homem tinha rido, dizendo que até mesmo seu barco havia sido muito mais caro.

Marion conseguira fazer negócio com quatro clientes da agência antes de o prazo terminar. Seu medo não havia desaparecido por completo, mas o coaxar dos sapos havia diminuído, e a esperança ressurgira. Norma estava trabalhando no salão, e a amizade entre as duas ia bem. Ao olhar para o casal, ela não podia deixar de pensar que a mulher era exatamente o tipo de cliente que ela e Anita queriam para seu novo salão. O cabelo chanel repicado tinha luzes feitas por algum especialista, e os fios, os cílios e as unhas eram naturais. A mulher devia ser uma cliente daquelas que jamais se atrasam, que não imploram para pagar parcelado, que não perdem o cartão de crédito na hora do pagamento. A ideia de apliques de cabelo lhe seria estranha de início, e Marion teria de descobrir quais mulheres ela admirava. A nova cliente ficaria surpresa e se recusaria a acreditar que suas heroínas eram viciadas em apliques de cabelo. Por isso, para acalmá-la, Marion começaria propondo aumentar o volume de seus cabelos. Tudo ficaria muito natural, e ninguém notaria os adesivos no penteado. A cada sessão, a mulher tomaria coragem de dar passos cada vez mais radicais. Com a geração mais jovem, era fácil. Os cabelos de Beyoncé, Rihanna e Victoria Beckham, que um dia estavam longos e no outro, curtos, haviam feito seu trabalho. Na Finlândia, o *Big Brother* havia causado o mesmo efeito: diariamente o público via na televisão as garotas tirando o cabelo quando iam para a cama e o colocando de novo pela manhã. Logo, isso seria natural para todos. Mais cedo ou mais tarde, os apliques de má qualidade e sua contínua manipulação acabariam se tornando cansativos, e então uma

solução permanente seria encontrada nos salões de cabeleireiro.

Alvar entrou na sala exatamente às duas. As cabeças do casal se viraram, e os dois abriram um sorriso largo quando ele mostrou a imagem do ultrassom. Marion olhou para o relógio. Em dois minutos, o irmão abriria o computador e começaria a passar o vídeo de saudação da clínica para os futuros pais. Em seguida era feita a entrevista com a mulher que esperava seu bebê, com a ajuda de um intérprete, e então tratariam dos detalhes jurídicos e do cronograma de viagem. Casais como aquele eram os melhores, já que eles mesmos começaram a criar uma história sobre as origens do bebê. A mulher havia contado aos amigos que estava fazendo um tratamento de fertilidade, as viagens para a Geórgia eram explicadas como férias, e, de qualquer forma, o trabalho do homem o fazia sair do país com frequência. Dessa vez, a esposa iria com ele. Dali a seis meses, voltariam para a Finlândia com a filha biológica e como pais — seus nomes constariam na certidão de nascimento. Haviam escolhido aquele país não só por causa das leis mais brandas mas também porque os finlandeses não sabiam quase nada sobre o lugar — ninguém associaria a criança-surpresa de um casal com problemas de fertilidade e suas férias em Tbilisi ao turismo de barrigas de aluguel. A Geórgia não tinha a reputação de ser uma fábrica de bebês, nenhum escândalo que alcançasse a mídia internacional. A Guerra Russo-Georgiana havia sido esquecida, assim como outros conflitos na área, e ninguém pensava que, por causa disso, o país estava repleto de mulheres solteiras pobres que tinham de sustentar suas famílias.

O casal quis ver o vídeo outra vez. Alvar apertou o Play e, ao mesmo tempo, lhes forneceu os últimos relatórios de saúde e a dieta atualizada da mulher que carregava sua filha, assim como um folheto com opções de hospedagem em Tbilisi, caso os futuros pais preferissem alugar uma casa confortável para a família a ficar num hotel. Alvar acertou em cheio. Quando a mulher ouviu a sugestão de uma casa para a família, uma expressão de felicidade se espalhou pelo rosto dela.

— É claro que vocês serão acompanhados por mim ou por Marion, para ter certeza de que tudo vai correr como o esperado. Na semana passada mesmo, uma família feliz voltou para casa na Suécia. Eles nem foram até a embaixada tirar um passaporte para a criança, simplesmente viajaram com a certidão de nascimento.

Alvar mostrou a foto. No retrato de família, um casal segurava duas crianças, uma recém-nascida numa roupa de batismo e a outra alguns anos mais velha.

— O menino se parece com o pai.

— É claro, ele é um filho biológico — explicou Alvar.

— Sim, é claro — disse a mulher, e seu alívio era evidente. Muitos temiam que a criança tivesse marcas da mulher que a tinha gerado, a cor da pele ou do cabelo, o formato dos olhos, apesar de não haver motivo para isso. Para essas pessoas, Alvar mostrava fotos de recém-nascidos no colo das mulheres que eram barriga de aluguel, os dois completamente diferentes. Isso bastava.

O homem pigarreou.

— Havia também uma terceira mulher em quem pensamos, não é? — disse ele. — Seria bom que a pequenina tivesse companhia. O que vocês acham, seria possível?

— Ela poderia começar o tratamento imediatamente. Os óvulos e o esperma estão

congelados.

— E, já que a sua primogênita é uma menina, talvez vocês queiram considerar a possibilidade de que o próximo seja um menino, não? — acrescentou Marion.

— Isso é possível?

— Hoje em dia, tudo é possível. Para isso, seria necessário ir para a Ucrânia, para onde, aliás, os voos são mais curtos — continuou Marion. — A gente pode transferir os óvulos e o esperma da Geórgia. Isso não é problema, e vocês não vão precisar passar pela coleta de material genético de novo.

O homem foi o primeiro a se interessar; a mulher hesitou. Os dois se entreolharam.

— Para nós, qualquer criança é bem-vinda — disse a mulher, mas o homem já estava claramente pensando em treinos de hóquei e videogames.

A oportunidade de escolher o sexo sempre confundia as ideias. Às vezes, era óbvio que o casal havia discutido o assunto em casa. Um deles via em sua mente uma fileira de carrinhos de rolimã e treinos de hóquei, enquanto o outro visualizava vestidos bonitos e acessórios de cabelo.

Essa era a pergunta que Marion mais gostava de fazer, jogando-a na conversa ao acaso. Isso a fazia se sentir uma fada madrinha. O olhar chocado nos rostos dos pais durava um minuto; em seguida, a imaginação deles começava a correr solta.

Alvar tirou o arquivo da Ucrânia de sua pasta e o entregou ao homem.

— Leiam com calma. Podemos tomar uma decisão quando vocês se sentirem confortáveis. Já estão prontos para a ligação?

O casal se sentou diante do computador de Alvar. Marion estava certa de que podia começar a planejar a viagem para Lviv. A Ucrânia era uma das áreas mais fortes da família. A fronteira com a Rússia estava aberta, havia todo tipo de comércio, o mercado de barrigas de aluguel crescia gradualmente, a papelada era resolvida com facilidade. Nenhum escândalo sobre barrigas de aluguel havia maculado a reputação do país, e isso o tornava confiável aos olhos daqueles que queriam se tornar pais. No máximo, eles ficavam preocupados com a produção de alimentos depois do acidente nuclear de Chernobyl, motivo pelo qual os folhetos da agência enfatizavam a dieta ocidental não poluída da Ucrânia. Lviv tinha sido uma ótima escolha para a localização da clínica; a cidade era muito europeia, apesar do alfabeto cirílico.

Depois que o casal foi embora, Alvar ficou sentado à mesa, mexendo no celular.

— Tudo correu bem, não foi? Está se sentindo melhor?

Marion assentiu com a cabeça, apesar de ter dormido pouco. O prazo tinha chegado ao fim, e, mesmo assim, ela continuava ali. O salão ainda era seu e haviam permitido que ela lidasse com assuntos da agência. Isso já era uma vitória. Seu relacionamento com Norma havia melhorado, uma conquista que tinha feito Lambert lhe dar mais tempo. Anita diria que ela deveria continuar, que tinha um objetivo em mente e nada poderia detê-la. Marion voltaria ao salão para lidar com os cabelos embaraçados daquelas peruas, mas logo sua clientela seria completamente diferente. No novo salão, ela não receberia nenhuma patricinha que passava as férias tirando *selfies* e fotos da bunda de biquíni em cima do capô da Ferrari de um desconhecido, ao lado de iates em Marbella ou da porta de uma loja da Versace. Nenhuma cliente do novo salão lhe mostraria fotos assim, como se elas fossem sua maior conquista. Suas

novas clientes teriam méritos reais, de conhecimento geral, aqueles que não seria necessário comentar, pois estariam aparentes no modo como se portam. Elas não pensariam que o fato de conseguirem colocar o rosto na mesma foto que uma marca cara as tornaria alguém importante. Suas novas clientes não pensariam que posar na frente de uma boate frequentada por famosos também as tornaria famosas, que isso as aproximaria de Hollywood, de um casamento de conto de fada, de histórias de amor dignas de cinema e de homens ricos. Suas novas clientes não sairiam correndo atrás de cartões de crédito exclusivos com a certeza de que eles seriam um atalho para as melhores zonas de caça, se aproximando de homens que conhecem pessoas de fato importantes. Não acreditariam que encontrariam um príncipe dessa forma. Elas saberiam que tudo que conseguiriam assim seria alguma espécie de cafetão, um futuro Lambert, que sugaria tudo que pudesse delas e depois jogaria os restos fora.

Faltava pouco, bem pouco, mas Marion ainda precisaria ter paciência para admirar as fotos daquelas idiotas, para ficar impressionada com suas bolsas falsas, para ter forças para mentir que elas tinham potencial para se tornar modelos e famosas, que o estrelato estava logo ali e Hollywood às esperava, que, para um convite de teste na *Playboy*, só precisavam de um cabelo bonito e peitos grandes.

Quando houve uma pausa no movimento de clientes, Norma entrou em pânico. Os cabelos ucranianos deviam ser reservados para as melhores clientes, mas hoje a situação havia saído de controle. Ela marcara horário para uma dona de casa reclamando de nós no cabelo, uma mulher com alopecia, uma lactante chorando por perda de cabelo e uma blogueira de moda. Tinha prometido cabelos ucranianos para um grupo de dança antes de sua participação num programa de calouros e para uma maníaca por *fitness* que estava tendo problemas depois de uma temporada de queima de gordura. Norma havia encontrado as palavras certas, embora não tivesse a confiança da mãe, pois, para ela, aquele cabelo era puro lixo. Era como se estivesse um pouco embriagada, e o turbante ainda não estava muito apertado. Teria sido tão fácil assim para a mãe também? Anita não tinha conseguido ajudar a filha, e isso a fizera se sentir desamparada. Ali, suas mãos transformavam camundongos em princesas, e ela conseguia ajudar a todos. Norma começou a entender por que a mãe se sentia bem depois do trabalho. Ela sentia o mesmo agora. Todo o estoque havia sido reservado antes que ela percebesse o que tinha feito.

Ela passou o dia todo agendando clientes, seguindo os horários da mãe, e seus dedos se mantiveram firmes enquanto seguravam o lápis. Ela já conseguia olhar para a letra de Anita como se fosse de uma pessoa qualquer e não lia mais os horários anotados pela mãe como se fossem obituários. Anita tinha começado a preencher sua agenda após o Natal, e, depois de fevereiro, as ruas de Helsinque estavam inundadas de mulheres usando os cabelos de Norma, mulheres iguais àquelas com quem havia falado hoje. Ninguém perguntava de onde vinha o material, elas só queriam saber o preço e se os cabelos que seriam grudados em suas cabeças eram ucranianos.

Norma havia pensado que as clientes seriam como os padrinhos da Plan International, que esperavam que as crianças que apadrinhavam lhes enviassem fotos e cartas contando como iam os estudos, mas não era esse o caso. Para aquelas mulheres, o cabelo grudado em suas cabeças era impessoal, uma massa capilar sem rosto, e não queriam saber a quem tinha pertencido. Não queriam saber se a antiga dona havia se apaixonado, se irritado, ansiado, chorado ou sonhado. No máximo se preocupavam com piolhos e doenças. Marion enfatizara o assunto quando tinha ensinado a Norma os segredos do serviço, surpreendendo-a. Nada sobreviveria ao processamento do cabelo, o que forçava os funcionários das fábricas de processamento de cabelo a usar máscaras para respirar. Mesmo assim, as clientes só se preocupavam com piolhos, e não com a sua origem. E as mesmas mulheres faziam omeletes com ovos orgânicos e liam atentamente os rótulos dos alimentos. Norma não entendia a lógica disso e teve vontade de dar uma resposta malcriada quando a primeira cliente se mostrou preocupada com a higiene do cabelo. Parecia uma afronta pessoal, e ela precisou de muita disciplina para abstrair da pergunta, algo que considerava uma vitória. Norma era capaz de fazer esse trabalho, explicando com total propriedade, de acordo com as instruções de Marion, que o Tukkataika só comprava matéria-prima de fornecedores com certificado de higiene.

Ela também não se assustava mais com as mulheres que ficavam olhando fixamente para a vitrine do salão. Marion exibia os cabelos ucranianos nela, e as garotas que os fitavam já se visualizavam como as mais bonitas numa boate, vislumbravam curtidas nas redes sociais, o aumento de seguidores. Os olhares de êxtase nos rostos passaram a deixar Norma lisonjeada, e ela contava quantas mulheres eram atraídas diariamente pelo cabelo, ficando decepcionada quando havia uma pausa longa demais no fluxo de admiradoras. Talvez Elizabeth Siddal tivesse sentido o mesmo quando posou no meio de um bando de artistas competindo por ela. Antes de sua carreira como modelo, ela havia trabalhado na chapelaria de Mary Totzer. A senhora Totzer queria vendedoras que atraíssem clientes, e Elizabeth, com seus cachos acobreados, era perfeita para o cargo.

O celular de Alvar tocou. Seu rosto permaneceu inexpressivo, mas ele o atendeu imediatamente, então se levantou e ficou diante da janela do gabinete. Marion continuou empacotando as coisas e tentou ouvir, mas os murmúrios do irmão não revelavam nada. A ligação terminou com Alvar abrindo um sorriso largo que lembrava um cachorro que acabou de sentir o cheiro de uma lebre e aguardava permissão para atacar a presa.

— Encontraram alguma coisa na casa de Norma — comentou ele.

Marion devolveu os arquivos à mesa. Os capangas já haviam vasculhado o apartamento da garota sem encontrar nada — essa era a única informação que ela sabia. Passaram a não lhe contar tudo, e uma coisa importante como essa não lhe seria revelada sem segundas intenções. A família ou não se importava com quão confiável ela parecia aos olhos da garota, quão bem conseguia mentir para ela, ou esperava que a notícia a deixasse tão nervosa que Norma perceberia e ficaria nervosa também. Pessoas nervosas cometem erros.

— Da última vez, você não me contou o que tinha no apartamento.

— Nada relevante para esse caso.

— Como vocês esperam que eu resolva as coisas se vivem escondendo informações de mim?

A vista para o mar da janela do gabinete oscilava aos olhos de Marion. Ela havia perdido. A consciência disso começou a se espalhar pelo seu corpo como a água derramada em sua blusa. Ela pegou o copo que havia derrubado. A blusa tinha sido passada de manhã, mas agora parecia um trapo sujo. Os capangas colocaram as mãos em algo que ela devia ter encontrado antes e não o fizera porque havia se convencido de que a casa de Norma seria tão inútil quanto a de Anita. Ela mesma devia ter roubado as chaves da garota no trabalho e ido xeretar o apartamento. Podia ter pego a chave extra assim que Anita morreu, já que estava no meio das suas coisas. Ela tivera tantas oportunidades para fazê-lo, e agora poderia estar um passo à frente dos outros. Mas não o havia feito por medo de ser pega. A garota podia voltar para casa inesperadamente no meio do dia. Um dos capangas poderia estar lá justamente quando ela espreitasse pela porta. Marion era bastante covarde para algumas coisas, justamente as coisas para as quais não deveria ser.

— A decoração do apartamento é simples e ele está muito arrumado, arrumado demais. Limpíssimo. Os armários tinham alvejante e não muito mais que isso. O oposto do apartamento de Anita. Também tinha uma pilha enorme de remédios. Ciclizina e escopolamina — disse Alvar.

A palavra acertou Marion em cheio no estômago.

— Os comprimidos da garota provavelmente não ajudam em nada a resolver o sofrimento da perda da mãe. Mas como escolha para uso recreativo é muito estranho. Talvez ela seja do tipo que abusa de drogas prescritas, mas, nesse caso, o arsenal deveria incluir outros remédios.

— São coisas que podem ser compradas sem receita?

— Sim, a maioria para enjoo. Não é como se fosse o bom e velho sopro do diabo. Por isso

eu não falei nada. Só estava pensando em você.

Os dois nunca haviam conversado sobre Albiino depois da viagem a Cartagena. Na verdade, não falavam dela desde a reunião que havia decidido o destino de Albiino. Alla havia cuidado da execução do plano, e Marion seguira suas instruções. Ela nem tinha certeza se Alvar estava a par dos detalhes, mas agora sabia que sim. Lambert tinha achado a ideia do sopro do diabo genial. Era a única substância que transformava qualquer pessoa num zumbi imbecil, pronto para obedecer a qualquer ordem, ao mesmo tempo que parecia completamente sóbria. Quando Albiino, em meio às negociações, havia deixado sua margarita sobre a mesa e saído com um homem desconhecido, Marion tinha entendido o que estava acontecendo. Ela saíra de lá por conta própria, sem ser forçada. Os comprimidos encontrados na casa de Norma obviamente não tinham nada a ver com Albiino. Ela devia esquecer isso. Sua fraqueza, sua incapacidade de esquecer, havia feito Alvar omitir coisas dela. O irmão havia pensado que uma estranha coincidência faria com que Marion pensasse que ele tinha ficado parecido com Lambert, um homem cruel de fala opressora.

— É claro que os remédios poderiam ser usados para apagar alguém. Na dosagem certa, qualquer remédio pode ser usado para isso. Mas por que Norma faria algo assim? Ou Anita, se os comprimidos fossem dela? Por que não escolher uma substância mais comum? Há tantas outras — disse Alvar. — Você consegue pensar num motivo?

Marion encheu seu copo novamente. O líquido tinha um gosto estranho. Sangue. Ela havia mordido a língua.

— Você não está se concentrando. Por enquanto, Lambert está satisfeito com o fato de você ter criado algum tipo de vínculo com a garota. Todas as opções devem permanecer abertas, todas as armadilhas, prontas, todos os anzóis, debaixo da água. Mais cedo ou mais tarde, ela vai morder alguma isca, só não sabemos qual. Por isso você ganhou tempo, um tempo extra, e precisa ser incluída, porque a gente fez uma grande descoberta. Adivinha o que a gente encontrou no lixo da garota? Meio maço de cabelo emaranhado, ucraniano. O comprimento e a cor combinam, assim como a qualidade.

O coaxar dos sapos nos ouvidos de Marion era tão alto que ela quase não ouvia a voz de Alvar. A garota sabia do negócio de Anita, sabia de onde vinha o cabelo.

SEIS

Conhecemos Reijo e Lambert numa boate. Helena havia acabado de cantar e descia do palco quando Lambert surgiu diante dela. As maçãs do rosto de Helena ficaram vermelhas como peônias, e Lambert a chamou de estrela. Ele a chamou de estrela até Marion nascer. Depois, parou com isso, e os shows de Helena também pararam.

02.03.2013

Na Suécia, não tivemos coragem de deixar a fábrica nem a comunidade finlandesa, embora devêssemos, e a mesma falta de coragem fez com que nos jogássemos nos braços de Reijo e Lambert. A dupla vinha do mesmo vilarejo que nós, eles se lembravam dos pais de Helena e da casa de Naakka, mas nós nunca os havíamos notado antes, dois filhos de bêbados pobres. Na Suécia, eles passaram por uma transformação e se tornaram conquistadores, homens de negócios interessantes. Markku tinha mudado seu nome para um mais internacional, Max, e o mundo estava aos seus pés, e estaria para nós também se nos juntássemos a eles.

Nossas festas de casamento foram discretas, como era costume na época, e sem parentes. Nossos pais não aprovavam nossas escolhas de marido mais do que aprovaram nossa decisão de partir para a Suécia. Para mim e para Helena, aqueles eram passos enormes, um salto para deixar o vilarejo de Naakka para trás. Éramos tão inocentes e estávamos tão apaixonadas que não compreendíamos que os nossos maridos estavam envolvidos em negócios escusos. Quando por fim nos demos conta de que tipo de negócios eles estavam tocando, Helena já era mãe de uma criancinha. Porém, a gente imaginava que Reijo e Lambert haviam tomado decisões idiotas porque estavam em má companhia, a gente colocou a culpa nos amigos suspeitos. Levaríamos os nossos maridos para o bom caminho, e formar uma família ajudaria nos nossos esforços. E parecia que seria exatamente assim. Depois de alguns anos, Helena engravidou de novo, e Lambert começou a falar de voltar para a Finlândia. Ele queria dar uma nova direção à sua vida, e Helena acreditou nisso. Por um tempo, Lambert se comportou como o pai ideal, conseguiu um apartamento para Helena e as crianças em Laajasalo, ajudou com a mudança e prometeu se juntar a eles depois. As palavras de Lambert passaram a ser as de Reijo também, e os dois nos convenceram de que não seria bom criar as crianças num ambiente em que falar finlandês era motivo de vergonha e onde a reputação dos finlandeses em geral era ruim. Em retrospecto, eu vejo que tudo não passara de mentira. Eles simplesmente tinham problemas para resolver na Suécia, gente enchendo o saco deles cobrando dinheiro, e os dois só queriam cuidar das suas questões sem as esposas reclamando e as crianças chorando. Nós tínhamos nos tornado um fardo.

Helena me encorajou a vir também, e ela parecia feliz com a vida em Helsinque. A ideia de criar a família num bairro mais calmo, sem o círculo de amigos mal-encarados de Reijo e Lambert, parecia boa, e eu pensei em olhar alguns apartamentos quando fosse visitar Helena em Laajasalo. Mas, de repente, no meio da viagem, você anunciou sua chegada.

04.03.2013

Quando você nasceu, ficou claro para mim que eu tinha que me livrar de Reijo Ross. Eu liguei para Helena do hospital e inventei uma história sobre uma nova amante de Reijo. Isso foi o bastante. Helena me trouxe dinheiro, nos levou à estação de trem e prometeu não revelar o destino a ninguém. Minha única opção era a casa de Naakka, para onde voltei sem nem um centavo e sem marido. Minha mãe me recebeu dizendo que eu era uma maldição da casa de Naakka que estava voltando.

Com o passar dos anos, planejei partir várias vezes e guardei dinheiro para isso. Mas, na última hora, eu desistia. Um lugar remoto no meio da floresta era mais seguro, eu podia cuidar de você durante o dia, não havia ninguém nos arredores para bisbilhotar além da minha mãe, e a idade a havia deixado menos atenta. Só depois que você entrou para o ensino médio foi que passei a planejar de verdade a mudança. Você já era forte o bastante e conhecia todas as precauções necessárias, entendia melhor os perigos do mundo do que eu quando tinha me mudado para a Suécia. Eu fiz escolhas erradas por pura estupidez, falta de experiência, e uma delas foi Reijo. Espero que você não cometa erros parecidos.

Reijo morreu há cerca de dez anos num acidente de barco na Tailândia, e, ao ouvir a notícia, suspirei aliviada. Não importa o que aconteça comigo, você não poderá mais procurar aquele homem sozinha. Isso seria sua ruína. Reijo era igual ao pai das irmãs Sutherland. Foi ideia do pai vender as performances musicais das filhas, e, de repente, as meninas se tornaram um fenômeno, não em função da música, mas por causa dos cabelos. Todo mundo queria que elas e seus cabelos, que eram chamados de Cataratas do Niágara, se apresentassem em teatros, viajassem com circos e fossem expostos em vitrines de lojas de departamento. Para vibrar, aplaudir, admirar. Elas foram capa da *Cosmopolitan* e apareceram na primeira página do *New York Times.*

Não tenho certeza se você conseguiria lidar com a comoção que envolveu as irmãs Sutherland, com o enriquecimento e tudo o que vem com isso. Toda vez que uma das nossas clientes suspira, deslumbrada, olhando seu novo cabelo, que veio de você, eu me lembro das irmãs, e a infância delas me faz recordar os nossos anos na casa de Naakka. A mãe das irmãs esfregava um linimento fedido no couro cabeludo delas, pensando que isso retardaria o crescimento do cabelo, e acabavam implicando com elas por causa do cheiro. Talvez tenha sido exatamente isso que inspirou o pai delas a fazer o seguinte: ele inventou elixires falsos, que eram vendidos com uma foto das irmãs a um preço alto. Foi uma ideia milionária. A venda do produto de crescimento de cabelo e do de lavagem do couro cabeludo das irmãs Sutherland gerou dinheiro suficiente para a construção de uma mansão com banheiros de mármore e móveis encomendados da Europa.

Durante as turnês, elas eram mantidas isoladas e escondiam bem sua anomalia, exceto por alguns incidentes. Mary Sutherland tinha acessos de loucura e, por isso, de tempos em tempos, era internada, e eu suspeito que era tudo por causa dos cabelos. Depois que Naomi Sutherland morreu, as irmãs queriam manter o corpo em casa, o que levantou suspeita das autoridades. Elas justificaram que era porque as obras do mausoléu da família estavam atrasadas. Apenas duas delas se casaram, mas só depois de passar da idade fértil. Isso foi sensato, mas suas escolhas de marido foram terríveis — viciados em morfina, aventureiros e homens de circo —, e por causa deles as irmãs perderam todo o dinheiro. As irmãs Sutherland passaram seus últimos anos como eremitas na mansão em ruínas, pobres e chorando de tristeza. Elas talvez tivessem sido mais felizes se tivessem ficado em sua casa modesta. O destino de Elizabeth Siddal não foi muito melhor, ainda que os artistas que viviam à custa de sua musa não fossem trapaceiros e tratantes como os homens que cercavam as irmãs. Alguém como você não pode acreditar em amor sincero.

Os homens ficaram com os lucros dos cachos das irmãs Sutherland, assim como dos de Elizabeth, e é por isso que estou chocada com tudo o que Marion me contou sobre a indústria de cabelo. As mulheres não evoluíram nem um pouco durante todo esse tempo. As irmãs Sutherland viviam numa época em que o campo de ação da mulher era limitado à casa, e, para ter sucesso, elas precisavam de homens trabalhando no ramo do entretenimento. Agora, as mulheres têm os mesmos direitos, as mesmas oportunidades, e, ainda assim, não ficamos com os lucros. Nós apenas oferecemos todo o material para muitos setores de cosméticos. Oferecemos mão de obra. Século após século, oferecemos nossos rostos, cabelos, úteros, seios, e ainda são os homens que embolsam o dinheiro que é ganho com tudo isso. Eles gerenciam, possuem ou compram na mesma hora todos os negócios que fazem qualquer tipo de sucesso. Lambert e Reijo nunca

ganharam dinheiro com nada que não fosse baseado no que uma mulher pode dar. Na Suécia, transformavam jovens aspirantes em estrelas do palco e foram fazer o mesmo nas ilhas Canárias. Na Tailândia, começaram a vender pacotes de turismo para solteiros e remédios baratos para impotência. Depois do acidente de barco de Reijo, Lambert parece ter se cansado da Tailândia e passado para o mercado russo em ascensão, onde encontrou Alla e um novo setor de negócios baseado em sonhos. É bastante irônico que justamente eu tenha tido uma filha como você e entrado no comércio de cabelos por intermédio de Lambert.

06.03.2013

Helena pensou em deixar Lambert muitas vezes, e eu a apoiei da melhor forma possível, mas, toda vez que ela tomava essa decisão, Lambert vinha à Finlândia, agia como pai e marido exemplar por um tempo, jurava que logo voltaria para em definitivo e depois desaparecia de novo. Quando Alvar estava chegando à idade de ir para a escola, Lambert descobriu que havia oportunidades nas ilhas Canárias. As ilhas haviam passado a receber um grande fluxo de turistas finlandeses, e bares finlandeses estavam sendo abertos; havia demanda por entretenimento. Lambert era um profissional da área e decidiu abrir um restaurante com o melhor palco das ilhas, que seria reservado apenas para Helena. Ela teria que esperar as crianças crescerem um pouco mais. Então poderia se juntar a ele e cantar toda noite.

Helena acreditou na conversa fiada de Lambert até receber a ligação de uma velha amiga dos tempos da Suécia. Ela havia passado as férias nas ilhas Canárias e visitara o bar de Lambert. Ele tinha uma nova estrela, cujo nome artístico era Ann-Helen. Segundo a amiga, os dois mantinham um relacionamento íntimo. Helena ficou arrasada.

09.03.2013

Com frequência, eu queimava o seu cabelo como forma de descartá-lo, e considerava esse método inofensivo, até que um dia você ficou tão enjoada que a vovó suspeitou de envenenamento por monóxido de carbono. Ela também estava se sentindo mal, e eu cheguei a ter dor de cabeça. Eu tinha jogado o seu cabelo no forno na noite anterior, e me ocorreu que as duas coisas podiam estar relacionadas. Seu cabelo estava ficando mais forte e começava a demonstrar vontade própria. Se você estivesse fazendo birra, era preciso fazer força para cortá-lo, e, à noite, você acordava com pesadelos estranhos. Neles, você estava em Amul, como chamava o lugar, e em cenários que reconhecia de filmes do Chaplin. Uma vez, você disse que sonhou que estava brincando com uma mulher que a gente tinha visto num documentário sobre Chicago e a Grande Depressão.

Eu parei de queimar os seus cabelos e os pesadelos cessaram imediatamente. Mais tarde, a vovó pegou você tentando botar fogo nele por conta própria. Você levou umas palmadas. Nessa época, eu passei a fumar cachimbo de vez em quando.

A vida na casa de Naakka era difícil, e a vovó era rígida em relação a álcool. Ela conhecia o vendedor da loja de bebidas, e eu sabia que levaria uma bronca em casa se comprasse uma garrafa de vinho. O cachimbo era uma solução mais fácil. Ele me acalmava, fazia com que as coisas parecessem que ficariam bem, me dava confiança, e era disso que Helena precisava depois daquela ligação fatídica. Eu fiquei sabendo das traições de Lambert por Marion, que me ligou em pânico e pediu que eu os visitasse. Os vizinhos reclamavam do barulho à noite, e Helena chorava sem parar.

A cena com que deparei na casa de Helena era desanimadora. Eu preparei um cachimbo para ela. Helena dormiu imediatamente.

Eu ia vê-la sempre que podia, embora fosse complicado planejar essas visitas. Eu não podia deixar você com a vovó. Se ela descobrisse o nosso segredo, você provavelmente se afogaria num poço por acidente. Era assim que lidavam com anomalias naquele vilarejo. A gente não tinha dinheiro para hospedar em hotéis, e eu não tinha coragem de levar você comigo para Laajasalo, porque temia que Helena reconhecesse o seu cabelo como o ingrediente secreto do que ela estava fumando. Assim, durante as minhas visitas, você ia ao parque ou ao zoológico Korkeasaari com uma babá.

Eu mandava cabelo para Helena usar no cachimbo regularmente, e isso a ajudava. As crianças não perguntaram nada sobre a mãe ter começado a fumar cachimbo de repente. Elas estavam satisfeitas por Helena conseguir dormir e com o fato de o choro ter parado. Eu devia ter lembrado que um copo de vinho era o suficiente para fazer Helena apagar, mas não conhecia outro jeito de ajudá-la, e, naquela época, não se falava de ajuda profissional.

Marion me mantinha informada sobre o estado de Helena. Ela era adolescente, com idade suficiente para cuidar de Alvar e da casa da melhor maneira possível. Não havia muitas notícias de Lambert. Às vezes, ele enviava um telegrama para a família, um cartão, de vez em quando dinheiro. Quando Helena quebrou o telefone de casa, Marion foi a um orelhão me ligar. Foi nessa época que Helena começou a sair sozinha. Certa ocasião, a polícia a levou de volta para casa: Helena havia pegado o bebê de alguém do carrinho e começado a cantarolar baixinho uma canção de ninar. No fim, Marion se encheu. Ela não queria desperdiçar sua juventude cuidando da família, e, assim que arrumou um namorado, Bergman, foi morar com ele. Eu visitei a nova casa de Marion uma vez e suspeitei que logo haveria um bebê engatinhando pelo tapete recém-comprado.

Depois de seis meses, a nova mulher de Lambert quis se casar, e ele se divorciou de Helena. Antes do evento trágico, Marion me ligou e disse que Helena não parava de falar sozinha, batia o cachimbo na mesa, constantemente procurando alguma coisa, e revirava os envelopes que eu tinha mandado. Entendi imediatamente do que se tratava. Aqueles eram sintomas de abstinência. Comecei a me organizar para fazer uma visita a Helena. Antes disso, mandei uma grande dose para ela.

Esse foi o maior erro da minha vida.

Quando o primeiro jornalista parou diante da casa de Naakka, a vovó estava colhendo cenouras no jardim, e o fotógrafo começou a tirar fotos antes que ela percebesse do que se tratava. Eu vi e ouvi pela janela da cozinha, que estava entreaberta, a vovó ficar boquiaberta, negando tudo. Não, não é possível, repetia ela. O jornalista percebeu que tinha chegado antes de todo mundo, tentou disfarçar sua felicidade e começou a fazer perguntas a meu respeito. Os vizinhos em Laajasalo falaram da melhor amiga de Helena, com quem ela havia passado alguns anos em Gotemburgo. O telefone tocava sem parar. Amigos da Suécia começaram a ligar, queriam tentar lembrar as vezes em que haviam suspeitado de alguma coisa, de que havia algo de errado. Até Reijo tentou entrar em contato, mas a vovó arrancou o telefone da parede.

A entrevista com Elli Naakka, a aldeã horrorizada, acabou nos tabloides. Isso era só o começo. A imprensa atacou a carniça com uma voracidade que nenhuma outra criatura igualaria. A vovó não foi acuada de novo. Pelo contrário, ela espantou os intrusos com seu cão, Turre, e eu evitei sair de casa. Temia que alguém percebesse que os sintomas de Helena eram de abstinência, que a polícia revistasse o apartamento dela e me pegasse; eu perderia você, e descobririam o seu segredo. Meus temores eram reais, embora eu tivesse sido cuidadosa. Eu nunca tinha colocado nome de remetente nos envelopes e havia anotado o endereço de Helena com a letra mais diferente possível. Suponho que eu já previa que algo fosse acontecer.

A família religiosa de Helena culpava o demônio, não as drogas, não doenças mentais. Pregadores comparecerem ao vilarejo e até um exorcista os visitou. Analisaram toda a árvore genealógica de Helena: enforcado, afogado num rio ou morto de alcoolismo, cada parente com um destino malogrado provava que havia uma maldição na família. Uma antiga professora de Helena foi interrogada e disse que sim, sempre tinha havido algo estranho nela. Todos os antigos colegas de escola tinham alguma história para contar, algum encontro estranho com ela. As crianças passaram a ter medo de ir sozinhas para a escola; aparentemente, Helena Maluca espreitava o caminho até lá. Os boatos começaram a se espalhar, e logo surgiram as acusações de que ela era uma vadia. As pessoas sentiam pena de Lambert e inventaram que Helena se oferecia aos homens atrás do supermercado desde criança.

Depois de Helena ser presa, Alvar foi levado para morar com os avós, que faziam com que ele dormisse de porta trancada e procuravam por traços de Helena no garoto. Ele se envolveu em brigas no vilarejo. Eu fui visitá-lo algumas vezes e jamais vou me esquecer de como ele se agarrava às minhas pernas e não parava de pedir que eu ligasse para o seu pai. Mas eu não podia fazer isso, não para aquele homem. Mais tarde, Alvar conseguiu fugir e chegar sozinho à Suécia. Ele só voltou à Finlândia graças aos negócios de Lambert.

Quando encontrei Alvar por acaso em Kuopio, senti anos de preocupação se dissiparem. Ele havia crescido e se tornado um jovem inteligente, e eu sou muito grata por isso. Conversamos sobre todas as velhas histórias no caminho de volta de Helsinque, e Alvar me contou como, nos piores momentos, Helena havia cortado seu próprio cabelo e tentado fumá-lo. Ela esperava pela correspondência dia e noite, deitada diante da caixa dos correios, e lambia os envelopes. Alvar pensava que fosse erva. Ele me agradeceu pelo seu primeiro baseado, abriu um sorriso largo e perguntou com que variedade eu trabalhava. Porque aquilo era diferente de tudo que ele já havia fumado desde então.

Com o passar dos anos, aparentemente Marion teve alguns relacionamentos mais longos, um gato, e havia passado algum tempo vagabundeando por Estocolmo. Voltou para a Finlândia depois que Lambert comprou o salão de cabeleireiros para ela. Parecia ter encontrado o equilíbrio, seu lugar no mundo. Eu tinha receio de perguntar sobre filhos, mas tomei coragem. Alvar ficou em silêncio por bastante tempo. Então disse que Marion acreditava que Helena estava certa sobre uma coisa: Marion não deveria ser mãe. Certa vez, quando estava bêbada, ela até tinha dito que poderia tolerar qualquer coisa na vida, mas não ter um filho que acabasse como Helena. Nunca correria esse risco. Isso era culpa minha também. Eu levei Helena além dos limites. Tudo o que aconteceu depois foi de minha inteira responsabilidade.

10.03.2013

O assassinato do terraço de Laajasalo ainda é mencionado quando os jornais sensacionalistas resolvem lembrar antigos escândalos, e o evento não desapareceu da mente das pessoas. Uma cliente do salão puxou o assunto de Helena enquanto lia um post do site assassinato.info. Logo percebi que Marion empalideceu, e sussurrei que eu terminaria de pintar o cabelo da mulher.

A cliente era uma daquelas pessoas que adoram uma tragédia, dona da verdade, e se considerava uma especialista privilegiada no caso porque, por acaso, morava no mesmo prédio que Helena. Tinha ouvido Helena cantar e conhecia pessoas que a viram ir ao terraço naquele dia. O lugar havia se tornado um ponto turístico para curiosos, o que tinha inflacionado os valores imobiliários. A mulher sussurrou que havia conseguido vender o apartamento para uma família de imigrantes que não tinha ouvido falar do assunto. Se eu pudesse, teria dado um tapa naquela tagarela. Tive que ouvi-la por mais de uma hora fazendo suposições sobre o que poderia ter acontecido com as crianças e como as pessoas falaram sobre divórcio, amantes, e como qualquer mulher enlouqueceria com algo assim. Ela estava convencida de que o verdadeiro alvo era Lambert.

Eu sempre achei que Helena quisesse se assegurar de que a família não procriasse mais, e o ato tinha sido seu jeito de fazer isso. Eva me falou de tragédias parecidas, e sua opinião é clara: não vale a pena transferir a possibilidade de loucura para os filhos. Embora a predisposição à esquizofrenia fosse herdada apenas em dez por cento dos casos, percebo que Marion vive preocupada com isso.

O que aconteceu com Helena poderia acontecer com você se seu segredo fosse revelado ou se tivesse filhos com a mesma anomalia. Se você for revelada, os riscos à sua vida não se limitam a acabar na máquina do setor de beleza ou ser perseguida por um bando de empresários, investidores e médicos. A natureza imprevisível dos seus cabelos é o verdadeiro perigo. Ele pode reagir de forma que, caso se revele, impeça você de ser adequada para propagandas de tinturas de cabelo, capas de revistas de beleza ou como o rosto de novos produtos para o cabelo, como as irmãs Sutherland. Você nunca seria uma musa nem uma estrela infeliz, como Elizabeth. Acabaria na prisão, no hospício ou em alguma outra instituição planejada para pessoas que representam um perigo para outras. Viriam tirar fotos da sua casa e da sua janela, e os abutres encontrariam mais uma vez o caminho para a casa de Naakka. Produtores de programas de televisão sobre excentricidades surgiriam de todo canto do mundo e decidiriam filmar paisagens nacionais tradicionais circundadas por bétulas, em frente a casas de fazenda. Grupos de pesquisadores viriam estudar o genótipo da família. Só tem velhos no vilarejo, mas eles iriam falar da estranha família Naakka e da mãe superprotetora, que não deixava a filha sair sozinha, nem que ela fosse a passeios da escola, acampamentos ou à catequese. Mais uma vez, todos teriam uma história a contar, e ninguém conseguiria resistir aos seus quinze minutos de fama.

SETE

Eu fiz a família de Helena passar por todas as coisas que eu temia. É culpa de Eva. Se eu soubesse os efeitos que seu cabelo podia causar, talvez Helena nunca tivesse ficado doente. No máximo, teria tido uma crise nervosa por causa de Lambert e recomeçado a vida. Marion teria uma família e estaria vivendo a época mais atarefada de sua vida agora, levando os filhos para atividades extracurriculares e correndo para o trabalho. E eu não seria como um motorista bêbado que, depois de atropelar alguém, vai ver como está a família da vítima e torce para não ser pego.

Quando Norma entrou no salão pela manhã, havia um homem desconhecido encostado na porta dos fundos, sorrindo como se esperasse por ela. Norma congelou. Marion não tinha dito nada sobre visitas surpresa.

— Você deve ser a filha de Anita — disse o homem, levantando a caneca de café fumegante em um cumprimento.

Norma fechou os olhos por um instante. O homem era alto e magro, perigoso. A imagem não desaparecia. Pelo contrário, só ficava mais intensa, e o cabelo dentro do turbante começou a se contorcer, como se tivesse levado um choque. Também podia ser por causa das caixas de cabelo que reapareceram misteriosamente sobre o balcão. Ela havia trazido as caixas para Marion na noite anterior e a tinha observado esvaziá-las e levar o cabelo para a sala dos fundos, jogando a embalagem fora. Alguém havia tirado o papelão e o celofane do lixo e empacotara novamente os cabelos. Talvez tivesse sido aquele homem.

— Um nome bonito, raro para uma finlandesa.

— Quando a minha mãe foi pedida em casamento, estava tocando no rádio uma ópera com esse nome — explicou Norma, ao mesmo tempo percebendo que aquele devia ser o irmão de Marion, Alvar, o filho de Helena Maluca. Irmãos sempre têm semelhanças, e o cabelo daquele homem esteve nas roupas da mãe ou de Marion. Por isso o cheiro lhe era familiar. Instintivamente, ela havia associado o homem a Helena, às conversas que sempre ocorriam quando o nome dela era citado. Buscara pelo tom de voz e pelos olhares que diziam sinalizar perigo. Agora, ela era culpada de se comportar da mesma forma, e sua língua ficou pesada de vergonha. Se Helena fosse sua mãe, ela nunca iria querer estar com alguém que se lembrasse do caso, muito menos encontrar a pessoa responsável pelo que aconteceu. O fato de Alvar não saber disso não fazia Norma se sentir melhor. Ela sabia, e isso era o suficiente.

— Meus pêsames, todos nós gostávamos de Anita — disse o homem, e puxou uma cadeira para Norma, como se ela fosse uma donzela prestes a desfalecer, para quem era preciso encontrar um banco de praça ou uma saída de emergência.

Um copo d’água apareceu diante dela, assim como uma caixa de lenços de papel e uma xícara de café recém-passado. O homem usava gel para cabelo Rochaholic Punk Out, da TIGI, e, de seu pós-barba da Burberry, era possível distinguir o aroma de artemísia e cedro. Ele havia bebido no dia anterior, não muito, tinha comido algo oriental, com limão, gengibre, canela, maçã e muitos complementos vitamínicos. Traços de diazepam, talvez de duas semanas atrás, mas nenhum outro medicamento, nenhuma droga, nenhum produto com testosterona. E um cachorro; ele tinha um pastor-alemão.

— Marion contou para você a história do nome dela? Helena ouvia discos de Marion Rung quando sentia saudade de casa. Na Suécia. Já ouviu falar dessa cantora? Uma das estrelas da Finnhits, Tipi-tii e El Bimbo — disse Alvar. — Esqueci de me apresentar. Eu sou Alvar, irmão de Marion. Ouvi falar muito bem de você. Mas você foi embora do funeral antes que eu tivesse a chance de dar minhas condolências.

A mão suada de Norma afundou, hesitante, no aperto firme de Alvar, como se expressasse culpa. No funeral, ela havia entupido o nariz, dopando-se com benzodiazepínicos e escopolamina, achando que essa combinação a ajudaria a enfrentar o evento. Não se lembrava de ter visto Alvar por lá e, para evitar responder, pegou a xícara de café.

— A gente espera que você possa nos ajudar com essas caixas. Marion me contou que você encontrou uma nota sobre um pacote dos correios no meio das correspondências de Anita e, depois de pegá-lo, concluiu que devia ser nosso.

Norma sentiu o turbante se afrouxar, as raízes do cabelo se abrindo e a pele formigando. Havia sido descuidada. Quando Marion tinha recebido a caixa, as raízes do cabelo começaram a pulsar de excitação e um sorriso se abriu em seu rosto, mas nenhuma pergunta desconfortável havia sido feita. Marion aceitara a explicação vaga sobre o pacote misterioso, como se fosse completamente desnecessária, e Norma tinha pensado que lidaria com o assunto mais tarde com Marion, cuja discrição com qualquer assunto relativo à sua mãe era total. Ela não temia que alguém a abordasse logo na manhã seguinte. Marion era filha de Helena, razão pela qual rumores e olhares curiosos a seguiam também, porém ela não emanava aquele ar de perigo.

— Acho que Anita mencionou que a sogra da irmã ou da prima era da Ucrânia, ou algo assim — disse o homem. — Então essas caixas são de lá?

— Sim.

— A embalagem original não está aqui, nem o recibo do correio.

— Eu joguei tudo no lixo.

— A gente só quer os dados para contato.

— Eu não guardei nada disso.

Norma teve tempo de notar a careta no sorriso do homem.

— Vamos fazer assim: você nos ajuda dando os dados para contato e, no futuro, recebe uma parte das vendas.

O homem tirou os cabelos da caixa. O estômago de Norma se revirou. Um cacho que havia escapado do turbante se enrolava. Norma sentiu o toque de Alvar em sua espinha, sentiu o modo como seus dedos corriam pelos fios que ele levantava da caixa, penteando-os com longos movimentos. Quando o homem prendeu a mecha em volta do pulso, foi como se a palma da mão dele tocasse o pescoço de Norma, as pontas dos seus dedos em seu pescoço. Era uma alucinação, uma alucinação causada pelo choque, mas a sensação não era de estrangulamento; parecia uma carícia.

— Vinte por cento. Por Anita.

Norma se apoiou na parede da rua, a superfície áspera arranhando suas costas de forma relaxante, e conseguiu pegar o maço de cigarros no bolso. Alvar ofereceu fogo. Ele era um desses homens que abrem portas, puxam cadeiras, oferecem bebidas e tiram os casacos das mulheres. Porém, a sensação de perigo não passava, continuava presente. Apesar disso, o homem não tinha cheiro de criminoso, os níveis de dopamina não eram os de um homem propenso a violência, nada nele cheirava a loucura, ele não se comportava de forma estranha, não estava prestes a puxar um machado escondido debaixo do casaco. Talvez ela sentisse perigo no homem por haver descoberto sobre os cachimbos e sua culpa pelo estado de Helena na noite anterior. Sem ela, Helena não teria perdido o controle, teria se recuperado do divórcio

e talvez até mesmo colocado a vida de volta nos trilhos pouco a pouco. Ela poderia ter ficado com os filhos, e os filhos poderiam ter ficado com a mãe. Marion teria uma família. Agora, Norma compreendia de outra forma as palavras de Anita no vídeo. Sua mãe tinha visitado Helena todos aqueles anos não só por causa da amizade, mas por um sentimento de culpa, e tivera de conviver com isso por décadas.

O homem se aproximou e, mais uma vez, desculpou-se por ter de importuná-la com esses assuntos tão perto da morte de Anita. Norma tentou olhar nos olhos dele. Não conseguiu. Seu rosto ardia, a circulação sanguínea se concentrava no couro cabeludo e no nariz, e tinha certeza de que ele perceberia que ela o via como o filho de Helena Maluca, pois Alvar era um especialista na área, assim como Norma era uma especialista em cabelo. Ela desviou o olhar para o céu, para as varandas e escadas de incêndio dos prédios residenciais do outro lado da rua. Depois voltou a observar o asfalto, os varais de roupa, os pneus dos carros, as janelas dos fundos e as manicures da esmalteria e seus tornozelos. Ela não havia se preparado para suas próprias mentiras.

— Está me ouvindo? Você parece um cervo diante dos faróis de um carro.

O homem estalou os dedos. Norma se sobressaltou.

— A gente pode ajudar a encontrar os dados para contato. Anita tinha outros telefones?

A voz do homem, tão normal e sensata, parecia um oásis num dia quente, e clareou os pensamentos de Norma. Seus olhos dispersos pararam num chiclete esmagado sobre o asfalto. Alvar suspeitava que sua mãe tivesse mais de um celular. Por quê? Teria ela escondido um em algum lugar, assim como havia disfarçado os vídeos com a cópia de uma chave deixada com a florista? Norma não entendia o que estava acontecendo. O contato dos ucranianos não podia ser tão importante a ponto de fazer com que Lambert a seguisse e Alvar a espionasse no salão, a não ser que eles suspeitassem da verdade, o que não era possível.

— Tudo vai ficar bem quando a gente conseguir essa informação. Por que não olhamos essas coisas amanhã, quem sabe? Passo aqui à noite — disse o homem, olhando para seu relógio. Quando conduziu Norma para dentro com um leve toque em seu cotovelo, ela percebeu que Alvar estava acostumado a tratar as pessoas como um cabeleireiro cuida de cabelos.

A voz feminina do GPS dava instruções, estações de rádio eram mudadas a todo momento, previsão do tempo, comerciais e música se fundindo em um único som, o que fazia os olhos de Marion estremecerem. Eles não dormiram muito na noite anterior e só estariam de volta a Helsinque pela manhã. Marion desejou que, em vez de ficar mudando as estações de rádio, Lambert se concentrasse em dirigir.

— Alvar parece ter conseguido estabelecer alguma conexão com a garota — comentou Lambert. — Às vezes ele tem esse tipo de poder, como um toque mágico.

— Norma não roubou nada. Ela não precisa ser tratada como uma ladra.

— Como Albiino, você quer dizer? Melhor não falar mais disso. Por causa dos seus nervos.

Marion se concentrou em observar uma abelha morta no painel. O carro de Lambert estava estacionado em algum lugar perto da cidade de Hämeenlinna, onde os capangas deixaram um automóvel os aguardando para seguirem viagem. Normalmente, Lambert deixava seus homens fazerem o trabalho sujo, mas, dessa vez, preferiu cuidar do assunto ele mesmo e só quis levar Marion junto. Para aprender, dissera ele. A ideologia de Lambert era de que um bom líder pega no pesado de vez em quando. Somente assim o valor e o custo do sucesso não serão esquecidos.

— Vamos tomar um café quando chegarmos, para você se animar — prometeu Lambert, e começou a cantarolar. Ele estava bem-humorado, bem-humorado até demais.

A semana da festa de são João tinha feito as pessoas viajarem para as celebrações, e o bairro residencial parecia deserto. Entre as casas construídas nos anos do auge econômico, havia terrenos baldios. Era possível identificar como os edifícios eram construídos antigamente numa loja fechada com a vitrine decorada com fita adesiva desgastada pelo tempo, de uma época em que redes de lojas e hipermercados ainda não haviam anunciado a falência do pequeno comércio local. Nesse período, Marion usava o secador de cabelo para abafar os sons de brigas e praticava para sua profissão cortando o cabelo de Alvar e Helena, que não tinham dinheiro para ir ao cabeleireiro.

Lambert estacionou atrás de um quiosque fechado. O estacionamento havia sido invadido por mato, e as janelas do quiosque estavam cobertas por tábuas. Marion saiu para esticar as pernas e parou para ouvir. O silêncio era absoluto. Os dois se fundiam no verão pálido como um peixe na água escura; ninguém os veria.

— Lasse fez um bom trabalho. Tenho novas listas — declarou Lambert.

Ele cortou caminho por meio de dois lotes invadidos pelo mato, parou para examinar o jardim de Kristian, pegou algumas cebolinhas e as colocou na boca. Alguma coisa tinha ficado presa na cerca do galinheiro. Talvez um pássaro, talvez um porco-espinho. Os olhos de Marion se voltaram para uma cama elástica e um tonel. Ela não se lembrava do que as pessoas colocavam nos quintais na época de sua infância. Não tivera amigos que brincassem no parquinho do quintal construído pelos pais. Marion segurou a barra de sua saia; urtigas já

haviam roçado seus tornozelos, que agora ardiam. Ela não tinha a autoconfiança arrogante de Lambert e observava as casas vizinhas — as janelas continuavam às escuras, não havia movimento.

— Prove os morangos.

Lambert limpou o canto da boca com um lenço.

— Uma fruta delicada. Não tolera ser transportada, senão poderíamos colher alguns para levar com a gente. O que você acha, devemos dar um pequeno bônus de são João para Lasse?

Lambert verificou a porta dos fundos. Estava aberta. Ele balançou a cabeça, com vontade de rir.

Kristian havia caído no sono diante da televisão. Na mesa de centro estava uma salsicha comida pela metade e uma garrafa de cerveja vazia. Enquanto Lambert acordava o anfitrião, Marion foi verificar os quartos, embora soubesse que a esposa e os filhos estavam na casa da avó — os capangas tinham verificado os horários da família. Ouviu-se um barulho vindo da sala: uma garrafa caiu no chão e os pés da cadeira rasparam no chão. Kristian não fazia nenhum som. Marion espiou de trás da porta dupla. Lambert havia acendido as luzes e fechado as cortinas.

— Prepare um lanche, para mim, por favor — gritou Lambert.

Marion procurou filtros de café. Ela encontrou uma pomada de cortisona em frente ao rádio e colocou um pouco nos tornozelos queimados pela urtiga. Havia uma lista de compras para a semana num bilhete escrito preso na porta da geladeira, e o congelador estava cheio de potes de plástico com refeições, salada de batata, almôndegas, fatias de presunto. Havia uma pilha de embalagens de salsicha vazias em cima da pia, assim como uma fileira de garrafas de cerveja, de que Kristian provavelmente planejara se livrar antes que a esposa e os filhos voltassem da casa da avó. Dava para ver a área de serviço nos fundos da cozinha. Marion começou a sentir pena da família enquanto olhava para a secadora e o guarda-roupa, as chuteiras das crianças enfileiradas, mas não havia o que fazer agora, ela não poderia mudar o curso dos eventos. Kristian trabalhava para a família porque tinha dívidas com Lambert. Ele não era voluntário, como Lasse, mas tinha começado a arrumar problemas. Marion ligou o rádio e tapou os ouvidos.

No caminho de casa, Lambert sorriu.

— Você se lembrou de trazer o lanche?

— Fiz uns sanduíches.

— Ótimo. Café?

— Na garrafa térmica.

— Não consegui nada novo de Kristian. Anita deve ter dado um bom dinheiro para ele.

Marion não entendeu. Ela havia pensado que o objetivo da viagem era eliminar o sujeito.

— Alvar mostrou a foto de Anita para os empregados da agência. Kristian reconheceu Anita, embora tenha tentado negar no começo. Eles não deviam ter tido nenhum tipo de contato.

— Por que ninguém me falou nada?

— Por causa dos seus nervos.

Marion olhou para Lambert, mas sua expressão não revelava nada. Se Anita havia começado

a trabalhar por conta própria com Kristian, ela teria procurado outros empregados também? Anita tinha dinheiro para subornar as pessoas, podia ter descoberto uma lista de clientes, mulheres que eram barriga de aluguel ou empregados da agência. Marion teria de visitar Lasse o quanto antes e se assegurar de que estava tudo bem. A caixinha de metal ficaria segura na casa dele, desde que ninguém suspeitasse de nada.

— Como é que essa mulher conseguiu encontrar Kristian? Quem falou para Anita sobre as operações da agência? E por quê?

— Você descobriu mais alguma coisa?

Marion não reconhecia a própria voz. Estava fina e oscilante, mas Lambert não pareceu notar. Entre seus comentários, ele cantarolava uma música que Helena gostava de cantar quando viajava de carro. Ela e Alvar sentados no banco de trás, raspando o gelo dos vidros do Volvo. Sanduíches de salame embrulhados em papel filme. Cantoria. Brigas.

— Kristian não sabia para quem Anita estava trabalhando. Vamos ver o que acontece, se alguma coisa acontece. Talvez a mensagem tenha sido transmitida.

Marion fechou os olhos, fingindo que dormia. Dois cadáveres eram uma mensagem forte o suficiente para qualquer pessoa. Porém, a canção não parava de tocar em sua cabeça. O caso de Kristian pareceria suicídio, overdose ou ambos. Quando Lambert disse que estava pronto para ir embora, Marion sequer olhou para a sala — ela sabia manter os olhos onde devia. Também não se lembrava de como Bergman estava naquela noite, da aparência dele quando fora morto, a faca no peito. Faltava uma lembrança clara. Havia apenas relances, o cheiro de sangue e a sensação de que seus dentes estavam prestes a cair, a porta do terraço aberta, cortinas brancas balançando ao vento, a tristeza. Ela não se lembrava de nenhum som. Só das mãos de Helena, as mãos tentando alcançar o cachimbo, e de sua boca, que se mexia como se estivesse falando, provavelmente para as mesmas vozes de antes — para o doutor Jackson, Alma, uma criança que ela havia deixado esperando em algum lugar, esperando para sempre. Lambert não tentara impedir Alvar de puxar Helena para a porta; ele tinha ficado parado como uma estátua, depois tirara um frasco do bolso interno da jaqueta de linho e entregara a jaqueta para Marion. O leite encharcava a camisa. Luzes piscavam, alternavam entre azul e vermelho. Apenas azul e vermelho. Todo o restante fora engolido pelo túnel da noite, um buraco sem-fim.

Algum tempo depois, Marion foi visitar Alvar na casa dos avós. Ele tentou impedi-la de ir embora escondendo seus sapatos, e, quando ela caminhou pela rua principal do vilarejo, as pessoas ficaram olhando para a filha da Helena Maluca, andando com os sapatos usados pela mãe para ir à igreja. Uma criança cantarolou aquela música de forma irritante, e outra passou de bicicleta e gritou: “Maluca!” Naquela rua, Marion decidiu que jamais entregaria seu coração a alguém, que não deixaria a doença de Helena Maluca ser herdada, que não queria mais pessoas como Lambert no mundo. Para Marion, sua família acabava ali.

Norma não entendeu o papel em cima da mesa, embora fosse óbvio que ele tinha a ver com o assunto, o problema sobre o qual Lambert queria conversar no cemitério. Ela reconheceu a letra e a assinatura da mãe. Ao lado, estava escrito Max Lambert. Norma tinha herdado as dívidas de Anita.

— Você já pensou na melhor forma de pagamento? — perguntou Alvar.

— Minha mãe não pegava nem açúcar emprestado com os vizinhos. O que ela teria feito com uma quantia dessas?

— Comprado um rim novo para a sua avó.

Norma tapou a boca com a mão. A risada fora involuntária, inapropriada para a situação. Os zeros ainda saltavam aos seus olhos. Alvar colocou uma taça de vinho tinto na mão dela e ofereceu fogo. Norma tinha se esquecido de acender o cigarro. Como estava se passando por uma pessoa que não tinha nada a esconder, ela não havia protestado com o convite de Alvar de ir à sua casa. Teria sido melhor se encontrar com ele num lugar público, mas agora ela entendia a razão da visita. Alvar sabia que o assunto seria perturbador, e notícias dessa natureza deviam ser dadas entre quatro paredes. O turbante parecia apertado como um aro de metal.

— Aparentemente, havia pouco tempo, e Anita queria acelerar as coisas.

— Onde ela iria conseguir algo assim com tanta rapidez?

— Anita foi para a Romênia. Comprar cabelo para Alla. Talvez lá. Pelo menos foi lá que ela descobriu a facilidade com que mulheres pobres vendem seu cabelo ou qualquer coisa que as pessoas queiram comprar.

— Mas isso é ilegal.

— Os fins justificam os meios. Você pretende continuar com a operação?

— Do rim? Não!

— Nem pela sua amada vovó?

Alvar inclinou a cabeça, e Norma instintivamente deu um passo para trás. Ela bateu no peitoril da janela. Sua mãe mais uma vez tinha mentido para Lambert. Não havia nada de errado com os rins da vovó, nem Anita se envolveria num esquema assim por ela. Cada palavra relacionada a Elli Naakka no vídeo da mãe era prova disso, a voz amarga, as rugas entre os olhos. Ela só teria se envolvido numa loucura ou feito empréstimos por Norma ou Helena, por mais ninguém.

— Como você pode ver nesse documento, a primeira parcela vence em julho — avisou Alvar.

O vento que vinha da janela aberta não refrescava a cabeça de Norma. Os ventiladores que ela havia colocado em pontos estratégicos antes da visita não ajudavam em nada. O vinho e os cigarros não a faziam se sentir melhor. Não havia solução. O tempo não era suficiente para ela arrumar o dinheiro. O inventário que seria feito em agosto não lhe traria nada além de objetos pessoais sem valor. A caução do aluguel da mãe era pequena demais, o que não lhe garantiria

um empréstimo. Seria inútil pedir ao banco — os anos loucos estavam no passado, e Norma não conseguiria crédito. Isso era culpa dela mesma, uma irresponsabilidade do passado, quando a vida era mais descuidada e ela pensava que era merecedora de tudo por causa das suas peculiaridades. Norma não gostava de pensar nessa época, mas agora pagava o preço por ela. Lambert provavelmente já sabia que ela não conseguiria crédito. De onde pessoas desesperadas pegam dinheiro emprestado? De homens como Lambert.

— Tenho a sensação de que você não está me ouvindo — comentou Alvar.

Norma acendeu mais um cigarro. De acordo com Alvar, Anita recebia cem euros por cada mecha de cabelo. Elas foram entregues em intervalos de duas semanas, vinte rabos de cavalo por vez. Quatro mil euros por mês, livres de impostos. Era muito, mas não o suficiente. Anita havia aceitado termos de empréstimo e parcelas totalmente arbitrários.

— É possível conseguir um rim por quinze mil euros. Anita pegou cem mil emprestado. Pensei que ela também quisesse ajudar parentes com problemas. No início, ela começou a vender cabelo por causa deles.

— Minha mãe nunca me falou nada sobre isso.

— Talvez seus parentes precisassem de mais dinheiro, caso você ache que o dinheiro não fosse só para o rim, o que parece ser o caso.

Alvar tinha se aproximado dela, se aproximado demais. O riso nervoso de Norma morreu, cinzas caíram sobre o tapete. Alvar se abaixou para limpá-las com um lenço que tirou do bolso. Ele não estava mentindo, falava a verdade, e Norma percebeu que sentia medo. As raízes do cabelo se contorciam como minhocas no asfalto quente, e sua paciência, preservada com tanto esforço, parecia prestes a acabar.

— Se Anita não usou todo o dinheiro, deve restar o suficiente para uma emergência. Você sabe onde ele está?

— Não. A conta da minha mãe está zerada.

— Para Lambert, o contato ucraniano é o suficiente. Ele vai dar o assunto por encerrado, e você ainda vai receber os seus vinte por cento. Seria um acordo excepcionalmente justo, por Anita — disse Alvar. — Eu não recomendaria pesquisar por voos. Você está com cara de que vai fazer isso. Em seguida, vai começar a chorar ou sugerir que a gente vá para a cama.

O rosto de Norma começou a corar antes mesmo de Alvar concluir a frase.

— E que essa seja a última vez que você tenta enganar a gente — completou ele. — Anita provavelmente não entrou nas redes sociais do além. O que você estava fazendo lá? Tentando encontrar dinheiro ou alertando os seus parentes ucranianos? Você sabe onde encontrá-los, não sabe?

Norma tinha sido pega. O e-mail. O Messenger. O Skype. As notificações da caixa de entrada. A página do Facebook do salão e a caixa de entrada entupida de Anita Elizabeth. Norma havia se desconectado da internet depois de usá-la, mas, mesmo assim, tinha deixado um rastro. Não iria se safar com essas pessoas. Elas sabiam o que estavam fazendo; ela, não. Norma ergueu a mão até o nó do turbante. Ele continuava preso.

— Não sei nada sobre os ucranianos. Só sei a senha do computador da minha mãe — comentou Norma. — Ela não deixou nenhum bilhete para mim. Eu tive que verificar o computador para ver se havia alguma coisa lá.

Alvar abriu um sorriso largo. Caninos pontiagudos. Barba por fazer de um dia. Verão nos

poros da pele. Por um instante, eles inspiraram o ar no mesmo ritmo, e Norma ouviu sua pulsação nos próprios ouvidos.

— Não foi uma performance ruim — disse Alvar, e limpou uma gota de suor do nariz de Norma. Ela respirou fundo e recuou. O momento havia passado. O que lhe dera para chegar tão perto de confessar?

Alvar tirou um cartão de visita do bolso.

— Me liga se acontecer alguma coisa.

— Como o quê?

— Qualquer coisa. Ou se você mudar de ideia.

Depois que Alvar foi embora, o apartamento parecia sem ar, as paredes pareciam encolher. Norma precisava sair dali. As manicures da esmalteria no térreo estavam finalizando o dia. Elas nunca se cumprimentavam, só olhavam para o chão. Não notariam que ela estava chorando, não reagiriam. Norma encostou a testa na grade da escada, que tinha ficado fria no pátio à sombra, controlou sua respiração e tapou a boca com a mão. As esmalterias surgiram ao mesmo tempo que os salões de apliques de cabelo, e nelas trabalhavam manicures vietnamitas. Era fácil reconhecê-las, assim como o cheiro azedo de medo. Elas tinham medo da chefe, e Norma tinha medo dos credores. Todas estavam no mesmo barco, e ninguém as ajudaria.

As latas de lixo já haviam sido esvaziadas, e os suplementos que Norma tinha jogado fora não estavam mais lá. Ela compraria mais na farmácia, compraria tudo o que fosse necessário. Havia prometido entregar cabelos para Alvar no mesmo ritmo que a mãe o fazia.

Segundo ele, aquilo era o suficiente para os juros, nada mais. A dívida só seria perdoada com o contato ucraniano.

Lambert limpou a geleia de framboesa do canto da boca. Antes de entrar na autoestrada, queria parar para comer um donut frito na hora, e realizou seu desejo no balcão de um posto de gasolina, que estava calmo àquela hora da manhã. Ele deixou o guardanapo amassado no prato e sorriu. Sementes de framboesa ficaram presas entre seus dentes.

— Trabalhar dá fome. Você devia comer também.

Marion mexeu sua caneca de café e balançou a cabeça. Ao voltar para casa, verificaria mais uma vez seu saldo. Isso a acalmava. Ao menos ela poderia ir embora, começar de novo. Uma boa cabeleireira sempre consegue trabalho, embora, sem cabelo ucraniano, ela não conseguisse encontrar um lugar tão incrível quanto merecia. Por isso estava esperando, querendo encontrar o importador antes de Lambert.

Lambert começou a juntar suas coisas, mas então pareceu se lembrar de algo, então pegou o celular do bolso interno da jaqueta e percorreu as mensagens.

— Isso foi enviado da clínica de Bangcoc.

Marion não ousou olhar para a tela do celular. Lambert a colocou diante dela. Talvez o gesto fosse um sinal. Talvez ela estivesse interpretando demais as coisas, talvez não quisesse dizer nada. Recentemente, mensagens da clínica de Bangcoc eram sempre más notícias para Marion. Ela ainda não conseguia entender como Anita tinha conseguido entrar na ala fechada e por que havia tirado os óculos escuros e o chapéu, revelando-se para a câmera de segurança. Talvez ela quisesse mostrar o rosto para a garota que interrogara, para lhe transmitir segurança.

— Vamos, olha — mandou Lambert. — Meu Deus, Marion. Não tem nada de Anita envolvida nisso.

Marion pegou o celular. Havia uma cópia de um passaporte japonês na tela.

— O que você acha? O empresário Shiguto quer uma criança branca. Aliás, de preferência, várias. A secretária dele fez uma encomenda.

— Se você tem dúvidas, não vamos aceitar.

— O homem já esteve em Bangcoc para doar esperma.

— E então?

— Já pagou.

— Qual é o problema?

— Nenhum, por enquanto. O homem é bastante jovem. Vinte e dois anos. Quantos clientes dessa idade a gente já teve? Alvar se lembrou daquele pedófilo americano.

— Mas ele não usou a nossa clínica.

— Não, e ninguém teria prestado atenção nele se a irmã não tivesse começado a fazer ligações para tudo que é lugar falando dos antecedentes dele.

Marion se lembrava do caso. Depois de se encher da indiferença das autoridades e das clínicas, a irmã do homem havia entrado em contato com jornalistas. O caso fez a mídia perceber que algo cheirava mal. Uma jornalista sueca conseguiu se infiltrar como cliente numa fazenda de crianças na Nigéria e gravou tudo com uma câmera escondida na mochila. Isso

acabou se transformando num escândalo na Suécia, e era apenas uma questão de tempo até alguém tentar fazer o mesmo. Por isso os colaboradores de Lambert lhe reportavam cuidadosamente qualquer coisa que parecesse minimamente suspeita. Por isso Anita havia sido pega. Tudo teria corrido bem se a clínica de Bangcoc não tivesse enviado a fita da câmera de segurança para Lambert. Tudo teria corrido bem se não tivessem vendido para Anita um mapa de câmeras de segurança antigo. Ela havia sido enganada.

— Marion, tira uma foto da garota, sem o turbante. Tenta fazer com que ela pareça apresentável.

Lambert pegou o celular e se levantou. Uma linha de açúcar ainda brilhava em seu lábio inferior.

— Para quê?

— A gente não tem nenhuma foto dela.

Marion não conseguiu engolir o café que tinha acabado de pôr na boca. Lambert estava procurando um comprador para Norma, e queria que Marion soubesse disso.

Ao se deitar na cama para ter seus cílios alongados, a garota se recusou a tirar o turbante, e Marion quase perdeu a paciência. As duas ainda estavam estabelecendo uma relação de confiança, e ela não podia estragar tudo, apesar da luta contra o tempo. Essa era a primeira noite que elas passavam sozinhas, sem clientes; até mesmo o telefone estava quieto. Todo dia Marion sugeria que fossem beber depois do trabalho, mas a garota sempre arrumava alguma desculpa.

— Já pensou em fazer curso de aplicação de cílios? — perguntou Marion, colocando um pouco de cola numa pedra de jade. — Não leva mais que um dia, e eu sou uma instrutora certificada. Se você ficasse responsável pelos cílios, eu teria mais tempo para as clientes de cabelo.

A respiração de Norma estava curta e rápida. Ela era totalmente diferente de Albiino. Não estava interessada no fato de que seriam apenas umas poucas páginas de teoria, muito menos em ganhar cílios novos. Ela só havia concordado em fazer os apliques depois que Marion piscara os olhos exibindo os cílios, lembrando que, num salão de cabeleireiro, era preciso ter cílios bonitos.

— Com tão poucos empregos disponíveis, muitas mulheres fazem cursos nessa área. Cabelos, unhas, cílios. O mercado é bom até durante a recessão. É um pequeno luxo no meio da correria diária — continuou Marion. — Alvar disse que você vai continuar fornecendo o cabelo da mesma forma que Anita. Isso é bom, as clientes não param de perguntar sobre ele.

Nenhuma resposta, só um tremor das pálpebras. Às vezes, uma mão subia para verificar o turbante.

— A gente só usa fibras artificiais ou cabelo natural, nunca pelo de vison, lembre-se disso. Ativistas dos direitos dos animais podem perguntar sobre essas coisas.

— Por que as pessoas não são tão rigorosas com o cabelo?

— Porque ele não tem nada a ver com direitos dos animais. Certificados de qualidade e o país de origem bastam — respondeu Marion. — E, se alguém perguntar, você explica que os fios são de alguma princesa hindu.

As poucas clientes que demonstravam algum interesse sobre a origem da nova cabeleira o faziam por terem visto um documentário sobre o cabelo dos templos ou terem lido sobre o assunto nos jornais. Por isso estavam dispostas a pagar um preço alto por apliques Great Lengths, enquanto, ao mesmo tempo, acreditavam que estavam praticando uma boa ação. A empresa justificava o preço alto com uma estratégia ética, alegando que o cabelo era adquirido apenas de Tirupati, dos peregrinos que ofereciam seus fios sem nenhuma remuneração em troca. Isso soava convenientemente romântico, e o sacrifício sagrado aumentava a aura em torno da companhia. O que não se discutia, é claro, era o que o templo de Tirupati fazia com a renda ou quanto os peregrinos tinham de pagar pelos barbeiros. Tirupati, sobrevivendo apenas de cabelo gratuito, havia muito tinha ultrapassado o Vaticano em questão de riqueza, e sua direção embolsava tudo que podia. Seria difícil encontrar um caminho mais corrupto para o

céu.

Finalizado o trabalho, a garota foi verificar o resultado, e, enquanto piscava os olhos, Marion tirou uma série de fotos pelo espelho.

— Você estava com uma expressão igual à da sua mãe. Ninguém se importa com a origem do cabelo. Anita não entendia isso — explicou Marion.

Anita havia tentado fazer as clientes se interessarem pela origem do cabelo, e ela só vendia as mechas quando estava convencida de que nenhuma pergunta inconveniente seria feita. Talvez a garota pensasse igual à mãe. Era hora de ir direto ao assunto.

— Lambert vai pagar bem pelo contato ucraniano. Você poderia parar de trabalhar, viajar. Fazer tudo o que quiser.

— Eu prometi a Alvar que forneceria o cabelo.

— Isso não vai ser o suficiente. Anita pegou um vultoso empréstimo.

— Por quê?

Norma não abriu mais a boca. Marion sequer tinha certeza se a garota havia perguntado alguma coisa ou se era apenas o seu próprio desejo de que ela perguntasse. Se ela tivesse feito a pergunta, então não acreditava que o empréstimo havia sido para a máfia ucraniana, o que significava que ela sabia de alguma coisa. Ou tinha um palpite. Marion tentou conseguir contato visual. Norma continuou muda. Por que ela não aceitava o dinheiro? Alvar e Lambert pareciam o tipo de homens com quem seria bom contrair dívidas? Será que alguém lhe pagara para ficar quieta ou ela fornecia cabelo para outra pessoa? Norma usava roupas comuns de uma loja de departamento sueca, de aparência popular, e, mesmo assim, não ficava empolgada com dinheiro. Marion decidiu abrir uma garrafa de espumante.

— Falando sério — começou ela, entregando uma taça para Norma. — A indústria da beleza sempre foi um campo das mulheres, com suas microempresas, que podiam ser tocadas de casa. Não precisa de muito capital, mas, quando o negócio começa a dar lucro, é sequestrado. Toda vez é a mesma coisa, tanto com mulheres como com negros. Somos aceitos como consumidoras, não como proprietárias que estão enriquecendo. Empresas multinacionais estão nas mãos de pessoas brancas, e elas devoram tudo. Unilever, L'Oreal. A África já está sob controle, a China e a Índia são as próximas. Anita odiava isso.

Norma pegou a taça. Ela ouvia, estava prestando mais atenção.

— Isso parece algo que a minha mãe odiaria.

— É por isso que Anita não suportava a ideia de Lambert se beneficiar de tudo isso.

— Eu nunca entendi por que a minha mãe veio trabalhar para ele.

— Não há muitas opções para mulheres de meia-idade, e é difícil fazer qualquer coisa sem dinheiro. Era para ser algo temporário. A gente tinha outros planos para o futuro.

Norma estava claramente interessada e voltou a fungar. Por um breve momento, Marion se perguntou se a garota podia se tornar sua nova parceira. Será que estava interessada? Seriam elas duas parecidas, precisando de uma amiga como Anita para buscar um novo rumo na vida, para ver o mundo com novos olhos? Talvez. Mas Norma aguentaria o tranco? Marion decidiu correr um risco menor, ela contaria uma parte, não mais.

— A gente planejava abrir um novo salão. Anita precisou do empréstimo para isso. Com o cabelo ucraniano, teríamos um ótimo começo.

A garota piscou com os novos cílios como se estivesse com um cisco no olho.

— Onde está o dinheiro?

— Em Londres. Anita o levou para um banco de lá e deu entrada num imóvel. Sem Lambert. Ele seria coisa do passado. Isso era segredo, claro. É difícil Lambert deixar alguém ir embora.

Marion pegou o celular e mostrou uma foto da Bond Street, onde seu salão teria sido montado. A garota não pareceu questionar como Anita tinha conseguido depositar tamanha quantia em espécie. Ela claramente não entendia como funcionavam os negócios. Marion suspirou.

— A gente podia abri-lo juntas, eu e você.

— Eu tenho que pagar o empréstimo a Lambert.

— Vamos cuidar disso depois de abrir o salão.

— A primeira parcela...

— Não se preocupa com isso, eu vou pensar em alguma saída.

Marion agarrou a mão de Norma e a apertou.

— Anita nunca entregaria o contato ucraniano para Lambert, nunca. Você também não deve entregar. Você fez a coisa certa. Promete que não vai falar disso com ninguém, senão...

— Senão o quê?

— Senão, eu vou ter o mesmo destino que Anita.

Norma apoiou a testa nos azulejos frios do banheiro. Sentia a cabeça pesada, fazia mais de quatro horas desde o último corte de cabelo. O cheiro que tinha ficado impregnado no tecido era tão azedo que deixava claro que algo estava errado. Havia um cacho em sua testa. Marion tinha falado de sua mãe com um carinho que era reservado apenas a amigos, além de não acreditar na hipótese de suicídio. Talvez Marion conhecesse o assassino, talvez tivesse medo dele. Ela havia falado a verdade sobre o salão, mas mentira sobre a Bond Street. Norma só não sabia sobre que ponto. Talvez o dinheiro estivesse lá, talvez não. Talvez Marion não soubesse onde ele estava, ou talvez quisesse ficar com ele.

Norma abriu a torneira para abafar o som do corte de cabelo, segurou os fios e os prendeu com um elástico. Abrir um salão não fazia sentido, embora pudesse explicar a necessidade de um empréstimo. Sua mãe sabia dos fios brancos. Ela mentira para Marion sobre o motivo do empréstimo.

Depois de colocar as mechas na bolsa, Norma estava pronta para conseguir mais informações, para continuar a noite. Ela saiu do banheiro. Marion, entretanto, não estava mais sentada no sofá bebericando espumante, mas remexia pacotes embrulhados num papel celofane barulhento — Star Locks, Glamour e Dream Hair, Hair Gl'Amour, Simply Natural, Long Beyond, Delightful Hair — e os amontoava numa pilha bagunçada. Aparentemente, uma cliente tivera uma emergência, e ela precisava sair.

— Amanhã continuaremos a conversa de onde paramos.

O tom de voz de Marion era diferente agora, o suor em suas têmporas tinha ficado frio. Não era Norma quem ela temia, mas alguém da família que a aguardava do outro lado da vitrine.

Quando o carro partiu às pressas, Norma pegou a escova de cabelo que havia caído da bolsa de

Marion e a levou ao nariz. O medo que Marion emanava o tempo todo inexistia em sua mãe nos últimos dias dela e não estava presente nos fios antigos de Marion que Norma havia encontrado na casa de Anita. Tudo que eles continham era estresse. Lambert havia descoberto que as mulheres de seu salão estavam planejando abrir seu próprio estabelecimento e talvez esperassem monopolizar o cabelo ucraniano? Mas ele estaria disposto a adotar medidas extremas simplesmente porque alguém queria ir embora, ser sua concorrente? As câmeras de segurança do metrô mostraram claramente que sua mãe tinha pulado na frente do metrô por conta própria.

Quando Marion notou Lambert brincando com os cartões do banco, desviou o olhar para a caneca de café e sua decoração dourada, a porcelana russa de Alla. Ela havia pensado que a emergência se referisse a um dos clientes da agência.

— Você já viu essas mulheres com Anita? Elas são clientes do salão?

Alvar colocou fotos de duas mulheres na frente de Marion.

— Você acha que barangas desse tipo aparecem no nosso salão?

Lambert deu um peteleco na testa dela, e Marion derrubou o café no colo. Ela começou a limpar a saia com um guardanapo, concentrada, e desejou que os outros pensassem que sua palidez tivesse sido causada pela raiva de Lambert.

— Hoje não é um bom dia para dar uma de espertinha. Olha para as fotos.

As mulheres na foto tinham a idade de Anita e eram loiras como ela. Marion as vira pela primeira vez havia muito tempo, quando a prostituição ainda ocorria às claras nas ruas de Kallio e homens dando voltas com seus carros mantinham a vizinhança agitada a noite inteira. A hora do almoço das duas frequentemente coincidia com o momento em que Marion se livrava da última cliente, e todas comiam no mesmo restaurante. As mulheres simplesmente desapareceram da vizinhança um dia. Mas, quando as duas retornaram ao restaurante, Marion ouviu uma conversa que a levou a concluir que elas haviam passado um tempo atrás das grades. Percebeu logo que seriam laranjas perfeitas.

A decisão fora tomada às pressas. Lambert havia demorado tanto para dar uma resposta sobre o empréstimo que elas quase perderam a oportunidade proporcionada pela viagem a Lagos. A família conhecia pessoas com quem poderiam conseguir novas identidades. Marion, não. As garotas de programa de Sörkkä ofereceram uma maneira de lidar com o assunto da forma mais tranquila possível. Por uma quantia combinada, concordaram em abrir contas bancárias em seus nomes e depositar o empréstimo em prestações.

— Elas têm alguma coisa a ver com Anita? — perguntou Marion. — Eu nunca as vi antes.

— Havia cartões de visita nos bolsos de Anita com o nome dessas mulheres. Elas a reconheceram pela foto — respondeu Alla.

— Por que eu não fui informada a esse respeito antes?

Lambert bufou de lábios cerrados, com um meio sorriso.

— Não acredito que elas tiveram qualquer outro papel além de dar seus nomes para serem usados. Nós as liberamos — explicou Alvar. — Havia algum dinheiro nas contas, imagino que nosso.

— Vamos usá-lo para abater a dívida da garota? — perguntou Marion.

Alla riu tanto que precisou parar de lixar as unhas.

Depois da morte de Anita, Marion havia se encontrado com uma das mulheres em Linjat e lhe dissera que aquele seria um bom momento para desaparecer, lhe dando todo o dinheiro que tinha na bolsa. Ela teve tempo de transferir a maior parte do dinheiro para as contas das novas

laranjas, pensando que estava tudo em ordem. A família não deveria ter nenhuma ligação com as duas mulheres — tráfico de drogas e prostituição não faziam parte de seu perfil profissional. Porém, havia acontecido exatamente isso. Um dos capangas de Lambert tinha encontrado as mulheres em Copenhague. A sorte de Marion estava acabando, e ela já estava andando na corda bamba.

Havia um grupo de garotos imigrantes ao lado do açougue Halal. Nenhum rosto conhecido, porém Marion parou como se procurasse algo na bolsa, registrando os rostos de todos mais uma vez, e verificou o fluxo de clientes que ia para a cabine telefônica e o salão de tranças ao lado. Depois da morte de Anita, ela se assustava sempre que via jovens de pele mais escura, embora soubesse que ninguém associaria os garotos a tacos de beisebol e à emboscada a ela. Tudo que os capangas de Lambert se lembrariam era da cor da pele dos garotos, nem mesmo aquele que dirigia o carro de Anita quando o para-brisa levou o primeiro golpe teria maiores lembranças.

Folake estava alisando o cabelo de uma garotinha e não havia mais clientes. O hidróxido de sódio fazia a menina torcer o nariz, mas o sorriso logo voltou ao seu rosto, e ela acenou para Marion. Agora ela ficaria bonita, teria um belo cabelo. A menina estava orgulhosa e disse que logo faria 6 anos. Se continuasse queimando o couro cabeludo daquela maneira, talvez se tornasse cliente de Marion no futuro. Marion deu uma caixa de cabelos para Folake e aproveitou para perguntar, como quem não quer nada, se alguém tinha ido até lá para perguntar sobre ela ou os garotos.

Folake inclinou a cabeça.

— *Are you in trouble? You need help?*

Marion balançou a cabeça e acenou para a menina ao sair. Na rua, ela instintivamente verificou o bolso esquerdo da calça. Estava acostumada a ligar para Anita sempre que uma situação a deixava nervosa, sempre que descobria alguma coisa nova sobre as operações da família que Anita gostaria de saber. Anita sempre tinha uma solução, Anita sempre estava pronta para tomar uma decisão rápida. Agora, precisava decidir tudo sozinha. Fora ela quem tinha organizado a emboscada, bolado o plano, ligado para Folake e perguntado se ela conhecia garotos adequados para um pequeno serviço. Ela havia planejado a operação e conseguira soltar Anita naquela que seria sua última manhã. Um taco de beisebol atingira o para-brisa, o capanga que levava Anita pulara para fora do carro no primeiro golpe e, no terceiro, Anita havia conseguido escapar e tinha alcançado a multidão que seguia para a estação de metrô antes que os capangas que a vigiavam de longe tivessem tempo de alcançá-la.

Quando havia recebido uma notificação de mensagem no celular que ela usava para o projeto, Marion sabia que não tinha vindo de Anita, e sim de Lambert, na tentativa de atrair os parceiros dela. Marion havia respondido à mensagem como se não suspeitasse de nada, sugerindo um encontro em frente ao salão. Lambert respondera pelo telefone de Anita que seria melhor em outro lugar. Não, é melhor não mudar rotinas, respondera Marion. Lambert provavelmente ainda estava com o celular que Anita usava para o projeto. Até onde Marion sabia, ele não tinha sido levado para a casa dela com o celular verdadeiro. Se quisesse, poderia continuar o jogo, fingir ser chefe de Anita, talvez até chantagear a família, sugerir uma troca e tentar conseguir mais dinheiro. A ideia era tentadora e atraente. O plano, porém, era mais importante. Ela não correria riscos. Não mais.

Mais tarde, perguntaram a ela o que tinha visto da vitrine do salão. Quatro rapazes negros e um taco de beisebol. Ou três. Não, ela achava que não conseguiria reconhecê-los. Não, ela nunca os tinha visto antes, pelo menos achava que não, tudo havia acontecido muito rápido. Ela notara que um carro havia estacionado em frente ao salão e que Anita estava nele, e então vira o taco de beisebol batendo no para-brisa e os garotos, que continuaram batendo no carro. Não, Anita não costumava encontrar amigos no salão. Não, ela não tinha a menor ideia de quem Anita iria encontrar naquela manhã. Estava tão surpresa quanto todo mundo com o rumo que os acontecimentos haviam tomado. Realmente não sabia como o chefe de Anita tinha descoberto a tempo que ela havia sido exposta.

Marion havia escondido o taco de beisebol e o dinheiro para Anita no guarda-roupa da sala dos fundos e achava que ela correria para o salão depois que os garotos atacassem o carro. Marion havia se preparado para defender Anita, para conter os capangas e ajudá-la a escapar pela porta dos fundos do salão. Anita poderia pegar um táxi, talvez seguir para o porto, comprar uma passagem para Estocolmo ou Talim, qualquer lugar aonde pudesse ir sem um passaporte. Depois, Marion a seguiria. Mas não foi isso que aconteceu. Anita havia corrido para a estação de metrô, e ela não entendia por que, a não ser que Anita quisesse protegê-la até o fim.

OITO

Depois que Eva me falou do seu destino, tenho pensado sobre o que eu faria se alguém me ligasse para contar que você está presa. Os holofotes, a polícia, os *paparazzi*. O circo armado. Meu Deus! Eu não aguentaria. Não conseguiria visitá-la num manicômio como aquele onde Helena está agora. A ideia de que você teria que passar décadas num lugar daqueles é insuportável.

14.03.2013

Fui visitar Laajasalo algumas semanas antes da tragédia. A Páscoa estava se aproximando, e, com Helena incapaz de cuidar dos preparativos para as festividades, decidi fazer um cheesecake para Alvar. Eu estava prestes a ralar a casca de limão quando Helena, de repente, agarrou o meu braço e perguntou onde estava o açúcar, porque queria ajudar. Seu aperto era firme, sua voz, mais alta que o normal, com uma entonação diferente. Seus olhos estavam totalmente focados. Ela disse que tinha sentido falta das bétulas e do horizonte de Nova York. Era Eva quem falava comigo por intermédio de Helena.

Primeiro pensei que Helena estava alucinando. Tínhamos conversado tanto sobre Eva que não seria surpresa se ela e seu mundo tivessem se misturado na mente de Helena com as outras vozes que ouvia. Mas Helena se comportava como outra pessoa. Nem mesmo suas expressões faciais eram as mesmas, muito menos a entonação da voz, e ela puxava os cabelos do mesmo jeito que você faz, insistia que tinha nos visitado no hospital depois que você nasceu. Tinha ido visitar um recém-nascido que era igual a ela. Eu achava que o aroma de limão e tangerina no ar havia sido deixado por algum visitante, mas era Eva! Ela tinha deixado o aroma de perfume Shalimar na sala! Havia começado a usá-lo nos Estados Unidos, quando sentia saudade e queria acreditar no futuro, o aroma que a lembrava do cheiro de casca de limão da loja de mercadorias coloniais na Finlândia que a fazia ter esperança e acreditar em novas oportunidades, como riquezas além-mar à espera de serem conquistadas. Em Nova York, os mesmos cheiros eram diferentes, e a nova vida acabou se revelando outra coisa. O dinheiro era pouco, os Estados Unidos a deixavam agoniada. Shalimar, originalmente criado como um antídoto para a Grande Depressão, dera a Eva o tipo de alegria de que ela precisava. Ele tinha o aroma de terras distantes, de continentes desconhecidos, de estradas a percorrer caso o país voltasse a ser um beco sem saída.

Depois que Helena foi internada, passei anos sem ouvir a voz de Eva. Parei de mandar os ingredientes do cachimbo para ela; eu mesma parei de fumar.

Quando compreendi que a vovó não ajudaria em nada em relação a Eva, roubei a foto da Bíblia e tirei uma cópia para dar a Helena no hospital. Ela ficou feliz, tinha sentido falta de Eva. Na visita seguinte, arrisquei e dei um cachimbo para Helena fumar. Não fiz isso displicentemente. A tragédia não podia se repetir. Helena estava sendo observada, e eu teria parado caso ela piorasse. Mas funcionou de imediato, e ela se sentiu melhor. Helena falou de Alma e Juhani e de muitas outras pessoas de quem já havia falado antes, mas também disse várias coisas que não faziam sentido. Só depois de fumar vários cachimbos regulares foi que ela começou a falar coisa com coisa, a confusão de sons adquiriu forma, e, por intermédio de Helena, Eva conseguiu me contar tudo.

Quando Helena recebeu permissão para ficar o dia fora do hospital, ela, Alvar e eu passamos a ir até Kuopio, onde passeávamos pelo mercado e íamos ao banco. O objetivo é fazer com que Helena se acostume com a vida fora do hospital. Estou bastante otimista. Acredito que ela será liberada algum dia, talvez depois que voltarmos de Bangcoc. Eva está realmente ansiosa por isso. Às vezes, tenho a impressão de que ela gosta mais de Helena do que de mim.

Eva não falava com Norma, só com a mãe. Isso só podia significar uma coisa: durante a primavera, a mente da mãe havia se despedaçado como um castelo de areia sob o sol escaldante, e Norma não tinha notado nada, nem sua traição, nem sua caminhada rumo à loucura. Talvez fosse a mesma coisa. Norma deu uma cotovelada na foto ao lado do computador, sem querer. A moldura caiu na mesa com o rosto de Eva para baixo, e ela apertou a mão contra o peito, como se estivesse tentando parar um sangramento. Aqueles vídeos não a ajudariam com o problema da dívida, não diziam onde estava o dinheiro do empréstimo, não explicavam o medo de Marion ou o comportamento estranho do diretor Lambert. Era só uma longa estrada rumo à loucura.

Alguns vídeos foram filmados na casa da mãe, outros em quartos de hotéis que podiam ficar em qualquer lugar do mundo. Era possível ver o blecaute num vídeo por trás de cortinas azul-marinho que combinavam com os móveis, um ventilador de teto girava em outro. Às vezes, a gravação era feita no fim do dia: as camareiras do hotel haviam tido tempo de fazer a cama para a noite, colocar um chocolate sobre os travesseiros, uma garrafa d'água na mesa de cabeceira e um tapete branco de algodão ao lado da cama com chinelos em cima. Outras eram feitas pela manhã: a cama não estava feita, a mãe passava creme no rosto enquanto falava com a câmera. Em alguns vídeos, ela sorria para

alguém, apesar de estar sozinha no quarto, e parecia mesmo outra pessoa. Nada sobre seu comportamento ou os arredores soava confuso de forma alguma; apenas as conversas com Eva revelavam que Anita estava perdendo o contato com a realidade. Cada frase da mãe aumentava a aflição de Norma, cada explicação entusiasmada aumentava seu desespero, até o pânico deixá-la com a boca seca. No início da primavera, a mudança na mãe era clara: sua voz havia se tornado mais determinada, e o cansaço de quando ela visitava a vovó tinha desaparecido. Era uma pessoa com um objetivo a cumprir, e isso podia ser visto em seus olhos. Anita o encarava como um soldado cheio de coragem. Mas não falava do dinheiro.

15.03.2013

No último inverno, Eva me mandou ir ao hospital psiquiátrico de Niuvanniemi no mesmo dia que Alvar. Devíamos nos encontrar como que por acaso. No início, não entendi do que isso se tratava, e depois, quando Eva me explicou o plano, não acreditei que fosse dar certo. Mas ela entendia os negócios de Lambert melhor que eu. Eva já havia descoberto como a família ganhava a vida e sabia como isso poderia ser útil. Alvar nos ajudaria sem saber, pois suas visitas a Niuvanniemi o faziam acreditar que Helena estava a caminho de encontrar paz de espírito. Certa vez, como uma forma de teste, Eva tinha dado um abraço em Alvar, e isso o deixou perturbado. Ele perguntou aos médicos se a medicação de Helena tinha mudado. Não. Tinha sido efeito do cachimbo. E de Eva.

Quanto mais Helena parecia melhorar, mais Alvar conversava com ela, e, pouco a pouco, as conversas deixaram de ser sobre assuntos gerais e passaram a tratar de assuntos do coração. A namorada dele tinha sido demitida do salão de Marion depois de ser pega roubando, e Alvar estava morrendo de raiva e tristeza, confuso por causa do abuso de drogas prescritas e anfetamina. Ele sentia falta de ter alguém que o escutasse, e isso fez com que Eva tivesse ainda mais certeza de que o nosso plano valeria todos os riscos. A gente devia aproveitar o momento. Tanto Marion como Alvar ficariam felizes em contratar alguém em quem pudessem confiar, uma velha amiga, uma pessoa discreta, para o salão. Eu duvidava das minhas habilidades como cabeleireira e tive medo de me encontrar com Alvar; não sabia que tipo de homem ele havia se tornado. Eva, por outro lado, tinha garantido que Alvar me trataria bem, assim como Marion. Por meio da rede da família, eu encontraria o que você precisa, e podíamos evitar os erros que ela havia cometido em vida. Eva tinha lidado com homens assim antes. Não havia nada de novo naquilo para ela, mas, para mim, sim. Eva aplacou minha hesitação me contando como havia tido filhos.

Eva nasceu em Amur, filha de um operário. A mãe dela a abandonou imediatamente após o nascimento, pedindo a Kaisu, uma praticante de ventosaterapia que havia ajudado no parto, que levasse a bebê para um abrigo. Ao contrário da mãe, Kaisu não ficou assustada com as características estranhas da bebê, acreditando que eram poderes mágicos. Ela mesma queria ficar com a criança, e, se esse tivesse sido o destino de Eva, Kaisu teria sido uma boa mãe adotiva, capaz de apreciar os talentos dela. Mas a mulher morreu, e Eva ficou completamente sozinha. Ela não podia continuar praticando ventosaterapia sem a ajuda de Kaisu, mal tolerava saunas e costas suadas, e trabalhar numa fábrica significaria dividir a moradia com estranhos e uma longa jornada de trabalho. Ela precisava de ar fresco e horários de trabalho menos rígidos.

No meio do seu desespero, Eva encontrou por acaso o chefe da casa de Naakka perto da igreja. Sentiu nele o cheiro de uma casa abastada, de noz-moscada e casca de limão, açúcar refinado e produtos importados, e decidiu usar todos os seus truques para ganhar o afeto de Juhani Naakka. E conseguiu — Juhani se casou com ela apesar da oposição da própria família. O casamento não era visto com bons olhos, afinal a filha de uma comunista que praticava ventosaterapia não era digna de ser dona de casa de uma família de pessoas ricas. Juhani não se importou com isso. Ele só se importava com Eva, e tudo que queria era ter um monte de crianças loirinhas brincando no pátio. Isso era um problema para ela. Procriar não era algo que aberrações da natureza faziam, e ela controlava seu ciclo com os métodos que havia aprendido com sua mãe adotiva. No entanto, havia um relógio em seu quadril que batia as horas.

A solução do problema veio de forma inesperada. Depois da guerra civil, Eva recebeu uma carta de sua irmã Alma, que a tinha enviado porque estava desesperada — as pessoas em Amur passavam fome, e a notícia do casamento de Eva com um homem rico havia chegado até lá. Eva chorou até que Juhani Naakka cedeu e permitiu que ela fosse a Tampere para cuidar dos parentes que estavam acamados. Ela só deixou de mencionar que a irmã, que tinha ficado viúva na guerra, estava esperando um filho.

Alma e sua mãe não reconheceram Eva quando ela entrou no quarto. A cozinha comunal fedia a raízes de dentes-de-leão, as doenças pareciam estar impregnadas na estrutura da casa, e a aura negra das pessoas doentes lhe dizia que o tempo estava acabando para elas. Eva teria que dar tudo de si para que Alma sobrevivesse até a criança nascer. A situação era tão ruim que ela não sabia se teria sucesso. Eva precisava de uma alternativa.

Eva arrumou uma carruagem que a levasse ao vendedor de açúcar e, depois, a uma parteira. Negociou o preço com a velhota e colocou açúcar, banha e farinha sobre a mesa, presentes da casa de Naakka para seus parentes doentes. No

caminho para Amur, além do fedor da morte, Eva notou o cheiro de gravidez. Apesar da falta de comida, a guerra havia feito Tampere se reproduzir, e a cidade tinha um excesso de crianças. Ela teria um filho, mesmo que a criança de Alma morresse, fosse uma menina ou uma aberração da natureza.

Nos meses seguintes, ela alimentou Alma com um trapo que mergulhava em leite e mingau cozido em fogo brando. Entorpecia seu nariz com gel, fazia com que cheirasse cascas de laranja, e conseguiu mais morfina e sabão antisséptico na farmácia. A dedicação árdua valeu a pena, e Alma deu à luz uma menina saudável e normal. Essa menina era a sua avó. E, com um bebê de uma semana entregue pela parteira, sua avó ganhou um irmão, e Eva pôde começar a organizar as cerimônias fúnebres da mãe e de Alma. Ela escreveu para Juhani pedindo a ele que enviasse um empregado para buscá-la depois dos funerais e para contar que a casa de Naakka agora tinha gêmeos — um futuro chefe para a casa e uma menina adorável —, que as crianças haviam nascido prematuramente, e que isso só podia ser culpa dos comunas da casa.

Norma desligou o computador e pegou a caixa de papelão da mãe. Guardava o cabelo e os vídeos no sótão, no compartimento doze, mas a caixa ficava em casa. O conteúdo dela não lhe parecia importante, exceto pelas fotos de Eva. Porém, Norma decidiu olhar a pilha mais uma vez, com outros olhos. Talvez aquilo tudo documentasse a perda de sanidade da mãe da mesma forma que os vídeos, com histórias sobre relações familiares complexas e Eva se tornando alguém de carne e osso. Norma suspeitava que a mãe tivesse voltado a fumar. Isso havia levado Helena ao hospital psiquiátrico de Niuvanniemi, e o uso prolongado do cachimbo provavelmente havia afetado sua mãe também.

O conteúdo da papelada na caixa tinha apenas um fator em comum: tudo estava relacionado a ter filhos, assunto que a mãe também tratava nos vídeos, embora nunca tivesse parecido particularmente apegada a crianças. Mas, caso tivesse sonhado em ter uma família maior, Anita teria contado isso à filha? E se o nascimento de Norma tivesse destruído o sonho da mãe de ter muitos filhos?

O número de mulheres que faziam tratamento de fertilidade havia aumentado nos últimos dez anos, assim como a idade com que faziam isso. No salão, Norma sentira o cheiro de injeções de clomifeno e gonadotrofina coriônica humana numa cliente que reclamava que os remédios haviam destruído seus cabelos. Ela havia passado a fazer o tratamento na Estônia. Elogiava os preços e a qualidade do serviço de lá, além do fato de não cobrarem explicações do seu desejo de ter um filho sozinha. Norma abriu seu laptop e verificou o limite de idade para esses tratamentos na Finlândia. Sua mãe era velha demais. Ela precisaria ter ido para outro país.

Ou talvez sua mãe quisesse que ela tivesse um filho com a ajuda da medicina. No começo, a ideia pareceu fora de propósito. Norma estava acreditando que uma família e um relacionamento não fariam parte do seu futuro. E se sua mãe desejasse o contrário? Talvez Eva tivesse colocado em sua cabeça que Norma poderia engravidar com o óvulo de outra pessoa. No vídeo, sua mãe dizia o tempo todo que seu plano melhoraria a vida da filha, não a dela.

Norma preferia a companhia de homens comprometidos, porque eles não faziam exigências. Ofereciam um momento de fuga, contato e prazer. Isso tinha de ser o suficiente. A vida em família e relacionamentos duradouros não eram adequados a uma pessoa como ela. Norma havia tentado namorar uma vez. No fim, ela havia ficado cansada de noites maldormidas e o parceiro, do fato de ela não buscar cura para sua insônia. O cabelo a acordava quando era hora de cortá-lo e, felizmente, ela não tinha sido descoberta. Sua mãe havia ficado mais chateada com a separação que ela própria, assim como quando ela perdia um emprego. E assim, nos

feriados que passavam juntas, Anita costumava escolher como destino de viagem lugares que não lembrassem à filha o que ela havia perdido.

A ligação era um erro, e Norma já sabia disso ao pegar o cartão de visita. Porém, ela precisava fazer isso. Não havia endereço embaixo do nome. Enquanto aguardava por uma resposta, ela ligou para o serviço de informações para descobrir mais sobre o número. Era privado ou de uma linha pré-paga.

O silêncio no carro de Alvar tinha cheiro de desconforto e solidão, e Norma não sabia por onde começar, embora já tivesse pensado em todas as perguntas que faria. A barulheira de dentro de um SUV parado ao lado deles entrava pelas janelas, vindo de uma família de quatro pessoas, entretida com seus lanches. Um golden retriever esperava receber das crianças sua parte da refeição. O local de encontro havia sido sugestão de Norma. Ela queria um lugar público onde ninguém prestasse atenção neles, mas já estava arrependida dessa escolha. No SUV, as crianças estavam concentradas em brincar com os brinquedos que tinham vindo de brinde com os lanches. O da menina parecia uma princesa de cabelos dourados, a menina em si parecia uma futura beldade.

— Algum dia sua vida foi assim? — perguntou Alvar, fazendo um gesto indicando a família.

— Não.

— A gente não tinha carro. Helena não gostava de andar de ônibus, então fazíamos tudo a pé, independentemente do tempo que fosse. A gente tinha um rádio, mas Helena o jogou fora. Depois, a televisão começou a falar, então também foi para o lixo. Lambert veio nos visitar um dia e ficou furioso quando viu que o rádio e a televisão não estavam mais lá. Eu disse que tinham sido roubados e levei uma surra. Você acha melhor eu não falar de Helena? As pessoas normalmente não sabem como falar dela. Ou acham o assunto desconfortável. Anita não contou nada para você?

— Não, nunca.

— Quando era criança, eu achava que poderia controlar as vozes de Helena, ou pelo menos esperava ser capaz de fazer isso, o que nunca aconteceu. Para ela, eu era sempre outra pessoa, um dos seus personagens. Se fosse Juhani, ela gostava muito de mim. Se fosse Jackson, era melhor não chegar perto dela. Mas, se eu fosse Alma, ela perguntava as novidades de Amur e se os comunas ainda eram odiados. Às vezes, eu era Juhani, e Alma estava do nosso lado, e a gente conversava sobre a guerra civil, o que era quase uma aula. Às vezes, ela falava com um sotaque carregado. Helena podia ter se tornado uma grande atriz, ela se sairia melhor como atriz do que como cantora. Anita culpava Lambert por ter destruído a carreira de Helena, mas não foi bem assim. Os sintomas começaram a aparecer já na Suécia. Uma vez, ela pensou que a água do local do show estava envenenada com meimendro, que o microfone não ia reproduzir a voz dela, mas a de outra pessoa. Lambert ficou sem saber o que ia acontecer no palco.

— Quem era a minha mãe? Uma das vozes?

— Não, Anita sempre foi Anita. Helena sabia quem ela era, mas fazia séculos que não me reconhecia. Ou até reconhecia, mas não como eu. Eu não existo para ela. Para Helena, eu sou quem ela quiser que eu seja, e eu dou corda. Antigamente, esse era o único jeito de mantê-la calma e conseguir fazer com que ela comesse. Quando eu estava com fome e a lembrava de Alma, ela comprava leite, limões, açúcar e pão e reclamava que não tinha banha no mercado.

A comida era guardada no peitoril da janela, não na geladeira. Minhas primeiras lembranças são do sol da meia-noite, gaivotas guinchando, o apartamento cheio de moscas e caixas de morangos podres na janela. Era um verão quente. Eu tinha ido dormir perto da janela. Sorte a minha. Helena ficou alucinada ao achar que o doutor Jackson estava dormindo na minha cama. Ela esfaqueou o meu travesseiro e o colchão. Com uma faca de pão.

Norma piscava constantemente. Os novos cílios pareciam limpadores de para-brisa pesados, e ela fechou os olhos quando percebeu que Alvar exibia o braço. Imaginou as cicatrizes antes mesmo de ele dobrar as mangas. Não havia mais nada a perguntar. Alvar tinha crescido em meio à loucura. Ele não tinha os mesmos medos que outras pessoas, e era isso que o nariz de Norma havia interpretado como perigo.

— Quer saber mais alguma coisa? — perguntou ele.

— Minha mãe se comportava da mesma forma que Helena?

Alvar baixou a manga.

— Por que você está perguntando isso?

— Nos últimos seis meses...

— Você acha que as vozes que fizeram Helena jogar o bebê do terraço e esfaquear um homem foram as mesmas que levaram Anita a pular nos trilhos do metrô?

Alvar se virou para bater as cinzas na calçada.

— Helena agiu tão rápido que não houve nada que pudesse ser feito. Marion entregou o bebê a ela, e, no começo, ela o segurou de modo perfeitamente normal. Se eu notei algo estranho? Não, Helena era sempre estranha. Se eu poderia ter impedido? Não. Ou melhor, poderia. Eu poderia ter impedido Lambert de entrar. Ele estava na Finlândia de visita e dera carona para uma família até Laajasalo. Isso teria mudado alguma coisa? Eu deveria ter interpretado melhor os sinais? Talvez. Se eu estivesse mais alerta, Marion teria uma família agora? É provável. Nós deveríamos ter vigiado Helena melhor? Sim. Sim, somos todos culpados, mas e daí? Talvez ela matasse outra pessoa, ou talvez tivesse se matado. Ou devemos pensar que Anita não percebeu que devia ter interferido mais cedo? Ela era adulta. Talvez tudo tenha sido culpa de Anita. Talvez ela tenha se matado porque não suportava mais lidar com a culpa, o que você acha? Talvez não tenha gostado do que eu e Marion nos tornamos. De ver os monstros que ela mesma havia criado. Anita estaria viva se Marion morasse numa casa, levasse os filhos ao balé e ao treino de hóquei? Se eu...

— Para.

— Não adianta nada pensar nessas coisas. Não vai mudar nada. Você quer café?

Alvar desceu do carro sem esperar uma resposta e foi para o McDonald’s. Norma levou as mãos ao nariz. Estivera prestes a dizer que forneceria o contato dos ucranianos, que daria tudo, qualquer coisa, desde que Alvar dissesse que se matar havia sido um ato totalmente lógico de Anita. Ou que tinha acontecido num momento de lucidez, quando sua mãe havia compreendido a seriedade de seu estado e quisera interromper o avanço da loucura antes que chegasse ao estado de Helena. Norma queria ouvir que sua mãe estava confusa. Os vários cartões das centrais de apoio psicológico estavam lá para momentos como esse, sem dúvida. Depois do acidente, ela havia rido deles, mas agora já não via mais graça. Ainda assim, dentre todos os cartões, Norma escolhera o de Alvar, embora ele fosse a última pessoa com quem ela deveria discutir suas próprias fraquezas, a insanidade da mãe, o modo estranho como isso tinha

se manifestado. Alvar não devia ver suas lágrimas.

Norma abriu o porta-luvas para procurar um lenço de papel. Sua mão tocou numa escova de cabelos. Ela havia sido usada por duas mulheres, ambas vietnamitas, ambas grávidas, ambas jovens. Parceiras sexuais de Alvar? Não, Norma já teria sentido o cheiro delas nas roupas do homem.

Ele saiu da lanchonete com dois copos de café. Norma devolveu a escova ao porta-luvas, tentando ver se encontrava alguma outra coisa. Nada. Ela colocou os dedos nos compartimentos da porta e entre o estofamento dos assentos. Grampo de cabelo. Ela o guardou no bolso assim que Alvar abriu a porta do carro e lhe passou um copo de café.

— Minha mãe estava enlouquecendo?

— Você se sentiria melhor se eu dissesse que Anita estava tão louca que queria morrer? Acha que isso aliviaria a sua dor? — perguntou Alvar.

— Aliviaria?

— Não.

Ele segurou o queixo dela e virou sua cabeça. Alvar não estava mentindo. Norma tinha certeza disso. Seus instintos já a traíram muitas vezes, mas disso ela estava certa.

— Sua mãe não era louca. Ela não era Helena e também não estava ficando com os parafusos soltos como a sua avó. Ela se envolveu com pessoas ruins. Por isso pulou na frente do metrô. Por conta própria. Com certeza ela achava que isso protegeria você, mas Anita simplesmente acabou deixando toda essa confusão nas suas costas.

Depois que Alvar foi embora, Norma ficou parada no estacionamento. Ela tirou o grampo que havia encontrado entre o assento e o encosto. Ele também havia pertencido a uma jovem cujo cabelo tinha florescido na gravidez, na primavera da gestação de uma criança. Talvez russa. Com um nível de estresse mais alto que o normal. Havia algo errado, mas o quê? Gêmeos? Trigêmeos? Quadrigêmeos? Não.

Alguém bateu à porta do apartamento de sua mãe. Norma congelou, enquanto tentava alcançar uma lata de atum na prateleira mais alta da cozinha, o banquinho balançando sob seus pés. Bateram outra vez. Ela colocou a lata em cima da pia e correu até a porta. Não conseguia ver nada pelo olho mágico, o corredor estava escuro. Ela apertou o ouvido contra a madeira e ouviu a respiração de alguém do outro lado. As pontas dos seus cabelos começaram a se enrolar.

Norma abriu a porta de repente, a tempo de ver um par de olhos brilhando no escuro, o vislumbre de uma mulher desconhecida antes de ela sair em disparada pela escada. Norma conseguiu segurar a mulher pela blusa, e ela agarrou o cabelo de Norma e a derrubou na escada. Ficou cega de dor por um momento, mas Norma não a soltou. Trinta e poucos anos, alguns filhos, massa, pão de centeio e queijo edam, estilo de vida saudável, cheiro de hospital.

— Onde Anita está? — quis saber a mulher, ofegante.

— Depende de quem está perguntando.

— Não é da sua conta.

— Agora é.

A mulher mordeu o braço de Norma, se soltou e tropeçou no cabelo dela, que se soltara do rabo de cavalo e agora estava entrelaçado nos seus tornozelos, mantendo-a parada até Norma conseguir se sentar no seu peito. No andar de cima, alguém abriu a porta. A mulher claramente não queria chamar atenção, por isso ficou em silêncio, prendendo a respiração.

— Sou eu que cuido dos negócios de Anita agora — sussurrou Norma.

— Então me dá mais dinheiro.

— Por que eu deveria?

— Kristian morreu. Eu vou ser a próxima. Onde está Anita?

— Voltando para casa. Que tal a gente entrar e conversar enquanto espera?

Numa situação diferente, aquela mulher seria uma pessoa como outra qualquer: classe média, altura média, renda média. Mas a pessoa sentada no sofá de sua mãe tinha os nervos à flor da pele, tremia e estava transtornada de tristeza e medo, mas era um ser humano de verdade, e não uma voz criada por uma mente insana como aquela que Norma tinha encontrado nos vídeos da mãe. A mulher a encarava com suspeita e se recusou a dizer qualquer coisa, exceto que Anita havia prometido ajudá-la caso houvesse problemas. Ela era enfermeira, precisava de um emprego, era tão boa quanto Kristian ou ainda melhor, e estava preparada para viajar para qualquer lugar.

— Enfermeira?

— Enfermeira especializada. Trabalhei por mais de uma década na Felicitas. Anita sabe disso.

Norma fingiu que sabia do que se tratava, embora o nome Felicitas não significasse nada para ela. Enquanto esperava a água do chá ferver, pesquisou Felicitas no celular. Clínica de

fertilidade.

— Kristian passou todas as informações para Anita e pagou um preço alto por isso. Quando Anita vai chegar? Eles não sabem o que aconteceu com Kristian? Por que você está cuidando dos negócios dela?

— Então você quer um emprego — quis confirmar Norma.

— A Felicitas tem o maior índice de sucesso e eu já trabalhei para as clínicas de Lambert, além de ter experiência com gestações de fetos múltiplos. Sou muito habilidosa e adoro o meu trabalho. Anita sabe que eu sou boa.

— Talvez ela queira algo mais.

— Eu tenho isso.

A mulher balançou um monte de papéis e um telefone no ar.

— Kristian sempre foi descuidado com as listas de pacientes, mas eu, não. Já fiz uma triagem. E isso aqui é algo que vocês querem.

A mulher deu play num vídeo e apontou para a tela do celular.

— Kristian devia ter trazido o vídeo para Anita, mas a gente não teve mais notícias dela.

A tela mostrava um quarto, uma unidade de enfermaria, camas de hospital enferrujadas, uma bolsa de soro. A tinta das paredes estava descascando, havia uma tigela com alguma coisa vermelha na mesa de cabeceira, talvez salada de tomate ou de pimentão. Três garotas, todas grávidas. Uma delas chorava segurando a barriga. As outras olhavam com indiferença para a garota em prantos, passando manteiga no pão e colocando alguns temperos. No canto da imagem, era possível ver uma sacola velha com letras do alfabeto cirílico. Norma não reconhecia o idioma. Uma mulher loira num terninho justo observava a cena, parecendo entediada, e acendeu um cigarro. O homem de cabelos escuros ao lado dela correu até a garota aos prantos. Bocas se mexiam, mas não dava para ouvir o que era dito.

— Uma das garotas entrou em trabalho de parto bem na hora em que eu cheguei lá. Sem mim, ela teria perdido os bebês. Gêmeos. A situação era caótica, e ninguém se lembrou de me revistar. Hoje em dia são mais cuidadosos.

— Anita não me falou qual era o seu trabalho.

— Não? Eu coordeno as barrigas de aluguel da agência. Escolhemos apenas jovens adequadas. Nunca aceitamos alguém que nós mesmas não tenhamos verificado — explicou a mulher. — Com certeza todos esses hospitais vão começar a trabalhar com a sua chefe assim que a gente se livrar de Lambert. As garotas são muito baratas na Romênia e na Bulgária. Para elas, receber documentos, passaportes e a chance de sair do país é o suficiente. As clínicas de Lambert são decentes, as garotas são bem-cuidadas e se oferecem de boa vontade.

A mulher começou a passar a impressão de que estava se defendendo, como se tentasse convencer um estranho de que o que eles faziam era respeitável. Agia assim por causa de Norma. Ela não tinha um ar profissional, e a mulher reagia a isso instintivamente. Logo, ela mesma perceberia isso. Enquanto arrumava a mesa para o chá, Norma tentou pensar em algo para distrair a mulher. Sua mãe guardava todo tipo de coisa em casa para a filha constantemente esfomeada: os armários da cozinha estavam cheios de sementes e atum, e havia uma tigela de avelãs empoeirada na prateleira de livros. Norma a pegou, ofereceu avelãs à mulher, ao mesmo tempo que pegava algumas.

— Espera aí, você nunca tinha visto nada disso antes. No que você trabalha, afinal?

A mulher não pegou a tigela, mas encarou Norma e parou o vídeo. Guardou o celular no bolso. Seus movimentos eram lentos, e ela ergueu a xícara de chá com uma calma exagerada.

— Você trabalha para Lambert? — perguntou a mulher. — Onde Anita está?

Norma mal teve tempo de se desviar da água quente. A mulher derrubou a mesa onde ficava um vaso com flores já secas quando saiu em disparada na direção da porta. Norma, escorregando nos cacos, seguiu-a aos gritos, perguntando o que tinha acontecido, como Kristian havia morrido, se havia sido suicídio, se havia parecido suicídio, se Anita pagara em espécie, mas a mulher já havia sumido.

Norma voltou ao apartamento, empurrou os cacos e os restos da planta para o lado, perto da parede, e abriu uma lata de atum. Agora havia entendido. Aquelas pessoas tinham fábricas de bebês, e sua mãe queria comprar um para ela ou para si própria, talvez por meio de uma barriga de aluguel. Ou, quem sabe, ela só quisesse um óvulo. Mas não poderia ter encontrado outra solução? Essas eram as únicas pessoas que não faziam perguntas? Barrigas de aluguel são ilegais na Finlândia, e os médicos iriam querer saber por que uma mulher fértil preferia usar os óvulos de outra pessoa. A não ser que a mulher quisesse gêmeos, trigêmeos ou sabe lá quantos de uma vez, para matar dois coelhos com uma cajadada só. Norma se lembrou do grampo que tinha encontrado no carro de Alvar. No meio da loucura, isso poderia parecer lógico. Talvez sua mãe tivesse medo de que fizessem algum exame de sangue ou qualquer outro tipo de exame que detectasse o fumo do cachimbo. Ou então não tinha pensado em si própria, mas em Norma. O que quer que fosse, ela ansiava tanto, tanto por uma criança, que estava disposta a se envolver em atividades ilícitas ou no que quer que fosse. Se queria a criança para Norma, ela havia se arriscado para que a filha não precisasse correr esse risco. Por isso sua mãe tinha contado como Eva tivera duas crianças saudáveis: comprando e mentindo. Queria lembrá-la de que, para pessoas como elas, não havia opção.

Quando Norma voltou depois de ter saído para pegar o almoço, havia um pastor-alemão sentado nos degraus do salão. O cachorro tinha sentido seu cheiro de longe, é óbvio, e o fato de ela ter diminuído o passo fez com que a observasse com mais atenção ainda. Alvar veio abrir a porta antes que Norma tivesse tempo de dar a volta até a porta dos fundos, e ela teve que parar e deixar o cão cheirar seus tornozelos minuciosamente antes de entrar.

Ainda sentia o focinho molhado do animal na pele e estava incomodada com o olhar atento de Alvar, por isso, inicialmente, não percebeu o que havia de errado. A tontura aumentou. A primeira coisa que registrou foi o cabelo. Seus cabelos na cabeça de outra mulher, uma mulher cujos cachos Marion estava secando naquele instante. Norma a reconheceu, então sua boca se encheu de saliva, ela deixou cair as embalagens do almoço e não conseguiu mais ficar parada. Tirou Alvar do caminho, correu para fora e atravessou a rua sem se importar com os carros buzinando e os freios guinchando. Ela desceu cambaleando os degraus para o parque e correu para baixo das árvores. Era a mulher do telefone da esposa de Kristian, a mesma loira, e estava usando seus cabelos.

Depois de vomitar o suficiente, Norma foi se sentar à sombra, onde a grama ainda estava fresca, e procurou por emplastros de escopolamina no bolso, colocando-os atrás das orelhas debaixo do turbante. Ela ouviu as patas do cachorro na terra, e logo Alvar lhe passava uma garrafa d’água.

— Tem dias em que o calor me faz passar mal — comentou Norma. — Quem era a loira?

— Alla, esposa de Lambert. O que tem ela?

A visão de Norma estava voltando ao normal, a névoa nos cantos começava a se dissipar. Ela percebeu que tinha reagido rápido demais. Não devia ter perguntado sobre a mulher. Ainda sentia no nariz o cheiro do seu cabelo misturado ao da mulher, a oleosidade do couro cabeludo, o espumante do dia anterior e uma dieta de baixo carboidrato. Seus cabelos na cabeça da mulher estavam mortos, não a reconheciam. Eles se fundiram à vida da loira, que, apesar de níveis de estresse mais elevados que o normal, tinha o cheiro de alguém apaixonado. Lambert e a loira eram felizes. Eles andavam de mãos dadas pelo mundo, espalhando alegria para alguns casais e sofrimento para outros, cegonhas para um lado, foices para o outro. Ainda assim, Norma não entendia para que Anita precisava dos vídeos de Alla inspecionando barrigas de aluguel. Por que simplesmente não tinha arrumado uma criança, por que se oferecera a pagar a Kristian pela gravação?

Alvar estalou os dedos diante dela.

— Preciso pedir ajuda?

Norma abriu os olhos.

— Ela veio cobrar o dinheiro?

— Ela veio ao cabeleireiro. Você está com problemas com alguém, com os fornecedores de cabelo? Alguém mostrou uma foto de Alla para você?

— Não.

— Uma foto minha? De Marion? De Lambert? De alguma criança?

— Por que fariam isso?

— Você reconheceu Alla e mentiu sobre isso.

— Eu devo tê-la visto na rua, se ela vem aqui com frequência.

— Você vomita toda vez que isso acontece?

Norma notou que estava acariciando o cachorro para ocupar as mãos, apesar de os animais sempre desconfiarem dela. Eles notavam que ela era diferente das outras pessoas, por isso a cheiravam e a examinavam mais que o normal.

— Para quem Anita trabalhava? Quem era o chefe dela?

— Ela não tinha outro chefe além de Marion.

— Eu não sei qual é o seu jogo, mas o tempo está acabando. Alla está calculando seu preço nesse momento, assim como o chefe de Anita, e, se você acha que deve ter mais medo dele do que da loira lá no salão, está enganada.

Alvar se levantou para ir embora dando voz de comando para que o cão o seguisse.

— Me liga.

Norma não poderia voltar para o Tukkataika, não agora. Ela iria para casa e continuaria a ver os vídeos. Pelo menos eles tinham sua própria lógica. Ela quisera reconstruir os últimos momentos de Anita para descobrir o que havia acontecido, e agora isso também significava encontrar uma pista para a loucura da mãe.

A sugestão para o encontro veio como uma completa surpresa. A mensagem tinha pouquíssimas palavras, justamente do tipo que poderia sugerir um acordo: a garota queria conversar, de preferência agora. Quando Marion chegou ao Hilpeä Hauki, Norma já estava esperando. O envelope em cima da mesa aumentou suas esperanças.

— Sobre o que a minha mãe falava nos últimos dias dela? — perguntou Norma.

— Sobre o nosso futuro salão. Ela estava animada — respondeu Marion. — Era o nosso sonho.

— Então por que ela pulou na frente do metrô?

Marion não conseguia encarar Norma, mas tinha certeza de que aquele era o momento certo. Agitou o copo, fazendo os cubos de gelo tilintarem, mas nem isso foi suficiente para silenciar o coaxar dos sapos. Pegou um dos cubos de gelo com a mão, apertou-o e decidiu prosseguir.

— Lambert descobriu o nosso plano e decidiu se livrar de Anita. Ele jamais teria permitido que a gente fosse embora, muito menos que o nosso salão tivesse direitos exclusivos sobre o cabelo ucraniano, como Anita planejava.

— Minha mãe se jogou nos trilhos do metrô por conta própria.

— Lambert é mestre nesse tipo de coisa.

Norma franziu a testa e coçou os olhos, então fungou. Marion tinha acabado de revelar algo de suma importância e esperava por perguntas. Não veio nenhuma. O coaxar dos sapos estava ficando mais alto, o gelo derretia em sua mão e formava um pequeno lago na mesa. Ela teve vontade de explicar melhor, porque, assim, faria a garota entender a situação, mas não poderia, não conseguiria. Também não havia contado a Anita, embora pudesse ter omitido a parte que evidenciava sua participação. Porém, Anita perceberia, veria que ela estava oferecendo meias-verdades. Marion não teria conseguido encarar Anita nos olhos se ela descobrisse como tinha mentido para Albiino em Cartagena, deixando-a acreditar que estavam numa viagem de negócios, que ela conheceria a crescente indústria do cabelo da Colômbia. Depois das guerras das drogas, a Colômbia queria ser como a Venezuela, uma fábrica de Miss Universo. As oportunidades eram muitas, e a viagem seria um passo para Albiino entrar nos negócios. Marion havia sido convincente, e a outra mulher respondera com olhares cheios de confiança. Para Anita, ela dissera que Albiino tinha ido atrás de um novo amor, partindo o coração de Alvar.

— Lambert assassinou Anita — disse Marion enfaticamente. — Tenho certeza disso. E ele também lida assim com pessoas que não pagam dívidas.

Ela repetiu as palavras mais uma vez, para se certificar de que a garota havia entendido. Ninguém perderia a chance de se vingar do assassino da mãe, e a forma mais fácil para Norma conseguir sua vingança era entregando-lhe os ucranianos. A garota continuou muda.

— A gente poderia partir a qualquer momento e deixar tudo para trás — continuou Marion.

— E Lambert não viria atrás da gente? E o empréstimo?

A garota tinha aberto a boca. Era um começo.

— É tudo uma questão de organização. Eu tenho meu jeito de manter Lambert sob controle.

— Você devia ter usado isso quando a minha mãe estava viva.

— A gente não teve tempo. O dinheiro está esperando em Londres. Depois de abrir o salão, você conseguirá pagar o restante. A única coisa de que precisamos para ter sucesso é do cabelo ucraniano — comentou Marion. — Se você não acredita em mim, vou trazer um extrato bancário e todos os documentos. Nós duas queremos uma nova vida. Vamos construí-la juntas. Você só precisa confiar em mim.

Norma torceu os lábios e empurrou o envelope entre os copos para Marion, que estava certa de que havia conseguido o que queria.

— Comecei a empacotar as coisas da minha mãe e encontrei isso. Achei que ficariam bem nas paredes do salão.

Marion deixou o envelope cair na mesa assim que o abriu. A decepção era visível em seu rosto, e ela esfregou os braços como se sentisse frio. Norma tirou as fotos do envelope. Ela havia trazido uma seleção aleatória de mulheres com cabeleiras loiras da coleção da mãe, mas sem Eva.

— O diário da minha mãe tinha uma anotação que dizia para levar as fotos antigas para Johannes. Você reconhece esse nome? Um fotógrafo — continuou Norma. — Não conheço nenhum Johannes.

Marion agarrou a bolsa e se levantou da cadeira, mas voltou a se sentar tão rápido quanto se levantara, derramando seu copo d'água. A bolsa caiu com um baque seco no chão, e ela começou a secar a mesa, foi pegar mais guardanapos do bar e colocou os cubos de gelo de volta no copo sem dizer uma única palavra. A reação surpreendeu Norma. Quando estava acusando Lambert de assassinato, Marion parecia calma e confiante, mas agora se comportava irracionalmente. Ela realmente achava que Norma acreditaria em sua história com tanta facilidade?

— Talvez Anita tenha levado essas fotos para Helena em Niuvanniemi. Johannes era uma das vozes de Helena.

Marion não olhava para Norma, mas acenou para que um garçom trouxesse mais guardanapos.

— Me conta.

— Não há nada para contar. Lambert não é um homem bom, e Helena teve que descobrir um jeito de lidar com tudo. A sugestão de divórcio causou um colapso total nela e a levou a ter um aborto espontâneo. Helena estava grávida na época. Ela nunca voltou a ser como era — disse Marion. — Escuta, você deveria deixar essas coisas de lado. Nada disso importa mais. É melhor a gente conversar sobre como vai se livrar dessa bagunça e de Lambert.

— Primeiro eu quero saber sobre Johannes.

Marion pegou um guardanapo de papel e começou a despedaçá-lo.

— Por que a minha mãe levaria fotos assim para Helena? Eu só quero entender.

— Talvez Anita quisesse manter Helena de bom humor. Helena era obcecada por fotos velhas e fantasiava com um fotógrafo viajante. Ela dizia que o homem era seu amante, que a levaria para os Estados Unidos — contou Marion, e continuou a rasgar outro guardanapo depois de acabar com o primeiro. — Se Helena via fotos antigas nos jornais, ela as recortava e

dizia que haviam sido tiradas por Johannes. Havia fotos por todo lado. Às vezes, Helena recortava fora os rostos das fotos. Era impossível receber visitas, porque ela sempre queria contar como Johannes estava juntando dinheiro para a viagem: ele tirava fotos de prostitutas de acordo com o gosto dos clientes, e dentre eles havia algumas pessoas importantes, que podiam conseguir documentos. Um passaporte, uma autorização de viagem e o visto. Helena não parava de repetir isso. Sem eles, ela não poderia viajar, mas Johannes daria um jeito, Johannes daria um jeito em tudo, os dois só tinham que ter cuidado para que seu romance não fosse descoberto.

A versão de Marion sobre Johannes era idêntica à história que a mãe havia contado nos vídeos, e, segundo Marion, Helena não parava de falar disso porque era maltratada por Lambert. A história era o jeito de Helena se defender. A repatriação à Finlândia tinha agravado seu estado, fazendo com que ela também começasse a inventar histórias sobre imigração. Marion acreditava que isso tinha a ver com a má reputação dos finlandeses na Suécia. Só que Helena não falava da Suécia, e sim dos Estados Unidos, e estava especialmente preocupada com os danos causados pelo massacre de Calumet. A tragédia era real. Alvar tinha verificado isso. Os finlandeses haviam participado de uma greve de mineradores que se tornara sangrenta, e agentes da imigração começaram a recusar a entrada deles. Alvar tentara ver alguma lógica nisso. Helena não sabia sueco quando se mudara para Gotemburgo. Talvez ela tivesse lido sobre a tragédia e se identificado com os finlandeses nos Estados Unidos. O promotor do caso de Calumet tinha exigido que as testemunhas respondessem em inglês, embora nenhuma delas falasse o idioma, e havia chamado, como testemunhas, pessoas que não viram nada, mas que sabiam falar inglês.

Quando o monte de guardanapos foi totalmente esfacelado, Marion disse que isso bastava e foi embora. Em cima da mesa, havia restado uma poça d’água dos cubos de gelo derretidos e uma pilha de lenços de papel e guardanapos picados, que ela às vezes juntava como se limpasse neve. Norma colocou as fotos de volta em sua bolsa. Marion não queria saber delas.

02.04.2013

Quando Eva passou pela cabine de fotografia numa feira e balançou sua trança, o fotógrafo se sobressaltou como se tivesse levado uma chicotada. Na manhã seguinte, o homem apareceu na casa de Naakka com a câmera e disse que queria tirar fotos das vacas premiadas. Eva o acompanhou, e foi por ela que a câmera de Johannes se apaixonou, e não pelas vacas. Ele estava prestes a ir para os Estados Unidos, a terra das oportunidades, e tentou persuadir Eva a acompanhá-lo. De início, ela não se empolgou. Depois, notou que seu cabelo ronronava, que os fios haviam passado a ter um cheiro adocicado, que se torciam em direção a Johannes, como se ele fosse feito de açúcar, se ondulando como se estivessem prontos para uma viagem marítima.

A situação dela na casa de Naakka não era fácil. Os herdeiros correndo pelo pátio não acabaram com a desconfiança da sogra, e a fartura de comida a havia tornado fértil demais. Apesar de beber constantemente chá de urtiga e junípero, o ciclo já não tinha vindo duas vezes, e Eva sabia que chegaria o dia em que nem a azaleia nem a angélica ajudariam. Mais cedo ou mais tarde, ela seria descoberta, ou por cortar o cabelo toda noite ou por ter filhos portadores de anomalias. Era melhor ir embora antes que isso acontecesse.

A realidade nos Estados Unidos se provou diferente do que Eva tinha imaginado. Sua bússola quebrou assim que eles chegaram ao Novo Mundo, e nem o fato de Johannes ter arrumado hospedagem numa pensão de finlandeses localizada no Harlem ajudou. Não havia outras pessoas brancas por lá, e a Rapunzel chamava atenção. Alguns paravam para olhar, as crianças tentavam tocar seu cabelo às escondidas, e Eva passava o tempo todo com medo de ouvir o som de tesouras perto da orelha e de ser tosquiada como uma ovelha. Havia cheiro de cabelo queimado no ar, alisadores de cabelos eram esquentados dia e noite dentro dos salões de cabeleireiro, e as mulheres usavam perucas feitas com cabelos de mulheres brancas. Numa semana, Eva viu pela primeira vez um roubo de peruca no meio da rua. O caso foi levado ao tribunal, sendo resolvido quando a polícia encontrou o cabelo roubado debaixo do colchão da ladra.

A má fama dos finlandeses nos Estados Unidos era mais um motivo para se ter medo dos agentes de imigração. Alguns acreditavam que a independência da Finlândia melhoraria a situação econômica com o passar dos anos e se animavam com o fato de que não seriam mais marcados nos documentos como russos nem zombariam deles como russo-finlandeses. Para Eva, esses avanços eram lentos demais. Por toda parte, as pessoas suspeitavam de comunistas, e muitos eram finlandeses. O massacre de Calumet havia deixado um longo rastro. Eva temia que, mais cedo ou mais tarde, a pensão fosse alvo de uma batida policial. Ela teria de se mudar para uma área melhor, algum lugar no qual não prestassem atenção nela. Mas já não lhe restava dinheiro algum, e todas as suas economias foram usadas para a viagem.

Eram anos revolucionários para os negócios de cabelo: cabelo curto estava na moda entre as mulheres, os pescoços aparados foram responsabilizados pela queda financeira da indústria, e cabeleireiros organizaram manifestações contra o corte. Uma novidade francesa, uma base de peruca leve, trouxe um fio de esperança. Ela oferecia a oportunidade de ter cabelos curtos durante o dia e um penteado feito de longos cachos ondulados à noite. Eva poderia ter resolvido seus problemas financeiros vendendo seu cabelo. Mas não o fez.

Mais tarde, ela acabou conhecendo inúmeras proprietárias de salões, as chamadas culturalistas de cabelo, e executivas que ganhavam fortunas com produtos para o cabelo, independentemente da cor da pele. Eva leu sobre as harperistas que haviam aberto salões com contratos de franquias de acordo com os ensinamentos de Martha Matilda Harper e as chances que ela oferecia a mulheres pobres, com a oferta de emprego e educação. Entre as clientes das harperistas, estavam também pessoas importantes, como Jacqueline Kennedy, e Eva teria sido sucesso garantido, mas ela não sabia como explorar sua anomalia naquele momento. Por isso, quando Eva explicou seu plano para mim, ela sabia do que estava falando.

Nós imaginamos que você teria aversão a vender seus cabelos, por isso achamos melhor não contar nada. Eu estudei mais sobre a indústria, o que me fez duvidar do plano de Eva, que era baseado na vantagem competitiva superior do seu cabelo, em como ele era irresistível. Os chineses fornecem vinte mil quilos de cabelo de qualidade Remy por semana, e os russos, trinta mil por mês. Não entendi por que a família de Lambert ficaria fascinada pelo seu cabelo, considerando que o fornecimento de cabelo natural era desse nível. Eva riu das minhas dúvidas. Eu devia ter acreditado que o seu cabelo era mágico.

Alguns dos vídeos da mãe tinham apenas grama ou flores ao fundo enquanto ela falava. Às vezes, sua mãe e Helena estavam sentadas no jardim de macieiras em Niuvanniemi ou caminhavam pelo parque, passando por troncos de pinheiro empilhados. Dava para avistar o prédio da administração ao fundo, com seus traços clássicos, estranhamente simétrico para um lugar cujo interior era tão desequilibrado. Quando um homem sem camisa, claramente dopado por remédios, apareceu na tela, Norma percebeu que sua mãe devia estar fazendo algo que não era permitido. Isso explicava os ângulos estranhos e os cortes na filmagem. Às vezes, Helena e sua mãe se sentavam nas cadeiras de balanço do lado de fora, e o rangido das cadeiras se misturava aos sons dos funcionários. As construções ao fundo eram cercadas por grades de aço, sempre lembrando que, apesar do ambiente agradável, aquele não era um museu nem uma bela mansão reformada com uma loja de souvenirs para turistas e flores bem-cuidadas nos canteiros.

Quando os primeiros vídeos foram filmados, as maçãs estavam verdes. Nas gravações feitas no outono, sua mãe caminhava pelas mesmas árvores e pegava uma fruta madura ao passar. Sons de mordidas na maçã se misturaram com a fala. No inverno, a grama do parque estava coberta de neve. Sua mãe endireitava a gola do casaco que tinha acabado de comprar e o acariciava como um gato recém-adquirido. Enquanto, mais uma vez, se vangloriava dos efeitos benéficos que o cachimbo causara em Helena, sua mãe surgia no meio de uma cena de inverno em Savo. Via-se uma fileira de abetos ao fundo, e sua respiração subia como vapor, parecendo balões de fala de quadrinhos. Tinha sido por volta dessa época que ela dera a Norma a feliz notícia sobre seu novo emprego.

Em alguns vídeos, era possível ver a praça do mercado de Kuopio atrás de Helena. Nos dias em que podia sair, ela se vestia decentemente, e ninguém suspeitaria que aquela mulher era paciente do Niuvanniemi. Ela se concentrava para se lembrar de como haviam partido de Hanko para os Estados Unidos e de como Johannes, que estava perdidamente apaixonado por ela, concordara em viajar numa cabine da primeira classe e alugar um quarto particular para eles em Hanko. Os dormitórios comuns teriam sido inviáveis, dizia Helena, tocando o cabelo, verificando as pontas e acendendo um cachimbo. O exame médico antes da viagem a deixara preocupada, mas ela havia sido aprovada sem problemas. Quando Helena era Eva, os remédios não anuviavam seus olhos; pelo contrário, seu olhar se parecia com o de um lince, focado e preciso. Às vezes, ela falava em *finglish*, uma mistura de finlandês e inglês, com um forte sotaque. Sua mãe a chamava de Eva.

Talvez o objetivo dos vídeos fosse convencer Norma de que Eva realmente falava por intermédio de Helena. Parte da história podia ser verdade, como o fato de Eva ter nascido em Amur e ser abandonada nas mãos de uma praticante de ventosaterapia. Podia também ser verdade que Kaisu quisesse que sua filha adotiva a sucedesse nos negócios antes de ter ficado evidente que Eva não conseguiria lidar com a sauna. Além disso, havia o fato de que sua habilidade de ler cabelos havia aumentado a fama de Kaisu como ventosaterapeuta. Porém,

também era possível que sua mãe e Helena tivessem inventado tudo isso. Sua mãe sabia como o cabelo de Norma funcionava e podia ter se aproveitado disso para criar, com Helena, histórias em que a filha acreditaria. Além disso, poderia ter contado o segredo de Norma à amiga sem precisar se preocupar: se ela falasse sobre isso para alguém, ninguém jamais acreditaria e, na pior das hipóteses, só aumentariam a dosagem de sua medicação.

Mas Norma não havia contado tudo à mãe. Ela não revelara que também era capaz de ler no cabelo das pessoas morte, tumores e doenças. Tinha visto a aura negra pela primeira vez quando criança, no tumor de um caixa de supermercado, e havia percebido que a habilidade de prever a morte teria sido demais para sua mãe. Ela não conseguiria passar indiferente por essas pessoas, sem tentar levá-las ao médico, e justamente essa tentativa de ser impassível poderia ter dilacerado sua mente. Então como era possível que sua mãe e Helena conversassem sobre isso no vídeo?

Marion devolveu o celular à bolsa de Norma. Jamais tinha visto um aparelho com tão poucos contatos, pelo menos não de alguém com aquela idade. Ela passava todo dia ao lado de mulheres que não largavam o celular. Tinha achado que iria encontrar mensagens a respeito das acusações de assassinato, mas Norma sequer havia tentado entrar em contato com alguém depois da conversa no Hilpeä Hauki. Talvez devesse encarar isso como sorte. Se a garota tivesse corrido até Lambert para acusá-lo de assassinato e lhe falado de onde viera essa ideia, Marion não estaria ali sentada, não teria passado a manhã esperando pelo momento em que a garota esqueceria o celular em cima da mesa antes de a tela ser bloqueada e não estaria agora vasculhando a bolsa dela, cujo conteúdo era tão inútil quanto o do celular: alguns pacotes de amêndoas e sementes, tesouras e um bolo de cartões de serviços de apoio psicológico.

Não era a primeira vez que Marion fazia isso. Enquanto procurava pistas sobre os ucranianos, tinha depositado suas esperanças no celular da garota, mas tudo isso havia sido em vão. As únicas coisas que encontrara foram mensagens a respeito do funeral de Anita, fofocas de colegas do emprego anterior e, apimentando um pouco as coisas, flertes de homens que claramente eram apenas casuais. As mensagens antigas de Anita eram sobre assuntos corriqueiros, enquanto as mais recentes eram normais para alguém que está de férias. Ela não usava aplicativos de redes sociais, não havia mais do que duas fotos no celular, e, mesmo assim, eram de uma noite com ex-colegas de trabalho e outra de Anita. Todo mundo tinha pelo menos uma foto de si próprio no telefone, mas Norma, não. Aquele era o celular de uma pessoa com algo a esconder. O telefone de uma criminosa, só o modelo estava errado.

A garota continuava trazendo apliques de cabelo. Marion levou a mão instintivamente ao bolso da calça, aquele em que guardava o celular do projeto, como se quisesse ligar para Anita e perguntar por que Norma não tinha reagido à suspeita de assassinato que lhe fora entregue de bandeja. Pela manhã, a garota havia chegado no horário normal e imediatamente começara a organizar as mechas para a primeira cliente. Ela parecia a mesma pessoa de sempre, incluindo seu jeito de evitar contato visual. Talvez ainda estivesse triste por ter perdido a mãe. Isso explicaria suas perguntas estranhas sobre as vozes de Helena. Estava claro que ela não entendia a seriedade da situação.

Tinha encontrado apenas uma informação interessante no celular, embora não fosse o que esperava: a garota tinha mandado uma mensagem para Alvar propondo um encontro um dia antes de ir ao Hilpeä Hauki com Marion. Será que o irmão havia chegado antes dela? Alvar teria prometido revelar o assassino de Anita para a garota, prova de que não fora suicídio? Alvar teria percebido que, com isso, encontraria o cabelo ucraniano e provavelmente todas as outras informações que a garota podia guardar? Ele não havia mencionado nada sobre o assunto.

NOVE

Os Lamberts são megalomaníacos, eles querem o mundo inteiro, e escolheram as áreas certas para sua cruzada. Aquele que controla os sonhos controla o mundo. Aquele que controla os cabelos controla as mulheres. Aquele que controla a fertilidade delas controla os homens. Aquele que mantém as mulheres satisfeitas satisfaz os homens, e aquele que cuida das pessoas ansiosas por cabelos e bebês é seu rei.

Não era a primeira vez que Marion esperava Alvar atrás da cerca de Villa Helena. Tinha vindo confirmar suas suspeitas, depois de ter percebido que não lhe contaram tudo e que suas ligações eram ignoradas. Embora odiasse isso, fazia sempre a mesma coisa — ia até lá, se sentava e esperava —, sempre se acomodava na tampa do mesmo poço. Viera por causa de Albiino, viera por causa daqueles que já queria esquecer e viera no dia em que Lambert havia pegado Anita no aeroporto; viera por causa de Anita e torcera para encontrá-la ali. Dessa vez, tinha vindo por si própria e, mais uma vez, esperava que suas suspeitas fossem infundadas. Porém, quando Alvar se aproximou do portão e seus passos ficaram cada vez mais lentos à medida que se aproximava, Marion pressentiu que tinha motivo para estar preocupada.

— Alguma novidade? — perguntou ela.

Alvar não respondeu. Ele parou para acender um cigarro.

— Norma vai ter que sair de férias de qualquer jeito, não é?

Marion não conseguia ver a expressão no rosto do irmão sob a penumbra noturna do verão. Porém, reconhecia os velhos sinais de Alvar, como ele se concentrava no cachorro para evitar responder. Alvar não revelaria nada sobre o que havia acontecido em seu encontro com a garota.

— Mesmo que ela entregue os ucranianos e faça um contrato — continuou Marion —, e mesmo que você encontre o dinheiro que Anita pegou emprestado.

Marion se calou. Depois do episódio de náusea de Norma, Alla tinha perguntado sobre a vida particular da garota, se havia ex-namorados, alguma gravidez inesperada, insistindo que fertilidade era um bom sinal. A família estava apenas esperando para conseguir o que queria. Depois, férias. Um caso excepcionalmente fácil. Sem amigos, sem família. Ninguém sentiria sua falta, ninguém procuraria por ela. Vingar-se da filha pela traição da mãe, um jeito de pagar suas dívidas. A garota era uma tola se tivesse feito algum acordo com Alvar. Isso não mudaria nada. De repente, Marion estremeceu — se a garota tivesse feito um acordo com Alvar, seria pouco provável que ele tivesse acusado Lambert.

— Vá dormir — ordenou Alvar.

— Não estou com sono.

— Lambert tem uma nova cliente. Ela quer o óvulo de uma mulher que seja parecida com a Angelina Jolie. Ele vai passar a noite ocupado com isso.

— Norma está na lista de Lambert? Quem mais está?

— Lasse não está na lista — disse Alvar. — Você pode falar para ele que uma barriga de aluguel adequada foi encontrada para Pekka e Aaron na Tailândia. Na verdade, duas. Uma das mulheres precisa de dinheiro para a faculdade, a outra, para fazer um curso de manicure. Ambas são vietnamitas. Eles podem escolher qualquer uma. Trata-se de um casal registrado, certo?

— É claro. A mulher está matriculada em alguma universidade? Caso Aaron queira verificar.

— Está, sim.

Alvar não esperava que a irmã lhe desse um abraço de repente. Foi sem querer e o deixou desconfortável, e o desconforto trouxe melancolia. Marion o soltou. Lasse não era suspeito, isso era o mais importante. Enquanto digitava o código de segurança do portão, Alvar disse:

— Ninguém suspeita da lealdade de Lasse. Nem Lambert. Acredite em mim.

— E da minha?

A pergunta escapou e ficou pairando no ar, voando como um pedaço de grama seca. O portão se fechou com um estrondo. Alvar parecia estar falando a verdade. Mesmo assim, Marion iria pegar a caixinha de metal na casa de Lasse, só por precaução. Ela havia usado sua última arma: as acusações de assassinato contra Lambert. Era hora de passar para a próxima fase. Levaria o plano até o fim.

Tudo havia começado com ela e Anita abrindo uma garrafa de vinho branco depois de um longo dia de trabalho, folheando revistas de beleza e imaginando como seria o salão dos seus sonhos. Seria um estúdio de cabelo, e as clientes correriam para lá sem jamais perguntar o preço. O letreiro na vitrine teria uma fonte moderna, e o lugar teria uma máquina de espresso e uma assistente que passearia com os cachorros das clientes enquanto Anita fazia cachos com o modelador. Um salão na avenida Lafayette, no Brooklyn, ou em Londres, na Bond Street ou em Covent Garden.

Quando Anita trouxe sua primeira leva de cabelo ucraniano e Marion a levou para Folake, começou a parecer que a brincadeira poderia se tornar realidade. Folake e as outras especialistas em tranças perceberam como o cabelo ucraniano se prendia muito melhor ao cabelo afro que o russo, que elas usavam. Depois que o boom do cabelo loiro causado pela Nicki Minaj se acalmou, as especialistas em tranças continuaram a trabalhar com o cabelo ucraniano e perceberam que ele servia para absolutamente qualquer tipo de cabeça. O *white girl flow* nunca sairia de moda, uma mulher negra sempre iria querer o que não era possível para o cabelo afro: fios esvoaçantes. Folake o enviara para seus parentes na Nigéria, e novos pedidos começaram a surgir. Alla ficou empolgada, depois Marion. E por fim Lambert.

O mercado de cabelo nigeriano tinha explodido com o crescimento da classe média, e quatro em cada cinco mulheres tinham apliques de cabelo. Mãe e filha podiam chegar a gastar quatorze mil dólares juntas só no salão. No entanto, os cachos dos cabelos afro impunham certas restrições, e o cabelo usado nos apliques precisava ter elasticidade. Os fios peruanos e chineses eram pesados demais, até mesmo as mechas indianas não tinham a elasticidade necessária, mas o cabelo ucraniano era esvoaçante e também cacheava naturalmente da raiz. Quando Folake falou de uma mulher que tinha sido pega desprevenida na chuva e, mesmo assim, seu cabelo havia continuado pronto para uma festa, Marion soube que aqueles fios eram mágicos. Quando molhado, o cabelo ucraniano ganhava volume na raiz e as pontas continuavam onduladas e sedosas.

Não havia como Lambert resistir a essa combinação. Mulheres e crianças eram muito baratas na Nigéria, e a indústria de cabelo criava uma fachada perfeita, uma razão totalmente crível para viajar continuamente para o país, encontrar mulheres, ir às suas casas, examinar a situação financeira dos clientes. Por causa do Boko Haram, em áreas onde havia ameaça, um número cada vez maior de mulheres queria visitas domiciliares de suas cabeleireiras.

Lambert queria os olhos de uma cabeleireira no local, e Marion tinha recebido a oportunidade de mostrar suas habilidades. Como o cabelo ucraniano era responsabilidade dela e os outros estavam muito ocupados, Marion recebeu permissão para ir sozinha. Ela havia ligado imediatamente para Anita. Aquela seria a chance delas, o início da derrocada de Lambert.

As duas tomaram voos separados, ficaram em hotéis separados e se viram apenas quando entraram no carro que as levaria a Mama. Ninguém da família tinha visitado a fábrica de garrafas d'água de Lambert antes, tudo era feito por meio de agentes locais e laranjas, por isso tinha sido fácil para Anita fingir ser uma nova coordenadora da agência. Na verdade, Lambert havia ficado com a fábrica por acaso — um amigo médico conseguira escapar depois de ter sido pego e, após muitas voltas e reviravoltas, acabara indo parar na Nigéria, onde contatou Lambert por causa de uma cliente. Ela queria o óvulo de uma mulher escandinava. Lambert não tinha muita confiança na Nigéria. Mas, considerando que as atividades da agência tinham de ser diversificadas de qualquer modo, o novo continente recebeu uma chance, assim como uma empresa, que, no papel, era uma fábrica de garrafas d'água dirigida pelo tal médico.

O local tinha sido incendiado numa batida policial três semanas antes. Não havia câmeras, apenas guardas, carcaças de carros antigos e cinzas. Marion sentia dores nas costas por causa da viagem pelo terreno acidentado e sua gengiva estava sangrando depois que passaram por um buraco na rua enquanto ela estava com uma garrafa d'água na boca. Não esperavam que houvesse uma nova batida, pelo menos não num futuro próximo. Porém, foi exatamente isso que aconteceu, justamente enquanto falavam com Mama. Foi um caos completo, mulheres gritando, bebês chorando, berços caídos, e, no meio de tudo isso, Mama mantinha uma calma estoica, com a certeza de que o dinheiro sempre acalmava a polícia.

Quando o tumulto começou, as duas foram para os alojamentos das mulheres e seguiram uma jovem que, mesmo no final da gravidez, tentava fugir pelos fundos. O portão no muro tinha uma trava enferrujada, que Marion abriu com um chute. Um policial estava de pé ao lado do carro delas. Anita lhe dera um maço de dólares, e as três saíram correndo.

No caminho, a nova câmera de vídeo de Anita continuou gravando escondida em sua mochila, e ela tentou fazer com que a mulher contasse tudo. Após deixarem a grávida num hospital normal, as duas assistiram ao vídeo e ficaram satisfeitas com o resultado. Nele, a mulher explicava que tinha ido ao hospital para fazer um aborto. Não deixaram mais que ela saísse e o aborto não foi feito. Depois do parto, o bebê foi levado, então apareceram alguns rapazes. Ela engravidou de novo e foi transferida para a fábrica de garrafas d'água, onde era mantida prisioneira desde então. Deus sabe quantas vezes algumas daquelas mulheres na fábrica engravidaram. Lá, havia barrigas de aluguel, mas também mulheres que acabaram na fazenda depois de engravidarem por acidente, da mesma forma que ela. Depois de falar do dia em que um cachorro encontrou ossos minúsculos enterrados no quintal, a mulher chorou.

À noite, as duas comeram banana frita e arroz jollof na casa de uns parentes de Folake e descobriram como os salões para cabelos naturais não alisados estavam fazendo sucesso. Marion anotou tudo para Lambert e Alla mas também estudou o mercado com atenção para o seu novo negócio. A indústria estética tinha fama de ser inofensiva, ao contrário da venda de bebês. Depois da grande revelação, ninguém daria muita atenção à rede de negócios de cabelo criada por Lambert, pelo menos não mais que antes. A elite de Lagos seria dela, e Marion

poderia assumir o controle de todos os antigos territórios de cabelo do clã.

Com o passar da noite, o olhar de Anita ficou desanimado. Elas não tinham provas incontestáveis contra Lambert; apenas a fazenda de bebês que tinha sido alvo da polícia várias vezes, mas que mudaria de lugar se fosse denunciada. A jovem grávida não conhecia nenhuma agência Lähde, nem sabia de onde os clientes vinham ou para onde os bebês eram levados. Ela só tinha dito que algumas mulheres recebiam um celular como recompensa.

Enquanto Marion passeava por salões de cabeleireiro e se encontrava com revendedores, Anita fingia ser uma mulher sueca que queria um bebê e tentava encontrar rastros de Lambert. Ele era dono da fábrica de garrafas por meio de laranjas, e seria difícil encontrar provas reais de que aquela era uma propriedade dele, mas Anita estava decidida. Ela iria a todo país onde a agência Lähde atuasse. Marion havia tentado impedi-la. Elas só precisavam de algo que deixasse a polícia interessada. Mas Anita não lhe deu ouvidos, queria visitar todas as clínicas, todos os países e todos os escritórios pessoalmente.

A família tinha ficado satisfeita com o relatório de Marion sobre a Nigéria. Ela seria enviada em mais viagens de negócios importantes e poderia ir sozinha. Ninguém suspeitava que Anita a acompanhava, e, conforme as coisas davam certo, Anita ia ficando cada vez mais ousada. Foi só quando se preparava para a última viagem para a Tailândia que Anita havia começado a achar que já havia visto o suficiente.

04.05.2013

Lambert levou mais de um mês para decidir sobre o empréstimo. Quando finalmente me chamaram para ir ao seu escritório, ele se deliciou com o momento, com a humilhação. Ele me fez ficar de pé no meio da sala, fingindo que não tinha notado que eu estava ali, lendo seus papéis casualmente e deixando um minuto agonizante passar. Então, me notou com um ar de surpresa e começou a falar sobre o tempo. Eu já tinha certeza de que não receberia dinheiro algum. Mas então Lambert bateu na mesa, disse que é claro que emprestaria o dinheiro a uma amiga em apuros e pediu a Alvar que trouxesse uma maleta cheia de notas de pequeno valor, como eu tinha pedido.

Depois disso, não havia volta. Eu devia dinheiro para Lambert. A família não para de me lembrar disso com pequenas indiretas disfarçadas por gestos de amizade, e Alla fica sugerindo que a gente faça uma viagem para a Ucrânia juntas. Ela quer conhecer os meus amigos e ajudar a lidar com quaisquer problemas que uma pessoa desavisada possa ter com as autoridades fiscais do país. Todos os recursos locais de Alla estariam à minha disposição, se fosse preciso. Não posso rejeitar a oferta diretamente. Eu digo que vamos no outono.

Ter dito que o seu cabelo era da Ucrânia, ainda mais de parentes distantes, foi um ato impensado. Eu havia acabado de começar no Tukkataika e pensei que o país que eu tinha escolhido fazia sentido, seria uma boa desculpa para o preço alto. O que eu não sabia na época era que Lambert tinha negócios importantes por lá. Agora tenho certeza de que Alla anda fazendo perguntas sobre o cabelo e deve estar sussurrando no ouvido de Lambert nesse exato momento que o cabelo mágico logo vai estar sob seu controle. Eles sequer sugeriram que o contato ucraniano pudesse ser usado para pagar a dívida, como eu temia. Seria difícil rejeitar essa oferta, já que eu e os meus supostos parentes estamos com problemas financeiros. Mas não, Lambert queria que eu me tornasse dependente dele, queria um jeito de me chantagear. Ele entendeu muito bem que eu não tinha nenhum outro meio para pagar-lhe, e logo vai poder passar para a artilharia pesada.

10.05.2013

Primeiro Marion pensou que seu sonho fosse impossível. Depois, percebeu que poderia ser realizado desde que a família não estivesse no caminho. Eu só tinha que alimentar a sua amargura, lembrá-la de como os Lamberts sempre a menosprezaram e encorajar os seus sonhos. Recorri aos ensinamentos da própria família e fiz com que Marion imaginasse cenas em que ela própria fornecia cabelos para Úrsula Stephen, e Rihanna andaria por aí com madeixas que havia adquirido no seu salão. Depois disso, o especialista em perucas de Paris Hilton se tornaria seu cliente, todas as portas estariam abertas. *Vogue*, *Harper's Bazaar*, *Elle*, *Cosmopolitan* — todas as revistas teriam suas clientes na capa. Não as de Alla, não as de Lambert, mas as dela.

A gente só precisava se livrar de Lambert antes.

Marion tinha jeito para isso.

Thelma e Louise, prisão para toda a quadrilha.

11.05.2013

Por vinte anos, eu me arrependi todos os dias de ter enviado aquele cachimbo para Helena. Talvez pelos próximos vinte eu vá me arrepender de ter acabado com os sonhos de Marion, de ter sido eu a fazer isso, e não Lambert. De ter convencido Marion a se juntar a mim, com a intenção de traí-la, de ter tirado mais vantagem dela que Lambert.

Entretanto, isso é necessário. Eu precisava de dinheiro e conexões com pessoas na indústria. Sem Marion, não teria nenhum dos dois. Sem Marion, não poderia reunir provas para a grande revelação e, sem isso, não me livraria do meu credor. Para realizar o meu plano, eu precisava de algum dinheiro que não tivesse que ser pago. Se não tivesse apoiado os objetivos de Marion, eu nunca teria feito com que ela se unisse a mim.

Ela não suspeita de nada, não desconfia de coisa alguma. Só faz planos para o nosso futuro brilhante. Para mim, é difícil testemunhar isso. Não vai restar nada do dinheiro, e Marion não vai ter o seu salão chique. Eu não vou mais vender cabelo para ela. Isso vai acabar quando eu e você formos para Bangcoc e começarmos uma vida nova.

Norma verificou os voos saindo do aeroporto Helsinque-Vantaa e tentou absorver o que sua mãe tinha dito. Ainda não sabia nada da localização do dinheiro, mas Anita havia pegado um empréstimo que não pretendia pagar. Ela conseguiria isso se chantageasse seu credor, e os vídeos e as informações de Kristian seriam perfeitos. Se a mãe já havia começado a agir, isso teria dado um motivo para a família se livrar dela. O que conferia com as acusações de assassinato de Marion. Porém, um detalhe destoava do conjunto. Assim que Marion havia começado a falar de Lambert no Hilpeä Hauki, a temperatura do seu couro cabeludo tinha aumentado. Marion mentira ao acusar Lambert. Poderia haver uma explicação para essa mentira. Se ela tivesse descoberto a traição de Anita, certamente ficaria furiosa. Teria um motivo para matá-la. Talvez quisesse colocar a culpa em outra pessoa. Lambert era uma alternativa plausível. Os métodos que Marion havia mencionado para fazer um assassinato parecer um suicídio certamente não eram exclusividade do diretor Lambert.

Norma deixou os vídeos avançarem e procurou o número de telefone de Alvar. Não ligou. A data limite para o pagamento do empréstimo estava se aproximando, enfermeiras envolvidas com tráfico de bebês frequentavam seu prédio, pessoas morriam em circunstâncias estranhas, e sua mãe havia traído mais pessoas além dela. O desespero transbordava como leite fervendo. Norma devia partir agora, fugir como Eva para os Estados Unidos. Essa era sua última oportunidade para fazer isso.

DEZ

Se lembra dos pesadelos que faziam você acordar quando era criança? As situações mudavam, mas uma coisa sempre se repetia: você era pega e descoberta. Quando ficou mais velha, você sonhou que sofria um acidente e ficava em coma por um mês e, ao acordar, era prisioneira num instituto de pesquisa. Você teve sonhos em que ficava presa no meio do deserto porque seu carro quebrou ou por causa de um acidente, e arrancava os cabelos com os dentes enquanto esperava o resgate. Você sempre esquecia a tesoura em casa.

19.04.2013

A indústria tradicional de cartões-postais entrou em crise depois da guerra. As tarifas postais aumentaram muito e as pessoas não enviavam mais cartões para o front. Os poucos centavos que Johannes ganhava vinham de pinturas de paisagens de sua terra natal que os imigrantes finlandeses compravam. É por isso que, depois de conhecer um grupo de negociantes de arte na Quarta Avenida, cuja produção de cartões de garotas era fraca por causa das leis sobre a decência e porque não chegavam perto das imagens de qualidade francesa, Johannes decidiu voltar ao seu antigo ofício. Ele sabia que podia fazer melhor. Falsificaria os carimbos de estúdios famosos. Também já dispunha de uma modelo exótica em sua casa. Ele tirava fotos de Eva antes, mas não para vendê-las. Ela só concordou em fazer poses mais ousadas quando Johannes prometeu apagar seu rosto antes que a emulsão do papel fotográfico secasse.

Os postais de Johannes se tornaram populares, e o aspecto misterioso da modelo excitava os homens. Às vezes, ele enviava mechas do cabelo dela para os clientes, a fim de provar sua autenticidade e excitá-los ainda mais. O sucesso fez a vida deles melhorar, e os dois se mudaram para um bairro mais nobre. Comiam costela de cordeiro e frango recheado no almoço, e até as bebidas alcoólicas caseiras foram substituídas por uísque de qualidade contrabandeado.

Quando os enjoos matinais de Eva começaram e nem mesmo fumar erva-do-diabo ajudava, ela teve de admitir para si mesma que estava com problemas. A angélica e a artemísia que tinha trazido de sua terra natal haviam acabado, e ela precisou ir a uma farmácia. Escolheu uma cujo cartão havia recebido de um garoto na rua. A propaganda do cartão que anunciava pílulas francesas que fariam voltar o ciclo menstrual se revelou falsa. As pílulas fizeram Eva se sentir pior. Para o preocupado Johannes, ela disse que era uma intoxicação alimentar, que tudo ficaria bem, e o proibiu de chamar um médico. Pela manhã, pediu à criada que comprasse mais pílulas e óleo de erva-de-são-marcos. Betty trouxe os itens, mas, para se certificar de que Eva sabia dos perigos do que iria fazer, falou de uma amiga que tinha errado a dose de poejo e havia desmaiado, coberta de vômito, com sangue escorrendo por entre as pernas e dos olhos. Betty não queria se deparar com essa cena e tinha uma sugestão melhor.

20.04.2013

O efeito do éter desapareceu, e Eva acordou. Ela não conseguia se mover e não entendia o que tinha acontecido. A última coisa de que se lembrava era do aperto reconfortante da mão de Betty. Agora, Betty não estava em lugar nenhum, não havia ninguém no quarto, mas tinha cabelo por todo lado. O pânico de ter sido descoberta desapareceu quando ela viu um médico e uma enfermeira. Os dois estavam deitados no chão, de olhos arregalados e sem vida. Havia cabelo em volta de seus pescoços, o médico ainda segurava a cureta. Eva não só tinha sido descoberta como também estava a caminho da cadeira elétrica.

Uma recepcionista veio bater à porta... esperou... bateu novamente e chamou o médico, depois a enfermeira. Eva prendeu a respiração e tentou se acalmar. Pegando uma tesoura na mesa de instrumentação mais próxima, conseguiu se soltar, correu para prender a maçaneta com uma cadeira e começou a procurar as roupas. Sua bolsa estava debaixo de um biombo caído, assim como os sapatos, o casaco e o vestido. O chapéu estava amassado debaixo da bagunça de tubos de borracha e gazes. Ela só conseguiu encontrar uma das suas luvas de renda, mas não o cachecol. Eva agarrou a bolsa do médico e, depois de esvaziá-la, começou a enchê-la com o cabelo espalhado entre as cadeiras, os biombos, os instrumentos cirúrgicos, as toalhas e as tigelas de louça. Ela se amaldiçoou por não ter confiado nas suas próprias habilidades, mas nos serviços de um médico que fazia abortos, pensando que, por trezentos dólares, conseguiria algo que ela mesma não sabia como fazer, que seria mais fácil assim, mais certo, que nenhum acidente aconteceria. Agora, essa escolha podia levar a uma pena de morte. Xingou Betty, que tinha feito com que ela desse seu número de telefone verdadeiro. Eva havia usado um nome falso, mas Betty não parava de puxar sua manga quando a recepcionista perguntou seu telefone e lhe lançou um olhar tão sério que ela não teve coragem de mentir mais. As duas foram ali justamente por causa da qualidade do serviço, e parte disso era porque o médico ligaria depois para se assegurar de que a paciente estava bem. Tinha sido um erro. Ela teria que voltar para casa antes da polícia e destruir todas as fotos e os negativos com seu rosto.

A recepcionista bateu à porta novamente e tentou abrir a maçaneta. O relógio tiquetaqueava. Na janela — estava em Nova York — devia haver uma escada de incêndio. Betty teria saído por lá? Ou pela porta? Saída de incêndio. Betty era negra, sabia que não seria bom ser testemunha de algo assim, pois ninguém acreditaria nela. E se Eva acusasse Betty? Daria certo? Em quem acreditariam mais, numa negra ou numa finlandesa comunista? O massacre de Calumet, a reputação dos finlandeses, um ato ilegal. Eva não estava numa posição nem um pouco melhor que a criada negra. As duas estavam no mesmo barco.

A recepcionista veio novamente à porta e tentou abrir a maçaneta à força.

Àquela altura, Eva já estava na janela. Na saída de incêndio. Do lado de fora.

Norma enrolou as pontas do cabelo nos dedos. Sua mãe dizia que ele era capaz de matar. Talvez quisesse assustá-la. Ela sempre fazia isso. Enquanto outras mães alertavam as filhas sobre saias curtas demais e becos escuros, Norma tinha ouvido histórias de horror sobre pessoas anormais e seus destinos. Se ela esquecesse a hora de cortar o cabelo, sua mãe faria um discurso sobre aberrações que acabaram se expondo por dinheiro, as experiências de Mengele com humanos ou circos humanos e perguntava para Norma se ela queria ter esse futuro.

Norma fez uma pesquisa rápida com as palavras “assassinatos” e “cabelo”. Os resultados mostravam essencialmente tentativas fracassadas de tingir o cabelo. Ela havia feito a busca apesar de saber que sua mãe só tentava assustá-la. Mas, mesmo assim, cabelos seriam capazes de fazer isso? Sem que ela pudesse interferir?

21.04.2013

Eva tinha passado várias vezes por aquele lugar no Harlem. Na sala da frente, um modelador que parecia uma máquina para ordenhar vacas escaldava o couro cabeludo das mulheres; a sala dos fundos abrigava uma mesa de pôquer e apostas, garrafas de uísque e namoradas de gângsteres, e roupas à venda por três dólares, apesar de ainda exibirem a etiqueta dizendo dez. Heroína passava de uma mão para outra em pacotes de papel marrom. Eva foi à porta dos fundos, mostrou uma cesta rapidamente, vendeu seu cabelo pela primeira vez, pegou o dinheiro e fugiu.

A polícia encontrou a casa de Eva e, nela, uma série de cartões indecentes, livros e uma foto da qual Johannes tinha removido o rosto, escondida debaixo do tapete. A recepcionista detida se lembrava do cabelo excepcionalmente farto da assassina e o reconheceu da foto. Os jornais a chamaram de mulher sem rosto. O cabelo, entretanto, não foi notícia de primeira página, pois naquela época apenas cabelos curtos, símbolo de uma vida perigosa, causavam escândalos. As manchetes reduziram a mulher sem rosto a um mistério, e o médico que fazia abortos, a um assassino frio. Concluiu-se que os cachos encontrados na sala de operação estavam relacionados a alguma magia, com a qual a assassina havia tentado exorcizar os espíritos maus daquele lugar.

Johannes desapareceu imediatamente, e a polícia nunca o pegou. Eva supôs que ele tivesse pedido ajuda a algum chefe da máfia que ignorava as leis sobre a decência e conseguido um emprego. Como ela, em nome da virtude, tinha se apresentado aos vizinhos como esposa de Johannes, apenas ele sabia seu nome verdadeiro. Por isso a imprensa a chamava de Sra. Johannes Nieminen, o que facilitou sua situação, lhe dando tempo de arrumar uma nova identidade.

07.05.2013

Eva chegou a Chicago por acaso. Ela precisava de um médico que trabalhasse na clandestinidade e que não fizesse perguntas desnecessárias, e o doutor Jackson era exatamente isso. Depois de fazer algumas perguntas indiscretas num bar frequentado por mulheres da vida, foi fácil encontrá-lo.

Eva sabia que seu cabelo se rebelaria caso tentasse se livrar do feto novamente. Sentia o cabelo no útero, como ele se comportava da mesma forma que o seu. Ele reagia às pessoas e era sensível a más intenções; contudo, como ainda não era muito forte, ela achava que o doutor Jackson não correria risco. Para se assegurar de que o episódio que havia ocorrido na clínica de abortos não se repetiria, Eva se forçou a ficar mais fraca, jejuando e raspando totalmente o cabelo quando a bolsa rompeu. Tinha combinado com o médico que aconteceria um acidente com a criança logo após o nascimento.

Ao sair do consultório, Eva estava aliviada. Ainda procuravam a mulher sem rosto, e era possível que fotos antigas de Johannes surgissem — uma daquelas em que seu rosto aparecia — e algum imigrante finlandês poderia ligá-la ao mistério. Sua vida simplesmente não poderia acomodar outra aberração da natureza.

Foi só mais tarde que ela tomou conhecimento da dimensão do que o doutor Jackson fazia e das crianças enterradas no quintal. Eva torceu para que seu bebê tivesse acabado no forno do médico ou numa das valas comuns do coveiro. Mesmo assim, examinava cuidadosamente todos os anúncios de circo, prestava atenção no que as pessoas falavam sobre as performances e as aberrações da natureza nos espetáculos. Nunca ouviu nada que indicasse que Jackson não havia mantido sua promessa, mas, mesmo assim, sentia medo, e acordava com seu filho gritando por ela, esperando e chamando.

Norma não devia estar surpresa e, ainda assim, de alguma forma, estava. Em algum lugar do mundo poderia haver alguém como ela. Alguém que, assim como sua mãe, tinha considerado que viver nas sombras era importante. Embora parte da história de Anita com certeza fosse inventada, com propósitos educacionais, não era de maneira alguma impossível que Eva tivesse descendentes.

Se quisesse, ela poderia encontrar seus parentes distantes com facilidade. Bastava fazer exatamente o oposto do que a mãe havia lhe ensinado: filmar um vídeo de si mesma, postar na internet e procurar pessoas como ela. Poderia ter feito isso quando era mais jovem. Na época, zombava da natureza cautelosa da mãe, às vezes apenas pelo princípio da coisa, e dizia que o

mundo nunca havia estado tão preparado para aceitar um novo grupo que estivera escondido. Sua mãe a considerava inocente demais e acompanhava, preocupada, a forma como os *reality shows* conquistavam o mundo, como os circos de horrores renasciam nas telas da televisão. Anita tinha assistido a cada um deles, de *Body Shock*, *My Shocking Body* a tantos outros programas mascarados como documentários, e havia ficado horrorizada com os avanços: antes, os parentes de pessoas com anomalias eram deixados em paz depois que o circo levava a aberração consigo, mas, agora, não. No século XXI, a mídia queria a família inteira. Norma ria e dizia que a mãe devia relaxar um pouco. A televisão promovia os direitos humanos de todas as minorias, as séries mais populares abordavam orientações sexuais, vampiros e fenômenos sobrenaturais. Hoje em dia, videntes e astrólogos posam na frente de revistas femininas famosas cujas capas lustrosas tornam tudo respeitável. Todas as aberrações saíram do armário. Norma podia fazer o mesmo. Ela podia viver como todo mundo. Talvez não houvesse ninguém mais como ela, mas e daí?

Se Norma se revelasse, poderia estar conversando com alguém como ela no dia seguinte mesmo. Alguém igual, em algum canto do mundo, poderia ler o furo jornalístico sobre uma mulher anormal dali a algumas horas e não conseguiria resistir à tentação de entrar em contato. Ela não estaria mais sozinha, nenhuma das duas estaria. Juntas, poderiam mostrar que todos os preconceitos de sua mãe estavam errados, e o desejo secreto de Norma se tornaria realidade: sempre havia desejado encontrar alguém que partilhasse os mesmos problemas. Ela virou o ventilador para o rosto. Seu pescoço e suas têmporas estavam úmidos, sua gola estava molhada; era como se seu cabelo chorasse.

18.05.2013

Durante toda a sua infância, a gente foi a médicos, charlatões e todo tipo de vendedores de óleo de cobra. Eu explicava a eles os sintomas e fazia uma vaga menção ao crescimento excessivo do seu cabelo, sempre me assegurando de que ninguém tivesse realmente tempo de examiná-la, enquanto esperava por uma bênção, uma maldição, um exorcismo, um encantamento ou uma cura homeopática, qualquer coisa que ajudasse. Eu queria encontrar alguém em cujo discurso fosse possível detectar que havia outras pessoas como você, e torcia para que, um dia, numa dessas consultas, encontrássemos uma dupla parecida conosco, mãe e filha, e que você as reconhecesse se eu não o fizesse.

Eu estava procurando ajuda no lugar errado. Precisamente homens como Lambert é que conhecem médicos como o doutor Jackson, e médicos como o doutor Jackson nunca falam. Sem registros de pacientes, sem vazamentos. Sem nomes verdadeiros. Não é barato, mas é possível, e, quando você se tornar uma pessoa normal, vai poder ter uma família, uma vida, tudo o que eu sempre quis para você.

Encontrar o homem certo levou tempo. Só combinei uma data para a grande revelação a Marion depois de ter certeza de que Grigori era a pessoa certa. Eu o encontrei numa viagem a negócios para Estocolmo. Nossa conversa nos levou a falar sobre hipertricose hereditária, seu tratamento com depilação a laser e terapia com pulsos de luz intensos. Ele falou de um amigo especialista em tratamento de hipertrofia que havia estudado as mutações genéticas que causavam a hipertricose. Existem apenas cinquenta casos conhecidos, e ele se interessava justamente pela raridade da doença. Num certo momento no passado, acreditava-se que as pessoas que sofriam da doença tinham poderes sobrenaturais, e elas eram sequestradas por isso.

Grigori conseguiu curar uma mulher que sofria de hipertricose. Eu mesma a vi com os meus próprios olhos. Era uma das clientes da clínica de Lambert. Seu cabelo estava normal, e seus filhos nasceram saudáveis.

Norma, querida, tem tanta coisa que a gente devia ter conversado. Eu não toquei no assunto porque não tinha todas as respostas. Tentei dizer nesses vídeos tudo o que você precisa saber. Se algo der errado, Eva vai ajudar você a encontrar esses vídeos, e aí você vai ter que partir imediatamente para o aeroporto de Helsinque-Vantaa e depois para Bangcoc. Quando esse momento chegar, tudo vai estar pronto e pago. Mais tarde, eu vou dizer a você quem são as pessoas que deve procurar e os dados para contato. Também vou conseguir documentos com um nome falso. Marion conhece pessoas que podem arrumar um passaporte. Talvez eu esteja paranoica, mas Lambert tem capangas por toda parte. Já encontramos pessoas demais, e uma delas vai dar com a língua nos dentes mais cedo ou mais tarde. Lasse e Kristian são bons exemplos de como registros de pacientes vazam como uma peneira e de que tudo está à venda. Comecei a suspeitar de Kristian em particular. Temo que os nervos dele não aguentem, que ele conte tudo para Lambert só para salvar a própria pele, acreditando que vai receber dinheiro pela revelação ou que sua dívida vai ser perdoada.

O caso de Helena e o destino de Eva me convenceram de que a gente nunca pode ter certeza absoluta de como seu cabelo vai se comportar. Eu estaria pronta para abandonar o meu plano se ele tivesse se comportado de forma ameaçadora. Norma, ele aceitou tudo o que eu fiz.

Mais do que do comportamento descontrolado do seu cabelo, tenho medo de outra coisa, algo a que nenhuma mulher consegue resistir: as tentações do coração. Mais cedo ou mais tarde, você vai encontrar alguém com quem vai querer ter algo que signifique mais que um relacionamento casual. Mais cedo ou mais tarde, seu coração vai trair você, como traiu sua predecessora. Por essa razão, tudo isso é necessário. Eu confio na sua cabeça, mas não no seu coração.

ONZE

Os tailandeses preferem usar mulheres do Vietnã, de Myanmar ou de Taiwan. Não é uma questão de preço, mas de diferenças culturais. Os tailandeses respeitam mais suas próprias mulheres. Sinto que a mesma lógica se aplica aos outros. É mais fácil usar alguém que não seja igual a você. Mantenha isso em mente.

Os novos folhetos da agência Lähde estavam espalhados pela mesa. Alla estava revisando a versão em russo; Marion, as versões em finlandês e sueco. Lähde representava qualidade, não charlatões escusos, e nem um único erro podia passar. Escolheram o papel mais caro para a impressão, o designer havia custado uma fortuna e os resultados correspondiam às expectativas. Alvar se concentrava em analisar os vídeos de apresentação das mulheres barriga de aluguel, que também eram de primeira qualidade. Ninguém parava de olhar para o relógio na parede. Lambert tinha ligado algumas horas antes e havia pedido que colocassem o champanhe para gelar. Tinha chegado a hora de uma pequena comemoração.

Lambert tinha o hábito de protelar a revelação de boas notícias, aumentando a agitação como o mestre de cerimônias de um picadeiro. E continuou fazendo isso ao passar pela porta, dançando ao som do hit do verão que tocava no rádio. Ele cantarolava. Assobiava. Pegou alguns dos folhetos, dançou pela sala enquanto os folheava e mostrou sua aprovação, bagunçando o cabelo do filho. Fora ideia de Alvar investir em folhetos multilíngues. Dessa forma, tanto as mulheres que eram barriga de aluguel como os clientes receberiam o material em suas línguas nativas. Isso aumentava a confiança.

— Logo, vamos ter que imprimir isso em vietnamita. — Lambert sorriu com satisfação. — O governo de lá está mudando o posicionamento em relação a barrigas de aluguel. O vice-primeiro-ministro fez declarações belíssimas sobre como todos têm direito ao sonho da maternidade. Pensem no tempo que a gente leva para conseguir uma trança de verdade de lá, mas uma gravidez leva só nove meses. E aquelas garotas são tão saudáveis!

Lambert parou de dançar, desligou o rádio e deixou o silêncio reinar. Marion sentiu um frio na espinha, sua testa tremia como se ela tivesse saído de uma sauna e encarado direto um frio congelante. Alvar balançou a cabeça para ela discretamente; ele também não sabia o que estava acontecendo.

— Dimi ligou. O cabelo foi examinado.

Lambert deu um soco no canto da mesa de centro e suspirou. As taças de champanhe, que já haviam sido colocadas no tampo, tilintaram.

— Limpo, extremamente limpo, sem nenhum tipo de resíduo. Dimi se perguntou se era possível que ele fosse produzido em laboratório.

— Ele concluiu isso só por causa da pureza? — perguntou Alvar.

— Não. É o DNA. — Lambert bateu as mãos. — As amostras foram tiradas de três mechas, de três levas diferentes. O DNA é o mesmo em todas elas. Isso só é possível se o cabelo for de uma única pessoa. Acredito que alguém tenha inventado um jeito rápido e barato de produzir cabelo perfeitamente semelhante ao humano, e os parceiros de Anita estão envolvidos nesse projeto.

Marion percebeu que Anita havia mentido. Ela não tinha nenhum parente misterioso que passava pelos vilarejos da Ucrânia coletando cabelos. As mechas vinham de um laboratório de ponta, cujos donos tinham capital e muitos empregados. Alguém ainda daria com a língua nos

dentes, sempre havia alguém para dar com a língua nos dentes. Lambert encontraria essa pessoa e depois o fornecedor.

— Dimi está procurando cabelos semelhantes e solicitando amostras de todo mundo. A fonte vai ser descoberta mais cedo ou mais tarde — declarou Lambert. — Mas seria mais rápido colocar as mãos nela por meio da garota. Essa situação avançou de alguma forma?

— Ainda gostaríamos de saber quem planejou tudo, quem está com a câmera, para quem Anita coletou as provas e o que estavam planejando fazer com elas — acrescentou Alvar, sondando o terreno. — A garota vai ter que pagar parte da dívida logo. O que ela pode nos dar além dessas informações?

— O garoto é sempre um estraga-prazeres. —Lambert suspirou. — Arranca logo as informações dela e pronto.

Marion ficou sentada à mesa depois que os outros saíram. Quando a discussão se voltara para a garota, o olhar de Alvar a evitara, exatamente como havia acontecido no caso de Albiino. Naquela ocasião, Marion também havia rasgado guardanapos e feito pilhas com os pedaços. Lambert sentira o aroma de maçã do Calvados que bebia como se fosse o melhor perfume e lamentara o fato de a situação ter chegado àquele ponto. Ele se compadecia das almas jovens, mas a traição da moça não podia ser ignorada. Depois do acidente de barco de Reijo, ela fora adotada pela família, recebendo apoio e trabalho. Lambert a tinha tratado como sua própria filha. E como fora recompensado? Ela havia traído Alvar e abusado de sua gentileza. A ganância de Albiino era evidente desde o início. Lambert havia lembrado os outros o momento em que ela vira um saco de dólares em notas de pequeno valor e quisera tocá-las. Só um pouquinho. Ela havia ficado com água na boca. Dava para ver a saliva no lábio inferior, reluzente e úmido. Foi então que surgiu o embrião de sua estupidez. Albiino achou que poderia tirar uma casquinha de Lambert sem ser pega.

Na estante da sala havia uma foto de Lambert e Reijo Ross posando com os filhos: Marion, Alvar e as crianças da nova família de Ross, Albiino e seu irmão. A foto desapareceu depois daquela noite. Alvar ganhou uma casa de campo e um carro novo como forma de reconhecimento. Ele parecia não lamentar o destino de Albiino, assim como não havia lamentado o de Bergman. E, para ela, Albiino não tinha passado de uma boa companhia para substituir Bergman, uma pausa nos assuntos da família, um lugar no qual Marion havia imaginado que poderia ficar e esperar o início de sua nova vida. Mais tarde, percebeu que esse novo começo não viria. Nenhum amor, nenhuma família, nada nem ninguém para chamar de seu. Tudo o que havia era Lambert, sempre, por todo lado, de um jeito ou de outro. Mas agora isso iria acabar. A determinação despertou os membros entorpecidos de Marion. Parecia que, afinal de contas, a garota não havia feito um acordo com a família. Talvez o encontro com Alvar tenha sido só para perguntar sobre os últimos dias de Anita, assim como ela lhe fizera perguntas estúpidas sobre as vozes de Helena. De qualquer forma, o melhor a fazer era tentar salvar aquela idiota. Desse jeito ela não ficaria assombrando seus pensamentos como Albiino.

Os dedos de Alvar tamborilavam no volante quando ele parava no sinal de trânsito e, depois, num cruzamento, ao entrar numa rotatória ou mudar de faixa. O rosto completamente inexpressivo, nada, nem uma palavra sequer por todo o caminho da loja de atacado até o salão. Eles estavam se aproximando de Kallio. Marion mudava de estação de rádio toda hora, os locutores com suas vozes profissionalmente alegres, as previsões do tempo e os anúncios de casamentos no verão.

— Será que aquilo que Lambert disse sobre o DNA do cabelo é verdade? — perguntou Marion.

Alvar desligou o rádio como se tivesse desligado a própria voz.

— Por que você está nervosinho? Olha só, eu tenho um salão para tocar. Se a garota sair de férias, você vai ter que arrumar alguém para substituí-la.

— Da última vez, eu trouxe Anita. E as coisas não correram muito bem. Fala com a Alla.

Alvar olhava para a frente, com os pulsos relaxados, mas a mandíbula tensa, e Marion queria muito, muito, que Alvar cedesse pelo menos um pouco. Quando ela e Anita começaram a planejar a grande revelação, Marion estava pronta para colocar a quadrilha toda atrás das grades. Mais tarde, mudou de ideia e decidiu salvar o irmão da avalanche que viria depois da explosão. Anita havia sugerido alertar Alvar antes. Não muito antes, só um pouco. Marion não devia fazer nada de que fosse se arrepender depois. No entanto, precisava de um motivo para salvar o irmão.

— Norma não é como as outras, ela não fez nada — argumentou Marion. — Podiam deixá-la ir embora. Lambert nunca perdoa nada que eu faço, mas perdoa você.

Alvar riu.

— É o que você pensa.

— Você sabe como mexer os pauzinhos.

— Você também saberia, se fizesse o mínimo de esforço.

— Seria inútil. Lambert sempre vê Helena em mim.

— Isso é coisa da sua cabeça. Tudo que Lambert vê em você é uma idiota que colocou tudo em risco e acreditou nas mentiras de Anita. Você não é boa nisso.

Marion deixou escorrer uma lágrima. Alvar lhe passou um lenço de papel.

— Você sabe onde Albiino está agora?

— Não faço ideia.

— Você não tentou descobrir? — perguntou Marion.

— Por que eu faria isso? Por que está pensando nisso? Você nem gostava dela.

— Eu não quero ir àquela reunião com o cliente.

Em relação a Albiino, tudo aconteceu rápido demais depois que a decisão foi tomada, em alguns dias. Alla tinha de cuidar de muitas coisas ao mesmo tempo: além dos problemas causados por Albiino, havia problemas de distribuição em Maracaibo. A Venezuela tinha aceitado todo o cabelo russo que Alla havia lhes fornecido, mas o fato de as madeixas das

mulheres da região estarem sendo roubadas aumentara a vigilância, e alguns infelizes tentaram contrabandear cocaína misturada com entregas de cabelo. Os subornos ficaram mais caros. No México, as pessoas precisavam de barrigas de aluguel.

Alla decidiu cuidar de tudo na mesma viagem. Ela comprou três passagens para Bogotá e conexões para Cancún, também para três pessoas. Albiino ficou empolgada com as férias e o hotel com piscina. Ela achava que seria o passeio dos seus sonhos e comprou dois biquínis. Tinha um amante rico e passaria os dias deitada ao lado da piscina com uma margarita na mão.

Depois de poucas semanas, Lambert apresentou uma mulher com potencial para ser barriga de aluguel de uma cliente americana. Marion tomou um susto ao ver Albiino no monitor. O cabelo dela estava arrumado, as unhas postiças tinham sido removidas, mas os cílios foram mantidos. O bronzeado que ela havia conseguido nas piscinas de Cartagena equilibrava as contrações musculares causadas pela anfetamina que não podiam ser escondidas com pó facial. Lambert havia explicado que a garota ficava nervosa diante da câmera. Albiino fora apresentada como uma finlandesa que tinha se mudado para o México e que precisava de apoio financeiro para começar uma nova vida após se divorciar do marido. No canto da tela, havia o logotipo do Planet Hospital. Lambert enfatizara a sorte dos americanos: era difícil encontrar mulheres como aquela, a criança seria bonita e provavelmente de olhos azuis.

— Por que você escolheu a pior alternativa possível para Albiino? Por que um homem daqueles? Você pode procurar alguém melhor dessa vez? Por Anita.

A maioria dos casais eram pais perfeitos. No caso de Albiino, foi completamente diferente. Lambert não deu a mínima quando o futuro pai explicou que seria melhor que sua esposa não visse mais a mulher que seria a barriga de aluguel. Como os óvulos não eram da futura mãe, mas de Albiino, ela poderia questionar a própria maternidade se passasse tempo demais com a outra. Então, o homem perguntou se o preço seria mais baixo se a concepção fosse feita naturalmente. É claro que era.

— Você se lembra daquele casal, aquele que abandonou os planos de adoção depois de ouvir falar do Haiti. Lembra? Eles foram a uma palestra sobre adoção, e o palestrante disse que a catástrofe no Haiti era propícia a isso, mas que esses desastres naturais eram raros e a oferta não seria tão grande no futuro. O casal ficou impressionado. Você se lembra deles?

— A barriga de aluguel já foi escolhida.

— Diz a eles que a mulher ficou doente.

— É arriscado demais. O casal quer se encontrar com ela e conhecê-la melhor.

— Até lá, Norma vai ter percebido quais são as opções dela. Apresenta alternativas a eles. Eles vão entender.

— Isso deixaria você mais calma? Esse plano deixaria você feliz?

— Deixaria, sim.

— Você não se incomodava com nada em relação a Albiino. Por que essa insistência toda agora?

Marion ainda sentia nas costelas o cutucão que levou de Alla quando Norma foi vomitar no parque. Ela não tinha conseguido salvar Anita nem sua filha, mas poderia tentar facilitar sua vida. E então partiria, não importa para onde, e avisaria Alvar um dia antes da grande revelação. Mas só se ele cumprisse a promessa.

Lasse sopesou o cabelo ucraniano, mas depois o atirou sobre os vestidos jogados no sofá. Não conseguia decidir o que vestiria na Parada Gay. Talvez fosse como a mãe de todas as loiras, Marilyn.

— A democratização do loiro platinado e do biquinho me faz apreciar a Marilyn mais do que nunca — comentou Lasse, e serviu mais café para Marion. — Que tal Angelina Jolie? Eu poderia ir morena, para variar. A mastectomia da Angelina foi incrível. Lambert deve ter ficado em êxtase.

De fato, a reação de Lambert não tinha sido nada discreta. A notícia o fez agarrar Alla na mesma hora e puxá-la para dançar. O fato de uma pessoa famosa ter retirado os seios por causa de um gene cancerígeno hereditário era ótimo para os negócios. Os funcionários da agência foram instruídos a lembrar as pessoas de todo caso famoso, na eventualidade de o cliente ter problemas no histórico familiar. A agência esperava ansiosamente por notícias de pessoas famosas que optaram por barrigas de aluguel por causa da predisposição a Alzheimer ou a esquizofrenia.

— Os negócios melhoraram muito quando a Nicole Kidman teve uma filha por meio de uma barriga de aluguel.

— E a Sarah Jessica Parker. Lambert ainda pode acabar sendo tão procurado quanto o agente da Sarah Jessica. Mas, minha querida, me conta qual é o problema. Problemas não fazem bem para a pele de uma mulher.

— Alguém perguntou alguma coisa?

— Sobre a caixa?

Lasse colocou uma caixinha de metal em cima da mesa. Marion a enfiou na bolsa. Ela dormiria melhor se sempre soubesse onde a caixa estava, sem ter de ficar preocupada com a possibilidade de Lasse não responder às mensagens imediatamente.

— Qualquer pessoa, sobre o que quer que seja.

— Não, nada nem ninguém.

Marion observou a expressão de Lasse. Ele ainda achava que estava tomando conta das economias dela para os dias difíceis e que só lhe foram confiadas porque Marion era incapaz de resistir ao impulso de gastar dinheiro. Anita e Marion queriam guardar a caixa num lugar seguro, onde a família nunca procuraria. Lasse era o único empregado da agência que não era motivado por dinheiro, e, por isso, todos confiavam nele. Mesmo assim, Marion ainda tinha suas dúvidas. Se Lasse descobrisse o que ela estivera fazendo com Anita, poderia dedurá-la. Ele não iria querer colocar em risco as atividades da agência. Com a grande revelação, nenhum dos casais de homens que Lasse conhecia poderia ter seu próprio filho. Seu amigo que estava prestes a se tornar pai por meio da clínica de Bangcoc jamais compraria uma passagem de trem para a família nem procuraria quartos grandes em hotéis. Os sonhos dele foram despedaçados no exato instante em que Lasse entregou a caixinha de metal para Marion. Era melhor retirar logo das paredes as fotos da família do Elton John, porque em breve ele não aguentaria mais

olhar para isso ou ler notícias sobre como o cantor tivera mais um bebê graças ao útero gentil de uma barriga de aluguel. Marion percebeu que seus olhos estavam ardendo de novo. Pólen, era isso. Atualmente, havia dez mulheres grávidas na clínica da Tailândia, cinco na Geórgia e oito na Ucrânia.

— Eu tenho que me preocupar com alguma coisa? — perguntou Lasse.

— Não, Lambert é que é paranoico demais. Isso dificulta as coisas.

Marion notou que havia dois celulares na mesa. O aparelho pessoal de Lasse e outro, um celular pré-pago, que ele usava para as atividades da agência. Quando a hora chegasse, ela lhe enviaria uma mensagem para destruir imediatamente o pré-pago. Lasse não merecia arrumar problemas, precisava ser protegido; porém, era necessário mantê-lo calmo. Marion percebeu que ela mesma estava totalmente tranquila. Suas mãos não estavam frias nem iam instintivamente para o bolso que antes guardava o celular do projeto.

— Anita tinha que roubar de Lambert? — perguntou Lasse. — Eu não sabia que ela estava com problemas financeiros.

— Nem eu.

— Mas acabar debaixo do metrô daquela forma...

— Lambert não perdoa uma coisa assim. Era uma quantia enorme. Alguns parentes de Anita se meteram em encrenca.

Marion ficou quieta. Não queria mentir para Lasse.

— Que tipo de homem...

— Pois é.

— Desde que você não seja pega como Anita — disse Lasse, e levantou a mão. — Não, não me conta mais nada. Eu não quero saber. E suponho que seja melhor a gente se despedir.

O queixo de Marion tremeu. Ela não tinha pensado nisso.

Lasse jogou o vestido de Marilyn na cadeira e se aproximou para lhe dar um abraço.

— Você merece um novo começo — disse ele. — Aproveita e vai com tudo.

DOZE

Há tantas garotas. Eu não sei o que vai acontecer com todas elas depois da grande revelação. Mas atrasar as coisas não traria nenhum benefício, os negócios não estão diminuindo, não há uma recessão iminente, não há um momento à vista em que alguma garota esteja envolvida. Eva disse que eu não deveria pensar nisso. Tudo tem seu preço.

A ideia lhe atingiu como um raio — Norma parou o vídeo. A imagem mostrava a capa da câmera nova da mãe e a mala cheia de pertences. A primeira câmera digital que Anita havia comprado. Como já não tinha nenhum valor para um ladrão, sua mãe passou a levá-la em todas as viagens. O vídeo havia sido gravado com o aparelho novo, que agora estava na prateleira de livros.

Norma releu as últimas mensagens da mãe. Nem uma palavra sequer sobre uma câmera perdida na viagem. Ela mandou uma mensagem a Margit perguntando sobre isso e recebeu uma resposta imediata. Sua tia não vira nenhuma câmera cor-de-rosa e pequena e também não a levara consigo. Norma pegou a mala de rodinhas da mãe e vasculhou seu interior outra vez. Um maiô, saias de algodão, protetor solar. Uma jaqueta de linho. Lembranças da viagem para Norma: um vestido de seda novo e creme de capim-limão. Sua mãe iria lhe dar os presentes naquela noite. Na noite que nunca aconteceu. Mais seda. Nenhuma câmera.

O hotel no qual a mãe havia se hospedado informou que ela não tinha deixado nada lá. Norma recebeu a mesma resposta do aeroporto de Bangcoc. No aeroporto de Helsinque-Vantaa, a ligação foi transferida para a Finnair. Norma descreveu a câmera, informou as duas datas em que ela podia ter sido perdida, as datas de ida e volta. Descreveu a medalhinha que ficava pendurada na alça, com uma foto de casamento de Elizabeth Siddal, a Regina Cordium de Rossetti, no fecho.

Norma não ouvira errado. A câmera estava no balcão da Finnair. Por acaso, era ela a funcionária que estava de serviço quando o aparelho foi entregue. Uma finlandesa tinha visto uma mulher deixando uma câmera cair, mas o grupo havia avançado tão rápido que não tivera tempo de alcançá-lo.

Norma colocou uma mistura de suplementos vitamínicos no copo, engoliu tudo e cortou um pedaço do cabelo. Ela misturou os fios cortados com tabaco e enrolou um cigarro. Depois de fumá-lo lentamente, olhou para a foto de Eva ao lado do laptop e chamou um táxi para levá-la ao aeroporto.

Quando os sinos de vento soaram, as manchas escuras nas axilas da camisa branca de Marion aumentaram. Alvar tinha vindo buscá-la para uma reunião com clientes, e, como sempre, os sinais de uma noite maldormida eram evidentes. O coque banana não escondia a viscosidade do couro cabeludo não lavado, o aspecto seboso.

— Pronta?

— É claro.

Marion passou spray no penteado pela segunda vez. Ela estava enrolando. Não queria ir. Todo o seu ser gritava para não fazer isso. Norma olhava para Marion com novos olhos. Ela havia interpretado mal as coisas porque não sabia o que procurar. Os cigarros ajudaram, Anita estava certa a esse respeito. Sem eles, as raízes do seu cabelo não estariam tão calmas agora, e seus pensamentos, tão lúcidos.

Quando ficou sozinha, Norma pegou do bolso as chaves do carro de Marion que havia roubado da bolsa dela quando ela foi retocar a maquiagem. Se desse falta das chaves, Marion pensaria que, em sua ansiedade, as esquecera no salão, assim como esquecera ao lado da pia o pó facial e uma escova de cabelo que sempre carregava consigo. Norma pegou uma vassoura, uma pá de lixo e um pequeno aspirador de pó por precaução, caso alguém quisesse saber o que estava fazendo, e foi vasculhar o carro de Marion.

No porta-malas, Norma encontrou uma mala de mão. Colocou-a num saco de lixo e a levou para a sala dos fundos do salão. Os adesivos do voo foram arrancados e não havia muita coisa dentro da mala, à exceção de alguns folhetos de hotel e turismo em Kiev, Tbilisi e Bangcoc, um pente e uma pilha de folhetos da agência Lähde, cujos títulos se repetiam em vários idiomas. A sede da agência ficava em Kiev e havia escritórios em Bangcoc, México, Ucrânia, Polônia e São Petersburgo. Norma abriu um em finlandês e observou as pessoas que se apresentavam como especialistas em maternidade por substituição. A diretora da agência dizia que tivera a ideia de fundar a empresa depois de passar pelo mesmo que seus clientes — ela só havia conseguido experimentar as alegrias da maternidade por meio de uma barriga de aluguel —, e hoje tinha dois filhos. Os funcionários das clínicas parceiras também afirmavam entender os problemas dos pacientes por causa de suas próprias experiências. Nas últimas páginas, havia uma lista de gerentes e coordenadores, gerentes médicos e gerentes locais responsáveis pelas barrigas de aluguel e pelos doadores, assim como pelo pessoal do serviço de apoio ao cliente. Profundo entendimento jurídico, documentos de viagem e questões referentes à nacionalidade da criança faziam parte do pacote. Por cima da foto mostrando uma família idílica, lia-se: “Transforme sonhos em realidade”. Nenhuma informação do folheto se referia diretamente aos Lamberts ou a qualquer coisa duvidosa.

Norma saiu para fumar um cigarro e começou a trabalhar. A mala nunca havia sido limpa com um aspirador de pó, nem lavada. Era um tesouro. O primeiro cabelo que encontrou com certeza era vietnamita. Definitivamente de uma mulher grávida, jovem, cheia de vitaminas.

Algum elemento químico desconhecido incomodava Norma. O cabelo de uma mulher grávida devia ser viçoso como a primavera, mas esse tinha algo parecido com as vietnamitas das esmalterias, e o nível de estresse era mais alto do que as mulheres grávidas deviam ter. O fio de cabelo seguinte estava no meio de um folheto de hotel e pertencia a uma pessoa nórdica numa dieta com pouco carboidrato, cujas chances de ter um filho pareciam inexistentes. Norma havia aprendido a reconhecer pessoas com ovários policísticos fazia muito tempo pela hipertrofia do cabelo. Embora a ciência médica fosse capaz de controlar a síndrome, ela era nítida no cabelo da mulher, assim como os comprimidos de clomifeno. A situação da terceira e da quarta mulher era a menopausa. A quinta estava tomando hormônios da hipófise, comia queijos curados e bebia vinho orgânico. Na sexta, ela sentia clomifeno, e na sétima, hormônios da hipófise mais uma vez. Todas elas tinham 30 e poucos anos, exceto duas, com mais de 50. A terceira e a quinta podiam começar a beber menos, a sexta era anoréxica, intolerante à lactose e sofria de falta de magnésio e de muitos outros minerais. No total, sete mulheres com traços de tratamento para fertilidade em todos os cabelos. Norma também encontrou alguns fios que pertenciam a homens. Um era de Alvar, os outros dois pertenciam a nórdicos desconhecidos. A qualidade de vida desses homens era a mesma das mulheres, assim como sua dieta. Foi então que lhe ocorreu uma memória olfativa muito forte. A bolsa de Anita, aquela cujo forro Norma havia rasgado quando procurava pela última mensagem da mãe. O cabelo escandinavo preso ao zíper. Sem chance de ter filhos, muito suco de uva, excesso de aspirina: tratamentos caseiros clássicos para fertilidade.

Não era a mala de uma cabeleireira. Os fios não eram de apliques de cabelo, eles não apresentavam os danos causados pelo silicone e por produtos químicos. Inicialmente, Norma havia pensado que as reuniões de negócios quase diárias de Marion estavam relacionadas a vendedores de cabelo, à grande rede criada por Alla. Porém, Marion conversava de forma descontraída com as trançadoras nigerianas e tinha ido à loja de atacado toda feliz. Norma ainda segurava o pente que havia encontrado na mala. Ele apontava para a mesma conclusão: eram as reuniões a que Marion ia com essa mala que a deixavam nervosa.

Norma fechou o zíper. Ainda que as amostras fossem antigas, não havia como estar errada. Assim como não havia dúvida quanto à participação de Marion nos negócios da família. Todos pertenciam à mesma laia.

Faltavam apenas quinze minutos para a chegada da próxima cliente. Norma devolveu a mala ao carro e olhou para os casacos pendurados lá dentro — ainda estavam nos sacos da lavanderia, por isso não ofereceriam nada de interessante —, voltou para o salão e colocou as chaves do carro no chão, debaixo da mesa onde Marion normalmente deixava a bolsa.

A cliente com um mullet era uma daquelas que sonhavam com uma carreira em Hollywood. Para elas, a Finlândia não passava de um país pequeno e intolerante. Por algum motivo, todas acreditavam que teriam uma carreira nos Estados Unidos se acertassem os detalhes — dentes brancos e cabelos compridos, volumosos e com brilho. Essa menina era baixinha demais para as passarelas, mas estava convencida de que seria bem-sucedida num trabalho em que altura não fosse um problema: modelo de lingerie. Com o dinheiro da herança da vovó, ela já havia adquirido trezentos e cinquenta mililitros de silicone. Tinha ido a Talim com a mãe para comprá-los.

Hoje, tolerar a tagarelice da garota estava mais difícil que o normal. Uma cena breve de um vídeo gravado na câmera cor-de-rosa da mãe ecoava nos ouvidos de Norma. "*After the baby I go to America. America after the baby*." Em outra cena, via-se uma garota oriental em péssimas condições, com um inglês bastante precário, num lugar que parecia um hospital, com roupas que pareciam ser de hospital, nos últimos meses de gravidez e com os pulsos presos à cama com algemas. Anita mostrou fotos para ela e depois para a câmera. Norma reconheceu apenas dois dos homens, Alvar e Lambert. "*Have you seen any of these men here? Have you been talking to any of these men?*" A garota fez um sinal afirmativo, cuspindo na foto de Lambert.

O conteúdo da câmera que sua mãe usava nas férias e a breve aparição de Alla no vídeo da viúva de Kristian provavam que os negócios da família Lambert não deviam ser classificados como conversas desconexas de Helena. Envolver-se nisso, entretanto, era loucura. Norma não podia fazer algo assim.

Norma apagou do computador da mãe todos os vídeos que se referiam a cabelos, a alisadores de cabelo no Harlem e às redes especialmente fortes que Eva usava nos penteados. Apagou o vídeo em que a mãe falava para ela ir a Bangcoc se algo acontecesse. Apagou todas as referências a Grigori. A conversa sobre o sotaque de Helena era verdade, isso não podia ser apagado, então deixou a maioria dos vídeos em que ela aparecia. O cigarro na mão de Helena parecia normal, isso também podia ficar, assim como o cachimbo, que Helena parecia carregar para onde quer que fosse. As cenas em que Helena falava "finglish" demais foram para a lixeira, assim como aquelas em que era possível perceber o estupor, causado pela loucura ou pela medicação, nos olhos dela. Não sobrou muito material, mas era o suficiente.

Norma reviu tudo que havia deixado no computador mais uma vez e tomou um comprimido para dor de cabeça, a fim de aliviar o incômodo. De tempos em tempos, olhava os horários do aeroporto de Helsinque-Vantaa, prestando atenção a qualquer barulho vindo do corredor. A campainha continuava silenciosa, só ouvia os vizinhos lá fora. Porém, achava que alguém apareceria à porta a qualquer momento. Uma faca no bolso do casaco, outra na bolsa. Elas tinham um efeito relaxante, assim como os cigarros de cabelo que Norma enrolava. Eles não a faziam ficar alucinada nem ouvir vozes. Também não estava certa se queria que isso acontecesse ou não. Ao abrir a boca, era sua própria voz que saía, e não a voz aguda de Eva com sotaque americano. Ela não tinha sido contagiada pela loucura de Helena e da mãe.

Norma não apagou nada da câmera que a mãe usava nas férias, apenas copiou o conteúdo em dois pen drives. Escondeu um deles no sutiã; o outro, na mala. Já estava de mala pronta. Com mechas de cabelo, sua melhor tesoura, as fotos de Eva escondidas em envelopes. Norma não queria olhar para o rosto dela naquele momento.

Estava quase pronta. A mala. Os vídeos. A câmera.

Marion queria poder relaxar sozinha por um instante antes do jantar. Ela só precisava de um momento e de uma dose do bar da sauna. Norma tinha avisado que estava gripada, e as últimas clientes antes do feriado em homenagem a são João ficaram para Marion. Estava cansada, queria ter ficado em casa, dormir durante o feriado, mas tudo tinha de parecer normal, a família não podia suspeitar de nada. Por isso suas mãos lavavam o cabelo de Alla com movimentos firmes. Ela fechou a torneira rapidamente e pegou um secador. Agiria depois que Alla e Lambert voltassem de Hanói, quando estivessem em solo finlandês. Antes disso, teria tempo de organizar suas coisas e, se tudo corresse bem, fazer a garota entender as vantagens do plano.

Marion estava prestes a colocar o secador na tomada quando Alla se virou para ela.

— Eu tenho que perguntar uma coisa: você já sentiu sintomas semelhantes aos que Helena teve no passado?

A pergunta veio do nada. Alla nunca falava de Helena.

— Não me leva a mal. Estamos todos sob uma pressão enorme, e isso pode ser um gatilho para doenças mentais.

Os dedos de Marion seguravam o secador com tanta força que o plástico estalou como um iceberg, e, por um breve instante, ela se viu pegando a lixa de metal que estava em cima da mesa e apunhalando Alla, ainda que ela não fosse Helena, que não se comportasse como Helena.

— Max não quer nem pensar na ideia de você ir parar num manicômio.

Isso era uma ameaça. Marion reconhecia os métodos que Lambert usava para assustar as pessoas, e eles sempre tiveram um efeito paralisante nela. Queriam fazer com que ela acreditasse que Lambert a internaria num hospício. Não na Finlândia, mas em outro lugar. Seriam suas férias.

— Ainda bem que você não tem filhos. Sabe lá Deus o que eles se tornariam! —Alla suspirou e pegou um guia do Japão. Tinha uma foto de flores de cerejeira. — Eu penso em você toda vez que a gente atende uma cliente com medo de que o filho herde a esquizofrenia da família. Mas não vamos mais falar disso. Eu conversei bastante com Unno, a esposa de Shiguto. Max também considera um pouco estranho o comportamento dela. Alvar acha que esses dois vão acabar fazendo a Interpol vir atrás da gente. Por outro lado, o pai de Shiguto é o décimo nono homem mais rico do Japão.

As mãos de Marion ficaram rígidas, não conseguiam colocar o secador na tomada. Ela tentou enfiar o plugue repetidas vezes até ouvir Alla se levantando da cadeira e jogando o livro na mesa. A madrasta pegou o plugue de sua mão e o colocou na tomada. Lábios cheios de botox se abriram num sorriso amigável.

— Shiguto tem um apartamento excelente, um lar, uma residência, seja lá como quiser chamar, para mulheres grávidas, com babás, e a garota não vai precisar se preocupar nem em trocar fraldas. Tem dinheiro envolvido também, cerca de quinhentos dólares para cada mês de

gestação, e todas as despesas pagas. A garota vai receber o mesmo tratamento que as outras. Lambert prometeu abater a dívida dela com essa quantia.

— E depois de Shiguto? — perguntou Marion.

— Shiguto provavelmente vai querer continuar, ele quer ter uma família grande. Vamos ver mais para a frente. Pelo menos Unno gostou da foto da garota.

Alla havia mantido a notícia em segredo. A família já tomara uma decisão, e Alvar não havia cumprido sua promessa. A garota não estava gripada, já devia estar nas mãos dos capangas de Lambert. Talvez no mesmo lugar onde Anita estivera. Marion nunca a encontraria. Seus pulmões ardiam como se estivesse respirando um ar congelante. Seus olhos coçavam, e ela começou a esfregar a pálpebra até Alla agarrar seu pulso.

— Max acha que negligenciamos você demais. Que tal a gente sair de férias depois que tudo isso terminar? Ou que tal você ir com a gente para Hanói?

Marion sentiu o gosto de sangue na boca. Não podia esperar mais. Teria de agir antes da viagem a Hanói, assim que o feriado acabasse. A grande revelação levaria Alvar, mas ela podia enviar uma mensagem para Lasse já no domingo, falando que era hora de ser discreto e de se livrar do celular da agência.

Ainda faltavam quinze minutos para sua carona chegar. Norma havia chegado cedo. A cidade tinha se esvaziado ao longo do dia, família por família, casal por casal. O homem que corria para atravessar a rua com certeza queria chegar à loja de bebidas antes que ela fechasse. Na Finlândia, até o bairro de Kallio ficava deserto no feriado de são João, mesmo os restaurantes chineses fechavam as portas. Se tudo corresse bem, no começo da semana Norma poderia partir para algum lugar onde haveria tantos imigrantes de todo canto do mundo que seria impossível que um feriado fizesse o país inteiro parar. Sua mãe tinha o hábito de planejar viagens nessa época para algum lugar no exterior onde a solidão das mulheres solteiras não parecesse impossível de ser esquecida, onde sempre houvesse alguma loja ou um bar aberto. Norma não conseguia lembrar a última vez em que havia passado o feriado em casa.

Deu uma olhada na bolsa. Eva parecia feliz, sua boca estava entreaberta, como se quisesse dizer algo. Então fechou a bolsa. Norma agora já sabia tudo de que precisava, mas havia algo que não conseguia decifrar. Ela sabia o motivo para sua mãe ter elaborado esse plano idiota e entendia por que ela havia vendido seu cabelo. Anita deve ter sido pega, por isso pulara na frente do metrô. Não havia sido capaz de vencer os profissionais da família. Ela já devia ter percebido que ninguém escapava das garras daquela gente.

— Eu não tenho a menor intenção de ir para Bangcoc.

As palavras simplesmente escaparam. Norma olhou ao redor. Os vizinhos estavam colocando engradados de cerveja e carvão nos carros. Ninguém tinha notado que ela estava falando sozinha. Norma testou sua voz de novo. Ainda era sua própria voz, e não a de Eva. Deu uma olhada na bolsa outra vez. Os olhos redondos de Eva a encaravam como se Norma fosse boba. Como se Eva estivesse dizendo que ninguém poderia ser tão tola a ponto de se sujeitar a ser operada por um médico charlatão, independente do que a mãe pensava sobre o assunto.

O tempo passava devagar. Norma não teve coragem de fumar um terceiro cigarro, embora estivesse com vontade. Ela não queria mais pensar no assunto, queria se livrar dele. O calor fazia suas pernas ficarem inchadas e andar nervosa de um lado para o outro, machucando seus dedos do pé, e um pensamento insistente não saía de sua cabeça. Ela olhou as horas. Dez para as oito. Então, olhou de novo e percebeu o que havia esquecido. Norma saiu em disparada até a estação de metrô, desceu correndo as escadas para a plataforma vazia por causa do feriado e parou perto do banco em frente ao qual a mãe tinha pulado. A própria Norma parava diante daquele banco todo dia a caminho do trabalho, às dez para as oito. Após as negociações para a reestruturação da empresa começarem, ela havia passado a se atrasar cada vez mais, e, na última manhã da mãe, nem acordara com o alarme na casa de seu parceiro casual. Se tivesse acordado, teria esperado o metrô naquele mesmo lugar, porque o trem que parava ali abria as portas na estação Itukeskus bem perto das escadas rolantes. Poderia ter se encontrado com a mãe naquela manhã. Será que Anita estava pronta para lhe contar tudo naquele momento? Por que não em outra hora? Por que ela não tinha ligado? Teria tentado procurar a filha em casa,

tocado a campainha? Norma teria conseguido evitar tudo isso se tivesse ficado na própria cama naquela noite, naquela manhã, ou se tivesse ido para a estação de metrô na hora certa? Por que continuava tentando encontrar um motivo para a lógica desconexa da mãe? Não tinha acabado de decidir que deixaria tudo para trás?

Norma pegou o isqueiro da bolsa. Quando o metrô se aproximou da estação, ela jogou a foto nos trilhos. Teve tempo de ver o sorriso nos lábios de Eva antes de a chama queimar seu rosto.

Norma se sentou no banco para se recuperar do susto. O alarme de incêndio não chegou a ser acionado e as chamas só duraram um instante. Porém, o fogo tinha tido tempo de chegar aos cachos ao lado do rosto, e o cheiro de queimado pairava no ar. Os guardas que foram até a plataforma a observavam de longe. Ela começou a amarrar o turbante, que havia usado para apagar o fogo, e tentou parecer normal. A alucinação continuava viva. Tinha visto um sorriso nas chamas, como numa foto tirada num dia de sol. As maçãs do rosto da mãe estavam bronzeadas do sol, sua pele cheirava a limão, e sua silhueta se fundiu aos azulejos cor de tangerina da estação. Norma ouviu a respiração ofegante dela, como se estivesse correndo. Anita tentou acalmar a respiração e disse que tinha chegado a tempo, que sabia que encontraria Norma ali. Ela estava com pressa, precisava ir embora rápido. Já se ouvia o som do metrô que chegava à estação, e as pessoas se aproximaram dos trilhos. Sua mãe parecia ter cada vez mais dificuldade de manter o sorriso, aquele sorriso com que as mães acalmam os filhos assustados, e olhou para o relógio no quadro atrás de Norma. Uma corrente de ar fez seus cabelos balançarem, e sua mãe não estava sozinha afinal. Os cachos esvoaçantes pertenciam a Eva, que estava ao lado dela, com a bolsa de sua mãe no ombro e vestindo uma blusa que parecia ser da mãe, e as duas olharam para Norma como se quisessem se assegurar de que ela havia entendido que não podia perder tempo. Em algum lugar no meio da multidão, alguém estava correndo na direção delas. A respiração da mãe acelerou ainda mais, e Eva deixou os sapatos caírem aos seus pés e disse para sua mãe que elas teriam que correr rápido, que só seriam bem-sucedidas se não fossem pegas, que tudo dependia disso, e sua mãe perdeu o equilíbrio no exato instante em que o metrô chegava à plataforma — o barulho e os freios e o grito e a mão de Eva que pairava no ar. O suspiro de Eva: Que acidente! Mas você sempre vai ter a mim. Nós sempre teremos uma à outra, e eu sempre vou salvá-la.

Norma suspeitava de que estava cometendo um erro ao entrar no carro. Seu cérebro tentava ajudá-la antecipando a conversa que logo teria, tentava convencê-la de que não estava prestes a negociar com o grupo responsável pelo assassinato de sua mãe. Porém, a alucinação fazia sentido, combinava com o mundo de loucura de sua mãe. Eva a empurrara nos trilhos. Eva, que havia acabado de falar com ela.

O homem que estava dirigindo não respondeu quando Norma perguntou aonde estavam indo. Ela se recostou no banco e tentou se acalmar. Talvez fumar também não lhe fizesse bem. Segundo Eva, tinha sido mais fácil com Helena do que com Anita, que tinha uma personalidade mais forte e não a ouvia mais, embora ela tenha lhe dito que Grigori era um charlatão e que a mulher que supostamente havia sido curada de hipertricose nunca fora como elas duas. Anita queria muito acreditar que Grigori era o que ela procurava. Ela estava certa de que o tempo estava acabando e de que logo seria pega. E queria desesperadamente estar certa.

Marion parou para se apoiar num carrinho de compras. Sua bolsa estava em cima das caixas de cerveja, e com a caixinha de metal estava dentro da bolsa. Ela levava a caixa aonde quer que fosse. Marion empurrava o carrinho, pegando as coisas de acordo com a lista de compras que Alla tinha lhe dado, e foi até a seção de laticínios. Os pudins eram os mesmos que Alvar roubava do mercado quando criança. Naquele momento, Alvar provavelmente estava torturando a garota para obter informação e ganharia uma grande recompensa se conseguisse algo. Caso contrário, passaria o feriado com a família, deixando os capangas fazerem o trabalho sujo.

Os corredores dos supermercados estavam cheios dos produtos preferidos para o feriado: carvão para churrasco, salsichas e endro. Os carrinhos abarrotados dos outros clientes se chocavam com o de Marion, e as crianças atropelavam suas pernas. Famílias formavam unidades sólidas trabalhando como um time, em que um dos pais pastoreava as crianças, enquanto o outro entrava na fila. As pessoas desacompanhadas seguiam a lista de compras feitas pelos cônjuges e, de vez em quando, ligavam para casa, a fim de receber instruções mais específicas. Logo Marion também receberia um telefonema. Não do marido, mas de Alla, que já queria começar a temperar o salmão e preparar o caviar de arenque. Ela estava demorando demais no mercado e queria continuar enrolando, mas tinha de manter as aparências por mais algum tempo. Sim, ela aguentaria, embora, enquanto esperava pelas compras, fosse provável que Alla já tivesse tido tempo de dar a Alvar alguma substância da Rússia. Ou talvez Alvar escolhesse um amobarbital, algo que não o obrigasse a usar força bruta. O rosto dela tinha de continuar em condições de atrair clientes. A escopolamina havia feito Anita tagarelar sobre as vozes de Helena como se elas fossem pessoas reais, então possivelmente não seria usada de novo. Até mesmo Lambert havia ignorado o falatório sem sentido de Anita, inclusive quando ela falou de Marion. Isso tinha sido a sorte dela.

Na peixaria, havia outra família feliz fazendo fila diante de Marion: o filho corria em círculos e empurrou o carrinho de Marion; a bolsa dela caiu em cima das caixas de cerveja, o metal retiniu. Marion olhou para o outro lado. Ela poderia ter gritado no aeroporto quando viu Lambert levando Anita. Podia ter saído correndo para pegar a caixa e ido para a delegacia. Podia ter entregado a família inteira, e a polícia teria encontrado Anita viva. Mas, então, as autoridades também teriam descoberto a origem da informação, e iriam querer que ela testemunhasse. A família teria se livrado dela antes que o caso chegasse aos tribunais, e o mesmo aconteceria agora se ela deixasse seu carrinho e corresse para a delegacia com sua caixinha de metal.

Marion pegou seu salmão e suas ovas, e entrou na fila do açougue. Não iria se sacrificar por Norma. A família podia ser presa depois do feriado. Então, os correios já estariam funcionando e ela estaria segura.

Enquanto procurava essência de amêndoas amargas, os olhos de Marion se depararam com uma fileira de sacos de frutas secas. A garota carregava amêndoas e sementes o tempo todo,

comendo-as como um passarinho. O fantasma de Albiino havia começado da mesma forma, com lembranças. Começara quando Alla fizera margaritas depois da viagem à Colômbia, triturando gelo no liquidificador, e os sapos passaram a coaxar. Marion balançou a cabeça. Essa situação era totalmente diferente: ela havia tentado o máximo que pudera, e isso devia ser o suficiente. A garota não a perturbaria para sempre como Albiino. Anita não era um peso em sua consciência e, em relação a Anita, ela havia feito tudo o que podia. Tinha tentado salvá-la.

O som das ondas se quebrando e o pequeno píer se agitando formavam uma imagem exatamente igual à dos verões de sua infância, mas a atmosfera, não. Norma balançava nas tábuas de madeira que subiam e desciam. Mais além, um navio seguia para Talim repleto de seus passageiros habituais e de turistas que tinham enchido a cara de cerveja. Os metros quadrados caros de Kulossari. Barcos à vela. Os prédios de Merihaka, a igreja de Kallio. Amanhã, as pessoas que ficariam em Helsinque invadiriam a ilha de Suomenlinna e o restante de Helsinque viraria uma cidade fantasma.

— Você tem planos para o feriado? — perguntou Alvar.

— Não, eu não ligo para isso.

— Nem eu.

Norma se concentrou no seu objetivo: ver o próximo feriado de são João. Abriu a boca para começar a falar de negócios, mas, no fim, apenas levou a taça aos lábios e tomou um pequeno gole, para que a bebida demorasse a acabar. Quando acabasse com ela, apresentaria sua sugestão. Estava ali justamente por isso, mas, ainda assim, hesitava. Hesitava, apesar de o clima e o vento marítimos acalmarem seus cabelos e o mundo parecer uma tela recém-pintada, um penhasco recém-formado. O latejar insistente na nuca, que havia começado no início do processo de seleção dos vídeos, tinha desaparecido, e a surpresa provocada ao ver o ponto de encontro passara. O local vazio e o bom humor de Alvar eram tranquilizadores. Ele estava esperando Norma perto da sauna à beira-mar e tinha aberto uma garrafa de vinho, que agora estava pela metade.

— Se algum dia Helena receber alta, esse seria um bom lugar para ela morar — comentou Alvar. — Na Vila Helena, ela pode imaginar que é uma cantora famosa aposentada.

Norma notou as câmeras de segurança e a cerca alta em volta da casa. Um lar seguro para Helena. Ela não achava que seria numa casa de campo reformada sem que se poupassem despesas no meio de uma região cheia de antigas mansões abandonadas. Alvar não parecia especialista em reformas e pinturas.

— Perfeito. É perfeito — disse Norma.

— Perfeito para pessoas que não gostam de pessoas. Como você.

Quando o carro parou perto da floresta, Norma teve a certeza de que aquele era o fim, e, nervosa, tinha concluído que talvez fosse melhor morrer pelas mãos de criminosos. Eles iriam querer fotógrafos e policiais em torno de suas vítimas tanto quanto ela queria ter seu corpo descoberto. O motorista a tinha levado por um caminho pela floresta, as agulhas dos abetos na estrada a fizeram se lembrar do funeral da mãe, e eles passaram por um lago cuja superfície parecia um grande espelho. Por um momento, ela havia pensado em pular nele, por conta própria, sem nenhuma ajuda.

— Você quer saber mais sobre a loucura de Helena ou teve outro motivo para querer me encontrar? — perguntou Alvar.

Norma bebeu o resto do vinho e concentrou seu olhar num chasco que saltitava sobre uma

rocha. Ela havia ensaiado essa conversa muitas vezes. Era capaz de fazer isso.

— Ou talvez você tenha vindo se despedir antes de partir para algum lugar.

— Eu não estou entendendo.

— Acho que você deu uma passada no aeroporto.

O chasco tinha desaparecido, assim como as frases que Norma preparara para começar a negociação. Alvar encheu a taça dela. Ele se comportava como se aquilo fosse um momento perfeitamente normal para se beber vinho junto ao mar. Talvez, para ele, fosse. Talvez discussões desse tipo ocorressem o tempo todo em frente à sua sauna. Norma nem tinha certeza se estava surpresa por um dos empregados de Alvar estar ali, vigiando-os.

— Relaxa. Vamos prosseguir — disse Alvar.

— E daí se eu dei uma passada lá? Estou planejando o meu futuro. Quero uma vida nova. Um passaporte, uma identidade, liberdade para partir.

— Desaparecer custa caro.

— Mas é viável?

— É claro. O que eu vou ganhar com isso?

— A câmera e os vídeos de Anita.

— Vídeos?

— Do tipo que você vai querer ver.

— E o cabelo ucraniano?

Norma fez que não com a cabeça.

— Lambert não vai concordar com isso.

— Eu não estou negociando com Lambert.

— Eu não tomo decisões em assuntos como esse sozinho.

— Dessa vez, você vai ter que tomar.

— Está certo, então. Mas só se tiver alguma coisa nos vídeos que seja valiosa o suficiente.

— E tem.

— Então temos um acordo.

Alvar tocou na taça de Norma com a dele num brinde. Ela respirou fundo. Pelo menos tinha chegado até ali, conseguiria, passaria o próximo feriado de são João em outro lugar. Mas, para se certificar disso, precisava de uma garantia. Ela foi para trás de Alvar e colocou o nariz na têmpora dele. O homem se assustou.

— Repete o que a gente combinou — pediu Norma.

Alvar mordeu o lábio.

— Eu tenho uma boa intuição sobre as pessoas — explicou Norma.

— Alguém pode achar isso estranho.

— Com certeza. Mas tem importância? Repete.

Jemma foi até eles, e Alvar mandou que ele se sentasse. Norma sentia o aroma de vetiver, o cheiro de nicotina, tanino e enxofre, mas não o odor de mentiras em nenhuma das palavras de Alvar sobre o combinado. Ela deixou cair uma chave na mão dele. Só por segurança, tinha colocado a câmera que sua mãe usava nas férias e os vídeos dela no compartimento número doze do sótão.

— Vou mandar alguém pegar as coisas. Você vai ficar aqui enquanto isso. Está com fome?

Quando Norma tentou erguer a cabeça, o cachorro se levantou num pulo e se aproximou. Norma perdeu o sono imediatamente. Ela nunca caía no sono em lugares desconhecidos, seu cabelo sempre a acordava. O cachorro percebeu seu pânico e inclinou a cabeça para o lado. Ela não conseguia se levantar do sofá. Os cabelos estavam presos às pernas de bambu do sofá como uma trepadeira sonolenta.

— Quer ajuda?

Alvar estava sentado nos degraus da varanda, fumando.

— Que horas são?

— Quase meia-noite.

Norma passou a mão na cabeça. Ela havia cortado os cabelos no banheiro algumas horas antes e ainda não havia nenhum sinal de crescimento. A cor das pontas era um pouco estranha sob a luz azul da lâmpada contra mosquitos. Só não havia sido desmascarada porque seus cachos estavam presos a um sofá de vime, ainda não tinha motivos para entrar em pânico. Mas então Norma se lembrou de que Alvar devia saber de tudo a essa altura. Ele tinha ido verificar a câmera de Anita e os vídeos assim que os recebera, e isso fora muitas horas atrás. Nesse meio-tempo, Norma havia cortado o cabelo, passeado pelo pátio e dormido. Entretanto, nada sobre Alvar tinha mudado. Ele parecia o mesmo de antes, e seu pulso era o mesmo de quando se aproximou de Norma para perguntar se ela queria uma tesoura. O mesmo cheiro de vetiver, a mesma temperatura no couro cabeludo. Ele não tinha o cheiro de um homem que havia acabado de descobrir que fora traído pela irmã.

— Sua mala tem outros celulares ou mais alguma coisa que eu deva saber?

Alvar entregou uma tesoura a Norma.

— O quê?

— Você usa outros celulares além do que está na mesa?

— Essa pergunta significa que o nosso acordo ainda está de pé?

— Claro. Por que não estaria?

Norma começou a cortar o cabelo do vime, tirando uma abelha que tinha ficado presa nele e jogando-a longe. Ela não conseguia entender a situação. A tranquilidade de Alvar era incompreensível. Ele tinha acabado de assistir aos estranhos monólogos da mãe no jardim do Niuvanniemi. Isso devia afetá-lo pelo menos um pouco.

— Peço desculpa por Anita ter filmado Helena — disse Norma.

— Helena não se importa com isso.

— Justamente por isso que ela não devia ter filmado.

Alvar se sentou numa cadeira à sua frente e se inclinou para fazer carinho em Jemma.

— Faz uma lista das roupas que você precisa. Tem uma mala nova esperando no vestíbulo. Você vai desaparecer hoje.

Alvar pegou o celular de Norma e o substituiu por um pré-pago.

— Eu vou ligar para esse telefone quando estiver tudo pronto. Um carro vai levar você para Vuosaari. Tem um apartamento lá, você vai ficar em segurança. Se precisar de alguma coisa, manda uma mensagem para o número que está no aparelho. Não sai do apartamento, não abre a porta para ninguém, não entra em contato com ninguém. O resto depende de você. Eu vou trazer um passaporte e cartões de débito e crédito. Você vai receber algum dinheiro na conta.

— Eu não quero dinheiro.

Alvar segurou o queixo dela. Sua mão era morna, mas a pele estava seca.

— Ainda não entendeu? Você nunca mais vai voltar para casa.

Na primeira vez em que Alvar a havia tocado dessa forma, ela estava sentada no quintal do salão e seu olhar estava perdido. Evitara olhar para ele, o asfalto sob seus pés parecia ferver, e tinha ficado com medo de haver reconhecido a loucura de Helena no filho. Agora, conseguia ouvir a própria respiração, as batidas do coração, passarinhos e ondas do mar, mas, mesmo assim, seus olhos não se desviaram. As mãos de Alvar a soltaram. Ao mesmo tempo, ocorreu a Norma que ela se lembraria para sempre do cheiro de vetiver na pele dele e que provavelmente um dia se apaixonaria por um homem com o mesmo cheiro.

— Alguém vai sentir a sua falta?

— Não.

Alvar se afastou e abriu outra garrafa de vinho. A rolha saiu, o vinho fluiu para a taça, e Norma desejou um cigarro para dissipar o eco do pensamento anterior, mas não ousaria fumar, assim como não ousava voltar a colocar o turbante que tinha caído no chão. Isso teria parecido estranho, embora ela ficasse nervosa por se encontrar na companhia de Alvar com seu cabelo à mostra.

— Tem sempre alguém que fica para trás. Avisa que você está partindo numa viagem repentina para algum lugar distante, que esse ano difícil começou a pesar demais e que não sabe quando vai voltar. Ou eu posso escrever a mensagem agora — sugeriu Alvar.

— É tão estranho assim eu não ter ninguém?

— É, sim. O que eu escrevo? Para quem? Para todo mundo na sua lista de contatos?

— Ninguém vai estranhar...

Alvar se sentou ao lado dela. A tela do celular brilhava na escuridão como a lua. As substâncias químicas da lâmpada contra mosquitos causavam certa tontura, mas só isso. Seus sentidos funcionavam normalmente, e Norma percebeu que seus cabelos pendiam para o lado de Alvar, enrolando-se em direção à mão dele como que para confortá-lo, e ela notou tristeza. Devia ser por causa de Marion. Nenhuma raiva, nenhum ódio, apenas tristeza. Alvar havia perdido a irmã.

Ele exibiu a mensagem que tinha escrito por Norma. “Feliz dia de são João! Adivinha quem vai embarcar numa viagem pela Ásia amanhã? Eu! Preciso de um descanso de tudo isso. Vejo você daqui a alguns meses!”

— Parece algo que você escreveria?

Norma fez um gesto afirmativo, e a mensagem foi enviada para todo mundo, menos para Marion. Ela se lembrava da última mensagem da mãe. Talvez Anita não a tivesse enviado, afinal. Talvez tenha sido mandada por outra pessoa. Alguém que havia achado que uma filha poderia estranhar se não recebesse um sinal de vida da mãe depois de suas férias.

— Alguma pergunta?

Essa seria a última chance de perguntar como sua mãe tinha sido capturada, mas Norma não falou nada. Nem sobre a mãe, nem sobre as garotas nos vídeos, nem sobre o que aconteceria com Marion. Ela não queria saber, já sabia demais.

O celular de Alvar começou a vibrar no modo silencioso. O nome de Marion brilhou verde no meio da mesa.

— Você podia ter se juntado a Marion e levado o plano adiante. Com certeza ela teria aceitado você como sócia do novo salão — disse Alvar.

— Marion já fracassou uma vez.

— Tenta adivinhar quantos dos nossos médicos já foram presos em algum momento. Muitos. Mas todos eles ainda trabalham como médicos. Esse plano estava destinado ao fracasso desde o começo. Homens como Lambert nunca são pegos. Eles não podem ser impedidos.

O celular de Norma começou a tocar. Margit. Alvar desligou o aparelho. Tinha chegado a hora.

Marion olhou para os homens que faziam guarda caminhando pelo terreno de Lambert e ficou mais relaxada na cadeira do jardim — os capangas dele não pareciam prestar nenhuma atenção a ela. Lambert e Alla levaram Ljuba, que havia desmaiado subitamente, ao médico, e deixaram Marion cuidando das crianças. A situação poderia ter sido parte de um plano para manter Marion sob vigilância, mas Ljuba não era tão boa atriz. Marion observou o avanço do feriado como se fosse uma peça há muito esperada, o set de um paraíso caindo aos pedaços, e não estava mais chateada pelo fato de o irmão não atender suas ligações e todo mundo mentir. Ela testemunharia os últimos suspiros da vida dos sonhos que Alla e Lambert levavam, o último jantar de uma família que adorava trocar abraços, as últimas brincadeiras no quintal com as crianças, e, na melhor das hipóteses, ouviria as últimas conversas sobre como Lambert estava prestes a se tornar o rei do império dos embriões.

Dessa vez, Lambert não teria tempo de esvaziar o cofre nem os computadores, e Alla não conseguiria fazer as malas das crianças. Marion não veria o rosto de Alla quando a polícia chegasse. Mas conseguia imaginá-lo. Depois que Anita foi capturada, ela correu para a casa de Lambert a fim de descobrir o que tinha acontecido, e o estado de Alla era algo que merecia ser visto. Havia rímel acumulado nas rugas dela como ondas, o blush formava listras nas maçãs de seu rosto, sua voz era como a de um animal preso numa armadilha. Uma das malas já estava cheia de roupas de crianças e, em cima, haviam empilhado sacos cheios de dólares e passaportes. O som das unhas dela arranhando a mala lembrava um leão, e seus cabelos esvoaçantes eram como uma juba. Marion pensou que, se Helena tivesse sido exatamente como Alla, a vida dela e de Alvar teria sido bastante diferente. Ou, se a própria Marion fosse como Alla, seu instinto materno teria lhe dito que a relação de Helena com crianças não era saudável. Alla teria se lembrado de quando Helena havia tentado pegar um bebê de um carrinho na estação de trem. Alla nunca teria deixado um bebê com Helena, e, se Helena pegasse a criança por conta própria, Alla a teria alcançado antes que ela chegasse ao terraço. Marion, por sua vez, tinha ficado paralisada como uma estátua. Mas isso era passado, e ela havia aprendido a lutar.

Só sentia pena de Ljuba. Ljuba teria de voltar para São Petersburgo e daria à luz numa clínica um bebê gordinho, que provavelmente seria deixado num orfanato ou talvez vendido. Mas Alla não receberia dinheiro nem seriam implantados em Ljuba embriões de pais já escolhidos. Mas isso era apenas um pequeno revés, pois alguma outra clínica certamente aceitaria a garota. Ljuba era jovem e saudável, teria seu final feliz e conseguiria ir para os Estados Unidos.

Marion pegou o celular e começou a verificar os voos partindo de Frankfurt. Tudo teria de correr normalmente até terça. Durante o fim de semana, as correspondências não seriam entregues. Elas chegariam na terça, mas, a essa altura, ela já estaria a caminho de algum outro lugar.

Ela acordou com um pássaro chilreando. Era o som de um passarinho, na verdade, com um canto suave. Bem na janela, talvez no beiral. O canto tinha a cor do início da manhã, embora a luz que entrava no cômodo fosse da tarde. Norma piscou, abrindo os olhos. Havia dormido de novo. Não reconhecia o teto, não reconhecia os lençóis, e sua pele em contato com a roupa de cama estava nua. Ouviu um estalo na lombar enquanto tentava levantar a cabeça e compreendeu que estava tudo acabado, o fim do mundo havia chegado e ele tinha o olhar de Alvar. Com o cotovelo apoiado na mesa de cabeceira, ele fitava Norma como se a visse pela primeira vez.

— Você tem que ir embora — disse Alvar. — Eu tentei acordar você antes.

Norma ouvia a voz dele distante, seus ouvidos pareciam tapados, seu nariz estava entupido, os cabelos subiam do chão como trepadeiras pelas pernas de uma cômoda, se espalhavam ao pé da cama e se erguiam ao seu redor como algas marinhas, sem lhe dar nenhum tipo de aviso, como no dia anterior, quando ela havia pensado que nunca mais veria Alvar, que daqui a algumas semanas estaria em outro lugar, com uma vida nova como uma nova pessoa, então, como seria apenas uma vez, por que não? As mãos de Alvar em sua nuca eram como uma carícia, o beijo dele havia atingido ao seu coração, e seus cabelos ronronaram e empurraram e envolveram os braços de Alvar, embora eles já soubessem o que iria acontecer, e agora sabiam em que negócios aquela gente estava envolvida. Seus cabelos sabiam que chifres de rinocerontes custavam cem mil euros, marfim de elefantes apenas mil, e não restava nada do pássaro dodô. Remédios para impotência, remédios para HIV. Eles sabiam um milhão de formas de usar o cabelo místico, formas infinitas de usar a mulher que os carregava. Ela não estava entendendo o que havia acontecido.

— Você podia ter me avisado — disse Alvar.

— Essa foi a primeira vez.

— Primeira?

— Não, eu quero dizer que ele cresce, mas não assim. Não dessa forma. Nunca.

Alvar pegou a tesoura que estava na mesa.

— Eles vão caçá-la para sempre, minha pequena ucraniana.

A sala no andar de baixo estava uma bagunça, com móveis, terra e plantas fora do lugar. Norma se apoiou no batente da porta e observou a destruição. A mesa de vidro estava estilhaçada, o suporte de guarda-chuvas feito de ferro estava caído, assim como o vaso de flores, as espadas-de-são-jorge e as bromélias. Havia terra e estilhaços de vaso pelo chão. Havia montes e montes de cabelo no sofá, e os fios tinham uma cor estranha, de um vermelho quente. Havia uma tesoura ao lado deles. Alvar tinha cortado seus cabelos, que não ofereceram resistência. Também não atacaram Alvar nem lhe causaram problemas. Eles não acordaram Norma, e ela não sabia se isso era por causa de Alvar, do fumo ou de ambos. Eva podia tê-la avisado, pelo menos dado uma sugestão.

— Você não parece se lembrar.

— Me desculpe.

— Sem problema.

Norma apertou mais o roupão de Alvar que estava usando, ficou arrepiada e se sentiu zonza. Ainda estava esperando que o cabelo começasse a sibilar, que compreendesse que havia começado um pesadelo, que se lembrasse do seu papel, do seu dever, do que era melhor para ele, senão para ela. Mas nada aconteceu. O cabelo ronronou para Alvar e, passando por cima do vira-lata, seguiu para ele e puxou a cabeça de Norma para o seu peito. Ela ouviu as batidas do seu coração, sentiu uma temperatura corporal ligeiramente acima do normal, um nível de colesterol um pouco alto, talvez um pouco mais de adrenalina que o normal, nada mais. Não conseguia sentir medo. Talvez fosse por causa das habilidades de Alvar de acalmar mulheres desequilibradas. Estava acostumado a pôr de lado problemas e pessoas problemáticas, e havia algo impressionante na forma como lidava com obstáculos e surpresas. Ninguém jamais tivera tal efeito em Norma. Ela nunca ousaria perguntar o que havia acontecido, nem como.

Norma ficou na ponta dos pés e encostou o nariz no cabelo de Alvar.

— Ele me diz coisas.

— O seu nariz?

— O seu cabelo. O meu nariz é supersensível a cabelos.

— Eu sou *kosher* agora?

— *Kosher* ou um ator muito bom — respondeu Norma. — Você deveria estar com medo ou em choque. Essa seria a reação normal. Psicopatas, narcisistas e atores profissionais reagem de um modo diferente do das outras pessoas. E você não é nada disso.

— No começo eu achei que você tinha morrido. Depois, que eu estava ficando louco. Isso ajuda?

— Um pouco.

— Marion é assim também, todo mundo que é filho de pais loucos é assim. A gente procura sinais e suspeita da nossa mente o tempo inteiro. Isso não é vida. Por isso decidi acabar com essa história.

— Como?

— Força de vontade e bom senso.

Alvar tinha pensado que estava ficando alucinado quando o cabelo de Norma continuou crescendo depois que ela desmaiou no tapete. Com força de vontade e bom senso, ele concluíra que era outra coisa. Ainda tinha amostras de antigas mechas de cabelo, e elas combinavam com o cabelo de Norma. Agora, todas as coisas estranhas sobre o cabelo ucraniano trazido por Anita faziam sentido.

— Além disso, Anita falou do seu cabelo.

— Quando?

— Quando foi capturada. Mas as histórias dela eram tão incoerentes que ninguém acreditou. Nem mesmo Lambert. A gente achou que elas não passavam de delírios.

Norma se sentou nos degraus esperando que o pânico a dominasse. Ele devia chegar a qualquer momento. Seu cabelo devia parar de empurrar e ronronar, ele devia reagir às palavras de Alvar, embora Norma não identificasse mentiras nelas.

— Lambert pegou Anita no aeroporto. Ela tinha acabado de voltar para a Finlândia. Deram

drogas para ela, do tipo que fazem as pessoas confessarem. Foi só isso, elas não são perigosas.

— Foi só isso? Você está tentando se defender de alguma forma? Minha mãe sempre ficava do seu lado, ela pensava em você todo dia, acreditava que era responsável pelo que aconteceu com você, e você deixou que ela morresse!

— Ela pulou sozinha. Ela fugiu e pulou.

— E você não podia ter feito nada?

— Não. Isso não estava sob o meu controle.

— Você podia ter deixado que ela fugisse.

— Anita queria me colocar atrás das grades.

Finalmente tinha chegado a hora da fúria. Norma se segurou no corrimão e esperou.

Nada aconteceu.

O carro chegou uma hora depois, a nova mala de Norma estava esperando na varanda, havia um vestido e sapatos novos no banheiro. Ela controlou o impulso de levar um bife cru da geladeira, mas se arriscou com um cigarro, fumando-o para clarear a mente. Nunca mais veria Alvar. Já sabia disso na véspera, sabia disso quando se despira e sabia disso agora, mas saber disso se tornou algo insuportável, apesar de inevitável. Se Alvar não tinha tentado se beneficiar do seu cabelo, era só por causa de um momento de fraqueza de Norma. Ele se recuperaria. Agora Norma tinha de partir não só por causa da família de Lambert, como também por causa de Alvar.

— Se você precisar de algo para dormir ou de qualquer outra coisa, me manda uma mensagem. Não sai para procurar nada — recomendou Alvar. — Você promete que não vai sair do apartamento?

— Você vai contar para Lambert?

— Eu vou cumprir a minha parte do acordo. Eu sempre cumpro a minha palavra. Anita, por outro lado, correu um grande risco quando começou a vender o seu cabelo. Lambert tem clientes que pagariam qualquer coisa para ter um filho com os seus genes. Seu DNA foi estudado? Todo cabelo veio de você ou existem outras pessoas iguais?

— Não tem mais ninguém. Mas eu não quero falar disso.

— Eu tenho que saber, minha pequena ucraniana. Você tem que me ajudar a fazer você desaparecer. Escuta, Anita escolheu se jogar no metrô porque sabia que Lambert a pegaria de novo e então ela falaria. Falaria de você, e, mais cedo ou mais tarde, Lambert acreditaria.

Alvar segurou a cabeça de Norma. O nariz dela tinha desentupido. Estava limpo, funcionava e agora confiava.

Em frente ao espelho, Alla se perguntava se sua roupa estava combinando. A bolsa da sorte dela também ia para Hanói, uma Birkin de couro de cobra comprada num leilão de luxo.

— Eu gosto do vice-ministro da Saúde vietnamita. A política precisa de mais homens como ele — comentou Lambert. — Aquela comparação com amamentação foi realmente boa.

Ele mostrou a Marion uma notícia no celular. Segundo o ministro, a maternidade por substituição era comparável à amamentação — considerando que mulheres que não podem amamentar sempre permitiram que outras amamentassem seus bebês, por que alguém capaz de dar à luz não poder ter um bebê no lugar de alguém que não é capaz disso? A taxa de natalidade tinha caído drasticamente no Vietnã, a clientela de clínicas de fertilidade havia multiplicado em dez anos e a mídia cobria casos de barrigas de aluguel ilegais de Hanói. Marion deixou o celular na mesa, pois não conseguia se concentrar.

— A gente não viu Alvar durante todo o feriado — comentou ela.

— Ele deve estar com alguma mulher — disse Lambert e piscou. — Deixa o garoto tirar umas férias. Ele merece.

— Vamos nos concentrar no Vietnã — continuou Alla. — Pensa bem nas roupas que você vai levar. Você vai se encontrar com o ministro da Saúde.

— Assim você fica mais por dentro dos negócios — acrescentou Lambert. — Vamos encontrar todos os antigos parceiros e pensar numa estratégia. Isso tem muito potencial. Se os maridos estão dispostos a vender o cabelo das esposas por vinte e poucos dólares, quanto vai custar um útero? Uma miséria.

Lambert jogou seu chapéu-panamá no sofá. A listra preta no chapéu acordou os sapos. “Assim você fica mais por dentro dos negócios.” A própria Marion dissera isso para Albiino antes da viagem para a Colômbia. Norma provavelmente dera com a língua nos dentes, por isso Lambert estava de tão bom humor. Não fazia diferença, a família não teria tempo de se beneficiar das informações da garota.

— O que você acha, Marion? Sobre o Vietnã.

Marion se sobressaltou.

— Você não terminou de ler o artigo — observou Lambert.

Marion pegou o celular e se concentrou na tela.

— Muito esperto da parte do ministro ter focado no sofrimento de casais locais — disse Alla. — Assim, evitam a imagem de estrangeiros ricos abusando de mulheres vietnamitas.

Lambert já estava olhando para um futuro distante. Estava numa posição vantajosa por causa do negócio de cabelos, por causa dos anos de experiência e dos contatos. Ele se tornaria o rei dos fetos vietnamitas. E, depois, do Japão. Marion jamais se esqueceria daquele sorriso, dos poros dilatados na ponta do nariz, das sobrancelhas mais espessas por causa da idade, da mão que agitava os cubos de gelo no copo como um dono de terras tocando o sino dos serviçais. Nunca descobriria se a decisão sobre suas férias havia sido tomada porque Lambert descobrira a verdade ou simplesmente porque passaram a considerar que ela representava um risco.

Nunca saberia se Alvar não estava ali porque não queria participar disso ou porque as informações que a garota tinha dado estavam tomando todo o seu tempo. A essa altura, Alvar já teria chamado Lambert de pai, trazendo de volta lembranças da infância; Marion, porém, não se humilharia mais. Nunca mais veria aqueles dois. A última reunião de pai e filha era um momento em que ambos tinham um plano para se livrar do outro, e ambos tentavam levar sua intenção adiante da melhor forma possível. E, dessa vez, Marion venceria.

— É verdade, e agora podemos deixar a Nigéria — disse Lambert. — Aquela fábrica de garrafas d'água foi um erro, admito. Vamos vendê-la e esquecer a coisa toda. De qualquer modo, não conseguiríamos vender aquelas crianças negras aqui, e que merda a gente ia fazer com os rituais nigerianos de assassinato e as virgens que curavam impotência? Nada. Os vietnamitas pelo menos são seres humanos civilizados. Vamos fazer as malas, Marion!

Ljuba continuava no hospital, e Marion estava na cozinha preparando sanduíches para as crianças quando ouviu o carro de Alvar entrando no jardim. Ele foi direto até o quintal, onde Lambert descansava, de ressaca por causa do feriado de são João, com um chapéu cobrindo os olhos. Marion deixou o sanduíche na mesa e olhou para fora. O balanço do jardim estava se movendo sozinho. Lambert tinha se levantado de um salto, Alla havia tirado os óculos escuros. Com a janela aberta, dava para ouvir a conversa perfeitamente.

— É certo. O cabelo ucraniano vem de Dnipropetrovsk — disse Alvar. — A família que Anita mencionou mora lá. Eles têm problemas com as autoridades. Tem alguma coisa a ver com os negócios de Oleksandr Janukovitš.

Lambert andava de um lado para o outro na grama. A lerdeza do álcool do dia anterior havia desaparecido num instante.

— Dnipropetrovsk — repetiu Lambert para sentir o nome, e começou a rodar seu chapéu nas mãos.

Marion afastou o coaxar dos sapos da cabeça. Dali a alguns dias, nunca mais o ouviria. Alvar era mais uma vez o menino de ouro de Lambert. E, dessa vez, talvez o dela também. Ela não iria para Frankfurt. Iria para Dnipropetrovsk. Encontraria os ucranianos, tinha certeza disso. E, uma vez que Alla e Lambert estivessem fora do caminho, teria tempo para vasculhar cada centímetro da cidade.

— Armas, armas nucleares, indústria militar — disse Alla. — A máfia está interessada em dividir os bens do Estado. Muitos políticos vêm de lá, até mesmo Timochenko começou sua carreira lá. É assim que resolvem as coisas por aquelas bandas.

Alla simulou um revólver com a mão e puxou o dedo indicador.

— A gente tem bons contatos por lá. Eu devia ter ficado sabendo disso.

Lambert uniu a ponta dos dedos das mãos e fez um gesto com a cabeça.

— Que estranho! Então a gente tem um concorrente secreto em Dnipropetrovsk? Por que eu tenho a impressão de que ainda falta uma peça nesse quebra-cabeça?

— Norma só sabe que o cabelo vem de lá — afirmou Alvar. — Ela recebe as remessas na estação de ônibus de Matkahuolto e o dinheiro chega pela da conta de um laranja. Mandei os garotos para procurar a mulher com o nome na conta. Norma acredita que o acidente de Anita esteja relacionado à trama e que o fornecedor seja alguém que está roubando das remessas e montando o próprio negócio. E eu acho que é essa pessoa que quer o nosso território. A gente podia entrar em contato com esse pessoal de Dnipropetrovsk e tentar fazer um acordo. Vamos deixar claro que, sem nós, eles não serão capazes de operar aqui, que somos nós que ditamos as regras na região. Ninguém mexe com os Lamberts.

A voz do irmão soava normal, mas havia algo diferente. Marion não conseguia distinguir o quê. Ela não via as pupilas de Alvar. Mas sua voz estava clara, não havia nenhum tique nervoso.

— Vou mandar para você o endereço em Dnipropetrovsk que eu consegui com a Norma —

avisou Alvar, e pegou o celular.

— Nós vamos para lá depois de Hanói — decidiu Lambert. — Vamos cuidar do leilão da garota antes disso. Alla vai fazer a gatinha ficar apresentável. Shiguto não resiste a loiras. Ou precisamos de mais tempo? O rosto dela está em condições?

— Já devíamos tirá-la do país? — perguntou Alla.

— Talvez não imediatamente — discordou Alvar.

— Então ela não está apresentável, afinal. Bom, vamos esperar um pouco.

Seu irmão era eficiente, produtivo, um perfeito membro da família. Eles não tinham mais nada em comum, e Alvar nunca lhe contaria onde havia escondido Norma. Foi então que Marion decidiu qual seria o nome do seu salão:

Thelma e Louise.

Marion passou discretamente uma pasta para a mulher do outro lado da mesa. Ela continha imagens de ultrassom e informações sobre o progresso da gravidez. Alvar tinha deixado a reunião com a mulher do bebê com síndrome de Down para ela. Marion tinha imaginado que isso poderia acontecer, porque ele não suportaria vê-la agora. Seu irmão temia que ela fizesse perguntas sobre a garota.

— Espero que eu não tenha tanto azar e a mesma coisa se repita — disse a mulher.

— Claro que não.

Marion deu um tapinha convincente no braço dela, continuou com a litania de sempre e se perguntou o que a piranha faria quando lesse sobre os negócios da família de Lambert no café da manhã. A mídia começaria a ligar, e, no trabalho, as pessoas estariam cochichando e conversando sobre como era possível se livrar dela legalmente. Seus vizinhos parariam de cumprimentá-la. Logo, o país inteiro iria querer saber o que havia acontecido com a primeira criança. As manchetes iriam arriscar a hipótese de um orfanato, e, com um pouco de sorte, haveria suspeitas sobre tráfico de órgãos. Marion não fazia ideia da localização da criança, mas o essencial estava no pen drive guardado na caixinha de metal: uma gravação que revelava o ódio da mulher pelo bebê com síndrome de Down.

Marion abriu um sorriso, um sorriso cada vez mais largo, um sorriso que já voava sobre as asas de um avião. Ela iria embora, iria para Dnipropetrovsk e encontraria os ucranianos. *Vogue*. *Harper's Bazaar*. *Cosmopolitan*. As capas de revistas de cabelo, os penteados da semana da moda em Paris! A próxima geração de supermodelos! O mestre das perucas de Nicki Minaj, Terrence Davidson, se tornaria um cliente seu, e Ursula Stephen encomendaria cabelos a ela, que seriam um aplique para Rihanna, porque, no caso de Madonna, ficariam evidentes. Deus sabe quantas noites ela havia passado com Anita planejando suas futuras conquistas, folheando revistas femininas, e agora tinha chegado o momento. Tinha conseguido finalizar tudo sozinha. Sem Anita, sem uma sócia. As contas bancárias já haviam sido esvaziadas, e Marion não se arrependia por não ter dado o restante do dinheiro para Norma. De qualquer forma, a garota não teria muito o que fazer com ele, considerando que agora não precisaria de mais nada.

Elas deviam abrir a caixinha de metal juntas. Colocariam os pen drives que estavam nela em envelopes e os postariam no aniversário de Marion, dia 4 de agosto. A data tinha sido decidida antes da viagem para a Tailândia. Era para ser o início de uma nova vida para ela. Marion abriu uma garrafa de espumante e encheu duas taças.

Os envelopes, brancos como casca de ovo, aguardavam sobre a mesa. Ela já havia colado os selos e tinha começado a escrever os endereços neles. Um iria para a Agência Nacional de Investigações Policiais, outro, para um ativista especializado em vazamento de informações, e o terceiro, para um jornal, mas ela ainda não sabia qual. Anita havia pulado na frente do metrô antes que tivessem tempo de decidir. Um tabloide ou o *Helsingin Sanomat*? A revista *Suomen Kuvalehti* ou o *Aamulehti*? Talvez algum jornal dinamarquês. Ou sueco. Elas fizeram uma pesquisa em finlandês, mas a expressão fábrica de bebês era tão incomum que aparecia escrita entre aspas. Havia alguns pequenos artigos sobre batidas policiais em fazendas de bebês nigerianas e tailandesas, mas nenhum mencionava quantos finlandeses já haveriam obtido uma criança desses países. Os dinamarqueses e os suecos lidariam com as notícias com mais entusiasmo.

Marion decidiu não arriscar. Ela mandaria um dos envelopes para o *Expressen*, da Suécia, e outro para algum jornal dinamarquês. Em Kiev, compraria mais pen drives, faria mais cópias e as distribuiria para todos os países onde a agência era ativa. O diretor Lambert se tornaria o rosto do turismo de útero.

Quando tudo estava pronto, e a mala, feita, a campainha tocou. Pelo olho mágico, ela viu que era Alvar, e ele não pararia de tocar a campainha até Marion abrir. Ela não ficou preocupada. Os envelopes e a mala haviam sido colocados no guarda-roupa. Com exceção disso, nada no apartamento revelaria suas intenções. Começou a contar em detalhes sobre sua reunião com a mulher do bebê com síndrome de Down. Seu irmão não disse nada. Marion continuou seu relato até o silêncio de Alvar fazê-la sentir um calafrio familiar pelo corpo, e ela começou a enrolar as palavras.

— Terminou? Você não achou mesmo que seu plano daria certo, achou?

Dois homens de Alvar entraram e começaram a vasculhar o apartamento de Marion, prateleira por prateleira. Sua vida foi virada de cabeça para baixo, caixa por caixa, seu colchão foi aberto com uma faca, as penas de seus travesseiros voavam pelo ar, moedas caíam aos montes dos bolsos, copos foram quebrados no chão, sacos de farinha e de açúcar, abertos, transformando a cozinha num caos. E Marion ficou ali, grudada à parede em completo silêncio. Ela notou como o pó compacto fazia o espelho do banheiro parecer que estava coberto de gelo enquanto os homens abriam frascos e potes e jogavam o conteúdo no chão. Alvar se sentou diante dela, abriu os envelopes que havia encontrado na mala, colocou os pen drives num laptop e começou a assistir aos vídeos.

— Você pode ir.

Marion não entendeu.

— Vou dar a você uma vantagem de dez horas. Eu vou levar isso para Lambert pela manhã.

Um dos homens trouxe alguns papéis para ele, as passagens de Marion para Kiev. Alvar olhou para elas e as jogou no chão.

— Você pode ir para onde quiser.

Marion se afastou da parede e pegou as passagens.

— Se certifique de que ela não leve nada — disse Alvar para o homem. — Passaporte, celular e um cartão de crédito, nada mais. Vá com ela até o aeroporto e reviste os bolsos e o cabelo dela mais uma vez.

Na tela do laptop diante de Alvar, uma garota mexicana chorava por causa de um aborto que a haviam forçado a fazer no sétimo mês. Alvar passou para o próximo vídeo e a próxima cena de choro, e então para a próxima garota, que dizia ter recebido um passaporte e uma viagem pela fronteira como pagamento.

Marion bateu as penas que ficaram grudadas à saia e deu um segundo passo em direção à porta.

— Eu mandei para você aquele endereço em Dnipropetrovsk — avisou Alvar quando ela já havia chegado à porta. — Não vale a pena ir lá, mas eu sei que você vai de qualquer jeito.

EPÍLOGO

O tempo tinha feito os sorvetes do posto de gasolina desaparecerem. Norma, no entanto, ficou parada em frente ao freezer, deixando a tampa aberta até atenuar um pouco o calor escaldante nas suas costas. No balcão, ela deu uma olhada nas manchetes dos jornais. Mortes por causa do calor, raios e silicone, divórcios e casamentos.

— Mais alguma coisa, senhora?

Levou um tempo até Norma entender que a mulher do caixa, que estava virada para um ventilador, falava com ela, e sorriu. Nada mais. Isso é tudo. Para dois, café para dois. Água para dois, uma com gás e outra sem. Cigarros para dois, um mentolado e outro não. Tudo para dois, e biscoitos para o cão.

Quando saiu da loja, Jemma ergueu as patas do chão. O sorriso de Alvar, que fumava ao lado do carro, fez com que ela sentisse um frio na barriga, no bom sentido, e, enquanto atravessava o estacionamento, Norma teve tempo de imaginar que era como qualquer outra mulher saindo para as férias de verão com o namorado. A perua que estacionou atrás deles atrapalhou essa imagem. Uma náusea súbita forçou Norma a se sentar no carro e procurar algum remédio para enjoo. O motivo era a mulher que havia saído da perua, ficando para trás para esticar as pernas, enquanto o marido entrava na loja com as crianças.

— Aquela mulher está com uma doença grave.

Ela fechou a boca na mesma hora e ligou o ar-condicionado no máximo. Alvar entrou no carro e passou o braço em volta da cintura dela. Água para dois, cerveja para dois, café para dois, quartos de casal — seu coração faminto estava pronto para revelar tudo.

— Ela não vai ver o próximo verão.

As crianças correram para mostrar à mãe os sucos que compraram, mas ela estava concentrada em discutir com o marido: a mulher queria encher o tanque agora, o homem, não; ela perguntou ao marido se ele pretendia realmente procurar a gasolina mais barata da Finlândia ou tentar ir para casa sem encher o tanque para comprar gasolina mais barata do outro lado da fronteira. As crianças lembrariam que o último verão da mãe fora só de brigas e odiariam a madrasta que, mais cedo ou mais tarde, apareceria em cena.

— Você se lembra da onda de calor de 2010? Eu acho que passei o verão inteiro bêbada. Tudo fica mais forte no calor. Morte, álcool, desejo. O inverno é melhor para mim.

Norma tapou a boca instintivamente e olhou para Alvar. Ele não olhava para a família, mas para Norma.

— Você consegue sentir o cheiro de doenças pelo cabelo, não é?

— Eu não estou imaginando coisas.

— Você não devia contar isso a ninguém, gatinha.

Alvar fazia com que tudo parecesse normal. Quando Norma deu por si, tinha abandonado os comprimidos e contava a ele sobre como, quando criancinha, ela havia percebido a aura negra no caixa do mercado e ficara quieta, exatamente como agora via a família com crianças que logo perderiam a mãe e ficava quieta. Ela podia interferir na questão. A mulher podia ser

curada, se procurasse um médico a tempo. Norma podia sair do carro e contar à mulher.

— Não faz isso — disse Alvar.

— Você não se importa com nada.

Alvar deu de ombros.

— Eu escolho as coisas com que me importo.

Eles assistiram à briga da família como se estivessem bebendo café numa plateia. Alvar nunca julgaria Norma por não sair correndo atrás da mulher e mandá-la procurar um médico, não a perturbaria sobre todo o bem que ela podia fazer. Norma poderia passar tranquilamente pelas pessoas nas quais ela visse o inevitável. E também por todas aquelas cujos problemas poderiam ser resolvidos com mudanças na alimentação. Na companhia de Alvar, ela podia ser indiferente sem se sentir culpada, e isso era um alívio. Antes, ela temia estar numa situação em que veria doenças, deficiências e sintomas em pessoas próximas. Isso já havia acontecido antes, e ela tinha ficado quieta, sentindo-se mal de qualquer forma.

O lago de Naakka estava exatamente como Norma lembrava. Fazia cerca de vinte anos desde a sua última visita. Havia mais nenúfares e juncos, e fazia séculos que não limpavam a areia. Porém, dava para nadar no lago. Depois que Alvar e o cachorro pularam na água, Norma ligou o rádio novamente para ouvir as notícias, mas continuavam falando apenas de assuntos triviais — nada sobre um empresário finlandês ter sido encontrado morto na Ucrânia, nada sobre sua esposa ou filha ou uma intensa troca de tiros envolvendo finlandeses. O rádio desligou sozinho, talvez por causa das nuvens carregadas que se aproximavam, então Norma caminhou até a areia e pegou um cigarro do bolso. Ele controlava o medo que tentava emergir. Se Lambert ou Alla tivessem sobrevivido, estariam atrás dela. Atrás deles. Eva a incentivava a confiar em Alvar; ele era o tipo de homem que sabia lidar com situações desse tipo.

Norma jogou o cigarro fora, enquanto Jemma voltava para a areia para se chacoalhar, com Alvar logo atrás.

— Lambert não vai voltar — avisou ele. — Você está fazendo aquela cara de novo.

— Você não viu o corpo.

— Eu confio nos meus homens.

— E se Lambert tiver oferecido mais dinheiro que você?

— Não é assim que funciona.

— Então como é?

Alvar deixou a toalha cair no chão e começou a se vestir. Norma percebeu que não devia continuar aquela conversa. De qualquer forma, Alvar não lhe contaria tudo. Porém, Norma queria poder voltar a dormir sozinha também, queria não ficar preocupada toda vez que não soubesse onde Alvar estava, não queria se assustar com o som de sirenes, nem ter medo de viaturas que passassem perto de seu carro. A certeza de que Alvar seria preso fazia seu coração disparar, e ela só se acalmava quando sentia as costelas do vira-lata nos dedos.

— Eu preciso saber como aconteceu.

— É melhor você não saber.

— Eu tenho que saber!

— Como você acha que Lambert reagiria depois de ver os vídeos de Anita?

— Ele iria querer matar Marion.

— Exato. Então a minha gatinha já sabe tudo que precisa.

O sucesso do plano de Alvar ainda parecia tão improvável quanto no momento em que ele contara que tinha entregado os vídeos de Anita para Lambert. Norma havia ficado assustada, ele a acalmara. Lambert e Alla já estavam a caminho de Dnipropetrovsk, enquanto Marion tinha ido um pouco antes. Alvar incitara os três a irem ao mesmo lugar ao mesmo tempo. A única coisa que poderia acontecer era os três se matarem.

— Mas e se Marion tiver tido tempo de enviar os arquivos para alguém antes da viagem?

— Nesse caso, provavelmente a gente não estaria sentado aqui.

— Eu não vou aguentar se você for preso.

— Ninguém vai ser preso.

— Tem certeza?

Alvar a puxou para o colo e, apesar de Norma resistir, fez cócegas nela. Por um momento, a preocupação foi substituída por risadas. Alvar tinha enviado seus homens para Dnipropetrovsk para limpar quaisquer vestígios, e Norma imaginara que ele receberia notícias ou alguma mensagem que a deixariam preocupada, chocada ou aliviada. Isso não aconteceu. Não havia nada que sugerisse que o plano de Alvar havia fracassado ou que os dois tivessem algum motivo para fugir. Ele assumira o controle de todo o império, como se Lambert e Alla jamais tivessem existido, como se tudo sempre tivesse lhe pertencido, e Norma tinha certeza de que esse já era um plano antigo de Alvar. Ele só estava esperando o momento certo.

A casa de Naakka estava como sempre, exceto pelas xícaras rachadas e pelas tábuas do assoalho que rangiam em lugares novos além dos antigos. Alvar foi acender o fogo da lareira, e Norma olhou para a coluna dele, marcada nas costas, refletindo por que ainda estava ali, e não no país para onde tinha planejado ir depois de conseguir um passaporte novo. Ele ainda estava em sua bolsa, assim como os cartões de débito e crédito que Alvar lhe dera na semana após o feriado de são João, quando ele havia batido à porta do esconderijo de Norma e contado que Lambert e Alla haviam sofrido um acidente em Dnipropetrovsk.

Depois de lhe entregar o passaporte, Alvar tinha perguntado se ela queria uma carona para o aeroporto ou se gostaria de jantar com ele antes. Norma havia escolhido o jantar e não fora para o aeroporto. Passara a noite ao lado de Alvar, ouvindo-o dormir profundamente, e tinha sido bastante cuidadosa. Por isso o cabelo não tinha saído do controle outra vez, embora isso fosse acontecer de novo, ela sabia. Mas não agora, não ainda. Mas talvez antes de aquela brincadeira acabar. Uma ou duas vezes. Por um momento, Norma imaginou que era uma mulher normal de férias com o namorado. Eva também achava que merecia uma pausa e um pouco de diversão depois de todos os problemas que Anita havia causado.

A fumaça da lareira encheu a casa, Alvar se levantou e Norma abriu a janela para expulsar uma abelha que tinha entrado com eles e agora zumbia no teto. Ambos sabiam demais sobre o outro, e, mais cedo ou mais tarde, ela se lembraria disso. Perceberia que o conhecimento do seu DNA tinha ido parar em outras mãos, e alguém de fora da família poderia vir atrás dela, alguém com quem não teria de se preocupar se estivesse em outro lugar com o novo passaporte. Mais cedo ou mais tarde, Norma perdoaria a mãe, e então ficaria cansada de colocar a culpa na loucura que ela mesma havia causado. Iria querer culpar Eva ou Alvar, e pensaria que Alvar poderia ter impedido o destino de Anita, se perguntaria se ele o faria

mesmo se pudesse. Mas, por ora... Por ora, ela queria viver seu sonho. Enquanto não tivesse absoluta certeza de que Lambert e Alla morreram, ela não estaria em segurança — não sem um homem que soubesse lidar com pessoas como aquelas. Era isso que Norma dizia a si mesma, sem saber se estava mentindo para si mesma.

Amanhã, Norma visitaria Helena, que havia piorado recentemente e perguntava por Anita o tempo todo. Alvar foi contrário à visita desde o começo. No entanto, Norma não desistiu, e pensou que, no fim das contas, ele estava feliz por ela querer visitá-la.

Eva estava esperando ansiosamente pelo encontro. Havia muito o que conversar, e Helena lhe contaria tudo, inclusive onde devia começar a procurar pelos descendentes de Eva. Eva sentia falta deles, e Helena sentia falta de seu cachimbo.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Norma

Site da autora:
http://www.sofioksanen.com/

Wikipédia da autora:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Sofi_Oksanen

Facebook da autora:
https://www.facebook.com/sofioksanen

Twitter da autora:
https://twitter.com/sofioksanen

Goodreads da autora:
http://www.goodreads.com/author/show/1129509.Sofi_Oksanen

Skoob da autora:
https://www.skoob.com.br/autor/16913-sofi-oksanen

Skoob do livro:
https://www.skoob.com.br/norma-692379ed695358.html

Sobre a autora:
http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=6439

Este livro foi disponibilizado pela equipe do e-Livros

e-Livros.xyz

Table of Contents

Rosto
Créditos
Sumário
Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Epílogo
Colofão
Saiba mais